

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Rosângela de Faria Correia**

**Um estudo psicanalítico sobre a escrita autobiográfica de dois autores autistas:  
Daniel Tammet e Naoki Higashida**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

**SÃO PAULO**

**2023**

Rosângela de Faria Correia

**Um estudo psicanalítico sobre a escrita autobiográfica de dois autores autistas:  
Daniel Tammet e Naoki Higashida**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLINICA**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em **Psicologia Clínica**, sob a orientação do Prof. Dr. **Alfredo Naffah Neto**.

SÃO PAULO

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Correia, Rosângela de Faria

Um estudo psicanalítico sobre a escrita  
autobiográfica de dois autores autistas: Daniel  
Tammet e Naoki Higashida. / Rosângela de Faria  
Correia. -- São Paulo: [s.n.], 2023.  
173p. il. ; cm.

Orientador: Alfredo Naffah Neto.  
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Autobiografias. 2. Autismo. 3. Psicanálise. I.  
Neto, Alfredo Naffah. II. Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós  
Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. III.  
Título.

CDD

Rosângela de Faria Correia

**Um estudo psicanalítico sobre a escrita autobiográfica de dois autores autistas:  
Daniel Tammet e Naoki Higashida**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTORA em **Psicologia Clínica**, sob a orientação do Prof. Dr. **Alfredo Naffah Neto**.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto – PUC-SP

---

Profa. Dra. Paula Regina Peron – PUC-SP

---

Prof. Dr. João Perci Schiavon – PUC-SP

---

Profa. Dra. Helena Haenni Zimmerman

---

Profa. Dra. Michele Roman Faria

## **Agradecimentos**

Iniciei minha pesquisa sobre autismos e a clínica psicanalítica há alguns anos, especialmente em um núcleo de pesquisa em psicanálise com crianças no Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (Clin-a-SP), filiado ao Campo Freudiano. Me dei conta de quanto o caminho foi árduo e tranquilo, tenso e feliz, permeados por momentos como os que nos indica Guimarães Rosa: “A vida é assim esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Gostaria de agradecer a todos que fizeram parte dessa jornada, me ajudando a ter coragem para seguir em frente. Aqui, destacarei alguns e, certamente, não será possível agradecer a todos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto, pela rigorosa orientação, me ensinando que a escrita deve ser clara e acessível.

Às crianças e familiares que me ensinam muito sobre a clínica e a singularidade.

A todos os professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela riqueza das aulas, dedicação e compromisso com a psicanálise.

Aos professores da banca examinadora, que aceitaram prontamente o convite para fazer parte desse momento tão importante do meu percurso. Me proporcionaram o sentimento de que o trabalho vale todos os esforços. São pessoas e profissionais que admiro muito: Profa. Dra. Helena Haenni Zimerman, Profa. Dra. Michele Roman Faria, Prof. Dr. João Perci Schiavon, Profa. Dra. Paula Regina Peron, Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado e Prof. Dr. Marcelo Francisco de Mello.

À querida amiga Helena Haenni Zimerman, que tem acompanhado meu percurso desde o início e foi grande incentivadora para iniciar o doutorado. Sou extremamente grata pela sua amizade.

À Michele Roman Faria pelas ricas discussões nos grupos de estudos sobre Os Seminários de Jacques Lacan e nos grupos de discussão clínica. Sua transmissão da psicanálise é permeada por uma precisão teórica impecável, aliada a uma grande generosidade, que certamente transformou minha clínica e me ensinou sobre a importância da escrita na formação de um psicanalista.

A todos do grupo de pesquisa PIPA E RABIOLA (Projeto de Investigação Psicanalítica do Autismo), especialmente à equipe de São Paulo, pela riqueza e dedicação no estudo clínico e teórico sobre os autismos: Paula Catunda, Maria Marta Rodrigues Ferreira, Maria de Fatima Santos Luzia, Cynthia Gonçalves Gindro, Paulo Scorza, Lilian Beiguelman e Mônica Zappa.

Aos meus colegas do Cartel sobre autismos e psicoses, que também compõem a equipe do PIPA e RABIOLA, sendo o mais-um Maria de Lourdes Mattos.

Ao incentivo de meus queridos amigos da PUC/SP, Patrícia Bouças, Luiz Cláudio da S. Moura, Marcos Paim Caldas Fonteles, Marcos Torati, Marcia Bernardes, Carol Hampariam e Ana Lira.

Às amigas e parceiras Thaís A. Ito, Katya C. Gasparelo, Carolina Bittencourt, Bárbara Barone, Luciana Formaggio, Rafael S. Atanes, Karyn Nemeth, Cleusa M. Silva, Mônica Nobre, Lourdes D'Urso, Valéria Marchesine, Maria da Conceição Fernandes e Luiz Tometick, que tanto me ensinaram sobre o valor do trabalho em equipe.

À querida supervisora Cassia M. Rumenos Guardado, que tem me acompanhado durante anos.

Aos meus pais, Ivone Mingrone de Faria Correia e Joaquim de Faria Correia, pela dedicação e apoio a minhas iniciativas.

Às minhas irmãs, Rosana e Patrícia, por tudo que vivemos juntas, e a Mauricio por fazer parte dessa jornada.

E, especialmente à Mauricio Palugan Junior, com todo o meu amor.

## RESUMO

CORREIA, Rosângela de Faria. **Um estudo psicanalítico sobre a escrita autobiográfica de dois autores autistas**: Daniel Tammet e Naoki Higashida. 2023. 173f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre a escrita autobiográfica produzida por autistas, por meio da qual relatam suas experiências e maneiras particulares de estar no mundo, as dificuldades encontradas na aquisição da linguagem, a apropriação da voz e o encontro com os outros. O eixo do estudo parte da leitura de duas obras autobiográficas: *Nascido em um dia azul. Por dentro da mente de um autista extraordinário* (2007), de Daniel Tammet, e *O que me faz pular* (2014), de Naoki Higashida. Daniel Tammet é um autista de alto funcionamento, com grandes habilidades matemáticas e capacidades consideráveis para aprender línguas, e descreve seu quadro autístico, seu pensamento alicerçado em imagens, o interesse por números, especialmente o número pi, e sua relação muito particular com a língua. Naoki Higashida é um adolescente que revela suas emoções, sentimentos e seu mundo permeado de sensibilidade e poesia, narrando vivências de sofrimento e angústia por não conseguir se comunicar com as pessoas; é um garoto que apresenta dificuldades para falar, porém, por meio da escrita, consegue transmitir sua singularidade e a maneira que encontrou para estabelecer laços sociais. Este estudo possui como fundamentação teórica e clínica a psicanálise lacaniana e procura destacar que essas produções autobiográficas ampliam e expandem a compreensão sobre os autismos. Os escritos autobiográficos revelam um saber próprio e, desse modo, contribuem para a clínica psicanalítica, possuindo importantes implicações no campo social.

**Palavras-chave:** autismo. autobiografias. linguagem. psicanálise. voz.

## ABSTRACT

CORREIA, Rosângela de Faria. **A psychoanalytical study on the autobiographical writing of two autistic authors:** Daniel Tammet e Naoki Higashida. 2023. 173p. Thesis (Doctorate em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

The objective of this research is to reflect on the autobiographical and poetic writing produced by autistic subjects whereby they report their particular experiences and ways of being in the world. They especially describe the difficulties encountered in language acquisition and in voice appropriation. The focus of the study comes from the reading of two autobiographical works, initially Daniel Tammet's work "*Born on a Blue Day*" (2007) will be highlighted. He is a high-functioning autistic with great mathematical skills and considerable language learning capability. The author describes his autistic characteristic, his thoughts based on images, his interest in numbers and the particular relationship with language. Later the book "*What makes me jump*" (2014) by Naoki Higashida, a teenager who reveals his emotions, feelings and his world permeated with sensitivity and poetry. The author narrates experiences of suffering and anguish for not being able to communicate with people. Naoki is a boy who does not speak, but it is through writing that he can transmit his singularity and the way he found to establish social. This study has as its theoretical and clinical foundation in the lacanian psychoanalysis and seeks to give focus on the fact that these productions broaden and expand the understanding of autisms. The autobiographical writings reveal their own knowledge, and thus contribute to the psychoanalytic clinic, and have important implications in the social field.

**Keywords:** autism. autobiographies. language. psychoanalysis. voice.

## RÉSUMÉ

CORREIA, Rosângela de Faria. **Une étude psychanalytique sur le récit autobiographique de deux auteurs autistes: Daniel Tammet e Naoki Higashida.** 2023. 173f. Thèse (Doctorat en Psychologie Clinique) – Faculdade de Ciências Humanas e Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Cette recherche a pour but de faire réfléchir sur le récit autobiographique produit par des autistes racontant leurs expériences et manières particulières d’être dans le monde ; ils écrivent sur leurs difficultés pour l’acquisition du langage, dans appropriation de la voix et dans la rencontre avec l’autrui. L’axe de cette étude vient de la lecture de deux oeuvres autobiographiques. Le livre *Je suis né un jour bleu: A l'intérieur du cerveau extraordinaire d'un savant autiste* (2007) de Daniel Tammet, autiste de haut niveau, avec de grandes compétences mathématiques et langagières. L’auteur décrit son cadre autistique, sa pensée fondée sur des images, son intérêt par les nombres, surtout le nombre pi et sa relation très particulière avec la langue. Dans l’oeuvre *Sais-tu pourquoi je saute?* (2014) de Naoki Higashida, un jeune montre ses émotions, sentiments et son monde rempli de sensibilité et de poésie, en racontant ses vécus de souffrance et d’angoisse pour ne pas réussir à communiquer avec les gens. Naoki est un garçon qui a des difficultés pour parler, cependant il arrive à transmettre sa singularité et la façon dont il a trouvé pour établir des liens sociaux à travers l’écriture. Cette étude possède comme base théorique et clinique la psychanalyse lacanienne et cherche à remarquer que les productions autobiographiques amplifient et élargissent la compréhension des autismes. Les récits autobiographiques révèlent un savoir de soi-même et, ainsi, contribuent à la clinique psychanalytique impliquant de manière importante dans le niveau social.

**Mots-clés:** autisme. autobiographies. langage. psychanalyse. voix.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Seis cruzamentos da trança (nó borromeano) .....	69
Figura 2 – Seis cruzamentos do nó borromeano .....	69
Figura 3 – O Toro .....	141

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 OS CLÁSSICOS: LEO KANNER, DONALD TRIPLETT E AS PRIMEIRAS AUTOBIOGRAFIAS .....</b>	<b>25</b>
1.1 Hans Asperger, o caso Fritz e a psicopatia autística infantil .....	29
1.2 Melanie Klein e o caso Dick.....	32
1.3 Margaret Mahler e a Teoria do Desenvolvimento.....	35
1.4 Bruno Bettelheim e o caso Joey, um “menino mecânico” .....	37
1.5 Frances Tustin e os objetos autísticos .....	40
1.6 Rosine e Robert Lefort, o caso Marie-Françoise e o Outro.....	43
<b>2 O CAMPO DA LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA .....</b>	<b>47</b>
2.1 A constituição do eu e o estágio do espelho.....	49
2.2 Complexo de Édipo .....	55
2.3 Alienação e separação .....	60
2.4 A Teoria dos Nós.....	67
<b>3 ESPECIFICIDADES DOS AUTISMOS E DAS PSICOSES .....</b>	<b>76</b>
3.1 Sobre as especificidades das psicoses .....	81
3.2 Sobre as especificidades nos autismos .....	83
3.3 Sobre o diagnóstico psicanalítico dos autismos .....	91
3.4 A constituição do corpo e a estrutura autista.....	96

<b>4 DANIEL TAMMET, LALÍNGUA E O OUTRO .....</b>	<b>100</b>
4.1 Daniel e a amizade com os números .....	107
4.2 A prevalência do pensamento por imagens .....	110
4.3 O corpo e a construção de uma borda.....	113
4.4 Adolescência, sofrimento e exclusão.....	115
4.5 A beleza dos números primos.....	116
4.6 O sentimento de exclusão e o desejo de sair do isolamento.....	119
4.7 Daniel na Lituânia, os laços sociais e seu destino .....	121
4.8 O encontro amoroso .....	122
4.9 A criação do Optimnem.....	123
4.10 A criação do Mänti .....	125
4.11 O amor pelo número pi ( $\pi$ ) .....	128
<b>5 NAOKI HIGASHIDA E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA.....</b>	<b>132</b>
5.1 A dimensão espacial do corpo .....	138
5.2 Naoki e a voz .....	147
<b>6 AS AUTOBIOGRAFIAS E O TRATAMENTO PSICANALÍTICO .....</b>	<b>153</b>
6.1 A posição do psicanalista .....	154
6.2 O tratamento do Outro.....	160
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>163</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>166</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de Doutorado visa analisar a importância da escrita autobiográfica e poética na vida de pessoas que sofrem de autismo. Este trabalho está articulado a minha dissertação de Mestrado, período em que realizei um estudo a respeito das dificuldades de linguagem que as crianças autistas apresentavam por não conseguirem se apropriar de sua voz. Minha experiência clínica me convocava, a cada novo caso, a estudar a relação que as crianças possuíam com a voz e com o olhar. Em muitos tratamentos, o silêncio, o mutismo e a recusa ao olhar se fizeram presentes. Essas manifestações se desdobravam em impasses na clínica, e o enigma do que acontecia na relação da criança autista com o objeto voz percorreu toda minha pesquisa de Mestrado.

Neste estudo, ao conhecer o trabalho de vários psicanalistas e profissionais que se dedicam a essa clínica, me interessei em estudar as autobiografias; tema bastante novo no meu percurso como psicanalista. O autor Jean-Claude Maleval (2017) nos adverte sobre a importância de conhecer as produções literárias de autistas, especialmente, as autobiografias. Maleval aponta que, nessas autobiografias, os autistas esclarecem de maneira muito precisa formas particulares de funcionamento psíquico, as defesas que constroem frente às angústias e as tentativas de estabelecer laços sociais. Esses escritos autobiográficos podem, portanto, contribuir para os tratamentos e ampliar as abordagens clínicas.

Maleval, em *O autista e a sua voz* (2017), alerta os profissionais que se ocupam de tratamentos de autistas a estarem atentos aos testemunhos autobiográficos, pois eles esclarecem a relação com o corpo, com os objetos autísticos e, principalmente, sobre o estatuto da linguagem, uma vez que as palavras para os autistas possuem uma dimensão muito particular. Nas autobiografias “[...] todos testemunham que uma dificuldade em tomar autenticamente a palavra encontra-se no princípio de seus transtornos.” (p. 16).

Em 2018, frequentei, como ouvinte, uma disciplina da pós-graduação no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP): “Pesquisando a metapsicologia a partir do autismo: articulações entre a clínica e a teoria em psicanálise”, ministrada pelos professores Marina Bialer, Michele Roman Faria e Nelson Ernesto Coelho Jr. Durante o curso, foram apresentados diferentes modelos teóricos psicanalíticos sobre o funcionamento psíquico nos autismos, além das autobiografias na qual descrevem suas vivências, experiências e singularidades da vida mental.

A partir dessa disciplina, pude ter acesso a significativas produções de Marina Bialer a respeito das autobiografias de autistas. A autora traz uma riqueza de narrativas, apresentando

como esses escritos ampliam e expandem as abordagens na clínica, uma vez que, na literatura de inúmeros autistas, há relatos de crianças e jovens que não conseguiam falar e, por isso, foram diagnosticados com debilidades mentais, mas que, no entanto, produziram textos em que narram com clareza as particularidades de seu funcionamento psíquico e suas emoções. Relatam o quanto sofriam quando não se permitiam e não conseguiam falar com os outros acerca de suas percepções sobre o mundo. No referido curso, revelou-se que há uma potência nesses escritos, valiosos para nosso conhecimento sobre os autismos, uma vez que nos possibilitam sair de uma leitura do autismo como algo “congelado”, em que os sujeitos estariam completamente fechados, e sem possibilidades para constituir laços sociais. Nos relatos, muitos autores fazem críticas às instituições e aos profissionais, por não os considerarem capazes de aprender. Segundo Vorcaro e Ferreira (2017), “Esses escritos não somente nos ensinam, mas nos interpelam, a todo o momento, sobre nossas concepções, teorias e posicionamentos frente à sensível e contundente vida cotidiana dessas crianças e de seus pais.” (VORCARO; FERREIRA, 2017, p. 17). As autoras sublinham que os escritos autobiográficos possibilitam que se extraiam consequências tanto para a prática clínica como teórica.

As autobiografias apresentam um saber próprio e um trabalho constante frente a um mundo permeado de desintegrações e isolamentos. O fato que nos chamou atenção está muito bem apresentado no livro *Autobiografias no Autismo* (2017), de Marina Bialer, em que mesmo alguns pacientes que haviam sido diagnosticados com severos graus de incapacidade, puderam escrever autobiografias, poesias e ficção literária. É possível notar que não somente os autistas considerados de alto funcionamento possuem a capacidade de escrever, ler e estabelecer tentativas de comunicação. Há um alerta feito por vários autistas escritores quanto ao descrédito atribuído a eles por um significativo número de profissionais. Desse modo, encontramos, a partir da leitura desses escritos, uma contribuição social e clínica, no que tange a compreensão para a prática terapêutica.

A seguir, apresento um pequeno recorte do que Raphael Müller, diagnosticado como autista, escreve em sua autobiografia, *Voando com asas rasgadas*. Um autista com muito a dizer (2015).

Durante sete anos, praticamente todo mundo pensava que eu tinha alguma deficiência mental. É o que acontece quando você não fala e, por isso, não consegue responder diretamente [...] Poucas pessoas cogitam a possibilidade de que, ainda assim, possa haver raciocínio claro e, desta maneira, fica-se a um passo dos mal-entendidos... a despeito de todos os prognósticos, eu era um ser pensante, uma pessoa com cérebro funcional em um corpo rebelde. (p. 15).

Ainda em Raphael Müller, destacamos o seguinte comentário: "Escrever é a minha válvula de escape, minha ponte para o mundo exterior e, por isso, simplesmente essencial." (2015, p. 11). Por meio da escrita, esse autor nos oferece, de maneira muito clara, seu recurso frente ao sofrimento, a escrita é sua ponte para estabelecer laços sociais.

A partir do conhecimento das autobiografias escritas por pais e pelos próprios autistas, que em muitos casos não falam, mas encontraram na escrita um recurso para estabelecer laços com o mundo, esses escritos despertaram em mim um grande interesse, pois a riqueza das narrativas e a potência dessas histórias abriram novas possibilidades e novos caminhos na minha experiência clínica.

Durante muitos anos, trabalhei em uma instituição destinada ao tratamento de crianças e adolescentes com graves sofrimentos psíquicos e cada caso trazia inúmeras dificuldades em relação à direção do tratamento, porém, inúmeras surpresas. A equipe técnica era composta por profissionais com diferentes formações. Considero um privilégio ter trabalhado cotidianamente com pessoas dedicadas e implicadas com uma clínica extremamente difícil, que exigia delicadeza e o asseguramento da singularidade de cada caso. Essa jornada em equipe por vezes se revelou difícil, na medida em que havia posições bastante divergentes, e os profissionais entravam frequentemente em conflitos, embates clínicos e teóricos. Nesse percurso, me encontrei com muitas crianças autistas e suas famílias, que me ensinaram muito. O trabalho diário me encantava, apesar de sentir inúmeras dificuldades em conduzir um tratamento, porém, essas limitações me impulsionaram a estudar e buscar parcerias. A pesquisa de mestrado estava muito vinculada à clínica e o encontro com as crianças que não falavam permeou meu não saber. Quando conheci as autobiografias, um universo de possibilidades se revelou, e transformou minha posição. A escrita, como colocou Raphael Müller, é *uma ponte para o mundo*, é preciso dar-lhe um lugar de destaque, para que possamos sair dos *mal-entendidos*, principalmente ao receber um autista para tratamento.

Esta pesquisa tomará a produção escrita e seu respectivo lugar na vida dos autistas como um ponto fundamental. Assim, algumas questões foram se constituindo, integrando os aspectos que pretendo aprofundar ao longo deste estudo. Cito algumas delas: *A escrita poderia ser uma forma de suplência frente ao transtorno do espectro autista? Poderíamos considerá-la uma compensação frente à ausência da voz e da fala? Considerando as estruturas clínicas, como compreenderíamos a estrutura autística e os registros real, simbólico e imaginário? Como podemos pensar a direção do tratamento e a transferência na clínica com autistas?* Essas questões serão desenvolvidas tendo como referencial teórico a psicanálise lacaniana.

Quando comecei a ler as autobiografias e literaturas escritas por autistas e observar a maneira como narram suas histórias, pude perceber que a escrita é uma forma de oferecer acesso a um universo muito particular, uma tentativa de aproximação para amenizar a solidão e o medo de estar em um mundo permeado de incertezas, das quais o autista se protege. Assim, na medida em que os autores autistas revelam nuances e complexidades, esse processo de produção escrita nos oferece ferramentas preciosas para a clínica.

Como destacado por Freud e Lacan, os artistas, poetas e escritores contribuem com elementos valiosos para a investigação da vida psíquica. Mezan destaca as descobertas de Freud e comenta: “[...] ele mesmo diz que aprendeu mais a respeito da alma com os escritores que com os psiquiatras, e, em suas referências, Shakespeare, Goethe e Balzac ocupam lugar mais eminente do que Meynert ou Krafft-Ebing” (2014, p. 510). Maleval ao se referir ao manuscrito de Schreber, destaca: “Lembremos, aliás, que nem Freud nem Lacan desdenharam o apoio em um texto para fundar suas teorias da psicose.” (2017, p. 18).

Lacan, no livro 5 de *O Seminário – As formações do inconsciente –*, destaca a importância do livro escrito por Schreber.

Para compreender alguma coisa sobre a alucinação, mais vale ler o livro excepcional de um psicótico como o Presidente Schreber do que ler os melhores autores psiquiátricos que abordam o problema da alucinação, trazendo no bolso, já prontinha, a famosa escala escolar aprendida nas aulas de filosofia – sensação, percepção, percepção sem objeto e outras futilidades (LACAN [1957/1958], 1999, p. 211).

As produções escritas expandem a clínica dos autismos e trazem uma advertência quanto aos diagnósticos feitos com ênfase somente nas descrições de fenômenos. Laurent, no texto intitulado *O que nos ensinam os autistas* (2012), comenta o testemunho de Sean Barron, que, quando criança, interrogava as pessoas sobre as estações de rádio, que nos Estados Unidos, são identificadas por letras. Já na infância, Barron foi diagnosticado como autista, possuía expressões de isolamento, movimentos estereotipados, dificuldades no contato social, além de extrema necessidade de regras absolutas. Na escola, Sean apresentava dificuldades de comunicação e hipersensibilidades sensoriais, porém, esses sintomas não o impediram de aprender. Ele necessitava perguntar reiteradas vezes se era possível captar as estações de rádio, além disso, possuía listas e fichas com letras, as quais indicavam as estações de rádio, que carregava consigo. Posteriormente, declarou que a sonoridade das letras apaziguava suas inquietações. Para Laurent, o fato de que Sean possuía uma relação muito particular com a língua e com o som o levou a pensar que a *repetição das letras* era tomada como uma forma de

tratar os *equivocos da língua*. Pela escrita, Sean conquistou maiores possibilidades de formar laços sociais, o que culminou em seu desejo de estudar jornalismo e, posteriormente, veio a se tornar jornalista e editor. Vale ressaltar, recuperando a formulação de Laurent, que “O testemunho deles nos sensibiliza para um certo uso da instância da letra em sua relação com o campo da fala que, nesses sujeitos, é muito específico, diferente do campo da psicose.” (2014, p. 77). As especificidades entre o campo das psicoses e dos autismos será melhor detalhada no decorrer desta pesquisa.

Outro autor que podemos tomar como referência é Birger Sellin, um autista considerado severo, diagnosticado aos quatro anos de idade, que teve seu primeiro livro publicado em 1993. Sellin foi um dos primeiros autistas a se tornar autor e, apesar de ser considerado um autista grave, conseguiu escrever a respeito de seu mundo interior e sobre suas dificuldades para se comunicar. Os pais relatam que Birger não conseguia falar, fazia movimentos repetitivos e se isolava com bastante frequência, passando grande parte de seu dia absorto em livros na biblioteca de sua casa. Ele tinha interesse por bolinhas de gude e missangas – se ocupava de mais de 100 bolinhas – e quando alguém as alterava do lugar, ele percebia com extrema facilidade. Quando jovem, B. Sellin passou a apresentar sérias crises de agitação psicomotora e foi necessária uma internação hospitalar. Em determinado momento, a mãe do garoto teve a iniciativa de proporcionar ao filho um método de comunicação assistida e, assim, ele começou a digitar palavras em um computador. Birger passou, então, a se expressar com clareza.

Ele escreve que, embora pudesse parecer um garoto alheio ao mundo, era extremamente atento a tudo o que ocorria. Conta que aprendeu a ler e escrever sozinho aos cinco anos de idade, enquanto permanecia horas na biblioteca de sua casa. Birger relata seu sofrimento ao escutar as pessoas dizerem coisas sobre ele, como, por exemplo, que era um menino incapaz de compreender e que era deficiente intelectual. É muito interessante seu relato quando escreve que “falar é muito precioso”, mas, no entanto, ele afirma ser incapaz de falar. Gostaria de apresentar um trecho em que o autor descreve seu sofrimento e a importância da escrita.

Eu quero que você saiba como é dentro crianças autistas sem tocar na escrita nós somos vamos dizer tão amedrontados é um medo como nenhum outro pode você imaginar como é vivendo em um sistema social que está sempre dizendo que você é louco... eu quero que todo mundo saiba que crianças autistas não são burras como as pessoas frequentemente pensam eu não *sou uma pessoa real sem a escrita* porque isto é meu único meio de expressão que eu tenho e este é o único meio de mostrar como eu penso e eu faço isto também mas isto ainda é muito difícil eu acho isto muito exaustivo (SELLIN, 1995 *apud* BIALER, 2015a, p. 23; grifos meus).

Birger, ao escrever que não é uma pessoa real sem a escrita, marca a importância desse recurso, assim como Raphael Müller. Nesse relato há uma contribuição clínica valiosa, uma vez que nos revela seus medos e sofrimentos, e o quanto é exaustivo escrever. É preciso destacar que os autistas que publicam suas vivências nos convidam a pensar sobre seu encontro com a linguagem e a singularidade com que tratam a voz e a fala, revelando-se algo muito particular, permeado por uma forte angústia. O que, mais uma vez, aponta para uma clínica na qual cada sujeito encontra sua maneira para estar no mundo e, desse modo, o tratamento se direciona para a singularidade, distanciando-se da universalização e dos protocolos de avaliação.

Oliver Sacks, em *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu* (1997), conta sua experiência com um paciente autista que possuía habilidades para o desenho. O garoto, que permaneceu durante anos em isolamento, teve a oportunidade de um olhar particularizado e pôde, então, expressar sua paixão pelo desenho. O autor descreve sua experiência com o menino:

Mas ele tem uma paixão e real capacidade para o particular – ele o ama, entra nele, recria-o. E o particular, quando é minucioso o bastante, também é um caminho – poderíamos dizer o caminho, a natureza – para a realidade e a verdade. O abstrato, o categórico, não é do interesse da pessoa autista – o concreto, o particular, o singular é tudo. (SACKS, 1997, p. 250).

A partir de obras publicadas por dois autores diagnosticados com transtorno do espectro autista – Daniel Tammet e Naoki Higashida – esta pesquisa pretende estudar e analisar a importância da produção escrita, no que se refere às especificidades dos autismos e seus efeitos e contribuições para o campo da clínica psicanalítica, bem como para o campo social. O objetivo é destacar a importância da escrita autobiográfica, em que os autores descrevem com clareza seu modo muito particular de funcionamento psíquico. O particular de cada autor, seguido de suas contribuições às criações singulares diante dos sofrimentos, vivências infantis, isolamentos sociais e capacidades de aprendizagem, será o fio condutor desta pesquisa e sua articulação com os conceitos da teoria psicanalítica.

No presente trabalho, destacamos também que a diagnóstica em torno das diferenças entre psicoses e autismos vem provocando inúmeras discussões e o debate em torno dos critérios de diagnóstico se instituiu no início do século XX. A partir de 1960, o debate em torno do tratamento possibilitou inúmeras contribuições. Dessa maneira, pesquisaremos diferentes autores que vem se dedicando a esse campo de estudo. As bases teóricas e clínicas estarão apoiadas no ensino de Freud e Lacan. No entanto, para o estudo específico dos autismos, partiremos dos clássicos Leo Kanner e Hans Asperger, que descreveram os primeiros casos de

autismo infantil, para, em seguida, ampliar o que outros autores descreveram sobre a teoria e a clínica com autistas.

Como sabemos, Leo Kanner, assim como Freud, era judeu, médico e nasceu na Áustria. A partir das primeiras contribuições de Kanner a respeito do autismo, iniciaremos o percurso desta pesquisa, pois foi este autor quem escreveu os primeiros estudos acerca do *autismo precoce*. Kanner faz seu curso de medicina em Berlim, na década de 1920, emigra para os Estados Unidos, tornando-se psiquiatra e diretor da clínica infantil da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Donovan e Zucker, no livro *Outra sintonia – a história do autismo* (2017), percorrem uma trajetória histórica e descrevem que Kanner tinha uma maneira muito singular para desenvolver o seu trabalho. Na instituição em que trabalhava, ele se recusava a classificar os pacientes por síndromes – tendência comum à época – e “Concluiu que se dava excessiva ênfase a descobrir que rótulo colar em cada doente e não se dedicava tempo suficiente a escutar os próprios pacientes.” (DOVAN; ZUCKER, 2017, p. 41). Nas pesquisas desses autores, eles demonstram que Kanner tinha uma forma muito particular e própria para apresentar as histórias de seus pacientes, distanciando-se das regras rígidas, e que seu estilo era marcadamente o de valorizar as histórias particulares. Era um médico que possuía uma posição crítica e progressista em relação aos procedimentos de sua época, como, por exemplo, ao questionar o uso de camisas de força e posições racistas que atribuíam superioridade à raça branca.

Nesse percurso histórico resgatado por Donovan e Zucker (2017), temos que, em 1938, um casal americano procurou Kanner para cuidar de seu filho Donald Triplett. Kanner, por sua vez, solicitou detalhes da vida do garoto, porém, em 1942 ainda não tinha como dar aos pais uma definição do diagnóstico. Os pais, então, começaram a escrever a história de Donald. O pai do garoto iniciou a produção de uma escrita sobre a história da criança, descrevia o quanto Donald era inteligente e tinha uma atenção intensa em atividades muito específicas, preferia brincar sozinho, tendo uma predileção para empilhar e classificar blocos.

Kanner, a partir do relato, descreveu pela primeira vez o diagnóstico de Donald, nomeando-o como *distúrbio autista do contato afetivo*. Ele relata à mãe do garoto, por meio de uma carta: “A principal distinção reside na incapacidade dessas crianças, desde a primeira infância, de se relacionar com as pessoas.” (DOVAN; ZUCKER, 2017, p. 50). Assim, a partir da experiência clínica com Donald e outras crianças, Kanner nomeou pela primeira vez o que ficaria conhecido como *autismo*. Ele marcava com frequência a incidência de dificuldades de linguagem nas crianças, pois as acompanhou durante muitos anos. Notou que, quando havia a aquisição da linguagem, a criança não a utilizava com o intuito de comunicação, bem como não

a tomava como um laço com outras pessoas. A partir da clínica, Kanner relatou inúmeros casos e descreveu crianças com um desejo decidido e obstinado pela repetição e imutabilidade, apontou sujeitos solitários, de modo que a solidão poderia ser entendida como uma proteção frente a um mundo repleto de mudanças.

Hans Asperger também descreveu, a partir de seu estudo com crianças, um quadro que chamou de *psicopatia infantil*, porém com características em que destacava a inteligência, as dificuldades motoras e uma linguagem carregada de estereotípias.

No primeiro capítulo da tese, faremos um percurso histórico, partindo de Leo Kanner e Hans Asperger, recuperando as contribuições de alguns psicanalistas e suas produções que influenciaram historicamente esse campo de estudo, entre eles, Bruno Bettelheim, Margaret Mahler, Francis Tustin, Melanie Klein, Rosine e Robert Lefort. Para complementar esta pesquisa, também serão estudados autores contemporâneos, tendo como principal aporte teórico a psicanálise lacaniana. Destacaremos alguns, entre eles, Marina Bialer, Michele Roman Faria, Angela Vorcaro, Maria C. Kupfer, Alfredo Jerusalinsky, Eric Laurent, Silvia Tendlarz, Jean-Claude Maleval, Patricio A. Bayón, Marie-Christine Laznik, e Inês Catão.

Destacaremos também um caso analisado por Lacan em *O Seminário 1 – Os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)*, em que faz uma análise do tratamento de Dick, conduzido por Melanie Klein. Dick era um menino de quatro anos que não procurava se comunicar com os outros. Nesse caso, Lacan destaca que há uma diferença entre a palavra e a linguagem, e indica que Dick “[...] é, até certo nível, mestre da linguagem, mas ela [a criança] não fala”. (LACAN, 1986, p. 102). Nessa referência, identificamos fenômenos que marcam um impedimento do sujeito em ocupar o lugar de enunciação, mas que não faz com que ele esteja apartado da linguagem, tal como apresenta J.C. Maleval:

Em todos os níveis de evolução do autismo, persiste em diferentes graus um mesmo problema: a extrema dificuldade, não de adquirir a linguagem, mas de tomar uma posição de enunciação. A linguagem, não estando investida pelo gozo vocal, é inicialmente vivida por esses sujeitos como um objeto sonoro que eles não percebem que serve à comunicação. (2017, p. 80).

Nesse sentido, buscaremos estudar a voz como objeto pulsional, e como pulsão invocante, que se destaca pela ausência nos casos de autismo. A voz como objeto ficará apartada da fala e da linguagem e, partindo desse objeto tão particular, essa pesquisa se dedicará a estudar a voz, como objeto *a* – conceito caro a Lacan –, fazendo articulações sobre a constituição do corpo, a linguagem e a função da escrita autobiográfica. Portanto, esse estudo passará por considerações sobre o objeto voz, como objeto *a*, e a linguagem. O Campo do Outro, o Outro

de Síntese e o recurso ao duplo, tão presentes nas manifestações autistas, assim como a importância dos objetos autísticos, darão corpo à construção desta pesquisa.

As obras autobiográficas de Daniel Tammet e Naoki Higashida foram selecionadas pelo fato de os autores descreverem suas vivências e sofrimentos provocados pelo isolamento social. Analisaremos a autobiografia de Naoki Higashida, que foi diagnosticado como autista severo e, no entanto, escreveu aos 13 anos de idade o livro *O que me faz pular* (2014). Nessa obra, há passagens em que ele relata suas dificuldades e seu sofrimento diante da voz. Ele escreve: “Não tenho problemas em ler livros em voz alta e cantar, mas, assim que tento falar com alguém, minha voz simplesmente desaparece.” (p. 21). Temos, aqui, uma indicação sobre a importância da escrita para os sujeitos que se encontram diante de impossibilidades para se apropriar de sua voz. Na obra de Naoki, particularmente, nosso propósito é abordar o estatuto do objeto voz, articulando-o ao conceito de pulsão invocante, tal como desenvolvida na obra de Jacques Lacan.

Daniel Tammet é um autista de alto funcionamento com grandes habilidades matemáticas e capacidades consideráveis para aprender línguas. Aos dois anos de idade, começou a apresentar os primeiros sinais do transtorno do espectro autista, tais como dificuldades de interação nas brincadeiras com as outras crianças, fixação em relação a objetos de maneira obsessiva, hipersensibilidade auditiva e dificuldades com a coordenação motora. Daniel Tammet, no livro *Nascido em um dia azul. Por dentro da mente de um autista extraordinário* (2007), descreve seu funcionamento psíquico, seu pensamento alicerçado em imagens, seu interesse por números, além das estratégias que foi construindo de maneira compensatória, para sair de um isolamento autístico. Vale ressaltar que Tammet chegou a criar uma língua própria, chamada *Mänti*, que é composta por mais de mil palavras, além de possuir uma gramática particular. Assim, seguindo a orientação de J.C. Maleval, destacamos:

É dever dos psicanalistas debruçar-se atentamente sobre as autobiografias de autistas de alto funcionamento, inclusive sobre textos redigidos por sujeitos que apresentam transtornos mais severos, pelos quais buscam dar a conhecer a lógica de seu funcionamento singular (2017, p. 17).

Posto isso, pretende-se destacar, nesta pesquisa, as diferentes maneiras que os autistas encontram de estar no mundo e, a partir de suas produções escritas, articulá-las ao campo psicanalítico. No livro de Marina Bialer, *Autobiografias no Autismo* (2017), a autora traz seu estudo baseado em inúmeras autobiografias, em que cada sujeito descreve de forma muito particular seus pensamentos e as saídas que encontraram diante do isolamento, do horror e da angústia quando necessitavam expressar algo com sua própria voz. A autora apresenta um

material fundamental para aqueles que se dedicam ao tratamento de autistas. Bialer conta que Ido Kedar, um jovem autista, que não fala, escreve como era difícil viver em seu isolamento, descrevendo o transtorno como uma prisão, que o impossibilita de se apropriar do próprio corpo e de sua voz. A autora sugere que os especialistas escutem o que os autistas têm a dizer, faz críticas às inúmeras profecias limitantes dadas aos pais de crianças autistas e, também, critica a atribuição de retardo mental aos autistas não falantes.

Gostaria de destacar a frase da mãe de um garoto autista, com *savantismo*<sup>1</sup>, a quem os profissionais atribuíram inúmeras incapacidades: “Pensamos nessas crianças como desaparecidas; achamos que precisam ser curadas. Mas acredito que curar autismo seria a mesma coisa que ‘curar’ ciência e arte.” (BARNETT, 2013, p. 105).

Este trabalho possui um método de pesquisa bibliográfica qualitativa que visa articular as produções escritas em forma de registros autobiográficos aos conceitos da teoria psicanalítica (lacaniana, principalmente), desdobrando a importância do uso desse recurso frente à angústia existente nos casos de autismo.

Para a psicanálise, a falta é estruturante para a constituição do humano, dessa forma é a falta, ou seja, o não saber, que faz com que o sujeito, confrontado com o vazio, busque contornar sua angústia para questões nas quais não encontra respostas. Assim, o desejo e o não saber são o que movem um pesquisador. Nesse sentido, cito Berlinck:

O tema da pesquisa contém, portanto, um enigma que precisa ser especificado pelo psicanalista. Este enigma pode ser traduzido como sendo uma discrepância entre aquilo que é e aquilo que deveria ser. O reconhecimento do enigma produz, então, uma *situação problemática*, que requer um trabalho de especificação. (2008, p. 316; grifos do autor).

Considerando a importância de discutir conceitos caros à clínica psicanalítica dos autismos, como pulsão, borda, signos e objetos autísticos, reiteramos a importância de ouvir os autistas por meio de suas produções escritas, pois elas nos ajudam a compreender e criar formas de tratamento. Ampliar o diálogo sobre os autismos abre possibilidades para novas formas de inclusão e acolhimento não apenas aos pacientes, mas também a pais e familiares, uma vez que o impacto de preconceitos pode inviabilizar o olhar para as potencialidades contidas em todos os sujeitos, se respeitados na sua singularidade.

A partir das produções escritas e referências psicanalíticas, esta pesquisa pretende ampliar o diálogo e constituir um novo olhar, relativizar e questionar classificações e protocolos

---

<sup>1</sup> Savantismo é também conhecido como Síndrome de Savant, síndrome rara que caracteriza pessoas com altas habilidades intelectuais.

que impedem crianças, jovens e adultos autistas de constituir novos laços e apresentar suas criações para o mundo. Nos relatos autobiográficos de vários autistas, há testemunhos de soluções criativas e originais de pessoas que encontraram saídas diante de um estado de extrema solidão. Entendemos que essas produções possibilitam uma nova concepção a respeito dos autismos e, conseqüentemente, uma abertura para o campo social, principalmente a respeito da interação das crianças no âmbito escolar.

A partir do meu encontro com as autobiografias dos autistas e a participação no curso já referido, ocorreu uma transformação em minha clínica e, diante de tantos relatos, abriu-se um novo campo de pesquisa e investigação. Nesses relatos, há inúmeras narrativas que apontam para a importância depositada nos profissionais que recebem as crianças para tratamento e também nas escolas, pois é a partir de um laço com professores e outras crianças, feito de forma cuidadosa, que existem possibilidades para o enfrentamento da solidão e da angústia. Acreditou-se, durante muito tempo, que os autistas não querem a presença de outras pessoas, no entanto, o que pude recolher de diversas leituras é que os autistas desejam constituir laços sociais, porém, deparam-se com uma imensa dificuldade. A psicanálise como terapêutica caminha no sentido de particularizar o percurso de cada sujeito, acolher e respeitar a diversidade, entendendo que o autismo é uma forma singular de ser e de se relacionar.

Para uma abordagem histórica sobre os autismos, no primeiro capítulo serão trabalhados os conceitos e experiências de diversos autores que se destacaram e contribuíram significativamente desde o início do século XX para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas sobre a teoria e a clínica.

No segundo capítulo, trabalharemos a importância da linguagem e a estruturação subjetiva, eixo teórico que tem como pilar o ensino lacaniano e a teoria sobre o estágio do espelho, o complexo de Édipo, a teoria da alienação e separação, e a teoria do nós, para, posteriormente, apresentar algumas especificidades dos autismos e psicoses.

No terceiro capítulo, as especificidades dos autismos e das psicoses serão abordadas sob o ponto de vista de alguns autores; para alguns deles, o autismo é considerado uma psicose precoce e, para outros, uma quarta estrutura clínica. Marie Christine Laznik, em sua elaboração sobre a estrutura clínica e o autismo, faz referência à Teoria dos nós desenvolvida por Lacan, e afirma que “A teoria dos nós, ao propor articulações diversas do Real, do Imaginário e do Simbólico, nos oferece uma riqueza de possibilidades clínicas insuspeitadas.” (2016, p. 7).

No quarto capítulo, sobre a autobiografia de Daniel Tammet, percorremos momentos de sua história desde a infância, na qual o autor narra sua maneira absolutamente singular de aprendizado e seus interesses específicos, especialmente pelos números. Sua escrita possui um

dado de extrema importância para outros autistas e suas famílias, pois apresenta sua maneira original de saída do isolamento autístico.

No quinto capítulo, destacamos a autobiografia de Naoki Higashida, autor que nasceu em 1992 e foi diagnosticado autista em 1998, sendo que seu prognóstico apontava sérias limitações. Ele, porém, escreve textos de ficção, possui um *blog* em que esclarece sobre o funcionamento autístico, profere palestras e já ganhou prêmios literários. Seu livro gira em torno de questões formuladas ao autor por um suposto interlocutor, por meio das quais Naoki esclarece várias situações e comportamentos muitas vezes incompreendidos. Sua escrita possui um valor inestimável, no sentido de que desconstrói ideias e pré-conceitos construídos sobre os autistas. No final de autobiografia, Naoki escreve um conto permeado por emoções e profundos sentimentos. Ele nos diz:

Escrevi este conto na esperança de que vocês consigam entender como é doloroso quando não é possível se expressar para as pessoas amadas. Se, de alguma forma, esta narrativa tocar seu coração, então acredito que vocês conseguirão tocar o coração das pessoas com autismo. (2014, p. 127).

No sexto capítulo, seguindo a indicação de Maleval (2017) sobre a importância de escutar o que os autistas têm a nos dizer, pretendemos, a partir do estudo das autobiografias trabalhadas nesta pesquisa, articular as contribuições desses autores à clínica psicanalítica.

## 1 OS CLÁSSICOS: LEO KANNER, DONALD TRIPLETT E AS PRIMEIRAS AUTOBIOGRAFIAS

Os autores que serão estudados neste capítulo possuem diferentes maneiras de conceber os autismos. Alguns deles consideram o autismo uma psicose infantil precoce, outros o consideram uma quarta estrutura clínica. As abordagens clínicas que iremos percorrer com esses autores nos ajudarão, ao longo desta pesquisa, para estudar a importância do diagnóstico clínico e o tratamento, articulando-os às contribuições feitas por clínicos e pelas autobiografias escritas pelos autistas. O percurso de diferentes autores e suas contribuições teóricas e clínicas nos conduziu a um ponto central, ou seja, a importância de priorizar as escolhas de objetos autísticos, e interesses específicos, recolhendo os efeitos produzidos quando respeitadas as aptidões e habilidades particulares. Nas inúmeras autobiografias publicadas por autistas, veremos a importância em se respeitar e apoiar as escolhas, mesmo que extremamente particularizadas. Muitos autores autistas solicitam que os apoiem em suas dificuldades no mundo, principalmente no que se refere à comunicação e aceitação de um modo diferente de aprender e se relacionar. Os diversos autores que destacamos intuíram a importância do modo diferente de aprendizado criado pelos autistas e a importância dos profissionais estarem atentos e sensíveis a isso. Iniciaremos pelo psiquiatra Leo Kanner e alguns psicanalistas que se destacaram nessa clínica, para, posteriormente, seguir em direção a uma articulação com as autobiografias.

Leo Kanner, como vimos, iniciou seus estudos a partir dos escritos do pai de uma criança autista. Os dois médicos que se dedicaram ao estudo e à clínica do autismo, tendo seus trabalhos publicados no início do século XX, foram o psiquiatra austríaco Leo Kanner e o pediatra também austríaco Hans Asperger. No entanto, a palavra *autismo* teve sua origem nos estudos sobre a esquizofrenia, elaborados pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler. Ele “[...] foi o primeiro a propor que se integrasse o pensamento freudiano ao saber psiquiátrico.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 79). Laia (2018) esclarece que o termo autismo perpassou a correspondência entre Freud e Bleuler, de setembro de 1910 a maio de 1912. A partir da teoria freudiana sobre o autoerotismo, Bleuler retirou a palavra Eros, e descreveu o autismo como um distanciamento do mundo externo. Assim, não é um quadro clínico específico, mas, nas esquizofrenias, esse “‘desapego da realidade’, combinado a uma predominância, relativa ou absoluta, da vida interior”, que Bleuler chama de autismo”. (LAIA, 2018, p. 134).

Kanner escreveu “*Child Psychiatry* [Psiquiatria Infantil], publicado em 1935, livro que foi durante muitos anos o manual padrão e único sobre o tema; e seu autor, o primeiro chefe do

departamento de psiquiatria infantil da Universidade Johns Hopkins.” (DOVAN; ZUCKER, 2016, p. 39). Dovan e Zucker, em *Outra Sintonia. A História do Autismo* (2017), reconstituem uma trajetória histórica, na América do Norte, sobre o primeiro relato de caso de L. Kanner. Trata-se de um garoto, Donald Triplett, que nasceu em setembro de 1933. Segundo a pesquisa desses autores, antes mesmo de conhecê-lo, Kanner havia recebido uma carta do pai do menino, Beamon Triplett, em que este descrevia as características, sintomas e interesses do filho. O pai narra Donald como um menino inteligente, com atenção intensa nas atividades às quais se dedicava, dentre elas, classificar e empilhar blocos, porém com dificuldades na interação com as outras crianças. Sublinhamos, aqui, a produção escrita, que contribuiu para os estudos de Kanner. O pai, e posteriormente a mãe, Mary Triplett, enviaram muitas cartas a Kanner, narrando habilidades, dificuldades e interesses específicos de Donald. Há, então, uma biografia sobre a criança, escrita pelos pais, e que se apresentou como um material extremamente rico nos estudos sobre os autismos, tendo sido, de certa maneira, alicerce para Kanner. Os pais descreveram que o garoto possuía extrema capacidade de memória e que muito cedo apresentava interesses por imagens, números e habilidades para classificação de objetos. Veremos, ao longo desta pesquisa, a importância do pensamento ancorado em imagens.

O pai de Donald escreveu a Kanner: “Começou a se interessar por imagens e logo reconheceu uma quantidade prodigiosa de ilustrações nos volumes da Enciclopédia Compton.” (ROCHA, 2012, p. 112). A mãe também escreveu sobre o filho: “Aprendeu rapidamente a ler com fluência e a tocar algumas melodias simples ao piano.” (ROCHA, 2012, p. 117).

Desse modo, Kanner consolidou uma base importante em seus trabalhos, a partir de vários relatos de pais, nos quais descreviam seus filhos como crianças com uma extrema necessidade de solidão, apego à imutabilidade, além de importantes dificuldades ligadas à aquisição da linguagem. Esse traço de apego a regras rígidas e imutáveis se mostraram importantes, sendo que os pais narram que a simples mudança de lugar de um objeto, do trajeto ou da rotina do filho, provocava graves destabilizações e reações físicas intensas.

No relato sobre Donald, destacamos seu interesse especial por matemática, sua preocupação em quantificar dias, horas e semanas, e a maneira singular de seu pensamento ancorado em imagens.

O essencial de sua ‘conversa’ consistia em questões de natureza obsessiva das quais encontrava incansavelmente novas variantes: ‘Quantos dias tem uma semana, anos em um século, horas em um dia, horas em um meio período, semanas em um século, século em meio milênio...’ etc. Parecia preocupado e sempre queria uma resposta. Quando pedimos que subtraísse quatro de dez,

ele respondeu: ‘Eu desenharei um *hexágono*.’ (ROCHA, 2012, p. 120; grifos nossos).

A primeira consulta de Donald com Kanner foi em 1938, porém, em 1942, não havia a definição para um diagnóstico. Após o estudo de 11 crianças, e da experiência clínica com Donald, os autores Dovan e Zucker recuperam o pensamento do psiquiatra: “[...] de maneira crucial, acrescentou que essa incapacidade de se relacionar estava presente em crianças cuja saúde em geral e cujos ‘dotes intelectuais’, de resto, não eram prejudicados de maneira significativa.” (DOVAN; ZUCKER, 2017, p. 50).

Donald possuía um interesse genuíno por matemática e gostaríamos de marcar algo essencial para o tratamento das pessoas que sofrem de autismo, ou seja, a importância de respeitar suas habilidades específicas. Na história da vida desse garoto, temos um relato importante, sendo que foi a partir do investimento em suas habilidades e interesses particulares que ele pôde constituir laços sociais.

Em 1942, os pais de Donald o instalaram em uma fazenda [...] quando em maio de 1945, visitei o casal de fazendeiros que cuidava dele, fiquei surpresa com seu conhecimento. Eles conseguiram criar um objetivo para as estereotípias de Donald: fizeram com que utilizasse sua preocupação com medidas, pedindo-lhe para cavar um poço, do qual mediria a profundidade... Quando começou a contar interminavelmente as fileiras de trigo, fizeram com que contasse ao mesmo tempo que as cultivava. (ROCHA, 2012, p. 121).

A mãe escreve que Donald no ano de 1958, terminou seus estudos universitários e conquistou uma vida profissional, trabalhando como caixa em um banco da cidade onde moravam. Praticava golfe e participava de competições, e conquistara o posto de secretário da escola dominical presbiteriana. “Na universidade, seu interesse principal era o francês, sendo especialmente dotado para línguas.” (ROCHA, 2012, p. 121). Donald, então, conquistou laços importantes e a partir desses relatos, podemos inferir que pais, educadores e profissionais cuidaram para que os interesses singulares de Donald pudessem ter um lugar, o que contribuiu para suas conquistas profissionais e acadêmicas.

Assim, Kanner, a partir de seus estudos sobre as psicoses infantis, e a análise de 11 crianças, apresentou o autismo como uma patologia com características muito singulares. Para ele, o autismo se diferenciava das esquizofrenias, pois considerava que “[...] o autista não estabelecia contato com a realidade desde o início da vida e não apresentava pensamentos fantasiosos, diferente da esquizofrenia infantil em que o rompimento com a realidade externa ocorreria depois do terceiro ano de vida.” (DIAS, 2015, p. 308). Ele destacou que haveria uma

forma de isolamento e dificuldades generalizadas nas relações com outras pessoas e que as crianças se retiravam em uma espécie de couraça para se proteger. “Kanner nota inicialmente que os pais desses infantes se referem a eles como tendo sido sempre ‘autossuficientes’, ‘agindo como se ninguém estivesse lá’, e isso desde o início da vida, o que faz uma diferença essencial com a esquizofrenia infantil.” (LEFORT, 2017, p. 41-42).

No entanto, gostaríamos de relativizar a visão de Kanner de que as crianças ignoram o mundo exterior e, retirando-se a uma solidão absoluta, rejeitam qualquer forma de contato, como se fossem autossuficientes. Apesar do isolamento e do retraimento nas relações sociais, Sérgio Laia nos adverte: “Podemos afirmar que, em vez de um simples encapsulamento ou isolamento de tudo e de todos, há, no autismo, uma hipersensibilidade com relação ao Outro”, (LAIA, 2018, p. 137).

Sérgio Laia recupera uma declaração de Owen Suskind que contribui para compreender a dimensão das relações comunicativas autísticas:

As pessoas veem os autistas como indivíduos que não gostam da companhia dos outros. Isso é falso. A verdade sobre os autistas é que nós queremos o que todo mundo quer, mas que nem sempre sabemos como fazer e não sabemos como estabelecer um laço com os outros. Devemos nos servir de visões que nossa imaginação nos fornece – essas paixões potentes – para nos ajudar a abrir um caminho no mundo.

Ser autista não é simples. Por vezes, a gente se atrapalha para comunicar com os outros. A gente deve cavar em nós mesmos para encontrar o que a gente busca. (SUSKIND, 2015, p. 63 *apud* LAIA, 2018, p. 138).

Quando Sérgio Laia diz sobre uma hipersensibilidade ao Outro, passaria pelo lugar de um Outro absoluto, ou seja, uma presença extremamente totalizante, sem faltas, uma presença carregada de excessos, e com a ausência de significantes que possam deslizar em uma linguagem, que porte os enigmas do discurso simbólico. Nesse sentido, é interessante o que Owen diz: como “se atrapalha para comunicar com os outros”, e sobre a importância de seu trabalho alicerçado “nas paixões potentes”, pois é por meio delas que conquistam um lugar no mundo. Sabemos que nem todos os autistas conquistam maneiras de se expressar como Owen, porém, ele nos alerta sobre uma visão que tradicionalmente se construiu sobre os autistas, na qual seus efeitos levam à retirada de investimento e a riscos de graves exclusões.

Atualmente, por meio das várias autobiografias publicadas, os próprios autistas podem nos dizer sobre suas vivências. A produção escrita mostrou-se importante para abrir uma nova perspectiva sobre a vivência dos autistas e a maneira de se relacionarem com os outros e com

o mundo, assim como no começo do século XX, em que a escrita dos pais sobre seus filhos contribuiu consideravelmente para alguns pesquisadores.

### **1.1 Hans Asperger, o caso Fritz e a psicopatia autística infantil**

O pediatra Hans Asperger, mesmo sem saber dos estudos de Kanner, descreveu o que chamaria de *psicopatia autística infantil*. “Asperger apresenta a tese de livre docência na Faculdade de Medicina, com casos atendidos na Clínica Infantil da Universidade de Viena.” (DIAS, 2015, p. 309). No entanto, como nos esclarece Dias, os estudos de Asperger, que estavam ligados ao Departamento de Educação Especial, possuíam fortes ligações entre a psicologia e a educação, ao passo que os trabalhos de Kanner enfatizavam o diagnóstico e o campo da psiquiatria.

Nos estudos de Asperger, ele descreve que as crianças autistas possuem uma maneira original de aprender determinados conteúdos, e ainda destacava suas “produções linguísticas” (DIAS, 2015, p. 705), que poderiam desenvolver uma relação muito particular com a língua, produzindo formas originais e criativas de se expressar por meio da linguagem falada. Asperger lembra que as crianças pequenas criam palavras novas e também possuem uma relação muito particular com a língua. “Entretanto, para além da primeira infância, encontramos essas expressões livremente criadas somente entre as crianças autistas.” (DIAS, 2015, p. 705). Asperger nota, aqui, uma particularidade que nos interessa sobremaneira, uma vez que os neologismos, palavras e frases que se repetem, indicam o que há de mais singular e importante para o autista.

Os trabalhos desenvolvidos por Asperger se tornaram conhecidos por intermédio da psiquiatra inglesa Lorna Wing, que escreveu um artigo cotejando os casos analisados por Kanner e os estudos de Asperger. Ela “[...] será responsável não só pela divulgação da tese de Asperger no mundo científico como também por sua associação ao autismo de Kanner”. (DIAS, 2015, p. 309), pois seu artigo trazia um resumo das descobertas de Asperger, que, mais tarde, veio a ser denominada como *Síndrome de Asperger*. Ele destacou as dificuldades nas relações afetivas com as pessoas e enfatizou a relação com os objetos, como Kanner também havia observado a importância das relações com os objetos. No que se refere às dificuldades de linguagem, nos estudos realizados por H. Asperger, todas as crianças apresentavam aquisição da fala e, ainda, o psiquiatra destacou que a maioria de seus pacientes possuía interesse pela matemática.

Nas pesquisas de Dias, um dos casos estudados por Asperger foi o caso Fritz V. O garoto chegou à clínica infantil na Universidade de Viena quando estava com seis anos de idade. Asperger relata algumas características da criança que também foram observadas nas crianças atendidas por Kanner, porém com a diferença sobre a aquisição da linguagem: “Fritz é o primeiro filho de seus pais [...] aprendeu a falar muito cedo; com dez meses, falou as primeiras palavras, aprendeu rapidamente a se expressar através de frases elaboradas... Desde sempre não consegue se inserir num grupo de crianças.” (DIAS, 2015, p. 324).

No caso de Fritz, vimos também que o menino fazia um investimento em operações matemáticas e possuía habilidades para resolver cálculos. Fritz havia criado uma maneira própria para a resolução dos problemas, distanciando-se dos métodos tradicionais e convencionais. O que podemos enfatizar nesse caso? E ampliar para a experiência clínica? Poderíamos supor que o autista, quando encontra maneiras originais para compreender o mundo, estaria criando uma maneira para tratar sua angústia diante do excesso do Outro? Teremos oportunidade de aprofundar essa questão ao longo da pesquisa, mas nos pareceu oportuno marcar essa questão, pois ela irá percorrer todo o trabalho.

Sandra Dias nos apresenta também um estudo de H. Asperger denominado “Aparência e fenômenos de expressão”, no qual destaca particularidades de Fritz. O menino apresentava estereotípias como pular pela sala ou bater no próprio corpo, possuía capacidade para memorizar números e fazer cálculos e parece ter aprendido sozinho, pois os pais descobriram as capacidades do filho de forma inesperada, ou seja, sem que alguém lhe tivesse ensinado as operações matemáticas. “Sendo assim, podemos ver, aqui, o que encontraremos no caso de quase todos os autistas: um interesse especial, desenvolvido, que capacita o menino dentro de sua ‘especialidade’ a obter êxitos totalmente fora do comum.” (DIAS, 2015, p. 331). Sobre o garoto, Asperger descreve que ele aprendeu sozinho a elaborar cálculos e compreender frações. No primeiro ano escolar, Fritz surpreendeu a todos, por compreender os números negativos e possuir noções claras ao elaborar com autonomia cálculos de matemática. Provavelmente, há um grande número de crianças nessa situação, uma vez que possuem uma forma particular de apreender o mundo que as rodeia e as relações que estabelecem, e que facilmente podem passar despercebidas, porém, cabe aos educadores e profissionais uma atenção cuidadosa. “Para dar lugar ao saber do lado do autista, seria necessário que os educadores e professores se liberassem do imperativo de educar e se dispusessem a uma experiência de troca possível com o autista segundo a sua lógica, sem ter que acrescentar a essa o saber do Outro.” (BARROSO, 2018, p. 52).

No trabalho de Dias (2015), sobre as crianças atendidas por H. Asperger, destacamos o caso de um menino que possuía um interesse por venenos. O garoto apresentava um saber extraordinário sobre venenos e possuía uma coleção de venenos preparados por ele mesmo. Esse menino, por possuir esse interesse muito particular, chegou a roubar uma caixa de venenos, onde havia uma quantidade considerável de cianeto. O que Asperger destaca é a característica muito comum de investimento, e as crianças que ele descreve são como “cientistas” (DIAS, 2015, p. 706), pois constroem suas teorias do mundo com um olhar absolutamente original, a partir de suas próprias experiências. Asperger, quanto ao diagnóstico, irá questionar a denominação de uma esquizofrenia infantil, e chega a considerar a possibilidade de um distúrbio pós-encefálico da personalidade, mas que, no entanto, também coloca dificuldades para sustentar a hipótese desse distúrbio.

Poderíamos pensar nos modelos de aprendizagem que resistem com maneiras tradicionais, métodos convencionais e ideias pré-concebidas sobre as potencialidades de crianças autistas. Marina Bialer (2015b) nos alerta sobre a importância e contribuição que as crianças autistas podem oferecer às outras crianças, pois criam olhares originais e diferentes diante de uma mesma questão e, assim, haveria uma riqueza nas relações humanas.

Bialer, no trabalho “A inclusão escolar nas autobiografias de autistas” (2015), elabora um estudo com 14 livros, escritos por autistas, em que todos relatam a posição refratária das escolas, e que enfrentaram grandes dificuldades para serem aceitos no âmbito escolar. Marina Bialer nos mostra que nas autobiografias dos autistas não falantes, como Annick Deshay e Birger Sellin, “[...] os autores postulam que há um saber autístico que não deve ser fagocitado pela escola ou normatizado, mas que pode e deve mudar as próprias práticas escolares, permitindo-lhes a sua recriação”. (p. 486). Ao analisar a importância da vivência escolar na vida de sujeitos autistas, enfatiza que, tanto para a escola como para os outros alunos, uma diversidade de discursos contribuiria para a multiplicidade dos laços sociais e maneiras mais amplas de acolher uma diversidade de saberes. A escola, ao oferecer espaços mais democráticos, seria mais permeável ao novo, ao diferente, distanciando-se das normatizações e, assim, possibilitaria novas formas de invenção e criação, com mais respeito e acolhimento às singularidades.

Ao retomar a autobiografia do adolescente Ido Kedar, a autora informa que o garoto, em vários momentos, critica a posição de profissionais e especialistas e atribui a eles uma “[...] cegueira clínica, permanecendo colados cegamente em suas teorias que se tornam doutrinas, excluindo o que o autista tem a dizer”. (BIALER, 2015b, p. 486).

## 1.2 Melanie Klein e o caso Dick

Nascida em março de 1882, na Áustria, Melanie Klein começou a estudar a obra de Sigmund Freud no início do século XX e, na década de 1930, destacou-se com sua principal obra *A psicanálise com crianças*, publicada em 1932. Seu percurso e contribuições psicanalíticas marcaram a história da psicanálise e ela pode ser considerada uma das mais importantes psicanalistas que se dedicou à teoria e à clínica com crianças. “Se Freud foi o primeiro a descobrir no adulto a criança recalçada, Melanie Klein, por intermédio do interesse que dedicou à psicose e às relações arcaicas com a mãe, foi a primeira a identificar na criança o que já estava recalçado, isto é, o bebê.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 610).

O caso que merece destaque nesta pesquisa vem a ser o do garoto Dick, que foi encaminhado para M. Klein em 1929, aos quatro anos de idade, com o diagnóstico de demência precoce. O tratamento ocorreu de 1929 a 1946, tendo sido interrompido entre 1941 e 1944, período da II Guerra Mundial. Furtado (2021) assinala que o caso Dick permitiu a Klein confirmar suas teorias sobre a constituição psíquica e especialmente sobre a infância, teorias que haviam sido pouco exploradas na humanidade, e que seu artigo sobre o caso permitiu ilustrar fundamentos e conceitos estabelecidos por Freud. O autor destaca que Klein, por seu brilhantismo, havia conquistado o respeito da comunidade psicanalítica, e que o pai de Dick era seu colega na Sociedade Britânica de Psicanálise. Por essa razão, quando o caso foi publicado, os pais provavelmente o identificaram. Furtado (2021) faz uma anotação importante: que a teoria psicanalítica não era uma coisa distante do cotidiano do garoto, fazia parte de sua realidade e da sua casa; além disso, ele se encontrou com Klein por um período de 17 anos, “[...] e foi com ela, através de seu trabalho com ela, que esse menino começou a se abrir para a relação com o mundo e plurificar suas palavras e seus objetos de interesse.” (p. 89).

Ao descrever o caso clínico, “[...] Klein toma o quadro de isolamento e a impossibilidade de simbolizar a realidade para além da visão sintomatológica da doença.” (DIAS, 2015, p. 310). Ao iniciar o tratamento com Dick, Klein instaura uma nova visão, de que havia uma patologia grave na infância, incluída no diagnóstico de esquizofrenia infantil.

Tomemos o relato de Klein:

Este menino, Dick, era carente de afetos e indiferente à presença ou ausência da mãe ou da ama-seca [...]. Na maior parte do tempo, articulava sons ininteligíveis e repetia constantemente certos ruídos [...]. Além disso, quando se machucava, demonstrava grande insensibilidade à dor e nada sentia do desejo, tão comum nas crianças pequenas, de serem consoladas e mimadas [...]. Ao correr de um lado para o outro, seus movimentos pareciam falhos de

coordenação [...]. Desde os primeiros dias depois do nascimento, a alimentação de Dick constituía um problema extraordinariamente difícil. O menino era indiferente à maior parte dos objetos e brinquedos que via ao seu redor, e nem entendia sua finalidade e sentido. Mas se interessava pelos trens e estações ferroviárias, pelas maçanetas de portas, pelas portas e pelo movimento de abri-las e fechá-las. (KLEIN, 1930, p. 298).

Melanie Klein vai narrando as sessões com Dick, e, a partir de sua experiência clínica, diz que há uma “inibição no desenvolvimento do ego” (KLEIN, 1930) e que ela estaria relacionada a uma falha, especialmente nas etapas mais primitivas de seu desenvolvimento. A autora destaca: “As fantasias sádicas dirigidas contra o interior do corpo materno, constituem a relação primeira e básica com o mundo exterior e a realidade.” (p. 297). Seguindo o pensamento de Klein, entendemos que Dick, nas primeiras etapas de sua vida, submersas em vivências e fantasias sádicas, dirigidas ao corpo materno, apresentou dificuldades para a elaboração das ansiedades advindas desse primeiro momento. Vejamos o que Klein analisa em seu texto sobre o desenvolvimento de uma criança: “[...] para que a ansiedade possa ser satisfatoriamente elaborada, para que esta fase fundamental tenha um desenlace favorável e para que o ego possa desenvolver-se com êxito, é essencial que o ego tenha adequada capacidade para tolerar a ansiedade.” (p. 298). Para Klein houve uma inibição no desenvolvimento de Dick, uma vez que ele não pôde elaborar seus impulsos sádicos direcionados ao corpo materno, fazendo com que a formação de símbolos sofresse uma paralisação. “Dick rompera seus laços com a realidade e detivera sua vida de fantasia, refugiando-se nas fantasias do corpo escuro e vazio de sua mãe.” (p. 306).

Ao relatar o caso, Klein faz algumas interpretações, especialmente quando destaca que Dick tinha preferência por trens e maçanetas de portas, e que estes estariam relacionados às fantasias de penetrar o corpo da mãe. “As portas e fechaduras representavam os orifícios de entrada e saída do corpo materno, ao passo que as maçanetas representavam o pênis do pai e o seu próprio.” (KLEIN, 1930, p. 302). Assim, Klein conclui que a paralisação no desenvolvimento de Dick estaria relacionada à impossibilidade de elaboração de fantasias sádicas, e ao temor de ser castigado principalmente pelo pênis do pai. As dificuldades em aceitar os alimentos sólidos também estariam ligadas à incapacidade de elaboração de impulsos agressivos, uma vez que “[...] suas defesas contra seus próprios impulsos destruidores resultaram ser um impedimento fundamental para seu desenvolvimento.” (p. 302), uma vez que esses impulsos estariam ligados à recusa em mastigar os alimentos. Melanie Klein parte do pressuposto de que havia em Dick a inexistência de representações simbólicas e afetivas com as coisas e objetos, e a análise apresentava como dificuldade central o estabelecimento de

contato com a criança. A autora nos apresenta sua direção de tratamento: “Na análise deste menino, que era absolutamente incapaz de se fazer entender e cujo ego era inacessível a qualquer influência, a única coisa que se podia fazer era procurar chegar até o seu inconsciente e, diminuindo as dificuldades inconscientes, abrir caminho para o desenvolvimento do ego.” (p. 308). No relato do caso, Klein vai retomar a questão do diagnóstico: “O Dr. Forsyth diagnosticara demência precoce, e pensou que valia a pena tentar a análise [...] creio que se justificará a minha classificação da enfermidade de Dick como esquizofrenia.” (p. 311). Entendemos que Klein chega a um diagnóstico no campo das psicoses, e esse ponto será fundamental para esta pesquisa, uma vez que há autores que consideram o autismo outra estrutura, diferenciando-se das psicoses. Trabalharemos essa questão mais detalhadamente em outro momento, após visitar diferentes autores do campo psicanalítico. Para Klein, o retraimento de Dick,

[...] constitui a base da falta de afeto e de ansiedade, que é um sintoma da demência precoce. Nesta enfermidade, portanto, a regressão iria diretamente à fase mais recuada do desenvolvimento, em que a apropriação e destruição sádica do interior do corpo da mãe, tal como o concebe o sujeito em suas fantasias, e o estabelecimento de uma relação com a realidade foram impelidos ou refreados devido à ansiedade. (KLEIN, 1930, p. 313).

Vemos uma construção clínica e teórica calcada no desenvolvimento da infância, na qual Dick ficou impedido de avançar para os estágios posteriores devido às ansiedades ligadas às suas fantasias de ataque aos objetos, tendo como consequência um afastamento da realidade e uma inibição, ocasionando dificuldades para a elaboração simbólica.

Para Lacan, Melanie Klein introduziu no tratamento a verbalização, uma vez que Dick não falava; adverte que ele está inserido na linguagem e que, para a criança, o real e o imaginário seriam equivalentes. Lacan, como vimos, diz: “[...] essa criança é até certo nível mestre da linguagem, mas ela não fala.” (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 102). Ao nos questionarmos sobre como poderíamos pensar nesses registros, uma vez que Lacan enuncia que para Dick o “real e o imaginário são equivalentes”, Furtado (2021) aponta que o que ocorre é uma confusão dos registros imaginário e real, com a ausência da intermediação do registro simbólico, não permitindo a inscrição da diferença. No tratamento de Dick, Melanie Klein, de certa forma, lhe oferece verbalização, organizando a criança no discurso. Para Michele Roman Faria (2019), nos primeiros seminários de Lacan “[...] estão concentradas, portanto, as mais importantes reflexões sobre o imaginário, ponto de apoio para a contundente crítica dos desvios da psicanálise para um modelo adaptativo de remodelagem do *eu*.” (p. 14) e, com isso, ele

expandiu o campo para o tratamento das psicoses. “Lacan critica uma clínica centrada no imaginário – que visa dar condições ao ego de suportar o excesso de ansiedade proveniente dos objetos – para propor uma clínica relativa à função simbólica inaugurada pela inscrição da falta e do vazio” (FURTADO, 2021, p. 62). Aprofundaremos essa questão, destacando a importância do registro imaginário para os autistas e, na obra de Lacan, particularmente no *Estádio do Espelho*, poderemos fazer um cotejamento sobre o tratamento de Dick, conduzido por Melanie Klein, e o estatuto do registro imaginário e sua importância para a constituição do sujeito.

Vale ressaltar que esse caso marcou a história da psicanálise, “o nome ‘Dick’, junta-se a outros como ‘Hans’, ‘Dora’, ‘Elisabeth Von R.’, ‘Richard’, ‘Aimé’, ‘Robert’, ‘Marie-Françoise’ etc.” (FURTADO, 2021, p. 90). O autor traz a importância do tratamento conduzido por Klein, pois possibilitou que o garoto saísse de seu extremo desamparo psíquico, e a psicanalista marcou um lugar na história ao dar o nome Dick ao menino Alan<sup>2</sup>, pois o toma como sujeito, ao falar com ele e para ele. “Futuramente Klein veria o garoto aprender a ler e tocar Mozart em seu piano [...]. O próprio Dick, aos 50 anos, conta emocionado, que gostava muito de Klein e que ela lhe consolava, pois ele chorava muito.” (FURTADO, 2021, p. 90-91).

### 1.3 Margaret Mahler e a Teoria do Desenvolvimento

Margaret Mahler foi psicanalista e psiquiatra infantil e, na metade do século XX, desenvolveu seu trabalho principalmente sobre psicoses e autismos na infância. Na década de 1940, começou a estudar a obra freudiana e se dedicou particularmente às relações iniciais entre mãe e bebê; Mahler “[...] situa-se na corrente genética annafreudiana”. (MALEVAL, 2017, p. 49). “Embora fosse marcada pelos trabalhos de Melanie Klein, Margaret Mahler se inspirou primeiramente nas posições de René Spitz e nas de Donald Woods Winnicott”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 484). A partir de 1950 desenvolve sua teoria sobre o desenvolvimento da criança composta por três fases, sendo elas: a fase autística normal, a fase simbiótica e a fase de separação e individuação. A fase autística normal estaria compreendida entre o nascimento e o segundo mês de vida do bebê, na qual a criança vive uma fase de indiferenciação entre o mundo interno e o mundo externo. Mahler, no livro *As psicoses infantis e outros estudos*, faz a seguinte questão: “Qual é a natureza, qual a função dessa pseudoauto-

---

<sup>2</sup> Alan é o nome original da criança. Melanie Klein o nomeou como Dick, e curiosamente como nos apresenta Furtado (2021), o garoto se tornou um leitor de Charles Dickens, e em umas das obras desse autor há um personagem muito importante da literatura inglesa chamado Mr. Dick, que por sua vez possuía ideias obsessivas, padrões repetitivos de atividades e ecolalias.

suficiência do autismo infantil precoce?” (1979a, p. 34). Para a autora, o autismo seria uma defesa, uma vez que a criança estaria apartada de uma relação afetiva inicial com a mãe, sendo incapaz de elaborar estímulos externos e internos, ou seja, “[...] a mãe como objeto de amor primário não existe [...] tais pacientes tentam excluir, de maneira alucinada (alucinações negativas) as fontes potenciais de percepção sensorial, especialmente aquelas que exigem resposta afetiva.” (p. 34).

Na psicose infantil simbiótica, a autora coloca que há mecanismos de defesa como introjeção e projeção e quadros que se assemelham à esquizofrenia infantil. “Estes mecanismos visam a restauração do delírio parasito-simbiótico de unidade com a mãe, sendo desta forma diametralmente opostos à função do autismo.” (MAHLER, 1979a, p. 34). Em suas considerações sobre o diagnóstico diferencial entre psicose autística infantil e psicose simbiótica, Mahler diz que o diagnóstico pode ser feito de maneira retrospectiva, uma vez que tendem a ser semelhantes. “Pode-se tentar o diagnóstico diferencial em retrospectiva, pela construção e avaliação da primitiva relação mãe-bebê.” (p. 38).

Na fase simbiótica, que ocorreria a partir do sexto mês de vida, o bebê começa gradativamente a diferenciar o mundo externo, no entanto, “[...] para haver este reconhecimento é necessário que aconteça, durante a fase simbiótica, alguma diferenciação do ego rudimentar.” (MAHLER, 1979a, p. 45). Mahler observou, em sua experiência clínica, que as crianças não possuíam um sentimento de integridade, de autoimagem individualizada, ou seja, segundo a autora, sofriam de “perturbações de identidade”. Ela conclui que “[...] enquanto no autismo primário há um triste mundo gelado entre o sujeito e o objeto humano, na psicose tipo simbiótico, ao contrário, há fusão, dissolução e falta de diferenciação entre o self e o não- *self*.” (1979b, p. 15).

Posteriormente, ocorreria o processo de separação-individuação, que compreenderia subfases, a partir do sexto mês de vida até o segundo ano de vida, período no qual o bebê começa a prescindir da dependência corporal da mãe. É nessa fase que a criança começa a engatinhar, andar e conquistar progressos na coordenação das mãos, boca e olhos, ampliando seu campo visual, e “[...] o papel da mãe deve ser de apoio e encorajamento à gradual obtenção, pelo bebê, da autonomia do ego.” (MAHLER, 1979a, p. 45). A segunda subfase do desenvolvimento do processo de separação-individuação, que Mahler denominada como *período de exploração*, ocorreria a partir do décimo mês até o décimo quinto mês. “A principal característica dessa subfase é o grande investimento narcisista da criança em suas próprias funções, bem como nos objetos e objetivos da realidade em expansão.” (1979b, p. 36). Há uma terceira subfase, a *reaproximação*, em que o bebê, com suas conquistas e maior segurança

motora, se autoriza a separar-se da mãe e, de certa forma, provocará um prazer com sua autonomia; no entanto, nessa fase, o aparecimento da ansiedade de separação será essencial para a individualização da criança, uma vez que o bebê pode direcionar seus interesses a outras pessoas e objetos, “[...] o amadurecimento do aparelho mental, principalmente dos aparelhos motor e cognitivo, torna o ego do bebê cômico da separação.” (1979b, p. 37). Na quarta subfase, dos 20 meses aos 36 meses, há o desenvolvimento das funções cognitivas, o amadurecimento da comunicação verbal, e a constituição do ego, “[...] o estabelecimento de representações mentais do self distintamente separadas das representações de objeto abrem caminho para a constância objetal. A presença real e constante da mãe não é tão imperativa.” (1979b, p. 39).

Para Mahler, “O autismo testemunharia um modo de funcionamento anterior ao da fase simbiótica. Ele é considerado uma fixação, ou uma regressão à primeira fase da vida extrauterina, a mais primitiva, a fase autística normal.” (2017, p. 49).

#### **1.4 Bruno Bettelheim e o caso Joey, um “menino mecânico”**

Bruno Bettelheim nasceu em Viena, em 1903, porém, em 1938, foi enviado a um campo de concentração, sendo que, a partir dessa experiência, cunhou o termo “situação extrema”, que mais tarde irá contribuir para os seus trabalhos sobre autismo. Uma de suas principais obras, *A Fortaleza Vazia*, foi publicada em 1967. Bettelheim forma uma corrente com diversos analistas que se apoiavam nos trabalhos de Anna Freud, diferenciando-se dos estudos e da clínica de Melanie Klein. A nomeação “menino mecânico” foi dada por Bettelheim, ao relatar sua experiência clínica com Joey na Escola Ortogênica de Chicago, na década de 1960. “Ali Bettelheim preconiza uma terapia comunitária que se assenta no fato de pôr em ação conceitos freudianos tomados numa perspectiva original, influenciada pelos trabalhos de Kohut e da psicologia do eu.” (MALEVAL, 2017, p. 51).

Descreveu Joey como um garoto autista que criou um mundo permeado por máquinas, para se proteger das angústias advindas dos sentimentos de medo e solidão e diz que ele “[...] parecia funcionar por controle remoto – um “homem mecânico” –, dirigido por máquinas que haviam sido criadas por ele e que lhe escapavam ao controle.” (BETTELHEIM, 1987, p. 254). Seu cotidiano era permeado por ligações, que Joey criava, ou seja, ligava-se imaginariamente a correntes elétricas e tomadas para poder se alimentar, dormir, brincar e executar suas atividades. Os terapeutas que o acompanhavam tinham o cuidado de não interromper o circuito elétrico imaginário criado por Joey, pois caso isso acontecesse, ele “se desligaria de sua existência”. “Sendo assim, ‘ligar a si próprio’ à tomada era ligar-se ao fluxo que dá energia à

vida.” (p. 271). O interesse por objetos circulares marcou o início da vida do garoto, ele presenciava frequentemente o pai sair para o trabalho e isso ocorria em aeroportos, desde então, Joey possuía um interesse por hélices e ventiladores. No entanto, para Bettelheim, essa experiência não poderia explicar o extremo interesse de Joey por máquinas. Ao completar um ano de idade, foi presenteado pelos pais com um ventilador elétrico, e segundo relatos de sua história, conseguiu desmontar o ventilador e montá-lo com grande habilidade. Ao ingressar na escola, aos quatro anos de idade, recebeu tratamento de psicoterapia individual. Na escola, se afastava do contato com as outras crianças, procurava por ventiladores, e quando era impedido de se ligar ao ventilador, ficava girando as mãos e fazendo ruídos que lembravam um ventilador ou uma hélice. “Nessa ocasião, ele era não só a poderosa hélice como também o avião que ele dirigia.” (p. 264).

Ao ingressar na escola Ortogênica, Joey apresentava uma adesão muito forte às máquinas e objetos, principalmente às lâmpadas. Havia, segundo Bettelheim, uma “inversão entre ele e os objetos”, na medida em que atribuía vida às lâmpadas. Precisava delas para se sentir vivo, necessitando da fonte de energia das máquinas para conseguir se movimentar. “Antes de começar a ler, mesmo antes de poder sentar-se, tinha de ligar a carteira a uma fonte de energia. Depois, tinha de ligar a si próprio a ela, ligar o livro ou o lápis à carteira e depois regular-se.” (BETTELHEIM, 1987, p. 274).

Joey criou em sua cama uma espécie de “máquina carro”, que possuía motor, carburador, volante, bateria e alto-falante, e essa máquina lhe fornecia energia, o controlava enquanto dormia e permitia que ele pudesse respirar. O alto falante era necessário para que ele pudesse falar com as outras pessoas e ouvir.

Após ter saído da escola Ortogênica, Joey completou seus estudos na escola secundária, começou a trabalhar e tinha como meta prosseguir no estudo de eletrônica.

Na experiência clínica de Bruno Bettelheim com Joey, há uma complexidade de dados clínicos, e diversos relatos sobre a história familiar, sua primeira infância, além de detalhes sobre o funcionamento psíquico do garoto, porém, neste recorte, o que gostaríamos de enfatizar é a relação que a criança estabelece com os objetos, particularmente com as máquinas, e, com isso, podemos pensar a constituição do corpo da criança autista, ou seja, a importância dos objetos para a constituição de bordas corporais para um contato com o mundo exterior.

Considerando a fonte de energia elétrica imaginária e as máquinas construídas por Joey para se sentir vivo, essa invenção poderia estar ligada a uma tentativa de temperar sua angústia diante das relações com os outros. No próprio relato de Joey, ao retornar à escola Ortogênica, após três anos, e em uma conversa com Bettelheim, ele declara “[...] que para ele próprio o

formato destes objetos rotativos sugeria o círculo em que ele fora impotentemente apanhado. Representavam o círculo vicioso do anseio e do medo, de querer tanto dos outros e de recear mortalmente que seu anseio fosse revelado.” (BETTELHEIM, 1987, p. 269). Assim como vimos no relato de Suskind, há em Joey uma ligação de medo e anseio dirigidos aos outros, o que evidencia que o autista não está completamente fechado para os laços sociais. “O trabalho de análise de um sujeito autista diz respeito exatamente a esse dispositivo que o sujeito tem que construir para poder se inserir no mundo.” (DRUMMOND, 2018, p. 42). Para finalizar, destacamos dois trechos do diálogo de Bruno Bettelheim com Joey.

B.B. É verdade. Você fez o carro com a tua cama, lembra?

JOEY. Sim, foi uma das principais coisas que eu fiz com a cama.

B.B. Sim e por que fez isso? Por que gostou dessa ideia?

JOEY. Bom, é evidente que eu sabia que um carro é alguma coisa que anda e que leva as pessoas para vários lugares... E também é uma coisa dentro da qual as pessoas ficam presas.

B.B. Você gostava da ideia de ficar preso; era importante para você?

JOEY. Era.

B.B. Por quê ? O que você receava que acontecesse se não estivesse fechado?

JOEY. Bom, acho que a principal razão que me levou a querer ficar fechado, foi pensar muitas vezes quando comecei a me aproximar mais das pessoas... Bom, imaginava sempre que tinha outra pessoa comigo.

B.B. Então não era só para se proteger dos outros?

JOEY. Não...

B.B. Era também para você ter outra pessoa sempre com você? Que não ia te abandonar?

JOEY. Era. Sabe, foi alguns meses depois de eu ter vindo para cá que comecei a imaginar isso. Sei que antes só tinha essas fantasias raramente. (BETTELHEIM, 1987, p. 360).

Joey revela que sua invenção de um carro-cama comportava a maneira particular de aproximação com as pessoas e uma maneira de criar laços sociais. Ainda sobre a relação com objetos, destacamos um trecho sobre a importância da não retirada dos objetos escolhidos pelos autistas.

B.B. Por que você gostava de andar sempre com lâmpadas?

JOEY. Bom, era só a sensação de que na verdade eu não tinha ideias próprias, como um ser humano, que com elas eu podia me sentir bem.

B.B. E como elas te faziam sentir bem?

JOEY. Bom, elas me faziam sentir bem... bom, para me proteger do medo, fingia que era uma máquina...

B.B. Por que você se interessava tanto por máquinas? Por que elas o fascinavam tanto?

JOEY. Também me lembro que parecia ser uma forma de mostrar que eu era inteligente e sabia coisas. Porque tinha muito medo de mostrar isso por outros meios. (BETTELHEIN, 1987, p. 365).

Após o diálogo, Joey apresentou a Bettelheim a máquina que havia construído sozinho, ela comportava características semelhantes às máquinas e lâmpadas que Joey tanto havia se interessado na sua infância. “Era um retificador, e sua função consistia em transformar a corrente alternada em corrente contínua... esse aparelho que construíra mudava o eterno movimento oscilatório da corrente alternada para um fluxo direto e contínuo.” (BETTELHEIM, 1987, p. 367).

A invenção de Joey pôde lhe trazer um lugar no mundo, pois a partir de seu interesse mais genuíno, construiu uma carreira profissional e autonomia.

### **1.5 Frances Tustin e os objetos autísticos**

A psicoterapeuta infantil Frances Tustin construiu uma trajetória importante no tratamento de crianças psicóticas e neuróticas. Fez sua formação como psicoterapeuta na Tavistock Clinic, em Londres, trabalhou nas instituições James Jackson Children 's Center, em Boston, e no Health Service, também em Londres. Seus estudos estão baseados na teoria Kleiniana, nas obras de Margaret Mahler e de D. Winnicott. Assim como Mahler, Tustin concebe a ideia de um desenvolvimento psíquico do bebê. Já nos anos 1970, Frances Tustin ligada à corrente bioniana da psicanálise, descreve que o autismo poderia ser compreendido em três diferentes formas: o autismo primário anormal, o autismo secundário e o autismo secundário regressivo. Nos trabalhos desenvolvidos por Tustin, ela procura aprofundar a importância dos objetos autísticos, ponto importante que destacaremos nesta pesquisa.

Gostaríamos de marcar que há divergências entre diferentes formas de tratamento, e sobre a relação que os autistas estabelecem com os objetos. Há algumas considerações que entendem que os objetos escolhidos pelos autistas seriam nocivos, e não auxiliam na interação com o mundo e com as pessoas. No entanto, compartilhamos algumas formulações dos estudos de Jean-Claude Maleval, ao considerar que os objetos autísticos podem ser compreendidos como mediadores e facilitadores para a interação social, além de apaziguar as angústias sofridas pelos autistas.

Tustin, assim como Mahler, concebe a ideia de fases para o desenvolvimento psíquico da criança, na qual o autismo primário normal seria um momento de indiferenciação entre o bebê e o mundo externo. Para a autora, o autismo primário anormal estaria ligado a falhas primitivas no vínculo afetivo mãe-bebê, o autismo secundário se caracterizaria por aspectos de isolamento e recusa ao contato com os outros, já o autismo secundário regressivo seria uma

forma de esquizofrenia. Tustin escreveu sobre o autismo primário normal e o autismo patológico, e esclarece o sentido do termo autismo: “[...] é usado para designar um *estado de sensação dominada e centrada no corpo que constitui a essência do eu (self)*”. (TUSTIN, 1984, p. 13; grifos da autora). Ela destaca que Freud, em 1914, deixou implícito que haveria uma fase autística no início da vida dos bebês, referindo-se aos instintos autoeróticos, que posteriormente se desdobrariam no narcisismo primário. “Margaret Mahler também assume esse ponto de vista. Em seu esquema de desenvolvimento infantil, ela vê uma fase autística precedendo o que denomina de estágio simbiótico”. (1984, p. 14).

No autismo primário normal, Tustin descreve que progressivamente o bebê começa a perceber-se um corpo separado da mãe, e se apoia na descrição de Winnicott sobre a “mãe suficientemente boa” para esclarecer: “Nesse processo de ajustamento, atividades transicionais e fenômenos transicionais protegem o bebê da aguda consciência da mãe não-eu (*not-self*).” (WINNICOTT, 1958 *apud* TUSTIN, 1984, p. 20; grifos da autora). Desse modo, a criança psicótica estaria vulnerável nos primeiros meses de vida, especialmente na relação mãe-bebê, e, nesse sentido, “[...] a ligação primária é perturbada, a criança é exposta a todos os riscos apensos à hipersensibilidade da infância primitiva.” (TUSTIN, 1984, p. 22). Haveria, então, uma hipersensibilidade na criança psicótica que pode estar relacionada a inúmeros fatores, que podem interferir na consciência de separação do corpo da mãe, tornando essa experiência intolerável. “Reações maciças automáticas são estabelecidas em sequência para bloquear a consciência da mãe ‘não-eu’”. (p. 22). Essa experiência intolerável vivida pelo bebê pode levá-lo a preservar uma ilusão de fusionamento com o corpo materno e, segundo Tustin, a consequência seria o autismo patológico.

Tustin se dedica ao estudo da natureza dos objetos autísticos e aponta que a criança psicótica, ao não tolerar a separação com o corpo materno, seria levada a sentir essa separação como perda de partes do próprio corpo, sendo assim, a aderência a objetos de forma obsessiva, seria uma forma de amenizar seu sofrimento decorrente da vivência de danos em seu corpo. “O uso de Objetos Autísticos é dirigido à sobrevivência do corpo.” (TUSTIN, 1984, p. 135). Os objetos seriam defesas encontradas pelas crianças, pois oferecem um sentimento de estarem seguras diante das ameaças de aniquilação, é por essa razão que presenciamos estados de agitação psicomotora, uma vez que a criança necessita permanecer em estado de alerta constantemente. “Estes dão à criança o sentimento de que ela está a salvo.” (p. 135). A autora relata que crianças psicóticas já disseram que se sentem protegidas quando os objetos autísticos são feitos de materiais com superfícies duras e muito resistentes, uma vez que sentem seus corpos desprotegidos e vulneráveis com riscos de serem aniquilados ou feridos. “A dureza ajuda

a criança macia e vulnerável a se sentir a salvo em um mundo que parece ameaçá-la com perigos indescritíveis, em relação dos quais ela sente um medo extremo.” (p. 136). Além de oferecer uma segurança à criança diante de suas angústias e medos, a autora também faz uma observação clínica importante, dizendo: “Esses objetos ajudam a impedir a conclusão da separação corporal e promovem o delírio de que as imposições do mundo exterior são obstruídas.” (p. 136). No entanto, essa seria uma pseudoproteção, pois, para Tustin, esses objetos impedem que as crianças estabeleçam laços sociais e permitam que as pessoas possam ajudá-las a encontrar outras maneiras de proteção, causando, então, uma forma de encapsulamento que as aprisiona a seus temores e fantasias de aniquilamento. Há uma distinção feita pela autora entre os objetos autísticos normais e os objetos autísticos patológicos. Os objetos autísticos normais estariam próximos ao que Tustin nomeia de estágios primitivos, e que estariam presentes na mais tenra infância, uma vez que a criança não diferencia seu corpo do corpo materno. O seio seria o objeto mais primitivo, uma vez que a boca da criança e o seio da mãe se constituem como uma unidade, oferecendo uma forma de proteção para a criança diante das vivências do ‘não-eu’.” (TUSTIN, 1984).

Sobre os objetos autísticos patológicos, a autora supõe que eles se originam nos estágios mais primitivos do desenvolvimento dos bebês, e “[...] têm suas origens em atividades auto sensuais ocultas que começam na infância.” (TUSTIN, 1984, p. 139). Ela diz que essas atividades sensuais podem ser entendidas como estímulos que a criança faz no próprio corpo, como, por exemplo, sugar as partes internas das bochechas, e que dificilmente são percebidas pelos adultos. “Os Objetos Autísticos que tais crianças usam mais tarde, como se fossem parte de seus corpos, parecem surgir dessa patologia primitiva. Isso contribui para a natureza idiossincrática dos Objetos Autísticos patológicos.” (p. 139). Os objetos autísticos patológicos estariam ligados a uma desilusão sofrida muito precocemente com a separação do objeto seio, e que parece ser, segundo a autora, “o ponto de partida para o retraimento autístico”, no qual a separação corporal é sentida como um arrancamento, uma violência, provocando graves ferimentos. Tustin retoma a expressão de Rosenfeld: “sangramento psicótico” e acredita ser uma metáfora adequada para a vivência de violência sofrida pela criança. Assim, esses objetos proporcionam a ilusão da não separação e, no pensamento de Tustin, parecem “estancar um sangramento”. “As desilusões prematuras e chocantes de tais crianças significam que elas tiveram oportunidades insuficientes para ilusões. Necessidades sentidas que são toleráveis provocam figuras antecipadoras (alucinações normais), que preparam o bebê para o que virá.” (p. 141).

Para finalizar, recuperamos um trecho da obra de Tustin, no qual apresenta o pensamento de Winnicott para introduzir a importância do desenvolvimento do pensamento:

Winnicott (1958) escreve: ‘A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criar e no momento certo’. Contudo, como Winnicott bem concluiu, a ‘mãe bastante boa’ inevitavelmente falha nessa façanha de adaptação a seu bebê. Para a criança que se está desenvolvendo normalmente, essas ‘falhas’ por parte da mãe são sua oportunidade para ‘criar’ figuras antecipadoras e novas reações à mãe... Ela aprende a esperar... Começa a criar ideias que são um *substituto* para a mãe, mas que não obliteram a necessidade que sente dela ou inibem sua reação instintiva a ela. O bebê começa a relacionar e responder a pessoas e situações quando elas não estão realmente presentes em seu sentido físico. Assim, a imaginação e o pensamento se desenvolvem. (TUSTIN, 1984, p. 142; grifos da autora).

Entendemos que a relação dos autistas com os objetos se revela de uma maneira muito particular, uma vez que possuem uma adesão aos objetos, como se fossem partes de seu próprio corpo, tal como nos esclarece Pimenta, “[...] ser um objeto, aderir-se a um transitivamente, é a posição do autista; ele é seu objeto autístico e este faz parte de seu corpo.” (PIMENTA, 2012, p. 57). Na medida em que há uma sideração sensorial e uma colagem ao objeto, podemos pensar a clínica e as intervenções no sentido de tomar esses objetos como mediadores e intermediários na relação da criança com o Outro, e evitar retirá-los de maneira radical, uma vez que o investimento maciço nos objetos proporciona uma segurança, “[...] a sensação autoerótica promovida pelo objeto autístico simples faz barreira ao mundo exterior e traz de imediato a proteção contra a angústia”. (p. 61).

Algumas correntes psicanalíticas apresentadas até aqui, que se desenvolveram no início do século XX, consideram o autismo como uma patologia grave, ligada às fases iniciais do desenvolvimento da criança, e, de maneira geral, a grande maioria dos autores trabalha com o conceito de desenvolvimento e fases de evolução do bebê. Esses autores trabalham com a hipótese de que a criança autista poderia ter sofrido uma espécie de paralisação no desenvolvimento. “Para Mahler, a regressão libidinal mais profunda; para Meltzer, o funcionamento mais problemático do *self*; para Bettelheim, a angústia mais extrema; e, para Tustin, a fantasia mais catastrófica.” (MALEVAL, 2017, p. 57).

### **1.6 Rosine e Robert Lefort, o caso Marie-Françoise e o Outro**

O casal Rosine e Robert Lefort dedicou seus estudos e pesquisas com crianças vítimas de maus-tratos e abandono, que viviam em instituições. A prática clínica instaurada por eles

marca uma nova abordagem psicanalítica no tratamento de crianças, uma vez que, até os anos 1960, o tratamento de muitos psicanalistas estava embasado na ênfase sobre a constituição do objeto no processo de desenvolvimento infantil. A partir do trabalho dos Lefort, apoiados no ensino de Lacan, a proposta de articular os registros simbólico, imaginário e real e a relação com o Outro destaca-se tanto na análise de crianças como na análise de adultos. “Ou seja: não há especificidade na psicanálise com crianças. A estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto.” (LEFORT, 2017, p. 8).

Rosine Lefort, ao escrever *O Nascimento do Outro* (1984), detalha o tratamento de Marie-Françoise, uma menina de 30 meses, que vivia em Parent de Rosan, um “[...] serviço hospitalar dirigido pela Dra. Jenny Aubry, onde eram internadas crianças abandonadas com idade entre seis meses e três anos.” (LEFORT, 2017, p. 174). Rosine Lefort defende como hipótese diagnóstica uma estrutura autística para Marie-Françoise, diferenciando-a da psicose, e, durante seu trabalho clínico, destaca que não há Outro nos autismos. O conceito de Outro é descrito pela primeira vez em 25 de maio de 1955, “[...] termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou ainda Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558).

Para Rosine Lefort, a relação do autista com o mundo exterior é permeada por ameaças de invasão, uma vez que o Outro possui um estatuto absoluto, sem falhas, de modo que o sujeito ficaria à mercê desse Outro. Rosine e Robert Lefort, a partir do ensino de Jacques Lacan, destacaram pontos importantes como a dialética do significante e dos matemas. Nesse sentido, distanciam-se da noção de déficit no autismo e de uma abordagem fenomenológica dos sintomas. “Convencido da justeza com a qual Lacan sustenta que o autista é um sujeito falante, fomos conduzidos a uma abordagem topológica que se impôs por si mesma.” (LEFORT, 2017, p. 12). Destacamos, nesta pesquisa, a abordagem topológica na clínica com autistas, uma vez que “O autista não é um deficiente mental, mas um sujeito que trabalha para temperar sua angústia.”<sup>3</sup> (MALEVAL, 2009, p. 9).

Rosine Lefort, ao encontrar Marie-Françoise pela primeira vez, apresenta o que a toca no encontro com a criança, que à época estava com 30 meses. Refere que o olhar de Marie-Françoise parecia estar morto e vazio. A menina não conseguia tocar os objetos, a não ser com a ponta do dedo indicador ou com o nariz. Ela também não conseguia estabelecer contato com as pessoas, não andava e tampouco falava. Suas expressões consistiam em balançar o próprio

---

<sup>3</sup> No original, “L'autiste n'est pas un handicapé mental, mais un sujet au travail pour tempérer son angoisse.”

corpo, bater a cabeça no chão e emitir gritos. A criança sofria de bulimia depois de ter passado por uma anorexia. No encontro com a criança, Rosine relata o quanto as manifestações de distanciamento efetuadas por Marie-Françoise através de recusa de alimentos e dos objetos oferecidos, mostravam o lugar ocupado pelo outro, ou seja, “[...] um outro que aparece em seu real, absoluto, não furado, ou seja, sem nenhum lugar para o pequeno sujeito que o interroga.” (LEFORT, 2017, p. 15). Destacamos aqui um trecho de relato de sessão:

Na segunda sessão, em 1 de outubro, ela começa se balançando, sem me olhar, e depois vira o rosto para mim, assim, me vendo. Então, demonstra seu mal-estar frente à comida. Pega os biscoitos e as balas para em seguida, atirá-los longe e faz o mesmo com o prato de alumínio e com a colher. No fim, tudo é uma poça de leite espalhado pelo chão, incluindo meus óculos, que ela pegou depois de ter puxado meus cabelos... Entretanto inquieta-se e não consegue encontrar saída para seu caos interior evidente. Só consegue uma saída, através do balanceio de seu corpo, soltando gritos guturais, com olhos fechados. (LEFORT, 2017, p. 14-15).

Rosine diz sobre a relação do autista com o mundo, que ele se sente constantemente ameaçado por uma espécie de intrusão. Tendo em vista que ele se sente estrangeiro no mundo, as manifestações de autodestruição e rechaço ao outro estão presentes em tempo integral. Os alimentos, por exemplo, podem ser sentidos como uma intrusão vinda do Outro. “Faltam, portanto, na ausência do retorno em circuito, a fonte da pulsão, a zona erógena da boca, e seu alvo.” (LEFORT, 2017, p. 17). Nesse sentido, há uma ausência do circuito pulsional, que percorre e contorna os objetos, Rosine diz que “[...] o objeto, longe de faltar, aparece no primeiro plano de um real intolerável.” (p. 17).

A bulimia de que sofre Marie-Françoise, segundo Rosine, é sinal de uma forma de falência do desejo, “[...] o desmoronamento do sujeito enquanto desejante, o que gera o desaparecimento do Outro enquanto polo relacional.” (LEFORT, 2017, p. 18). Na ausência do Outro enquanto polo relacional, o sujeito autista parece se esvaziar do desejo. Assim, no tratamento de Marie-Françoise, Rosine nos adverte sobre a importância do analista não tomar um lugar intrusivo, fazendo demandas às crianças, pois isso as ajudaria a retomar o lugar desejante, saindo de uma posição passiva diante de um Outro absoluto. “É esse saber que me anima e essa certeza de que eu não devo tomar o lugar intrusivo do Outro alimentador, a fim de que ela possa sair de sua passividade.” (p. 19.)

Para concluir, diante de uma série de autores que se dedicaram ao estudo dos autismos, podemos pensar a clínica de maneira ampliada, avançando para além de fenômenos sintomáticos e protocolos. Para tanto, enfatizamos uma declaração do autista Jim Sinclair:

É preciso muito trabalho para se comunicar com alguém que não tem a mesma língua materna que você. E o autismo vai além dessa questão da cultura e da linguagem; pessoas com autismo são estrangeiros em qualquer sociedade. Você terá que abrir mão de certezas e deixar que o outro ensine um pouco sobre sua linguagem, e permita que ele te guie para mostrar um pouco de seu mundo. (1993, p. 2).

Nas pesquisas desenvolvidas a partir da década de 1980, presenciamos grande ênfase na psiquiatria biológica e nas correntes genéticas como tentativas de buscar as causas dos autismos, porém, “[...] nenhum trabalho conseguiu comprovar [...] que o autismo verdadeiro [...] seja de origem puramente orgânica.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 43). Segundo Ansermet e Giacomino, no livro *A cada um o seu genoma* (2013), há muitas pesquisas sobre autismo, que investem seus estudos nas causas biológicas e genéticas, e, nesse sentido, “[...] tenta-se explicar e controlar, a partir das bases biológicas o que nos escapa do que é humano. Tenta-se fazer desaparecer os enigmas do sujeito.” (ANSERMET; GIACOMINO, 2013, p. 36).

Muito interessante é a forma como Sérgio Laia fala sobre o autismo como uma “marca humana”. “Por conseguinte, a *marca humana* comporta também algo da obscuridade que Freud encontrou no funcionamento autoerótico das pulsões e das quais o autismo concebido por Bleuler procurava afastar-se.” (LAIA, 2018, p. 139; grifos do autor). O autor traz para a contemporaneidade: “Esse autismo generalizado é particularmente presente nos dias de hoje, tal como verificamos no apego aos celulares: cada vez mais colados ao corpo, estes e tantos outros aparelhos são, a presença do Outro como o corpo mesmo.” (p. 138).

Em 4 de outubro de 1975, na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, Lacan, ao ser questionado se tratava de autistas, responde afirmativamente, e em seguida diz: “[...] eles têm algo a nos dizer..., e somos nós que não os ouvimos...”. Lacan, ao longo de seu ensino, não traz muitas indicações específicas sobre os autismos, no entanto, parece apontar para a relação que possuem com a linguagem, assim como fez para definir as estruturas clínicas, marcando a importância da articulação com a linguagem. No final da Conferência, Lacan diz que seu interesse está voltado para o sintoma, por comportar a dimensão humana. No próximo capítulo, aprofundaremos a importância da linguagem, uma vez que ela comporta, como colocou Sérgio Laia, a “marca humana”.

## 2 O CAMPO DA LINGUAGEM E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA

Após o estudo do percurso histórico e dos clínicos que se dedicaram às pesquisas sobre os autismos e suas diferentes concepções, partiremos para a fundamentação teórica que comporta um dos eixos desta pesquisa. No presente capítulo, se faz necessário o estudo da constituição subjetiva e do campo da linguagem. Tomamos como base a leitura feita por Michele R. Faria (2019) da obra de Jacques Lacan, na qual ela propõe que, no ensino lacaniano, podemos ler, ao longo de sua obra, quatro teorias sobre a constituição do sujeito, que se complementam. Partiremos desse pressuposto e da leitura feita pela autora para desenvolver a articulação da constituição do sujeito com a linguagem. Michele R. Faria estabeleceu as quatro teorias sobre a constituição subjetiva, sendo elas: o estágio do espelho, o complexo de Édipo, a teoria da alienação e separação e a teoria dos nós. Essas quatro teorias da constituição do sujeito serão os alicerces para pensar sobre a estrutura do autismo.

Ressaltamos que o campo da linguagem está presente antes mesmo do nascimento do bebê, ou seja, quando uma criança chega ao mundo, já encontrará uma narrativa sobre ela, e nesse enredo, há um universo de significantes, fantasias parentais, expectativas e crenças pertencentes a uma determinada cultura. Os sujeitos, desde sua origem, encontram-se de maneira antecipada assujeitados pela linguagem. “Lacan pensou o sujeito no que este tem de mais efêmero e raro, junto com o que nele há de mais materialista e universal; a linguagem.” (DUNKER, 2016, p. 13).

O campo da linguagem, pela sua natureza de comportar os significantes da cultura, trata-se do que Lacan nomeou como grande Outro. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 194). O Campo do Outro estaria mais próximo do que é mais rico para os humanos, ou seja, sua herança na civilização, o saber, a cultura e a linguagem. “O grande Outro como discurso do inconsciente é um lugar [...]. É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito.” (QUINET, 2012, p. 20).

O campo da linguagem tomará um lugar de destaque nesta pesquisa, uma vez que, para o estudo dos autismos, é importante destacar as particularidades e a relação que estabelecem com a linguagem. Segundo Michele R. Faria, “O grande Outro é definido como o campo da linguagem, como o tesouro dos significantes.” (2016, p. 38). A autora ainda destaca a importância da linguagem, eixo fundamental para a constituição da criança: “O Outro primordial é o nome dado por Lacan à função da mãe como suporte da linguagem nos cuidados

primordialmente dispensados à criança, é sua maneira de destacar a função de suporte do lugar do Outro exercida pelo cuidador.” (p. 38). Ou seja, a criança ainda muito pequena não consegue nomear seus desconfortos, como, por exemplo, quando sente fome, sede ou alguma dor, e, nesses momentos, necessita de um outro, que lhe ofereça sentido às suas vivências, “[...] a mãe, porque entra no circuito fornecendo sentido, opera enquanto suporte privilegiado do campo da linguagem da criança.” (p. 38). A mãe, ao oferecer significantes ao bebê, na medida em que se dedica aos seus cuidados e proteção, nomeia as reações da criança, amparada nas palavras a mãe vem a ocupar o lugar do Outro primordial.

A linguagem será veiculada inicialmente a partir do discurso dos pais. A enunciação dos significantes é apresentada pelo Outro, o que permite uma “cifra” ao sujeito e seu lugar na filiação. Há uma marca significativa que se produz por meio da maneira como o sujeito foi falado, ou seja, o sujeito se constitui a partir da transmissão dos significantes. “Como ser falante que é, qualquer determinação de *sujeito* depende do discurso.” (VORCARO, 2003, p. 220; grifos da autora). No entanto, há algo de inapreensível, uma vez que cada criança tomará o discurso de maneira particular. As estruturas simbólicas das relações, a trama do discurso familiar, os significantes da cultura e a transmissão do desejo são essenciais na constituição de cada sujeito. A constituição da criança estará intrinsecamente entrelaçada ao encontro com o Outro e com a linguagem. Ainda que existam heranças simbólicas que antecedem o bebê, e que de certa forma o enlaçam em uma trama, o sujeito a partir de suas escolhas inconscientes, poderá traçar diferentes percursos ao que já estava dado. O nascimento de uma criança provocará a precipitação do enigma de sua origem, permanecendo, assim, na instância do indizível. Cada criança, com sua carga de herança simbólica, amparada no discurso do Outro, formulará sua resposta diante de seu encontro com o enigmático e com o irrepresentável, que poderíamos entender pelo que Lacan nomeou como Real. “Nesse sentido, o sujeito como resposta do real, é uma consequência da proposição significativa, que se tem transmitido como saber, no lugar do impossível saber sobre os sexos.” (SUÁREZ, 2004, p. 33).

A teoria psicanalítica nos remete a pensar sobre a origem da vida e a “resposta” elaborada por cada criança, assim, algo do incognoscível se apresenta. “A emergência do sujeito provém de um ato que ao mesmo tempo desorganiza e reorganiza o que o precede, de maneira a cada vez única. O sujeito é sempre uma exceção ao universal.” (ANSERMET, 2003, p. 13). Nosso trabalho, sobre a estrutura autista, toca no sofrimento e na angústia provocada pelas palavras, e pela emergência da voz e do olhar do outro. Presenciamos, com certa frequência, os autistas se afastarem do olhar das pessoas, além de possuírem dificuldades com a linguagem, sobretudo no que concerne a expor sua própria voz, seja em um discurso, ou no encontro com

a voz do outro. No entanto, o autista está inserido na linguagem, uma vez que a angústia provocada pela pluralidade de sentidos que as palavras comportam, faz com que eles constituam formas de defesas. A partir do estudo da obra de Jean Claude Maleval gostaríamos de destacar:

Ainda que o sujeito autista se defenda da linguagem, ele está imerso, desde antes do nascimento, num banho verbal que o afeta. Prova disso é a produção dos objetos pulsionais, oriundos do recorte da linguagem no corpo. Ainda que permaneçam reais, não integrados ao circuito pulsional, o sujeito autista deve se haver com ele. Sabe-se o quanto ele se protege da voz, tapando os ouvidos, e do olhar, escondendo-se, ao passo que seus transtornos alimentares mostram as inquietudes associadas ao objeto oral e sua difícil aquisição do asseio revela os temores suscitados pela cessão do objeto anal. Todos estes objetos reais são, para ele, angustiantes – sua presença desperta o risco de uma perda insuportável. (MALEVAL, 2017, p. 125).

Para tanto, ao aprofundar a relação dos autistas com os objetos e com a linguagem, e o tratamento que destinam a eles, recorreremos às autobiografias, posto que os autores, por meio de uma narrativa muito singular, descrevem as particularidades de seu funcionamento psíquico.

## 2.1 A constituição do eu e o estádio do espelho

Nessa abordagem sobre a constituição do sujeito humano, iniciaremos com o conceito de *Eu* em Lacan, e sua constituição, precisamente o que o autor denominou como “Estádio do Espelho”, uma vez que a constituição do *eu* se encontra articulada à constituição de uma imagem unificada do corpo. A palavra *estádio* marca uma diferença de *estágio*, uma vez que, para pensar a constituição da criança, nossa ênfase, seguindo o ensino lacaniano, será dada aos tempos lógicos da constituição, nos distanciando da concepção de fases de desenvolvimento na vertente cronológica. “O estádio do espelho, eu o tenho frisado, não simplesmente um momento do desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu” (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 91). Uma das questões fundamentais no debate sobre as etapas do desenvolvimento parte da ideia do tempo necessário para que a criança cresça e se desenvolva. Vale ressaltar que não desconsideramos que o tempo para a criança é precioso, no entanto, para pensar a constituição subjetiva, tomaremos para essa análise a vertente do tempo lógico e das operações topológicas. Para Lacan, é a partir do sexto mês que a criança começa a se reconhecer no espelho e essa operação se desdobra na percepção de um corpo próprio. Apesar de se reconhecer no espelho com um corpo unificado, o bebê, nessa idade, ainda não possui capacidade motora para andar ou mesmo para se manter de pé. Lacan, então, fala sobre a “assunção jubilatória”, experiência que o bebê

experimenta ao se reconhecer no espelho. “O eu confunde-se com a imagem refletida no espelho, ilusão de unidade que a forma totalizante do corpo dá ao ser.” (FARIA, 2016, p. 40). Apesar da imaturidade motora, própria a uma criança pequena, ao se reconhecer no espelho, ela vive uma experiência de júbilo, pois, ao se reconhecer em um corpo de forma “completa” e não fragmentada, temos nessa experiência uma antecipação de um corpo próprio, ainda em formação e, como formula Lacan, a matriz para a constituição do *eu*.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p. 97).

Essa operação se dá por intermédio e suporte da linguagem, atravessada pelo olhar e pela voz de um Outro primordial, normalmente por aquele que exerce a função materna. “O *eu* é, na definição de Lacan, fruto da alienação ao Campo do Outro, ao significante que dá suporte à linguagem.” (FARIA, 2016, p. 41). Como nos esclarece Michele R. Faria, essa alienação ao campo do Outro é estruturante, sendo a matriz do *eu*, uma vez que oferece à criança a imagem de um corpo unificado, mesmo que, nesse momento, ainda seja ilusória.

“As imagens, especialmente as imagens enganosas do espelho esférico representam o imaginário, a estrutura ilusória do *eu*.” (EIDELSZTEIN, 2018, p. 38). Essa alienação ao Campo do Outro, e aos significantes oferecidos à criança, serão os alicerces para a constituição do *eu*. Nessa operação de alienação, Lacan destaca que a criança solicita uma confirmação do Outro, ela faz um apelo para a confirmação de que se trata dela na imagem no espelho, ou seja, a criança, ao se virar em direção ao Outro, busca no olhar e na voz, uma consistência para o *eu* que vê no espelho. Assim, “[...] no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela pelo olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava*.” (LACAN, [1946] 1998, p. 685).

Há uma questão que gostaríamos de formular sobre a demanda da criança no gesto de voltar-se para a mãe no intuito de confirmar sua imagem no espelho. Ao demandar por um reconhecimento, há um apelo ao Outro, indicando uma posição de alienação. O Outro da linguagem diz à criança quem ela é, o apelo ao reconhecimento e confirmação do “eu sou” se constitui na relação com o Outro. Somente por intermédio do Outro a criança pode ter uma

confirmação sobre ela, sendo essa operação essencial para a constituição subjetiva. Na criança autista, podemos pensar que haveria a ausência desse apelo ao reconhecimento da imagem que se reflete no espelho. Por se tratar de uma posição de alienação aos significantes oferecidos pelo Outro, como poderíamos pensar a posição da criança autista, uma vez que ela parece “recusar” essa primeira alienação aos significantes? Voltaremos a essa questão no decorrer da pesquisa, porém, neste momento, nos parece essencial demarcar o estatuto do *eu*, e para esclarecer a distinção entre o *eu* e o sujeito, cito Faria:

Entre um tempo e outro, no intervalo que dá a distância entre a imagem unificada de si e a necessidade de confirmação, na distância do *ideal do eu* ao *eu ideal*, está o sujeito. É essa intransponível distância, para sempre marcada como intervalo, como hiância, como falta, que dá ao sujeito seu lugar. O esquema permite, portanto, mostrar que o sujeito é, por definição, distinto do *eu*. (FARIA, 2016, p. 44; grifos da autora).

Considerando-se a hipótese de que na criança autista estaria ausente o apelo à confirmação de sua imagem no espelho, poderíamos supor a ausência de uma hiância, na qual não se produziria o intervalo entre o ideal do eu e o eu ideal. Como vimos na citação de Faria, o sujeito, diferentemente do *eu*, se constitui a partir de um espaço vazio, entre o eu ideal e o ideal do eu. Nessa hiância, nesse vazio, há uma operação, na qual a falta instituída, o intervalo, é o campo no qual o sujeito poderá se constituir. A partir da alienação aos significantes, e a confirmação do apelo diante do espelho, o *eu* assume uma consistência, porém, o sujeito se presentifica a partir de um resto que a operação de apelo deixa para trás. Assim, somente pela confirmação de sua imagem no espelho, pela intermediação do Outro, o *eu* adquire consistência. No entanto, a criança não se fixa unicamente nessa imagem e vai questionar sobre o seu lugar no desejo materno, ou seja, sobre o que ela representa no desejo do Outro; temos, nesse momento, a emergência do sujeito. A constituição do *eu*, apoiada na imagem alienante e na experiência de júbilo, pertenceria ao registro imaginário. A constituição subjetiva, por sua vez, depende da inscrição do registro simbólico, instaurado pela falta e pelo enigma do desejo materno.

No *Estádio do Espelho* temos as bases para a constituição do *eu* e do sujeito. Lacan define que, para a constituição do *eu*, é essencialmente necessário que ocorra a inscrição do registro imaginário, pois, como vimos anteriormente, somente por meio da ilusão do corpo unificado, a criança poderá constituir um *eu*. “Para Freud, como para Lacan, essa experiência do corpo próprio como unidade é o resultado de uma construção, que só é possível na relação com o outro.” (FARIA, 2017a, p. 53). Reiteramos que é por meio do *Estádio do Espelho* que a

criança irá se identificar e se reconhecer com a imagem de um corpo próprio. Essa operação só poderá ocorrer com o suporte da linguagem, aliada à confirmação do Outro ao apelo da criança, ou seja, no instante da demanda que solicita a confirmação de seu reflexo no espelho. Segundo Eidelsztein (2018), “Para o ser humano, a imagem narcisista somente é acessível através da *mediação do Outro* [...]”, a função do Outro permite ao sujeito uma antecipação ilusória e estruturante, e, ainda, “O narcisismo humano, ou seja, a relação, sempre relativamente falha, do sujeito com a própria imagem, está intermediada pela função do Outro.” (p. 38). A ilusão de uma unidade corporal é fundamental para a maturação da criança, pois, como esclarece Lacan, essa antecipação de um corpo ainda por vir revela que o aparelho psíquico antecede a maturidade motora, ou seja, o domínio imaginário do corpo é anterior ao domínio motor. “E é aí que a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu.” (LACAN, 1986, p. 96). Assim, é por meio da imagem no espelho que a criança olha para a mãe para entender o lugar que ela ocupa. A imagem confirmada pelo outro será estruturante para a constituição do sujeito. A imagem, no entanto, não possui uma fixidez, uma vez que haverá um hiato, e a cada momento a mãe poderá voltar seu olhar para outros interesses. “Essa relação especular está na base da formação da imagem corporal e, como vimos, trata-se de algo que depende fundamentalmente do registro imaginário. Porém, este imaginário depende do simbólico.” (LUCERO; VORCARO, 2017, p. 6). Há uma ligação com o registro simbólico, uma vez que a criança não se limita àquela imagem, há um resto nessa operação, e a criança poderá criar versões particulares sobre o que o Outro diz sobre ela.

Para Lacan, a criança conquista a imagem de seu corpo, apoiada em uma realidade virtual. A importância do *Estádio do Espelho* como experiência ilusória é fundamental para a articulação entre os registros imaginário e simbólico, pois, como vimos, essa experiência comporta a possibilidade, para a criança, de sua entrada no campo simbólico. Cito Lacan:

Por um lado, a experiência da realidade introduz, sob a forma da imagem do corpo, um elemento ilusório e enganador como fundamento essencial do referenciamento do sujeito em relação à realidade. Por outro, a margem que essa experiência oferece à criança dá-lhe a possibilidade de realizar, numa direção contrária, suas primeiras identificações do eu, entrando num outro campo. (LACAN, 1999, p. 234).

Para destacar a importância do registro imaginário nesta pesquisa, retomaremos o capítulo I da tese, no qual descrevemos o tratamento de Dick conduzido por Melanie Klein. Klein estabelece ênfase na fantasia do menino, e marca, dessa maneira, seu modo singular de conduzir a análise da criança. A analista destaca uma predominância das fantasias de caráter

sádico-oral, nas quais o corpo da mãe seria dotado de objetos que a criança incorpora e teme ao mesmo tempo, temores esses advindos de impulsos agressivos dirigidos ao corpo materno. A criança quase não falava, era indiferente a objetos e brinquedos, no entanto, se interessava por trens e maçanetas de portas. Melanie Klein elabora interpretações sobre a relação de Dick com seus pais e enfatiza a angústia sádica dirigida ao corpo da mãe e os temores em ser castigado pelo pênis do pai e conclui que essas angústias provocaram no menino um difícil acesso às elaborações simbólicas. Lacan, em *O Seminário I – Os escritos técnicos de Freud* ([1953-1954] 1986), diz que Melanie Klein aponta para as dificuldades de Dick em estabelecer relações com os objetos, e que há uma pobreza em seu mundo imaginário. “Se resumimos agora tudo o que Melanie Klein descreve da atitude dessa criança, o ponto significativo é simplesmente este – ela não faz nenhum apelo.” (LACAN, 1986, p. 101). Nesse ponto de ausência de apelo ao outro, recorremos a Lacan:

Ora, o de que se trata é que essa criança não emite nenhum apelo. *O sistema pelo qual o sujeito vem se situar na linguagem é interrompido, ao nível da palavra.* Não são a mesma coisa, a linguagem e a palavra – essa criança é, até certo nível, mestre da linguagem, mas ela não fala. É um sujeito que está aí e que, literalmente, não responde. A palavra não chegou a ele. A linguagem não envolveu o seu sistema imaginário, cujo registro é excessivamente curto – valorização dos trens, dos botões das portas, do lugar negro. Suas faculdades, não de comunicação, mas de expressão, estão limitadas a isso. Para ele, o real e o imaginário são equivalentes. (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 102; grifos meus).

Sublinhamos que Lacan coloca que o que está interrompido é a dimensão da palavra. Furtado esclarece que Dick se relaciona com os objetos sem que haja a intermediação das palavras; é por essa razão que há tantas dificuldades para a nomeação dos objetos, pois, por não serem nomeados, acabam ficando sem sentido, ao passo que, se permeados pelas palavras, estariam inscritos na memória e, conseqüentemente, no registro simbólico. “O que acontece a Dick [...] é uma relação marcada essencialmente pelo predomínio da confusão do registro imaginário e do real, sem a mediação simbólica, que permita a inscrição da diferença” (FURTADO, 2021, p. 169).

No caso Dick, a ausência do chamado ao Outro é assinalada por Lacan, e essa particularidade é essencial para pensar a clínica. “Algo do sujeito autista ficou retido na passagem da linguagem à palavra por seu rechaço para entrar na dimensão do chamado.” (BAYÓN; TENDLARZ, 2020, n.p.)<sup>4</sup>. Assim, o sujeito não se enlaça ao chamado, nesse sentido

---

<sup>4</sup> No original, “Algo del sujeto autista quedó detenido en ese pasaje del lenguaje a la palabra por su rechazo a entrar a la dimensión del llamado.” (Todas as traduções do espanhol são de minha autoria).

“[...] não se produz a constituição do Outro, e, portanto, não há enodamento entre o simbólico e o imaginário próprio do estádio do espelho.” (n. p.)<sup>5</sup>. A passagem da linguagem à palavra, ao ficar retida, assinala que não houve a inscrição do Outro simbólico, obturando-se toda inscrição desejante. É importante ressaltar que, nos autismos, o Outro comparece com estatuto real e totalizante.

Nas intervenções de Klein, principalmente ao oferecer nomeações à criança, por meio das associações que faz com os trens e as fantasias dirigidas aos pais, se produzem efeitos significativos no tratamento. “O que foi então que Melanie Klein fez? – nada além de introduzir a verbalização.” (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 102). Assim que Klein nomeia para Dick “*Dick pequeno trem, grande trem Papai-trem*” (p. 100), a criança começa a brincar. “O que organiza não é, entretanto, a interpretação, é o fato de serem palavras e de elas nomearem. Trata-se do valor imaginário, e não simbólico dessas palavras.” (FARIA, 2011, p. 135). Faria esclarece que Dick não diferencia o *eu* do *não eu* em sua relação com o mundo, e isso faz com que a criança tome a realidade com indiferença. A autora ainda destaca que, com o tratamento, produziu-se um efeito organizador, uma vez que o imaginário fez um recobrimento no real. O efeito do tratamento pode ser notado quando a criança faz um primeiro apelo, ou seja, um endereçamento, ao perguntar para Melanie Klein sobre sua babá, que havia se ausentado da sala. “A criança verbaliza um primeiro apelo – um apelo falado [...]. É uma primeira comunicação no sentido próprio, técnico, do termo.” (LACAN, 1986, p. 103).

A partir de sua mediação, Dick foi capaz de emitir um apelo direcionado à babá, além de começar a falar de forma mais organizada. Seu vocabulário e seus objetos de interesse ganham novos horizontes, uma vez que é capaz de substituí-los por outros, respeitando suas limitações estruturais. As demonstrações de afeto a Klein e à babá também são conquistas nesse salto feito em sua relação com a linguagem, com o Imaginário e com o Real. (FURTADO, 2021, p. 204).

Como assinala Furtado, o mérito das intervenções de Klein foi “criar uma borda entre Dick e seu mundo” (FURTADO, 2021, p. 173); a partir das verbalizações de Klein, apoiadas nos objetos de interesse, Dick começou a falar e a se interessar em nomear os objetos.

A sustentação do olhar do Outro, ancorado nos significantes, que dá consistência ao corpo da criança, não se efetua nos autismos. Desse modo, a operação lógica do estádio do espelho permanece comprometida. Laurent (2014) cita o exemplo de uma jovem autista, caso

---

<sup>5</sup> No original, “[...] no se produce la constitución del Otro, y por lo tanto no hay el anudamiento entre lo simbólico y lo imaginario propio del estadio del espejo.”

no qual a interação com a mãe pode nos orientar sobre a impossibilidade do estabelecimento do estádio do espelho e seus desdobramentos, o que resulta na impossibilidade de constituição corporal. Vejamos o exemplo da jovem autista, Garance, que se olha no espelho e interroga,

- Isso é Garance?
- Sim, é Garance. Você é minha filha.
- Você é minha filha?
- Não, eu sou sua mãe e você é minha filha.
- Eu sou minha filha?
- Você tem de dizer ‘eu sou sua filha’, Garance. Repita.
- Eu sou sua filha, Garance.

Garance saiu do quarto onde percebeu seu reflexo no espelho. Volta subitamente atrás, para verificar se, por acaso, ele ainda lhe sorri. (LAURENT, 2014, p. 100).

Considerando que o registro imaginário pode ser compreendido inicialmente com a concepção do *Estádio do Espelho*, e com isso a constituição do *eu*, avançaremos neste estudo, aprofundando outro momento da constituição subjetiva, que Lacan denomina como Complexo de Édipo.

## 2.2 Complexo de Édipo

Faremos uma breve aproximação em relação ao Complexo de Édipo, uma vez que, para a nossa pesquisa, outros momentos da constituição do sujeito se revelaram mais propícios à análise das estruturas autísticas.

Na psicanálise, o Complexo de Édipo é um dos pontos fundamentais, uma vez que irá definir a estrutura do sujeito e, com isso, marcar a posição particular de cada um nas diferentes formas de inserção no campo da linguagem. Como foi destacado, há uma anterioridade do campo da linguagem para todos os sujeitos humanos. Desse modo, esse campo se configura de maneira tal que cada sujeito deverá elaborar esse encontro, uma vez que todos os humanos estão submetidos à linguagem.

Em *O Seminário 5 – As formações do inconsciente* ([1957-1958] 1999), Lacan apresenta sua teorização sobre o complexo de Édipo e o considera como *ponto nodal* na definição das estruturas clínicas. Por pontos nodais temos as seguintes definições: são pontos estratégicos, pontos de decisão, que comportam junções e cruzamentos, e podem ser compreendidos como momentos de passagem. Portanto, por meio do complexo de Édipo, Lacan nos apresenta os pontos nodais de “decisão” e “passagem” para compreender a neurose, a

psicose e a perversão. O percurso edípico fundamenta-se em uma dialética de proibição ao incesto e da interdição do desejo materno, que estarão permeados pela função simbólica do pai. O lugar e a função do pai serão determinantes para o declínio e a saída do Complexo de Édipo. Lacan também percorre um conceito fundamental, examina-o detalhadamente, nomeando esse conceito de “metáfora paterna”, que estará articulada ao complexo de castração e à função simbólica do pai.

Por meio do significante “Nome-do-Pai”, Lacan vai atribuir um lugar simbólico ao pai. A função paterna estará vinculada ao significante, distanciando-se da figura do pai da realidade, ou seja, a função simbólica do pai, na constituição edípica, não estará necessariamente atrelada à presença do pai enquanto sujeito presente na realidade. Como esclarece Quinet (2015), o Nome-do-Pai é um significante estrutural, não é equivalente ao genitor, o pai da realidade, pois esse significante já está presente no discurso e no desejo da mãe. “Ele é o significante que permite simbolizar a procriação, as posições feminina e masculina na partilha dos sexos, o que estrutura o Inconsciente como uma linguagem ordenada pelas leis da metáfora e da metonímia.” (p. 38). Lacan assinala: “o pai é uma metáfora”, pois possui o estatuto de significante, sendo que, na metáfora, um significante vem ocupar o lugar de outro significante. Essa operação é o “ pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 180). Mais adiante, Lacan esclarece que a função do pai é o significante que irá substituir o significante materno.

Nas primeiras relações entre a criança e sua mãe já se iniciam os primórdios da simbolização. “Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 188). O bebê, ao desejar a mãe, também se interroga sobre o desejo dela; “o desejo da mãe” resume o desejo por ela e o desejo dela, dentro da lógica lacaniana em que o desejo é o desejo do Outro.” (QUINET, 2015, p. 38). Instaura-se então, seguindo Lacan, a simbolização primordial, na qual a criança se encontra diante do fato de que a mãe direciona seu olhar para outros interesses: “[...] essa simbolização primordial abre, para a criança, a dimensão do que a mãe pode desejar de diferente.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 188). O olhar da mãe ao se voltar para outros interesses, e não tomando a criança em um lugar de investimento único e exclusivo, faz com que esses outros interesses sejam revestidos de valor fálico. Nesse sentido, o falo se institui como objeto “privilegiado na ordem simbólica” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 189).

Para Lacan, o Complexo de Édipo se caracteriza como um “ponto nodal”, na medida em que a posição do pai deve ser compreendida como aquela que barra o desejo materno diante do objeto fálico, se esse for equivalente ao lugar ocupado pelo bebê. Para a compreensão dos

casos clínicos, Lacan coloca uma questão fundamental: “Qual é a configuração especial da relação com a mãe, com o pai e com o falo que faz com que a criança não aceite que a mãe seja privada, pelo pai, do objeto de seu desejo?” (LACAN, 1999, p. 192), e aponta que essas relações tomarão configurações diferentes na neurose, na psicose e na perversão. Aqui se estabelece o ponto nodal, uma vez que haverá um desdobramento, e uma definição das estruturas clínicas. Segundo Lacan, há uma complexidade para o desencadeamento da posição que a criança poderá vir a ocupar, pois o lugar dos pais também comporta aspectos que prevalecem nas relações. Há algo do imponderável nesse desdobramento, na qual o sujeito irá se posicionar por meio do complexo de castração. “Aquilo de que se trata no complexo de castração nunca é articulado e se faz quase completamente misterioso.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 192).

O Complexo de Édipo comporta três tempos lógicos no ensino de Lacan. No primeiro tempo do Édipo, a relação entre a mãe e a criança assume um caráter de prevalência, e está ligada às experiências iniciais do bebê. “A primeira relação de realidade desenha-se entre a mãe e o filho, e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo.” (LACAN, 1999, p. 186). A posição ilusória de onipotência materna, vivida pela criança, marca significativamente o primeiro tempo. Vale ressaltar que a criança, nesse primeiro tempo do Édipo, possui uma posição imaginária, de ocupar o lugar do falo, “[...] mas somente porque esse falo, como objeto do desejo materno, já está previamente constituído.” (FARIA, 2017a, p. 61). Como ressalta a autora, a criança ocupa um lugar de identificação imaginária com o falo, que supostamente preencheria a falta materna. Outro ponto a destacar é que, nesse primeiro tempo, há a ilusão de uma relação de completude entre a mãe e a criança, porém, nesse momento já está instaurada a dimensão de uma ordem simbólica, pela anterioridade do falo no inconsciente e no discurso materno.

Segundo Faria, o Édipo, na leitura lacaniana, possui um estatuto ordenador, na medida em que instaura, por meio da anterioridade lógica da linguagem, o que é estrutural no sujeito humano, ou seja, a falta. Ainda aponta que poderíamos compreender a ilusão do gozo de completude com a mãe como mítica, uma vez que o gozo é para sempre perdido. “É essa perda de gozo sofrida pelo sujeito em sua inscrição na linguagem que faz do primeiro tempo do Édipo um tempo irremediavelmente situado como tempo mítico de gozo.” (FARIA, 2017a, p. 132). A autora nos esclarece que o complexo de Édipo não se trata de algo traumático para a criança que veio a ser barrada pelo pai diante de seu desejo pela mãe, “[...] essa é apenas uma forma encontrada pelo neurótico para fazer a ordenação simbólica do real da perda de gozo, decorrente de sua inscrição no campo da linguagem.” (p. 132). Essa perda de gozo mítico, que é instaurada pela linguagem, permanece para o sujeito como algo da ordem do real, ou seja, marcada pelo

inapreensível. Assim, o Édipo possui uma função, “[...] a articulação, pelo sujeito, de uma impossibilidade estrutural, a interdição do gozo.” (p. 132).

Para finalizar, no primeiro tempo do Édipo, “[...] o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 198). A esse período Lacan nomeia como a “etapa fálica primitiva”, pois já há uma anterioridade do discurso simbólico e, nesse sentido, já existe a prevalência do objeto fálico.

A expressão ‘etapa fálica primitiva’ ressalta, a nosso ver, essa particularidade de tratar-se de uma etapa em que a criança, identificada imaginariamente ao falo, tem a ilusão de ser o falo que completa a mãe, sendo possível sustentar a hipótese da existência de um tempo lógico no qual o falo não tem para a criança o estatuto que adquire nos tempos seguintes. (FARIA, 2017a, p. 63).

No entanto, lembra Faria, o falo como objeto simbólico, só irá se constituir para a criança no final do complexo de Édipo. Para a mãe, o falo enquanto objeto simbólico, já está presente antes mesmo do nascimento da criança, uma vez que já está instaurado todo o sistema simbólico. Sendo assim, a metáfora paterna já se faz presente no caminho de frustrar a criança em ocupar o lugar de desejo da mãe.

Vamos passar ao segundo tempo do Édipo, no qual a incidência da palavra paterna assume um valor prevalente ao pai da realidade. O segundo tempo lógico será marcado pela presença da função paterna enquanto instância que opera a castração simbólica. Lacan o considera como “momento privativo do complexo de Édipo”, na medida em que irá se configurar para a criança a castração materna. A falta materna aliada à queda da identificação da criança em ser o falo da mãe são os pontos cruciais nesse segundo tempo. “Há, simultaneamente, a quebra da ilusão fálica da criança, e a constatação da falta no Outro, de um desejo no Outro.” (FARIA, 2017a, p. 75).

Se, no primeiro tempo, a função paterna ainda permanecia distante do universo da criança, nesse momento, o pai “[...] aparece mediado no discurso da mãe [...] ele então aparece menos velado do que na primeira etapa, mas não é completamente revelado.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 209). A interdição que o pai vem a instaurar se endereça à mãe e à criança, ou seja, a castração simbólica destitui a criança do lugar de objeto do desejo materno.

É na medida em que a criança é desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se, e na qual ela exerce a função de ser o objeto metonímico desta, que pode se estabelecer a terceira relação, a etapa seguinte, que é fecunda. (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 210).

Para Quinet, a instância paterna marca que há uma interdição do Outro materno onipotente, abrindo-se o caminho para o registro simbólico. Instaura-se, dessa forma, a lei simbólica para a criança, na medida em que há um Outro barrado. Por meio da metáfora paterna que comporta a castração simbólica, o falo passa a possuir o estatuto de significante. Isso quer dizer que o sujeito poderá presentificar-se na filiação e no sexo, e “[...] passa de uma posição de ser o falo a uma posição de falta-a-ser, entrando na dialética do ter ou não ter.” (QUINET, 2015, p. 42).

No terceiro tempo lógico do Édipo, Lacan diz que essa etapa é tão importante quanto a segunda, uma vez que nesse período será instaurada a saída do Édipo. O lugar paterno nesse fechamento, nessa saída, deve ser mantido como aquele que instaura e sustenta a lei simbólica. “É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não que o é, que se pode produzir a balança que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 200). O pai, nesse terceiro tempo, é marcado com a posição de um pai potente e doador, distanciando-se do pai do segundo tempo, que se apresenta como onipotente e que priva a criança do lugar exclusivo do desejo materno. Nesse sentido, Lacan coloca que a saída é favorável, na medida em que ocorra uma identificação com o pai, com aquele que possui o falo. “Essa identificação chama-se Ideal do eu.” (LACAN, [1957-1958] 1999, p. 200).

“Que o pai possa dar o falo é o que revela a distinção fundamental entre a onipotência do pai no segundo tempo e sua potência no terceiro tempo.” (FARIA, 2017a, p. 83). O pai assume o estatuto de uma função simbólica, passa de onipotente a potente, e o falo passa de objeto imaginário a objeto simbólico. Esse estatuto comporta a possibilidade do objeto circular entre os sujeitos.

No percurso do complexo de Édipo, se constituem a demanda e o desejo. “Assim, dado que o chamado não se constitui no autismo, o sujeito não ingressa no nível da demanda e do desejo.” (BAYÓN; TENDLARZ, 2020, n.p.). Para finalizar, sublinhamos que, nos autismos, a passagem da linguagem à palavra se encontra retida, uma vez que não houve a inscrição do Outro simbólico. A travessia edipiana sofreu uma retenção, uma vez que houve a impossibilidade pela passagem dos três tempos lógicos e, conseqüentemente, a não circulação do falo e sua inscrição na dimensão simbólica.

### 2.3 Alienação e separação

No ano de 1964, Lacan avançou em seu ensino, especialmente sobre as estruturas e operações de constituição do sujeito. Tomaremos como referência *O Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* ([1964] 1985), para tratar dos momentos lógicos que Lacan nomeou como alienação e separação. Nesse Seminário, o autor trabalha alguns conceitos fundamentais, como pulsão, repetição, transferência e gozo, além de retomar dois campos, sendo eles, o campo do sujeito e o campo do Outro. Para transmitir a importância dos registros simbólico, imaginário e real na constituição do sujeito, Lacan, por meio das operações lógicas da alienação e separação, obterá, na matemática, recursos para destacar mais uma vez a importância da linguagem. As operações de união e intersecção serão fundamentais para Lacan desenvolver os momentos lógicos da constituição subjetiva. No *Seminário 11*, Lacan se afasta mais uma vez das teorias apoiadas no desenvolvimento e se aproxima da topologia. Quanto à topologia, “Lacan a tomará como valioso recurso para abordar a estrutura com a qual o psicanalista opera, o inconsciente.” (FARIA, 2019, p. 22). Há também, nesse Seminário, conceitos fundamentais como Outro, Real e objeto *a*, de modo a fornecer elementos para pensar a clínica e a constituição do sujeito.

Na operação de alienação, a criança dependerá dos significantes advindos do Outro materno para se estruturar. A constituição subjetiva do bebê estará enlaçada com a presença de um Outro Primordial, que oferecerá à criança significantes que a nomeiem e, por essa razão, a alienação aos significantes é fundamental, uma vez que a criança poderá se identificar a eles e, posteriormente, se representar. “Toda condição alienante, torna-se, também, nesse tempo, condição de sobrevivência e necessidade constitutiva.” (FERNANDES, 2011, p. 110).

A alienação é *estruturante*, porém comporta uma *hiância*, uma *falta*, uma vez que as palavras não conseguem integralmente dar conta de todos os sentidos. No momento da alienação, o sujeito se identifica aos significantes, o que lhe confere um lugar, porém, esse lugar não o representa totalmente. A partir dessa operação, haverá um resto, “[...] o resto no sentido verdadeiro do termo: algo que vem nos lembrar do fato que não estamos representados, de que existe um limite, de que existem apenas representações parciais.” (LAURENT, 1997, p. 41). Laurent diz que o sujeito é produzido dentro da linguagem e, ao se identificar com o significante-mestre, fica “petrificado”, perde uma parte de seu ser, e se define não apenas na cadeia de significantes, mas também no nível das pulsões, uma vez que se encontra dividido entre as pulsões parciais. “A primeira falta se relaciona com o fato de que o sujeito não pode ser representado inteiramente no Outro; sempre há um resto, um resto que define o ser

sexualmente definido do sujeito.” (LAURENT, 1997, p. 37). O que queremos dizer é que o sujeito se constitui a partir de uma perda de sentido, pois haverá um resto, que não será possível dar conta de representar a totalidade do sujeito. “Não há sujeito sem, em alguma parte, *afânise* do sujeito, e é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito.” (LACAN, [1964] 1985, p. 209). O sujeito depende do outro para se constituir, mais precisamente, depende dos significantes, e estes, por sua vez, não definirão a totalidade de um sujeito. A alienação aos significantes poderá representar o sujeito, porém, de maneira parcial. O sujeito virá a se constituir no campo do Outro, não sendo possível obter uma consciência de si mesmo, sem que haja a articulação dos significantes. “De fato, não podemos conhecer a nós mesmos como sujeitos, não existe autoconsciência de nós: somos obrigados a nos conhecer por meio dos outros.” (LAURENT, 1997, p. 34).

No intuito de articular o campo do Outro e o campo do sujeito, Lacan situa dois lados, o lado do *ser* e o lado do *sentido*. Essa forma de situar ser e sentido o levou a desenvolver o que será designado como a primeira falta no sujeito. A fim de compreender essa divisão, recorreremos a uma reflexão: podemos imaginar uma criança muito pequena, que ainda não possui maturidade para se apropriar da linguagem, a criança, por sua vez, precisa recorrer a um Outro, para solicitar uma representação dela mesma, para nomeá-la, ou seja, serão os significantes que oferecerão os sentidos para representá-la. Ao se alienar aos sentidos, que poderão representá-la parcialmente, há, conseqüentemente, o desaparecimento do ser, ou seja, sem a presença de um outro sujeito, que diga ao bebê que ele possui certos atributos, características pessoais, físicas e que possui um lugar na filiação e no sexo, o bebê não teria condições para constituir uma imagem e consciência de si. Lacan vai dizer que essa primeira alienação seria como um *vel*, referindo-se à divisão do sujeito, na qual ele aparece, de um lado, como sentido e, do outro, como afânise. “Trata-se do *vel* da primeira operação essencial em que funda o sujeito... pois que não se trata de nada menos que essa operação que podemos chamar *alienação*.” (LACAN, [1964] 1985, p. 199).

Ao desenvolver a operação de alienação, Lacan aponta que a criança, para se constituir, precisará estabelecer uma ligação de dependência e ser submetida ao universo da linguagem. Há uma impossibilidade para a existência humana se não houver uma operação lógica na qual o sujeito se deixe alienar pelos significantes.

A primeira, a alienação, é própria do sujeito. Num campo de objetos, não é concebível nenhuma relação que gere a alienação, a não ser a do significante. Tomemos por origem o dado de que nenhum sujeito tem razão de aparecer no real, salvo por nele existirem seres falantes. (LACAN, 1998, p. 854).

A operação de alienação, portanto, não ocorre automaticamente sem a presença de um Outro que possibilite à criança o acesso à linguagem. A criança, em sua condição humana de desamparo, tomará as palavras maternas para constituir bordas em seu corpo. A mãe, por meio de seu universo simbólico, transmite à criança o acesso aos significantes e à linguagem. Quando Lacan ([1964] 1985) desenvolve a operação de alienação no campo do Outro, afirma que “a alienação é o destino”, na qual há uma dependência aos significantes.

As dificuldades na aquisição da linguagem, narradas em algumas autobiografias de autistas, remetem-nos a pensar nesse primeiro momento lógico da alienação, uma vez que a criança, ao se alienar aos significantes, estará em direção ao campo simbólico. Nos autismos, há “impossibilidades” na inserção nos discursos e, por essa razão, questionamos a operação da alienação aos significantes que estão presentes no Outro simbólico. Na estrutura autista, haveria um movimento que poderíamos denominar, apoiados nos trabalhos de Jean-Claude Maleval (2017), como uma “recusa à alienação” aos significantes e, assim, conseqüentemente, a constituição do Outro da linguagem ficaria prejudicada.

A operação lógica da alienação só se efetua com o consentimento do sujeito, e vale lembrar que é uma operação inconsciente. “Lacan define a operação lógica da alienação como alienação à linguagem, porém, para que essa operação se produza, o sujeito deve consenti-la.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>6</sup>. Ao consentir se alienar aos significantes, a criança é dividida pela linguagem, e o Outro simbólico vem a se constituir. “Pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro [...] o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro.” (LACAN, [1964] 1985, p. 178). A alienação comporta uma matriz simbólica, na qual há a inscrição do significante S1 (significante unário), para, posteriormente, articular-se à S2 e construir uma cadeia de significantes. É por essa razão que Lacan coloca “[...] o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que surge o primeiro significante.” (LACAN, [1964] 1985, p. 187). Em outro momento esclarece: “O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por esse fato mesmo, isto – que antes não era nada senão sujeito por vir – se coagula em significante.” (LACAN, [1964] 1985, p. 187).

---

<sup>6</sup> No original, "Lacan define la operación lógica de alienación como alienación al lenguaje, pero para que esa operación se produzca, el sujeto debe consentir a ella."

Porém, é importante destacar que “[...] o rechaço à alienação no autismo não significa que não haja inscrição do significante, mas que o autista rechaça o laço com S2 e com a cadeia significante.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>7</sup>. Os autores esclarecem que os significantes se articulam, se inscrevem juntos, ocorrendo simultaneamente a emergência do sujeito e do Outro, porém, nos autismos, poderíamos dizer que há um “congelamento” no significante unário (S1). No *Seminário 11* ([1964] 1985) Lacan refere que o ser vivente antecede o sujeito. “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (LACAN, [1964] 1985, p. 194). Um significante sozinho não é suficiente para a constituição do sujeito. “Não há sujeito sem S1 e S2. A alienação própria do autismo consiste no corte, na detenção, na não articulação entre S1 e S2,” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>8</sup>. Nos autismos, haveria, então, uma especificidade quanto à operação da alienação, ou seja, não se constitui a articulação aos significantes, que estabeleceria uma cadeia simbólica presente no campo do Outro. O Outro como instância simbólica preexiste ao nascimento de todas as crianças, nos autismos, no entanto, a inscrição do desejo e do Outro na dimensão simbólica malogram. Como colocado por Silvia Tendlarz (2020), haveria um “acidente simbólico” nos autismos, que repercutiria na alienação e na inscrição significante. É por essa razão que a autora destaca, assim como Lacan, a posição dos autistas como sujeitos verbosos, uma vez que não há inscrição de uma cadeia de significantes, revelando as dificuldades de inserção no discurso, e o encapsulamento autístico provocaria rupturas nos laços sociais.

Jean-Claude Maleval (2017) propõe, em seus trabalhos, o termo “rechaço aos significantes”, e articula a operação de alienação à pulsão invocante<sup>9</sup>, “[...] na medida em que a alienação se produz, a palavra permanece articulada à pulsão, e principalmente ao objeto voz.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>10</sup>. Nos autismos, como a operação de alienação é rechaçada, ocorrem as dificuldades para a articulação entre palavra e objeto voz<sup>11</sup>.

Há uma angústia que atravessa os autistas, como aponta Maleval, ou seja, existe uma dissociação entre a linguagem e a voz, o sofrimento passa por não consentir abrir mão do gozo vocal e, com isso, não se opera a alienação aos significantes; conseqüentemente, a interlocução

<sup>7</sup> No original, “El rechazo a la alienación en el autismo no significa que no haya inscripción del significante sino que el autista rechaza el lazo con el S2, y lo tanto, con la cadena significante.”

<sup>8</sup> No original, “No hay S1 sin S2, y no hay sujeto sin S1 y S2. La alienación propia del autismo consiste en este corte, esta detención, esta no articulación entre S1 y S2.”

<sup>9</sup> Lacan apresenta o conceito de pulsão invocante em *O Seminário 10 – A Angústia* ([1962-1963] 2005), refere-se ao apelo direcionado ao Outro.

<sup>10</sup> No original, “[...] en la medida en que la alienación se produce, la palabra queda articulada a la pulsión, y principalmente, al objeto voz.”

<sup>11</sup> Retomaremos a importância do objeto voz no capítulo sobre a autobiografia de Naoki Higashida.

com o Outro fica impossibilitada. Mesmo os autistas considerados de “alto nível”, e que falam com fluidez, acabam se protegendo da interlocução, por meio de uma fala monocórdica, ou ausência de enunciação. Maleval destaca uma alienação própria aos autismos, em que há uma dificuldade na articulação à cadeia simbólica dos significantes e é por essa razão que o laço e a interlocução se tornam problemáticos. Nossa hipótese, nesta pesquisa, considera e compartilha a posição de Jean-Claude Maleval quando ele denomina uma “alienação retida” nos autismos, no entanto, o autista “[...] não é totalmente incólume às repercussões do significante em seu ser, não permaneceu na borda da alienação; ele está na alienação, mas a recusa.” (MALEVAL, 2017, p. 21). Consideramos que o autista, ao não articular uma cadeia simbólica de significantes, permanece em uma posição de “alienação parcial”, porém, os significantes possuem uma ressonância em seu corpo. Sustentamos essa hipótese, uma vez que, na clínica, presenciamos muitas crianças autistas tapando os ouvidos quando a palavra lhes é dirigida, ou seja, se protegem do verbo, como assinala Lacan, e, ao se proteger do verbo, estão na linguagem.

[...] uma criança que tapa os ouvidos – dizem-nos: para quê? Para alguma coisa que está sendo falada – já não está no pós-verbal, visto que se protege do verbo. No que concerne a uma pretensa construção do espaço que aí se acredita apreender, nascente, parece-me antes encontrar o momento que atesta uma relação já estabelecida com o aqui e o lá, que são estruturas de linguagem. (LACAN, [1967] 2003, p. 365).

Se, em um primeiro momento, a alienação consiste no consentimento aos significantes advindos do Outro, no momento seguinte, na “separação”, o sujeito, ao reconhecer a falta no Outro, vai caminhar em direção ao próprio desejo. “Não se trata de uma liberdade pura, mas uma liberdade com a condição de uma escravidão prévia: primeiro um consentimento ao Outro na alienação, depois a liberdade de um desejo próprio na separação.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>12</sup>. Os autores localizam o nascimento do Outro simbólico na alienação, e o nascimento do Outro desejante na operação de separação. Soler aponta que o Outro da alienação não possui os mesmos aspectos do Outro da separação. O Outro da alienação pode ser compreendido como o tesouro dos significantes, enquanto o Outro da separação comporta uma falta, que indica a emergência do desejo. O desejo está na interseção entre o sujeito e o Outro, dessa maneira, marca o lugar da falta, e “[...] a questão que traz o sujeito ao ponto da separação é: o que sou no desejo do Outro?” (SOLER, 1997, p. 65).

---

<sup>12</sup> No original, “No se trata de una libertad pura, sino de una libertad con la condición de la esclavitud previa: primero un consentimiento al Otro en la alienación, después la libertad de un deseo propio en la separación.”

Lacan aponta que a criança desconhece o desejo da mãe, e é nesse ponto que há a possibilidade de se constituir o desejo do sujeito. A partir da falta no Outro, a criança se perguntará sobre o que o adulto deseja. A criança, ao se questionar sobre o desejo do Outro, busca suturar a falta, colocando-se, assim, em uma posição desejante. Na operação lógica da separação, a criança fará um apelo, ela se perguntará: o que o *Outro deseja?* Cito Lacan: “Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge, na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável – ele *me diz isso, mas o que ele quer?*” (LACAN, [1964] 1985, p. 203). O desejo, portanto, se constitui na falta, no intervalo instaurado na relação da criança com o Outro.

Para aprofundar essa operação, cito Soler:

Na interseção entre o sujeito e o Outro há uma falta, uma lacuna. O que é esta falta no Outro? É o que Lacan chama de desejo. Mas porque o desejo tem que necessariamente aparecer na fala? Porque há uma impossibilidade na fala: a impossibilidade de dizer o que se quer. Por exemplo, fala-se de uma pessoa amada, a pessoa que escuta compreende as palavras e frases e pode repeti-las. Pode-se mesmo explicá-las. Quando falamos, podemos desenvolver sentido na medida em que o sentido é sempre produzido entre dois significantes. Podemos comunicar esse sentido e explicá-lo, mas a pergunta para o ouvinte é, aonde ele quer chegar? O que ele quer realmente? (*Où veut-il en venir?*). (SOLER, 1997, p. 63).

Soler coloca que, diante da fala, podemos identificar um enunciado e uma enunciação. Nesse sentido, quando a criança faz um apelo, ela está a se perguntar o que a mãe deseja. Sobre a relação da criança com o desejo materno, Lacan coloca: “É no que seu desejo está para além ou para alguém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito.” (LACAN, 1985a, p. 2017). O desejo, por estrutura, está vinculado a uma incompletude, comportando todos os enigmas das relações humanas. No entanto, é por meio da falta que a criança poderá caminhar em direção à posição de sujeito desejante, distanciando-se de uma posição fixada à alienação aos significantes maternos. A separação traz, para a criança, a falta no Outro, reconhecendo, então, um desejo e uma alteridade. Para fins didáticos, recorreremos à definição de Catão (2009), que sublinha que é a função materna que opera a alienação, enquanto a função paterna oferece os alicerces para a inscrição e a operação da separação. Por meio da operação de separação, haverá um resto, e Lacan estabelece a alienação e a separação como operações lógicas, distanciando-se da noção de desenvolvimento, ou prevalência de uma posição sobre a outra.

Nessas operações lógicas para a constituição do sujeito, ao serem assinaladas por Tendlarz e Bayón, verifica-se que a alienação constitui os alicerces para a estruturação do sujeito, ao passo que a separação constitui o desejo. “O sujeito consente alienar-se na linguagem, ingressando na dimensão do chamado, e com ele à demanda e ao desejo.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.)<sup>13</sup>.

A separação, produto da relação do sujeito com o Outro, se constituirá a partir de um resto, que se destacará nessa relação. Lacan nomeou esse resto como objeto *a*, o objeto faltante. O objeto *a*, separado do próprio corpo, não é significantizado, não possui uma imagem especular, no entanto, o sujeito o busca no Outro, apesar de se constituir como parte de si mesmo. “O *a*, suporte do desejo na fantasia, não é visível naquilo que constitui para o homem a imagem de seu desejo.” (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 51). Lacan diz que o objeto *a* é um conceito difícil de articular, por essa razão, provoca muitas confusões na teoria psicanalítica.

Essa imagem caracteriza-se por uma falta, isto é, pelo fato de que o que é convocado aí não pode aparecer. Ela orienta e polariza o desejo, tem para ele uma função de captação. Nela, o desejo está não apenas velado, mas essencialmente relacionado com uma ausência. Essa ausência é também a possibilidade de uma aparição, ordenada por uma presença que está em outro lugar. Tal presença comanda isso muito de perto, mas o faz de onde é inapreensível para o sujeito. Como lhes indiquei, a presença em questão é a do *a*, objeto na função que ele exerce na fantasia. (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 55).

O objeto *a* é conceito fundamental na clínica. Lacan ressaltou que, nos casos de psicose infantil, pode-se dizer que a criança estaria reduzida à posição de objeto de gozo materno. No trajeto do circuito pulsional, há uma busca do objeto no campo do Outro, e esse movimento contorna o objeto e retorna ao corpo. Nos autismos, haveria uma não extração do objeto *a* como resto da operação entre o sujeito e o Outro e, conseqüentemente, o funcionamento pulsional permaneceria paralisado. Ou seja, nos autismos, com a não extração do objeto *a*, e a ausência desse “resto”, denota-se a não relação entre o objeto *a* e a falta no campo do Outro.

É por essa razão que os objetos autísticos são importantes na nossa pesquisa, pois possuem um estatuto muito particular, uma vez que, ao se acoplarem ao corpo do autista, fazem função de órgão, estancando, assim, a circulação pulsional. “Numa incessante busca por fazer consistir este objeto, introduzindo-o em seu corpo, o autista faz dele um órgão que o situa numa borda, delimitando seu lócus no mundo por um contorno corporal com o objeto em mãos.”

---

<sup>13</sup> No original, “El sujeto consiente a alienarse en el lenguaje, ingresando en la dimensión del llamado, y con él la demanda y el deseo.”

(NEVES, 2018, p. 153). Ao constituir uma borda, há a possibilidade de se estabelecer uma ligação do autista com o campo do Outro.

Ao conservar os objetos pulsionais, por não se destacarem, o autista faz deles objetos de uso específico que funcionam como *borda protetiva* ao Outro. A clínica evidencia, contudo, que ao conceder valor e respeito ao uso dos objetos pelos autistas, não forçando sua retirada, mas valorizando e franqueando suas invenções, uma aproximação parece ser possível de se estabelecer entre eles e o campo do Outro. [...] Esse objeto captaria o gozo do autista, em suas formas elaboradas, possuindo notável capacidade dinâmica, negligenciada por Tustin que antes o considerava um objeto patológico e não uma invenção preciosa. (NEVES, 2018, p. 141).

## 2.4 A Teoria dos Nós

Lacan elaborou a construção teórica sobre o nó borromeano por volta dos anos 1970 e introduziu uma nova forma de pensamento, uma vez que articula de forma inédita os registros real, simbólico e imaginário para pensar a clínica. Soler (2018) sublinha que Lacan coloca as formas de amor, a fobia de Hans e o laço social em termos borromeanos; em 1973, toma o caso Schreber para elaborar a ruptura dos registros e, em 1974, por meio da clínica borromeana, retoma os conceitos como objeto *a*, função do Pai, complexo de Édipo, inibição, sintoma e angústia. No *Seminário 23 – O sinthoma* ([1975-1976] 2007), veremos a formulação do nó borromeano e os efeitos sobre a constituição subjetiva, e será apresentada sua elaboração sobre o quarto nó que amarraria os três registros. É por meio da matemática que Lacan irá formular o nó borromeano, “[...] não só pelo fato de ela formalizar, mas porque a matemática dispõe de uma escrita que fixa seu próprio limite, assim como faz o discurso analítico – que não está aberto a todos os sentidos...” (CEVASCO, 2021, p. 69).

A partir do estudo das psicoses, Lacan elabora os efeitos relacionados a quando ocorre o rompimento de um dos fios da estrutura borromeana. Essa estrutura compreende o real, o simbólico e o imaginário, que estão enodados simultaneamente, sem que haja a prevalência de um dos registros. Tomemos o exemplo apresentado por Lacan sobre a ruptura do nó no caso Schreber, pois é a partir das frases interrompidas de Schreber que se denota o desenlace de um dos registros, as frases, então, perdem o sentido, algo se rompe, ou seja, o significante Nome-do-Pai, fica foracluído.

Não é muito difícil encontrar um exemplo, e não à toa, na psicose. Lembrem-se do que povoa alucinatoriamente a solidão de Schreber – *Num Will ich mich...* agora eu vou me... Ou ainda – *Sie Sollen nämlich...* vocês devem,

quanto a vocês... Estas frases interrompidas, que chamei mensagens de código, deixam em suspenso não sei que substância. (LACAN, [1972-1973] 1985, p. 173).

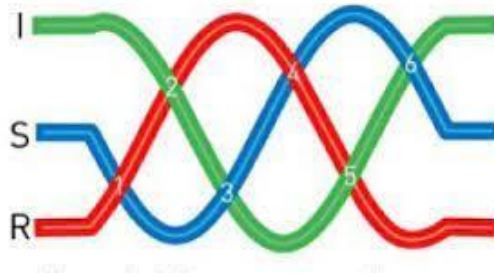
O nó borromeano é composto por três aros circulares que se articulam entre si. Para uma aproximação sobre os registros, poderíamos dizer que o real comporta a demonstração da estrutura do nó, ao simbólico caberia o vazio que se forma entre os aros e ao imaginário a consistência, mais próxima dos sentidos. Para especificar a particularidade do real temos a seguinte definição: “A consistência do Real é a corda, suporte da demonstração do Real.” (CAPANEMA; VORCARO, 2017, p. 389). O Real compreenderia o que está apartado dos sentidos, ou seja, “[...] o real... não é só o impossível de escrever, [...] mas o que *ex-siste* a todo sentido, o que está fora de sentido” (CEVASCO, 2021, p. 44; grifos meus).

O Simbólico estaria ligado à incidência da linguagem e aos equívocos inerentes a ela. O Imaginário por sua vez, como vimos no *Estádio do Espelho*, é o registro que dá consistência ao corpo e às elaborações de sentido, ou seja, oferece sentido aos significantes. É por meio dos significantes que o enigma do desejo do Outro se apresenta para a criança. A falta instituída nesse momento se desdobra em castração simbólica, e é somente por essa operação que o registro simbólico poderá se entrelaçar aos outros registros. A teoria dos nós demarca a importância e os riscos que podem ocorrer na constituição subjetiva, e na clínica, quando há demasiada consistência do registro imaginário. Lacan “[...] sustentará que a topologia dos nós permite conduzir o psicanalista a um pensamento que não encontra apoio no imaginário e em suas armadilhas.” (FARIA, 2019, p. 28), enfatizando os riscos para o psicanalista, quando este se deixa tomar demasiadamente pelos efeitos imaginários.

Capanema e Vorcaro, em *A condição do ser falante no nó borromeano* (2017), apontam que o nó borromeano e seus três elos – real, simbólico e imaginário – são considerados modelos, uma vez que nos auxiliam na elaboração sobre a constituição subjetiva. Dessa forma, haverá, para cada sujeito, formas particulares de enodamento dos registros. “Em cada sujeito, os sintomas explicitam que essa estrutura se constituirá, desde sempre, falhada, comportando necessariamente os lapsos dos nós, que precisarão de um quarto elo para que os três registros se mantenham atrelados ‘borromeamente’.” (CAPANEMA, VORCARO, 2017, p. 391). As autoras explicitam que as estruturas clínicas são definidas a partir da nomeação paterna, o “Nome-do-Pai”, no entanto, a perspectiva borromeana se torna mais abrangente, uma vez que proporciona particularidades dos enodamentos possíveis. “Lacan lança mão da topologia dos nós com vistas a ilustrar as diversas saídas possíveis para o desencontro experimentado pelo sujeito no contato com a alteridade.” (LOUREIRO; MACHADO; VORCARO, 2011, p. 5).

No trabalho de Capanema e Vorcaro (2017), as autoras nos apresentam seus estudos, partindo do ensino de Lacan, com destaque para a importância que o psicanalista destinou à topologia. Inicialmente, apresentam o artifício que consiste em um corte sobre os anéis do nó borromeano, produzindo-se, com esse corte, três retas paralelas, cada uma correspondendo respectivamente aos registros R. S. I. Com essas retas paralelas se opera uma trança, na qual cada passagem de uma “fita da trança” sobre a outra designaria cruzamentos, cruzamentos que equivaleriam às operações para a constituição do sujeito. Recuperamos a imagem do texto de Capanema e Vorcaro.

**Figura 1 – Seis cruzamentos da trança (nó borromeano)**

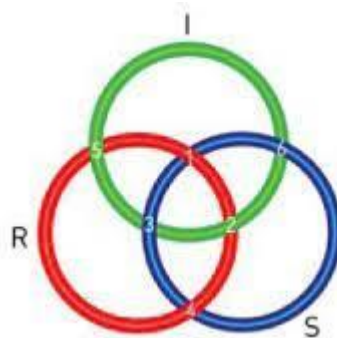


Fonte: CAPANEMA; VORCARO (2017), p. 390

Podemos identificar seis cruzamentos na trança, que, conseqüentemente, constituirão o nó. Ao observar os entrelaçamentos da trança, pode-se localizar, nos pontos 1 e 4, que o real passa por cima do simbólico. Nos pontos 2 e 5, o registro imaginário passa por cima do real. Nos pontos 3 e 6, o registro simbólico passa por cima do imaginário. Na junção das extremidades das retas paralelas se constituirá o nó borromeano de três.

Novamente nos servimos da imagem apresentada pelas autoras.

**Figura 2 – Seis cruzamentos do nó borromeano**



Fonte: CAPANEMA; VORCARO (2017), p. 391

Capanema e Vorcaro apontam que o nó borromeano pode ser tomado como modelo de uma estrutura, porém, o enlaçamento perfeito não existe, sendo necessário um quarto elo para manter os registros atrelados. “Consideramos que o nó borromeano RSI de três elos é imprescindível para a constituição do sujeito a devir e para o entendimento de que suas falhas apenas serão diferenciadas depois que ele reparar seus lapsos com o quarto elo – o *sinthoma*” (SANTOS, 2021, p. 121; grifos do autor).

Ao indicar que o desatamento de um dos registros que compõem o nó borromeano pode provocar desestabilizações nos sujeitos, nos aproximamos do campo das psicoses e dos autismos. Como sublinha Faria, Lacan trabalhou a constituição do *eu* e do sujeito no *Estádio do Espelho*, posteriormente no *Complexo de Édipo* e na *Teoria da Alienação e Separação*, e finalmente na *Teoria dos Nós*, em que apresentará as incidências quanto às amarrações dos registros. “Definirá neste último período de seu ensino, a existência humana como condicionada pelo enodamento entre real, simbólico e imaginário e a loucura como efeito de desatamento do nó.” (FARIA, 2019, p. 30).

Na clínica, é frequente, os autistas apresentarem dificuldades na percepção do próprio corpo, nos laços com outras crianças e nas brincadeiras simbólicas de “faz de conta”, o que nos leva a pensar na fragilidade dos registros simbólico e imaginário. Marie C. Laznik formula a hipótese de que “[...] o que fracassa no autista é o enodamento do imaginário com as outras duas consistências.” (LAZNIK, 2016, p. 44). A autora cita o escritor James Joyce, cuja obra literária revela, no entendimento de Lacan, a construção, por meio da escrita, de um quarto nó. “Foi como escritor que ele construiu seu nome do pai que faltava e que permitiu segurar o nó.” (LAZNIK, 2016, p. 44). Lacan, a partir da teorização da obra de James Joyce, nos oferece caminhos tão complexos quanto inovadores. Em *O Seminário 23 – O Sinthoma* ([1975-1976] 2007), Lacan trabalhou e se dedicou à escrita de James Joyce. Colette Soler esclarece que Lacan, ao utilizar a palavra *sinthoma*, introduziu “[...] algo que Joyce usou bastante – o equívoco entre o som que se ouve e a grafia que se vê.” (SOLER, 2018, p. 13). A autora aponta “[...] a questão da função da obra de escrita na economia subjetiva de seu autor.” (SOLER, 2018, p. 16).

Laznik cita a obra *Metafísica dos Tubos*, de Amélie Nothomb, uma jovem autista, como exemplo da possibilidade de elaboração de um quarto nó, pela sua escrita. A autora sublinha que Amélie escrevia e lia por um período de quatro horas por dia, sendo a forma que encontrou para “sobreviver”. Dessa forma, nos estimula a pensar sobre as singularidades de cada estrutura, abrindo espaço para novas elaborações, pois considera os autismos uma estrutura, não

necessariamente no campo das neuroses, psicoses ou perversão, pois não se trata de estabelecer uma quarta estrutura, uma vez que a teoria dos nós oferece maneiras inéditas de elaborar as articulações entre os registros. A elaboração do diagnóstico a partir dos nós acrescenta ao estudo das estruturas clínicas possibilidades de amarrações singulares. No entanto, é importante frisar que, nos autismos, o que verificamos é “[...] *um nó não borromeo*, no qual é o imaginário que fica não ligado aos outros dois.” (LAZNIK, 2016, p. 45; grifos meus). Segundo Laznik, haveria algumas *falhas* nos entrelaçamentos do nó na criança ainda muito pequena, porém, o que se destaca seria a fragilidade do registro imaginário. A autora pontua que, no início da infância, podemos conceber diferentes estruturas de enlaces e, conseqüentemente, do nó borromeo, e se questiona sobre quais “acidentes” podem ocorrer na articulação dos registros para que uma criança se torne autista. Conclui, como vimos, que o que malogra seria o enodamento do imaginário com os outros registros.

Segundo Santos, “[...] o autismo como recusa mais radical à alteridade evidencia, via nó borromeano, a operação em que o Imaginário encontra-se desatrelado dos dois outros registros: o Real e o Simbólico, devido a um erro no nó que impede a realidade psíquica.” (SANTOS, 2021, p. 122). A autora destaca que o registro imaginário é o suporte do sentido e, assim, nos autismos, “[...] o seu não enlaçamento com o simbólico e o real incidirá efeitos justamente na composição da imagem corporal e na passagem da operação de alienação e separação.” (p. 122). Bayón assinala que em *O Seminário 21 – Les non-dupes errent* [1973-1974], “Lacan diz que a função da criança em sua formação é ‘aprender a fazer o nó’, e isto está determinado por sua relação com a linguagem” (BAYÓN, 2020, p. 48)<sup>14</sup>. Com isso, ele adverte sobre as conseqüências quando há uma interrupção da linguagem, pois teríamos maneiras diversas de enodamento, modos distintos por meio dos quais os sujeitos autistas podem construir, ou não, a relação entre os registros real, simbólico e imaginário. O autor enfatiza que, durante 20 anos, Lacan fala em diferentes momentos sobre a interrupção, a detenção da palavra, especialmente em 1974, quando diz que os autistas escutam a si mesmos. Com essas indicações, acentua o registro simbólico, diz que Lacan “[...] poderia dedicar-se à constituição do corpo no autismo, ao objeto, a pulsão, porém, coloca o acento em como se inscreve a palavra e a linguagem.” (p. 57).

O psicanalista Eric Laurent cita Temple Grandin, pois ela propõe que há pensamentos em série no mundo do autista, que são pensamentos “[...] em *patterns*, em repetições, em

---

<sup>14</sup> No original, “En el *Seminário 21* Lacan dice que la función del niño en su formación es ‘aprender a hacer el nudo’, y esto está determinado por su relación al lenguaje.”. Bayón indica, em nota de rodapé, que o referido seminário é inédito.

números, a facilidade em perceber rapidamente quais são os *pattern* de repetição que há em uma série numérica, ou de poder dirigir-se com tanta soltura no mundo dos números, aí está o pensamento em imagens e o pensamento em palavras” (LAURENT 2020, n.p.)<sup>15</sup>. Essa seria uma maneira de dar versão às três consistências.

Poderíamos entender como observa Laurent, que os objetos autísticos se aproximam de uma escritura dos nós, ou uma intersecção entre real, simbólico e imaginário. “Um objeto autista, há que o ver de certa maneira como uma escritura de um nó. Algo que é ao mesmo tempo uma extração do corpo do sujeito, uma inscrição no sentido do espaço e no imaginário do corpo, uma materialização da letra e do Outro, e possui uma vertente real – com o gozo que está realmente incluído em seu uso dentro desse objeto.” (LAURENT, 2020, n.p.)<sup>16</sup>. Consideramos que essa articulação nos leva a uma leitura sobre a especificidade da estrutura autística. Nos autismos, a articulação entre os registros simbólico, imaginário e real não se efetuam de maneira borromeana. A linguagem que os autistas se esforçam em articular, indica uma ausência na articulação significante, pois procura uma forma rígida na articulação das palavras; é por essa razão que o pensamento por imagens é tão importante. As regras fixas e o esforço para manter a imutabilidade são recursos que os autistas utilizam para manter sua estabilidade, porém, esses recursos também indicam a ausência de articulação entre o real, o simbólico e o imaginário.

Pode-se constatar que o autista, ao evitar o balizamento simbólico, faz do duplo a imaginarização do simbólico porque toma o Outro como absoluto, como real. Colocando-se em posição de recusa da concatenação simbólica, o imaginário prevalece, de modo tal que o autista fixa-se em S1s não admitindo resto em sua relação ao Outro. (NEVES, 2018, p. 130).

Há uma particularidade sobre a forma de tomar os registros nos autismos, sendo desnecessário uma única leitura. Nesse sentido, Neves faz um apontamento significativo sobre os registros nos autismos.

O Simbólico pode ser tomado ora como puro Real, inassimilável, angustiante – que só pode ser excluído; ora como Imaginário, por meio do estabelecimento

---

<sup>15</sup> No original, “en *patterns*, en repeticiones, en los números, la facilidad de percibir rápidamente cuál es el *pattern* de repetición que hay en una serie numérica, o de poder dirigirse con tanta soltura en el mundo de los números, y está el pensamiento en imágenes y el pensamiento en palabras.”

<sup>16</sup> No original, “Un objeto autista hay que verlo en cierta manera como la escritura de un nudo. Es decir, algo que es al mismo tiempo una extracción del cuerpo del sujeto, una inscripción en este sentido en el espacio y el imaginario del cuerpo, una materialización de la letra y del Otro, y tiene la vertiente real con el goce que está realmente incluido en su uso dentro de este objeto.”

de paridades sígnicas. Estas operam como defesa ao real do Outro, ou seja, assumem lugar de impedimento e evitação, sem que o sujeito precise recorrer a uma descarga motora. Ainda que para este sujeito os registros não estejam enodados ao modo borromeano, eles coexistem, mesmo estando, o sujeito, fora do discurso, como são os autistas. (NEVES, 2018, p. 121).

Neves nos lembra que o escritor Fernand Deligny, autor do livro *O Aracniano e outros textos* (2007), acompanhou diversas crianças autistas na França, por volta da década de 1970. A partir de suas observações, Deligny cunhou a expressão “linhas de errância”, para designar os trajetos e caminhos percorridos pelas crianças. Neves assinala que o olhar atento de Deligny percebeu que uma das crianças fazia sempre o mesmo trajeto: em sua “errância”, escolhia passar todos os dias perto das margens de um rio para observá-lo. “Para este escriba atento, tais traçados denotavam um modo próprio de *ser autista*, que, na ausência da fala, fazia deste percurso uma escrita, cujos *entre-nós* fariam conjunção com a implicação dos adultos com as crianças, convocando-os a olhar para além do que previamente se pode ver.” (NEVES, 2018, p. 138). O que a autora destaca, nessa observação, é que essas “linhas de errância” revelam uma descoberta sobre a singularidade da criança, pois a escolha em caminhar próximo ao rio não acontecia à revelia, ou seja, na ausência da fala, há uma escrita, muito particular sobre sua existência. Desse modo, assinala que poderíamos pensar em um tipo particular de não enodamento dos registros, mas que revela um trabalho psíquico intenso, uma vez que sustenta o desenlace e as sobreposições das dimensões do real, do simbólico e do imaginário.

Deste modo, os anéis que parecem estar esparsos – Real, Simbólico e Imaginário – sem estarem enodados, reduzem-se ao real das linhas de existência, que parecem esboçar algum tipo de trabalho de torção, superposição, deslizamento entre os anéis, ou corte em sua estrutura. (NEVES, 2018, p. 138).

O trabalho psíquico intenso aponta para uma topologia especialmente particular, em que o tempo e o espaço são elaborados e vivenciados de maneiras em que a inscrição fálica permanece ausente. Neves recorre ao que Lacan apresentou no *Seminário 21 – Les non dupes errant* (1973-1974), para sublinhar a homofonia com *Les noms du père*, articulando ao caminhar errante dos autistas, que estão acoplados aos atos que reiteram, e que “erre” na língua francesa remete à errância. “Se há uma lógica nas ‘linhas de errância’ que a criança autista opera, podemos pensar que ela busca fazer algum nó por meio de seu itinerário [...], errando à deriva reitera o mesmo.” (NEVES, 2018, p. 137). Salientamos a citação que a autora recupera de Porge (2014).

Com os autistas, dois tipos de ‘erre’ parecem estar mais em conflito. Eles não se deslocam na errância da metáfora, pois não falam, ou pouco, e seus trajetos, repetitivos, não são sem consistência, coerência e, para além disso, seu comportamento e gestual induzem às metáforas. [...] As ‘linhas de errância’ são como a escrita de um ser de rede, cujos nós estão implicados junto à criança; elas são a expressão de um ‘nós’ aonde falta um reflexivo ‘se’. As linhas de errância tentam nos ensinar a ver o que não nos olha, e a nos desprender de nosso eu. [...] Os autistas, não-tolos da metáfora, erram, mas não de qualquer jeito. Essas linhas de errância são como pedaços de fios de um nó borromeu desfeito, cujos anéis estão esparsos, reduzidos à sua linha de existência. Simbólico e Imaginário tornam-se reais, impossíveis de articular, reduzidos ao simbolicamente real e ao imaginariamente real. (NEVES *apud* PORGE, 2018, p. 137).

Na clínica, segundo Laurent, para tratar o autista, é essencial considerar a topologia do espaço subjetivo, o que implica uma elasticidade, uma vez que o autista não se ancora em uma imagem estabelecida de si, que lhe permita costurar o dentro e o fora, pois há ausência de uma borda corporal. “Essas crianças nos ensinam que a continuidade do espaço não existe logo de entrada... esses sujeitos constroem uma, fazendo uso da elasticidade do espaço topológico, que possibilita costuras que não dependem do espaço métrico comum.” (LAURENT, 2014, p. 97). Temos notícias do intenso trabalho psíquico realizado pelos autistas especialmente na escrita autobiográfica, em que recolhemos como constroem sua forma de existência, sendo superposições dos registros e compensações possíveis frente aos desenlaces.

Para Neves (2018), mesmo na ausência de articulação dos nós, o autista se sustenta e propõe que, ainda que não haja um nó borromeano, há uma relação muito particular entre os registros e, desse modo, os autistas evidenciam uma forma particular de subjetivação e modos de atar as dimensões, com uma sustentação desatada ou de sobreposições do simbólico, imaginário e real. O nó não borromeo traz a primazia da dimensão do real, nesse sentido, o Outro possui uma dimensão totalizante. O autista diante dessas desarticulações, busca um “saber-fazer” com os registros. Seguindo a autora, o autista dá um tratamento ao simbólico, como, por exemplo, a construção de uma língua própria, ou uma linguagem apoiada em imagens, a primazia de signos e ilhas de competência. Essas construções serão trabalhadas detalhadamente na autobiografia de Daniel Tammet. A voz monocórdica e a ausência da voz também aparecem como suplências ao registro simbólico, uma vez que as leis da metáfora e da metonímia permanecem opacas. Em relação ao imaginário, recorrem aos duplos e aos objetos autísticos, que são recursos para um contorno corporal e o apaziguamento do gozo no corpo. As dificuldades com a voz, com a enunciação, assim como as dificuldades na localização e dimensão espacial do corpo serão abordadas na autobiografia de Naoki Higashida.

O não atamento entre os registros RSI engendra um campo RSI que não funciona atrelado às leis da metáfora e da metonímia, sem o estatuto do movimento significante, mas relativo ao primado dos signos, do balbucio de lalíngua, no gozo do Um. Sem representação. (NEVES, 2018, p. 160).

Para concluir, como nos diz Cevasco, o que Lacan formulou sobre o nó borromeano trata-se da própria estrutura do *parlêtre*<sup>17</sup>, e é real. “Não há liberdade, há sempre três; mas há variação, variabilidade [...] na maneira das combinações possíveis de R S I [...] a estrutura requer três, mas a maneira como esses três se enodam, ou não, é variável.” (CEVASCO, 2021, p. 45)

No próximo capítulo, trabalharemos as estruturas clínicas, especialmente as psicoses e os autismos. Ao estudar as quatro teorias sobre a constituição subjetiva e, especialmente, o campo da topologia borromeana, notamos que o tema é extenso e surpreendente, provoca um imenso interesse, dúvidas e abre novos campos de estudo sobre as estruturas clínicas. No percurso desta pesquisa, vários questionamentos sobre os autismos e sua forma topológica específica na articulação dos registros se apresentaram, no entanto, gostaríamos de destacar que, para aprofundar o estudo e as particularidades da teoria do nó borromeano no ensino de Lacan, necessitaríamos de um estudo mais detalhado.

---

<sup>17</sup> “[...] *parlêtre* evoca, em francês, a fala e a letra; e também pode ser ouvida como “pelo ser” (*par l’être*) ou “pela letra” (*par [la] lettre*)... Trata-se do *parlêtre* em todas as suas dimensões R, S, I.” (CEVASCO, 2021, p. 33).

### 3 ESPECIFICIDADES DOS AUTISMOS E DAS PSICOSES

Neste capítulo, aprofundaremos a distinção clínica entre autismos e psicoses. Trata-se de um tema polêmico, uma vez que há diferentes análises e abordagens sobre o tema, mesmo no campo psicanalítico. No entanto, as divergências nos proporcionam a possibilidade de ampliar o campo de estudo e investigação, uma vez que existe um significativo número de trabalhos e pesquisas sobre as diferenças teóricas e clínicas. O importante é que as divergências permaneçam provocando debates e elaborações que se desdobram em importantes pesquisas. Como nos diz Leite, “[...] desde a criação de Kanner, o modo de apreender a clínica dos autismos enriqueceu-se consideravelmente pelo viés de inúmeras correntes teóricas, às vezes contraditórias, mas fecundas.” (LEITE, 2007, p. 290).

Gostaríamos de salientar que o campo simbólico da linguagem se articula de diferentes maneiras nas estruturas clínicas. Para iniciar uma análise sobre as especificidades, nos vemos impelidos a retomar aspectos relacionados às estruturas psíquicas, especialmente a neurose e a psicose.

Na estrutura neurótica, sublinhamos que há uma cadeia simbólica, na qual, por meio de uma retroação, é possível destacar a estrutura de uma cadeia de significantes. O funcionamento psíquico se organiza calcado na castração e na dialética fálica, ou seja, sobre a falta simbólica estrutural que caracteriza o sujeito. A função simbólica do pai, nomeada por Lacan como “Nome-do-Pai”, é uma metáfora em que a criança irá se interrogar sobre o enigma do desejo materno. Na psicose, o funcionamento psíquico se organiza primordialmente no registro imaginário, por sua vez, os significantes não se articulam a uma cadeia simbólica, pois o significante “Nome-do-Pai” encontra-se foracluído, e a criança não irá se interrogar sobre o desejo da mãe quando esta se ausenta. Na estrutura neurótica, por meio de uma cadeia simbólica, o sujeito possui como recurso a construção de significantes articulados entre si para dar significado à falta estrutural e ao enigma do desejo. Na psicose, por sua vez, o recurso passa pela construção de um delírio ou alucinação para nomear a angústia.

Considerando a pré-existência da linguagem, nos apoiaremos no ensino de Freud e Lacan, para destacar as particularidades de inserção no campo da linguagem, uma vez que é por meio dessas particularidades que as estruturas clínicas serão definidas. “Jacques Lacan lê as estruturas clínicas freudianas a partir das formas de negação e seus correlativos mecanismos psíquicos.” (IANNINI; TAVARES, 2016, p. 311).

Tendo em vista que Lacan, por meio do texto freudiano, destaca pontos essenciais para a compreensão das estruturas clínicas, iniciaremos essa questão partindo do texto freudiano A

*Negação* (1925). Nesse texto, Freud aponta para a importância da negação no recalçamento, uma vez que “O conteúdo do desejo recalçado só pode manifestar-se sob a forma da negação.” (IANNINI; TAVARES, 2016, p. 311). Freud, nesse trabalho, destaca a maneira de acesso ao recalçamento inconsciente, quando o paciente faz uma negação. Vejamos o exemplo dado por Freud: “O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Minha mãe *não* é. Nós ratificamos: portanto, é a mãe.” (FREUD, [1925] 2016, p. 305), ou seja, na enunciação de uma afirmação há um conteúdo recalçado. Freud aponta que poderemos ter acesso a um conteúdo ou representação recalçada por meio da negação, sendo esta “[...] uma suspensão do recalçamento [*Verdrängung*], mas evidentemente não é uma admissão do recalçado [*Verdrängten*]” (FREUD, [1925] 2016, p. 306). Coloca, então, que é por meio de uma atribuição intelectual de juízo que o sujeito se liberta, pelo pensamento, das limitações do que deseja recalçar. A negação permite o acesso ao recalçado apenas pelo caminho intelectual, deixando ausentes os aspectos ligados aos afetos que estariam relacionados àquela representação. Ainda nesse trabalho, Freud esclarece que as representações possuem suas origens nas percepções e que o que é da ordem do objetivo e do subjetivo não está presente no bebê desde sua origem, uma vez que as percepções estão ancoradas na capacidade de pensar. “O primeiro e mais imediato objetivo da prova de realidade não é, portanto, o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas sim o de *reencontrá-lo*, de se convencer de que ele ainda está presente.” (FREUD, [1925] 2016, p. 308; grifos do autor). Assim, é por meio dos movimentos pulsionais que se fará possível o acesso à compreensão das funções do pensamento. Pelos mecanismos de inclusão e expulsão, Freud vai destacar duas operações pulsionais: a *Bejahung*, pertencente a Eros, e a *Ausstossung*, ligada ao mecanismo de expulsão. Cito Freud:

O julgar é a continuação objetivada daquilo que originalmente é realizado de acordo com o princípio de prazer: a inclusão no Eu ou a expulsão [*Ausstossung*] para fora do Eu. Sua polaridade parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões supostos por nós. A afirmação [*Bejahung*] – como substituto da união – pertencente a Eros; a negação – sucessora da expulsão – pertencente à pulsão de destruição. O prazer de negar em geral, o negativismo de certos psicóticos, deve provavelmente ser entendido como um sinal de defusão pulsional [*Triebentmischung*], através da retração dos componentes libidinais. (FREUD, [1925] 2016, p. 309).

Freud, no final do trabalho *A Negação*, destaca que o inconsciente dá notícias de sua existência por meio de uma afirmação negativa elaborada pelo Eu, uma vez que não existe a palavra “não” para o registro inconsciente, ou seja, as afirmações do inconsciente se destacam

por meio da negação. Revela, ainda, o caminho do que é da ordem do inconsciente. Ele cita o seguinte exemplo: “[...] o paciente diz ‘*Não foi isso que eu pensei*’ ou ‘*Nisso eu não pensei (nunca)*’.” (FREUD, [1925] 2016, p. 310; grifos do autor). Nesse texto, Freud nos apresenta a *Bejahung* como a inscrição inicial, primordial para todos os sujeitos, sendo uma primeira afirmação. A negação seria um mecanismo posterior. Freud aponta que a negação do paciente procura velar uma afirmação, no entanto, seria uma suspensão do conteúdo recalçado, mas não uma aceitação desse conteúdo.

A *Bejahung* trata-se de uma afirmação primordial, ligada aos mecanismos de expulsão e incorporação, articulados a aspectos internos e externos. A *Ausstossung* seria o mecanismo de expulsão e a *Vereinigung* o mecanismo de incorporação. Destacamos uma referência da obra freudiana:

Na medida em que é autoerótico, o EU não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do EU, e portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio de prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu EU os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) e por outro lado expelle de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. (FREUD, [1915] 2010, p. 74).

Nas fases iniciais, o bebê expulsa o que lhe é desprazeroso e introjeta aquilo que lhe proporciona prazer, mecanismos esses primordiais no início da vida de uma criança. “Na linguagem das mais antigas pulsões orais seria assim expresso: ‘isto eu quero comer ou quero cuspir’, e em uma tradução [*Übertragung*] mais ampla: ‘isto eu quero introduzir em mim e isto eu quero tirar de mim’.” (FREUD, 1925, p. 307). Freud indica os momentos iniciais da vida de um bebê, ao dizer sobre as mais antigas pulsões orais. Posteriormente, aponta outros momentos, nos quais a criança paulatinamente vai percebendo que nem todas as suas necessidades são atendidas prontamente pela mãe. Há uma descontinuidade necessária para o bebê, pois dá a dimensão do interno e do externo. A fusão inicial entre a mãe e o bebê necessita dessa descontinuidade, para que a criança possa perceber o que é externo a ela. No texto *A Negação*, Freud aponta que, nos momentos iniciais, ocorre a elaboração sobre o juízo de atribuição, ou seja, se algo é bom ou ruim. Posteriormente, ocorre o juízo de existência, que Freud denomina como “prova de realidade”; trata-se também de uma questão sobre o que é interno e o que é externo. Veremos sobre o juízo de existência:

Portanto, originalmente, a existência da representação já é uma garantia para a realidade do representado. A oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Ela só se estabelece porque o pensar possui a habilidade de tornar novamente presente – por meio da reprodução na representação – algo que foi uma vez percebido, sem que o objeto exterior precise ainda estar presente. (FREUD, [1925] 2016, p. 308).

Partindo do texto de Freud, Lacan vai explicitar, em *O Seminário I – Os escritos técnicos de Freud* ([1953-1954] 1986), os mecanismos que comportam a constituição subjetiva, especialmente, a *Ausstossung* [exclusão], a *Verneinung* [negação] e a *Bejahung* [afirmação]. Lacan aprofundará os mecanismos de negação na constituição do sujeito, retomando o texto freudiano, e com a contribuição do filósofo Jean Hyppolite. Segundo Hyppolite, em *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud* (1998), é essencial compreendermos os primórdios da constituição subjetiva como momentos míticos, ou seja, “[...] dois instintos que estão, por assim dizer, entremeados no mito que sustenta o sujeito: um, o da unificação, outro, o da destruição.” (HYPPOLITE, 1998, p. 900). Dessa forma, os primórdios da constituição permanecem no campo do incognoscível, no entanto, as aproximações a esse enigma, ampliam a clínica e a teoria psicanalítica. As diferentes formas de inserção do sujeito no campo da linguagem comportam operações essenciais, na qual a *Bejahung* seria a afirmação inicial à castração simbólica. Por outro lado, sob o estatuto da *Verwerfung*, a castração simbólica não seria instituída, caracterizando-se dessa maneira as psicoses.

Se no mecanismo neurótico do recalque um significante é incorporado pelo sujeito e marca o corpo, constituindo a *Bejahung*, afirmação ou recalque primordial, origem dos recalques posteriores que permitem a subjetivação do inconsciente do sujeito, na psicose, a forclusão ou *Verwerfung* corresponde à ausência dessa *Bejahung* original. (ALVARENGA, 2020, p. 146).

Como vimos, Lacan se debruça sobre a análise do caso Dick e faz algumas considerações sobre a forma como Melanie Klein introduz suas interpretações no tratamento da criança. Aponta que ela introduz o mito edípico de maneira violenta e que, por meio do mito, Klein introduz simbolismo no universo da criança, obtendo resultados significativos. Dick, diz Lacan, já havia assimilado algumas palavras, mas as empregava de maneira muito particular. Temos aí uma indicação na qual Lacan parece querer ressaltar que a linguagem possui um estatuto diferente da palavra. Ele afirma que Dick “[...] já tem uma certa apreensão dos vocábulos, mas desses vocábulos não fez a *Bejahung* – não os assume.” (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 86). Nesse sentido, há ausência da inscrição no mundo simbólico e, destacamos aqui a particularidade dessa criança no que concerne à inscrição na linguagem, e, conseqüentemente,

suas dificuldades quanto à organização pulsional. “E a situação do sujeito – vocês devem sabê-lo desde que lhes repito – é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra.” (LACAN, 1986, p. 97). Destaca que Dick se serve de uma linguagem negativista, possui apreensão de algumas palavras e, no entanto, as utiliza de uma maneira que não é passível de compreensão, não servindo à comunicação. “Reencontramos aqui a distinção a fazer entre negativismo e denegação [...] Dick serve-se da linguagem de uma forma propriamente negativista.” (LACAN, 1986, p. 101). Podemos articular essa citação ao que Freud destacou sobre o prazer em negar e o discurso negativista dos psicóticos. Há, no ensino lacaniano, o estudo sobre o fenômeno da alucinação do Homem dos Lobos, na qual se destacaria a *Verwerfung*.

Tomemos a alucinação:

Quando eu tinha cinco anos de idade, brincava no jardim ao lado de minha babá e com meu canivete fazia um corte na casca de uma das nogueiras que também aparecem no meu sonho. De repente notei, com terror indizível, que havia cortado o dedo mínimo da mão (direita ou esquerda?), de forma que ele estava preso somente pela pele. Não sentia nenhuma dor, mas uma grande angústia. Não me atrevi a dizer nada a babá, que estava a poucos passos de distância; caí sobre o banco mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de olhar uma vez mais para o dedo. Finalmente me tranquilizei, dei uma olhada no dedo, e vi que estava ileso. (FREUD, 2010, p. 115).

Lacan nos aponta que, nesse momento da infância do Homem dos Lobos, ocorreu um fenômeno elementar, próprio da psicose, mas que, no entanto, não poderíamos classificá-lo como esquizofrênico. Houve uma rejeição que indicaria uma *Verwerfung*, na qual não se inscreveu o registro simbólico da castração. “A castração, que é precisamente o que para ele não existiu, manifesta-se sob a forma do que ele imagina, ter-se cortado o dedinho, tão profundamente que só se segura por um pedacinho de pele.” (LACAN, 1986, p. 73). Lacan coloca que o menino não chamou sua babá no momento do “acidente” – sendo que era a ela que ele reportava suas emoções – o que indicaria que, nesse momento, o Outro deixou de existir. A essas manifestações Lacan diz que são “[...] manifestações percebidas no que chamarei um real primitivo, um real não-simbolizado.” (LACAN, 1986, p. 74). Um real não simbolizado, nas psicoses, marca a ausência do significante Nome-do-Pai, que trabalhamos anteriormente sobre o Complexo de Édipo. Dessa forma, diante da castração, o sujeito neurótico irá recorrer à nomeação simbólica, ao passo que o recurso do psicótico toma o caminho do delírio e da alucinação.

Portanto, “[...] os efeitos da linguagem sobre o ser falante são diferentes na neurose e na psicose.” (SOLER, 2017, p. 28). Seguindo Soler, nas psicoses, a falta do Outro para o sujeito não está simbolizada e, ainda que na psicose haja uma liberdade, segundo Lacan, a liberdade é de se encontrar fora do discurso, porém, não fora da linguagem. “Isso quer dizer não sujeitado à ordem do discurso, aos regulamentos do laço social, que faz com que todos sejamos escravos.” (SOLER, 2017, p. 32).

Os fenômenos nas psicoses, como, por exemplo, as vozes que invadem o sujeito, as palavras destacadas de uma enunciação, que formam uma cadeia de significantes, são fenômenos de linguagem, porém, “[...] é uma linguagem transformada, afetada de desligamento, uma linguagem que elimina a cadeia significante.” (SOLER, 2017, p. 38).

### 3.1 Sobre as especificidades das psicoses

Em *O Seminário 3 – As Psicoses* ([1955-1956] 1985), Lacan vai desenvolver os efeitos da recusa ao mundo simbólico. Um dos pilares fundamentais é que o conteúdo recusado no campo simbólico tem seu retorno no real. No caso do Homem dos Lobos, houve uma rejeição, e esta seria uma não afirmação inicial – *Bejahung* –, na qual o acesso ao mundo simbólico não ocorreu. Lacan nos diz: “Pode acontecer que um sujeito recuse o acesso, ao seu mundo simbólico, de alguma coisa que, no entanto, ele experimentou e que não é outra coisa naquela circunstância senão a ameaça de castração.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 21).

Ao retomar o ensino freudiano, Lacan aponta que “[...] o recalque e o retorno do recalçado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 21), ao passo que o que foi apartado do registro simbólico terá um destino completamente diferente. Nas palavras de Lacan, “[...] o que cai sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente.” (p. 21), ou seja, a recusa do Homem dos Lobos à castração simbólica tem um retorno no real, por meio da alucinação de seu dedo cortado.

Freud, ao estudar as psicoses, dá ênfase ao caso Schreber, e Lacan, em seu ensino, destaca que Freud teve uma importante percepção na análise, uma vez que “[...] a obra de Schreber é certamente uma das mais notáveis. Há aí um encontro excepcional entre o gênio de Freud e um livro único.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 19). Freud se dedica à autobiografia de Schreber, que havia sido publicada em 1903, *Memórias de um doente dos nervos*, e, em 1908, em uma “[...] carta a Jung, Freud escreve que o ‘maravilhoso’ Schreber deveria ser nomeado professor de psiquiatria e diretor de uma instituição psiquiátrica.” (CAMPOS, 2022, p. 33). Em resposta a Freud, Jung sublinha que a autobiografia de Schreber mereceria um lugar

de honra em bibliotecas de psiquiatria. “O ‘caso Schreber’ pode ser considerado como sendo uma das cinco grandes e célebres psicanálises de Freud.” (CAMPOS, 2022, p. 34). Campos aponta que Lacan destacou a genialidade de Freud, uma vez que, em sua análise, Freud deu crédito ao psicótico, distanciando-se de avaliações calcadas em déficits e dissociações psíquicas.

Como dissemos anteriormente, para que haja a inscrição no campo simbólico, é essencial a *Bejahung* primordial. O sujeito apartado do acesso ao campo simbólico, no sentido da *Verwerfung*, teria como consequência o que Lacan denominou por *foraclusão*, ou seja, a ausência do *significante Nome-do-Pai*. Conforme Roudinesco e Plon (1998), o termo *foraclusão* é empregado por Lacan para “designar um mecanismo específico da psicose”, e ainda:

Lacan propôs traduzir *Verwerfung* por *foraclusão*. Entendia por isso o mecanismo específico da psicose, definido a partir da paranoia, que consiste na rejeição primordial de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Lacan distingue esse mecanismo do recalque, sublinhando que, no primeiro caso, o significante *foracludido* ou os significantes que o representam não pertencem ao inconsciente do sujeito, mas retornam no (real) por ocasião de uma alucinação ou um delírio que invadem a fala ou a percepção do sujeito. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 246).

Na *foraclusão*, com a ausência do significante *Nome-do-Pai*, há impossibilidade da inscrição da castração simbólica, indicando que não houve a possibilidade da travessia edípica. Lacan vai trabalhar, então, as diferenças entre o recalque nas neuroses e o que retorna no real nos fenômenos das psicoses. O recalque na neurose produzirá efeitos e formações do inconsciente, permeados pela inscrição da lei simbólica e da metáfora paterna. Ao passo que, na psicose, a não inscrição no campo simbólico produzirá outros efeitos. Como esclarece Quinet:

Sendo o *Nome-do-Pai* o significante que permite ao sujeito entrar na linguagem e aí articular sua cadeia de significantes, a não inscrição desse significante no Outro acarreta aquilo que é para Lacan a marca essencial da psicose: os distúrbios de linguagem e, em particular, a alucinação. (QUINET, 2011, p. 17).

A partir do trabalho sobre as psicoses, e especificamente sobre as alucinações verbais, Lacan vai nos dizer que as vozes que o sujeito escuta, comportam um sentimento de realidade, uma vez que se apresentam sob um estatuto de verdade, apesar de sua falta de materialidade. Cito Lacan, ao falar sobre as alucinações verbais: “É justamente o que se apresenta no fenômeno

da alucinação verbal. No momento em que ela aparece no real, isto é, acompanhada desse fenômeno de realidade que é característica fundamental do fenômeno elementar.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 23).

Na clínica, presenciamos que as vozes invadem o corpo do psicótico com demasiada concretude, fazendo-o sentir-se impotente diante dos imperativos colocados “pelas vozes”. Na maioria das vezes, esses imperativos estão permeados por insultos e críticas negativas, que provocam horror e pânico, podendo desencadear graves desestabilizações. As vozes, nas psicoses, retornam no real, indicando, portanto, que o lugar simbólico do Nome-do-Pai não possibilitou a inserção na ordem simbólica, campo das dimensões da sexualidade, do desejo e do lugar na filiação na ordem das gerações. O lugar simbólico do pai nas psicoses estaria apartado do campo simbólico.

Soler diz que foi Lacan quem nos ensinou a reconhecer nas psicoses uma das configurações do ser falante; uma vez que os efeitos da linguagem tomam rumos diferentes nas estruturas clínicas. “Na psicose, falta a falta do Outro, *manque* a falta do Outro. A falta do Outro não está simbolizada, subsumida sob o significante.” (SOLER, 2017, p. 28). O psicótico estaria não submetido à ordem do discurso, embaraçado no caminho para incluir-se no laço social, uma vez que a linguagem estaria carregada de desligamentos. “Por isso podemos dizer que o psicótico é testemunho privilegiado do que faz sofrer, do efeito da linguagem de que padece.” (p. 33).

Lacan formula que, nas psicoses, é primordial pensar na relação do sujeito com os significantes, e “[...] a psicose consiste em um buraco, uma falta ao nível do significante.” (LACAN, [1955-1956] 1985, p. 229), ou seja, no desencadeamento de uma crise, o sujeito estaria apartado de uma elaboração significativa, na qual poderia construir uma cadeia simbólica para contornar sua angústia. Na ausência simbólica de uma articulação a significantes, o sujeito recorre às construções delirantes e alucinações.

Para finalizar, cito Lacan: “Na relação do sujeito com o símbolo, há possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real.” (LACAN, [1955-1956]1985, p. 98).

### **3.2 Sobre as especificidades nos autismos**

No trabalho *O autismo como estrutura clínica* (2020), Suzana F. Barroso diz que a singularidade do mundo do autista tem provocado um grande interesse na atualidade, e que as autobiografias publicadas possuem inegável contribuição para profissionais de diferentes áreas.

Esses testemunhos demonstram a importância sobre o acolhimento das singularidades e das invenções produzidas pelos autistas, uma vez que elas serão decisivas para sua inserção. “O autista tem a maior afinidade com a invenção e a reinvenção do mundo.” (BARROSO, 2020, p. 217). Barroso, em seu estudo, diz que há, nos autismos, uma recusa fundamental, que implica especialmente o ser e a fala. “A recusa de uma relação fundamental do ser com a fala está, portanto, no princípio do autismo.” (p. 222). A autora faz uma pontuação importante, ao destacar a importância de retirar os autismos do campo das deficiências, para a condução de tratamentos que privilegiam o modo de estar no mundo de cada sujeito. Retornando à análise do caso Dick, “Lacan colocava em debate os impasses do sujeito imerso no real, cuja linguagem e construção do corpo se encontram absolutamente perturbados.” (p. 221). É válido, ainda, esclarecer: “No autismo, o analista depara-se com a mais radical defesa contra a incidência traumática da linguagem sobre o corpo, que perturba não somente sua imagem, mas também todo o desenvolvimento e montagem das pulsões.” (p. 223).

Para os autistas, o significante que vem do Outro está apartado da ordem simbólica, o que torna impeditiva sua representação a um outro significante, ou seja, um significante sozinho, na sua vertente real, sem representação ou articulação, acarretaria sérias dificuldades para a constituição subjetiva, provocando impactos no corpo e ausência do circuito pulsional. Nessa medida, a criança, ao estar na linguagem, é permeável aos significantes, porém, há dificuldades em articulá-los a outros significantes. Para Leite “[...] a criança autista não utiliza o significante para endereçar suas demandas ao Outro, ela não se serve do significante para cifrar seu gozo, mas não se pode dizer que ela não faça uso dele. Faz um uso solitário do significante que exclui qualquer forma de ligação com o Outro.” (2007, p. 295).

Lacan, a respeito do caso Dick, diz que o menino está na linguagem, porém, não tem acesso ao encadeamento significante das palavras, ou seja, não se encontra inserido no discurso. Essa dificuldade em apropriar-se da enunciação nos remete à pulsão invocante, nomeada por Lacan como uma das quatro pulsões: oral, anal, escópica e invocante. Nos autismos, “Por não haver representação da pulsão invocante, predomina a desconexão entre a linguagem e a vida emocional.” (BARROSO, 2020, p. 222). Há uma desarticulação em relação às trocas do laço social, e os autistas se defendem com a recusa em falar, pois as palavras estão permeadas pelos afetos. Para o psicanalista Jean-Claude Maleval (2017), há uma grande importância em escutar o que os autistas têm a dizer sobre a particularidade de seu funcionamento mental, uma vez, que nas autobiografias, ficam muito claras suas dificuldades com as palavras, e os escritos revelam as invenções particulares para contornar esse mal-estar. Na clínica, presenciamos muitos pacientes colocarem as mãos nos ouvidos como forma de se proteger da emergência da

voz, seja do Outro seja a deles. “Esse gesto bem típico da criança autista demonstra o quanto a língua pode ter um caráter invasivo e devastador para o sujeito.” (BARROSO, 2020, p. 222). Essas manifestações clínicas corroboram, de certa maneira, o testemunho dos autistas, ao falarem de suas angústias ligadas à apropriação de sua voz, o que não ocorre nas psicoses. “A entrada em jogo da voz numa língua expressiva é tão dolorosa para os autistas que muitos preferem permanecer calados.” (MALEVAL, 2017, p. 277). A palavra carregada por afetos, os afasta de uma vida mais expressiva, especialmente pela manifestação de suas emoções. “Muitas vezes, eles preferem expressar o que sentem escrevendo ou por meio da música, pois ficam um pouco mais distantes do afeto implicado no que está sendo dito [...]. Outros preferem se expressar em línguas estrangeiras.” (CASTRO, 2021, p. 33) Segundo Castro, a preferência por línguas estrangeiras ocorre porque não carregam os afetos ligados à língua-mãe, e há também aqueles, como no caso de Daniel Tammet, que chegam a criar uma língua própria. Maleval, em *O autista e a sua voz* (2017), traz um importante testemunho de B. Sellin, um garoto que não fala, porém, por meio da escrita revelou suas dificuldades.

Na idade de quase cinco anos, eu já sabia escrever e até mesmo calcular mas ninguém se deu conta porque eu era tão caótico mas eu era por medo dos seres humanos precisamente porque eu era incapaz de falar eu não tinha nenhuma dificuldade para ler é por essa razão que eu procurava nos livros digamos importantes tudo o que eu pudesse encontrar... (SELLIN *apud*, MALEVAL, 2017, p. 70).

Maleval, ao apresentar os escritos de B. Sellin, diz que o garoto, ao escrever sobre suas emoções, nos revela a riqueza de seu mundo interior, e faz refutar as teorias que consideram os autistas possuidores de dificuldades cognitivas e decididos em sua recusa ao contato com os outros. “Para a psicanálise, a criança autista, portanto, não sofre de um déficit perceptivo ou de uma falha cognitiva, mas de um excesso – excesso da presença do Outro, a qual tem que anular.” (PIMENTA, 2018, p. 119). Retornando à Sellin: “[...] eu estaria mentindo se descrevesse a solidão como se se tratasse de meu desejo intenso a solidão é inimiga e eu quero combatê-la como um excelente guerreiro.” (SELLIN *apud* MALEVAL, 2017, p. 71). Sellin, nesse relato, é claro ao dizer que deseja combater a solidão e, conseqüentemente, podemos inferir seu sofrimento ao não conseguir falar com as pessoas. No entanto, é por meio da escrita que ele encontra um caminho para expressar seu mundo interior. Os escritos de Birger vão “[...] nos dar o testemunho do que é o mundo autista, na ausência da linguagem articulada e que, para ele, é apenas a fonte de uma imensa e permanente angústia.” (LEFORT, 2017, p. 70). Birger Sellin se define como um ser aprisionado em seu mundo, permeado de solidão e angústia, diz

que os gritos são sua maneira de apaziguar a angústia; sobre sua necessidade em gritar ele diz: “[...] um pobre chamado Birger não tem outros meios para arrancar a angústia de sua alma.” (BIRGER *apud* LEFORT 2017, p. 70). Outro ponto importante sobre a relação com a linguagem, localizamos em uma questão que a mãe de Birger fez a ele: “Qual matéria você gostaria de estudar? Ele responde por meio do computador: “*Uma matéria para saber como funciona corretamente a linguagem.*” (LEFORT, 2017, p. 72; grifos meus). A dificuldade com a polissemia das palavras remete os autistas a tentar uma maneira de tratar a língua de forma que possa ser um sistema fechado com regras absolutas e, com isso, evitar os equívocos possíveis, próprios da linguagem. Cito uma frase de Birger muito importante para nossos estudos sobre a relação muito particular que os autistas têm com a linguagem: “Como você, desejo simplesmente inverter meus instrumentos bucais em linguagem. Mas ainda perambulo muito longe da linguagem.” (BIRGER *apud* BAYÓN, 2020, p. 14)<sup>18</sup>. Birger nos apresenta a importância e a necessidade de sua escrita: “Se eu não escrevesse minhas ideias solitárias morreriam mesmo minhas histórias muito íntimas morreria simplesmente eu, mas eu posso anotar tudo a fim de que nada morra, mas continue a viver.” (BIRGER *apud* LEFORT, 2017, p. 72). Birger está marcado pelo “[...] funcionamento isolado do significante que não vem do Outro, que ele não tem e que, portanto, falha em se encarnar.” (LEFORT, 2017, p. 72).

Ao abordar a ausência de articulação da linguagem nos autismos, Éric Laurent propõe uma leitura na qual a ausência da imagem corporal, aliada à ausência dos circuitos pulsionais, abre caminho para elaborar o conceito que ele denominou como um corpo “sem furos”. Cito Laurent: “Não poder dispor de um corpo articulado a furos exige costuras particulares do espaço, bem como adesões a duplos realizados, que fazem suplência à ausência de uma imagem do corpo.” (LAURENT, 2014, p. 22). A ausência da imagem do corpo aliada à ausência de um circuito pulsional faz com que a criança autista busque formas para enfrentar a angústia que invade seu corpo. O autor coloca que as crianças autistas possuem a dimensão do que é o real. “Elas têm um acesso terrível a essa dimensão e nos ensinam que, *no real, não falta nada*, não há buracos e, portanto, não é possível extrair algo para colocar no buraco.” (LAURENT, 2012, p. 28; grifos meus). Laurent coloca que certos autistas vivenciam terríveis angústias, por exemplo, quando ao evacuarem não conseguem se separar de suas fezes, uma vez que não há para eles a dimensão do furo, pois estão submersos na dimensão do real. Laurent nomeia como uma “*dimensão de forclusão do buraco*” (LAURENT, 2012, p. 29, grifos meus). O autor

---

<sup>18</sup> No original, “Como tú, deseo simplemente invertir mis instrumentos bucales en el lenguaje. Pero aun deambulo muy lejos del lenguaje.”

articula o sofrimento ao ato de falar dos autistas a um “[...] acontecimento de corpo: de seu corpo eles extraem linguagem, à maneira de outros objetos de que não podem se separar.” (LAURENT, 2014, p. 23). Visto que a língua comporta uma multiplicidade de significações, há para Laurent, uma exigência de repetição de palavras, vocalizações ou frases isoladas, para que os equívocos da língua sejam silenciados e, com isso, um apaziguamento do sofrimento. Destaca, ainda, que as crianças, quando não conseguem nomear o que há em seu mundo, recorrem às defesas, como, por exemplo, tapar os ouvidos, para se proteger do insuportável, dos inúmeros e inevitáveis equívocos da língua. O grito do autista, aponta Laurent, revela um esforço para se distanciar desses equívocos. Apresentamos uma citação de Sellin, na qual fala sobre as suas estereotípias, esclarece que estas funcionavam quando ele era pequeno, porém, mais tarde, isso se modificou, provocando a necessidade de gritar frente a sua angústia.

Esses mecanismos infelizmente não funcionam mais é por isso que eu tenho urrado tanto nesses últimos tempos eu não posso viver pacificamente e tranquilamente com essa angústia eu tenho que urrar as mortificações pela angústia tomam conta e me sufocam eu sem mim sou o escravo da potência-milagre da angústia. (SELLIN *apud* MALEVAL, 2017, p. 71).

Maleval propõem duas características fundamentais para pensarmos na especificidade dos autismos: “[...] de um lado o transtorno de enunciação, na dependência de uma carência da identificação primordial; do outro, uma defesa específica com base num objeto extracorpóreo, próprio para construir a matriz de um Outro de Síntese.” (MALEVAL, 2017, p. 82). Assim, as dificuldades de enunciação aliadas à ausência de uma cadeia significante, fazem o autista, muitas vezes, recorrer aos signos, à repetição e às ecolalias como forma de apaziguar os equívocos da língua e a multiplicidade de sentidos. A presença dos objetos autísticos revelam maneiras de amenizar os sofrimentos advindos de uma vivência de um corpo marcado pela ausência de furos, como propõe Laurent. “No autismo, os trajetos pulsionais parecem estar ausentes. Ao me interrogar sobre o que aparece no lugar deles, propus uma hipótese relativa aos circuitos do objeto articulados ao corpo por bordas de gozo.” (LAURENT, 2014, p. 22). O autor conclui que, nos autismos, pela ausência de furos no corpo, que impedem a circulação da pulsão, o sujeito pode sentir-se invadido com excitações psicomotoras, e por não conseguir esvaziá-las, ele mesmo se esvazia. Por outro lado, diz Laurent, o corpo constituído pela ausência de contornos e furos, necessita de saídas muito particulares, como, por exemplo, a *adesão a duplos*, que presenciamos na clínica, na qual muitos autistas, por exemplo, recorrem à fala de personagens para expressarem seus sentimentos.

Um testemunho muito claro desse recurso a duplos, encontramos no livro de Ron Suskind, *Vida Animada*. Uma história sobre autismos, heróis e amizade (2017), em que narra o extremo interesse que seu filho Owen S. destinava aos filmes da Disney. Owen chegava a ficar horas diante da TV e foi por meio dos filmes e dos personagens animados que ele conseguiu fazer uma ponte para se comunicar com as pessoas, encontrando, assim, uma saída criativa para expressar seus sentimentos de tristeza e solidão, sendo por meio da voz de um personagem que Owen pôde se expressar. Ao se amparar na voz de um personagem, conseguiu estabelecer um diálogo com o pai e, mais tarde, se dedicou aos desenhos dos personagens. Reproduziremos a seguir um diálogo de Owen com seu pai, na qual foi a primeira vez que o pai conseguiu se comunicar com o filho, utilizando-se de um fantoche. Na época, Owen estava com seis anos e meio, e há muito tempo a família não escutava a voz dele. O pai, com grande sensibilidade e uma vontade decidida para entrar em contato com o filho, serviu-se da paixão de Owen para se comunicar com ele. Um dia, ao vê-lo folhear um livro da Disney, resolve ser um personagem, *Iago*, o papagaio do filme *Aladdin*. O pai se escondeu embaixo de uma colcha, e quando Owen estava folheando o livro, o pai inicia um diálogo:

Faço o fantoche sair pela beirada da colcha.

‘Então, Owen, como vão as coisas?’ , pergunto, na minha imitação de Gilbert Gottfried. ‘Quer dizer, como é ser você?’

Pela beirada da colcha, vejo que ele se vira para Iago, é como se tivesse encontrado um velho amigo.

‘Não estou feliz. Não tenho amigos. Não entendo o que as pessoas dizem.’

Eu não ouvia sua voz, natural e fácil, com o ritmo do discurso comum, desde que ele tinha dois anos.

Estou conversando com meu filho pela primeira vez em cinco anos. Ou Iago está...

‘Então, Owen, quando foi que você e eu ficamos tão bons amigos?’

‘Quando comecei a assistir a *Aladdin* o tempo todo. Você me faz dar muita risada. É muito engraçado.’

Penso em uma cena para a qual ele sempre volta, quando Iago diz ao vizir malvado Jafar que ele deveria se tronar sultão.

‘Engraçado? Como quando eu digo...hum... ‘Então, então você se casa com a princesa e se transforma no marido bobão?’

Owen faz um barulho áspero, como alguém tentando limpar a garganta para falar com a voz mais grave: ‘Iago, eu *adooooo*o o jeito como essa sua cabecinha funciona.’

É uma fala de Jafar, a próxima do filme, e ele faz até a voz – um pouco mais aguda, é claro, mas está tudo lá: o leve sotaque britânico, o tom sinistro.

Sou um papagaio maldoso conversando com um vilão da Disney, que responde.

Então ouço uma risada, uma risadinha alegre, como não ouvia fazia muitos anos. (SUSKIND, 2017, p. 63).

No diálogo de Ron com Owen, percebemos que a criança estabelece uma conversa bastante contextualizada, com grande compreensão da questão colocada por seu pai. A criança responde com sentimentos próprios de seu mundo interior, porém, com a voz de um personagem. Como aponta Maleval, os autistas possuem formas particulares de funcionamento psíquico e destinam um tratamento muito singular ao objeto voz. Constroem defesas frente às angústias e elaboram tentativas para estabelecer laços sociais, como, por exemplo, a criação de um duplo. Essa criação poderá ser compreendida como uma estratégia, ao apoiar-se no registro imaginário. O duplo, para os autistas, se destaca, pois podem criar pontes para estabelecer laços sociais. Maleval esclarece sobre o conceito de duplo. “O duplo, com efeito, impõe-se para o autista como uma estrutura privilegiada para sair da solidão.” (MALEVAL, 2017, p. 128). Por meio da criação de um duplo, Owen dá contorno aos seus sofrimentos, e o personagem, de certa forma, lhe oferece uma segurança ao *emprestar-lhe* a voz, para expressar seus sentimentos, que Owen tanto teme. No caso de Owen, quando ele se ampara em uma voz artificial, se protege da angústia diante da possibilidade de colocar em cena sua própria voz. “Fazer assim, do duplo, o suporte de uma enunciação artificial – por intermédio de um objeto, de um amigo imaginário ou de um semelhante – constitui uma das defesas características dos autistas.” (p. 134).

Lacan, em “Conferência em Genebra sobre o sintoma” (1975), nomeia os autistas como “personagens verborrágicos” e, em outro momento, precisa que a relação que os autistas estabelecem com as palavras não é muito fácil. Maleval (2017) refere que a grande maioria das crianças autistas fala, no entanto, no relato dos pais, há descrições de que as crianças aprendem palavras, porém, apresentam dificuldades para articulá-las para expressar seus sentimentos. Nos autistas de alto funcionamento, há construções de linguagem com maior expressividade, porém, a enunciação singular fica prejudicada, produzindo muitas vezes uma “voz artificial”. O autor refere que as expressões de sentimentos se tornam muito difíceis, somente em momentos de extrema angústia os autistas pronunciam frases ou palavras para anunciar algo de seu mundo particular. A enunciação de uma particularidade, especialmente dos sentimentos, está ligada ao corpo, é por essa razão que um dizer sobre si se torna insustentável para o autista. A expressividade em momentos críticos é muito custosa e sofrida e, normalmente, após um episódio em que expressam algo de si, há o recuo para um silêncio obstinado.

Há um afastamento em tomar a própria voz e o lugar de enunciador. “Ele fala sem problemas, contando que não diga.” (MALEVAL, 2017, p. 90). A voz como objeto da pulsão se constitui como um elo entre o bebê e sua mãe, o Outro materno, a partir de sua voz, convocará a criança para que ela, no futuro, se aproprie de sua voz e de suas palavras. Essa operação

pressupõe que a criança se deixe alienar à linguagem e aos significantes que lhe são oferecidos, para que haja a inserção no campo simbólico.

Dito de outro modo, o grito do *infans* é ouvido pela mãe como um apelo em que ela tenta ler uma demanda. É a sua voz que é interpretada como significante, ou seja, a voz é tomada como objeto primordial, como objeto perdido, a partir do momento em que ela dá significação a essa voz. A voz como objeto está perdida por trás do que significa para o Outro ou, ainda, na condição de objeto, a voz é o primeiro objeto perdido, aquilo que cai na formação do significante. Assim, o primeiro objeto perdido não é o seio, como se diz com frequência, e sim a voz, pois, para que o objeto oral seja tido como objeto, é preciso haver significante. Capturado pela linguagem, o sujeito invocado pelo som originário se tornará invocante. Nessa reversão, ele conquista a própria voz e irá, segundo a fórmula de Lacan, ‘se fazer ouvir’. (VIVÈS, 2012, p. 22).

A voz e as palavras tomam uma dimensão tão difícil, que fazem com que os autistas recuem diante desse objeto vocal. Lacan nomeou a voz como um dos objetos pulsionais, e como objeto *a*. Em *O Seminário 10 – A angústia* ([1962-1963] 2005), Lacan enfatiza como os objetos *a* estão relacionados ao desejo e à angústia. Esses objetos não possuem uma definição objetiva e tampouco uma existência concreta, na medida em que se relacionam com o que há de mais enigmático para cada sujeito. Os objetos *a*, uma vez que estariam próximos da causa do desejo, seriam os objetos constituídos a partir dos primeiros encontros com o Outro primordial. O objeto *a*, seria, então, “[...] o objeto que funciona como um resto na dialética do sujeito com o Outro.” (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 252). Na articulação com a constituição subjetiva, pode-se considerá-lo como um “resto”, no qual a inscrição simbólica não se operou. Os objetos *a* têm estruturalmente o lugar de objetos perdidos, objetos pulsionais que se constituem a partir de perdas. Esses objetos pulsionais, sob o estatuto de “resto” e, conseqüentemente, destacados do corpo, estariam no cerne do que se desprende do corpo e da operação significante. Cito Roudinesco e Plon sobre o conceito de objeto *a*: “Termo introduzido por Jacques Lacan, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um ‘resto’ não simbolizável.” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 551).

Para Maleval, para o autista, ao não conseguir se apropriar de sua voz, conseqüentemente se instaura um gozo vocal. “Ele rejeita toda e qualquer dependência com relação ao Outro: recusa ceder o objeto de seu gozo vocal, de modo que resiste radicalmente à alienação do seu ser na linguagem.” (MALEVAL, 2017, p. 94). Para os autistas, o que há de *mais angustiante é a presença da voz*, ou seja, do *objeto vocal*. Maleval aponta que é por meio

da castração simbólica que se torna possível a ausência da emergência da voz no real, tão presente nas alucinações psicóticas. Contudo, o autor diz que o autista não é alucinado, uma vez que o que se denota, de mais angustiante, é a presença da voz, seja a dele ou a de outra pessoa, principalmente quando se revela uma posição enunciativa, a “[...] verborreia do autista parece, então, ter como função sufocar e conter uma voz cuja manifestação ele teme.” (p. 96). A dificuldade em colocar em cena a própria voz faz com que os autistas se encontrem apartados do campo discursivo.

### 3.3 Sobre o diagnóstico psicanalítico dos autismos

Jean-Claude Maleval, no trabalho “Por que a hipótese de uma estrutura autista?” (2015), faz algumas considerações sobre a distinção entre autismos e psicoses, entre elas, podemos destacar que os fenômenos de delírios e alucinações raramente se apresentam nos autismos. O autor cita o psicanalista Éric Laurent, ao apontar que, nos delírios psicóticos, há muitas vezes os efeitos da língua no imaginário do corpo, o que não encontramos nos autismos, ou são manifestações extremamente raras, e dificilmente os autistas atribuem a algo externo ou a alguém os sofrimentos de ameaças, ou de perseguição. Para isso, cita o delírio de Schreber, destacando que a palavra de Deus produz efeitos em seu corpo. Citamos o delírio apresentado por Maleval:

Desde os primórdios da minha relação com Deus até o dia de hoje, relata Schreber, meu corpo vem sendo ininterruptamente objeto de milagres divinos. [...] Posso afirmar que não há um único membro ou órgão do meu corpo que não tenha sido durante um tempo prejudicado por milagres [...] para pô-lo em movimento ou paralisá-lo, conforme o objetivo visado. (SCHREBER *apud* MALEVAL, 2015, p. 3).

Nos delírios de Schreber, ele atribui ao seu médico, Flechsig, ações de manipulação sobre seu corpo, perseguições e conspirações. Posteriormente, atribui a Deus as vozes que zombavam dele e a intenção de assassinar sua alma e seu corpo. No entanto, Maleval coloca que não podemos nos guiar somente por fenômenos como os delírios e alucinações, uma vez que esses fenômenos são observáveis com frequência na clínica com crianças, pois o essencial concerne às particularidades das estruturas clínicas. Segundo Maleval, nos testemunhos dos autistas, dificilmente eles relatam alucinações verbais, o que narram com clareza é o que foi descrito por Kanner como um desejo pela imutabilidade e por um mundo estático, em que a mínima mudança de objetos, trajetos ou qualquer alteração pode provocar crises e graves

desestabilizações. A necessidade de imutabilidade se destaca como uma importante proteção para apaziguar a angústia, além de ser um dado importante para o diagnóstico. Maleval recupera o testemunho de T. Grandin, que diz: “[...] as regras são muito importantes, pois sempre devemos nos concentrar intensamente na forma de fazer as coisas [...] os conhecimentos se incluem entre os meios mais eficazes para diminuir tanto o desejo de imutabilidade quanto a angústia desencadeada pelas mudanças” (GRANDIN *apud* MALEVAL, 2015, p. 8). O autor aponta que, na clínica das psicoses, o recurso às explicações racionais parece não produzir efeitos, ao passo que, para os autistas, é extremamente importante e apaziguador. Outra observação que nos parece importante considerar é o fato de que o autismo não se desencadeia, está presente desde a infância, ao passo que a psicose pode ser desencadeada na adolescência ou na vida adulta. No entanto, esse dado não pode ser decisivo para o diagnóstico, porém, o autor enfatiza que o autismo não se desencadeia em fases após a infância, e permanece com um funcionamento psíquico permanente.

Os diversos testemunhos, assim como o de Birger Sellin, ressalta Maleval, são importantes, uma vez que eles escrevem para esclarecer que são pessoas inteligentes e que merecem ser reconhecidos por suas diferenças, pela singularidade de seu funcionamento mental, e que não devem ser excluídos e rejeitados. Esses escritores são porta-vozes para outros autistas, na medida em que reivindicam consideração por suas particularidades. Vejamos o que diz Jim Sinclair: “O autismo é uma forma de ser. Ele é invasivo, ocupa toda a experiência, toda a sensação, percepção, pensamento, emoção, todo o aspecto da vida. Não é possível separar o autismo da pessoa [...] e, se isso fosse possível, a pessoa não seria a mesma pessoa do começo.” (SINCLAIR *apud* MALEVAL, 2015, p. 15). Há algo muito semelhante dito por Temple Grandin: “Se eu pudesse, num estalar de dedos, deixar de ser autista, não o faria, porque eu jamais seria eu mesma. Meu autismo faz parte integrante do que eu sou.” (GRANDIN *apud* MALEVAL, 2015, p. 15). Segundo Maleval, nas psicoses não há escritos em nome de outros psicóticos, e o diagnóstico de uma psicose com frequência é rejeitado. O que se destaca são os escritos literários que pretendem anunciar descobertas sobre alterações decisivas no mundo e que, por anunciarem suas descobertas, sentem que são vítimas de perseguições e injustiças.

Há, também, pontos fundamentais apresentados por Pimenta, que nos auxiliam para uma aproximação sobre o diagnóstico estrutural psicanalítico dos autismos, sendo eles “[...] a posição que o sujeito ocupa diante do Outro; a relação que estabelece com a linguagem; a constituição do corpo.” (PIMENTA, 2018, p. 119). Segundo a autora, a posição que o autista ocupa diante do Outro é marcada por uma defesa, uma vez que se sente ameaçado pela presença do Outro; conseqüentemente, seu recurso passa pela tentativa de minimizar a vivência de um

excesso dessa presença, “[...] não atender a seu chamado ou não olhar para ele são modos bem reconhecidos pelos clínicos e familiares de a criança se portar.” (PIMENTA, 2018, p. 119).

Outro ponto fundamental para o diagnóstico passa pela relação com a linguagem, uma vez que há, com muita frequência, uma ausência da aquisição da fala nos primeiros anos de vida da criança. Seguimos a indicação de Bayón, que assinala que, no ensino de Lacan, o psicanalista se refere aos autismos como “[...] a *detenção da linguagem* [...] essa *detenção* tem consequências simbólicas, imaginárias e reais.” (BAYÓN, 2020, p. 28; grifos meus)<sup>19</sup>. Bayón localiza três momentos fundamentais para pensarmos sobre a estrutura autista, importantes para nossa pesquisa, sendo eles: *O Seminário I* – Os escritos técnicos de Freud, nos anos 1950, o “Congresso sobre as psicoses na infância”, anos 1960, e a “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, nos anos 1970, sendo que, nessas ocasiões, apontou especialmente a relação que os autistas estabelecem com a linguagem.

Se Lacan priorizou a relação entre o autismo e a linguagem, é por razões de estrutura. Também definiu a neurose e a psicose por sua relação com a linguagem, localizando um mecanismo fundante para cada uma, que determina a articulação entre linguagem e gozo. No caso do autismo, se não desenvolveu seu estudo como aquelas, sua indicação central ao longo de seu ensino sempre foi a de examinar sua relação com a linguagem. (BAYÓN, 2020, p. 29)<sup>20</sup>.

Para Bayón, no ensino lacaniano, a definição da neurose e da psicose possuem uma relação com a linguagem, “[...] colocando um mecanismo fundante para cada uma, que determina a articulação entre a linguagem e o gozo.” (BAYÓN, 2020, p. 29), diz ainda que, nos casos de autismo, mesmo que Lacan não tenha desenvolvido um estudo específico, podemos notar, ao longo de seu ensino, a indicação de examinar uma relação particular com a linguagem.

Alguns autistas começam a falar mais tarde, por volta dos quatro anos, e outros, por sua vez, seguem mudos. Há uma particularidade no tratamento que eles destinam à linguagem, em que notamos “[...] o privilégio dado ao signo e o embaraço com o significante e seus decorrentes equívocos de sentido.” (PIMENTA, 2018, p. 120). A relação do autista com a linguagem possui um caráter muito particular; já na estrutura psicótica, o sujeito se protege da invasão do Outro com recursos que não passam necessariamente por um caráter tão particular, como, por

<sup>19</sup> No original, “[...] esa detención tiene consecuencias simbólicas, imaginarias y reales.”

<sup>20</sup> No original, “Si Lacan se centró en la relación entre el autismo y el lenguaje, es por razones de estructura. También definió a la neurosis y a la psicosis por su relación al lenguaje, ubicando un mecanismo fundante para cada una, que determina la articulación entre el lenguaje y el goce. En el caso del autismo, si bien no desarrolló su estudio como em aquellos, su indicación central a lo largo de su enseñanza siempre fue de examinar su relación al lenguaje.”

exemplo, a adesão aos signos. Temos, na referência a seguir, a explicitação quanto à adesão aos signos pelos autistas.

As regras da linguagem se apresentam sem nenhuma opacidade e, diferentemente do delírio, não têm relação com o corpo. São tentativas de *reduzir a língua a um cálculo ou à repetição de letras que buscam silenciar os equívocos da língua*, constituindo um Outro de síntese formado por signos e não por significantes. (DRUMMOND, 2012, p. 11, grifos meus).

Como citamos na apresentação desta pesquisa, Sean Barron possuía fichas com letras que indicavam as estações de rádio e as carregava consigo, além de guardá-las em uma caixa antes de dormir. Posteriormente, declarou que a sonoridade das letras apaziguava suas inquietações. Para Laurent, Sean possuía uma *relação particular com a língua e com o som*, o que leva a pensar que há um tratamento deveras singular, em que a repetição das letras é tomada como forma de tratar os equívocos da língua, recorrendo, então, aos signos. “Nesse espectro dos sujeitos autistas, vemos então um cálculo da língua completamente separado do corpo e que, nesse sentido, não funciona como um delírio psicótico, já que este sempre implica algo de imaginário do corpo.” (LAURENT, 2012, p. 23).

Daniel Tammet, um autista considerado *savant*, como veremos mais adiante, possui uma relação muito singular com a linguagem, e chega a criar uma língua própria, o *Mänti*. Segundo Maleval, a criação de uma língua privada seria uma maneira de inserção na linguagem, porém, não sujeita aos significantes do Outro. “Os signos do *Mänti* não dividem Tammet – eles não vêm do Outro, são invenção sua. Com isso, o gozo vocal permanece privado, controlado, sem perigo.” (MALEVAL, 2017, p. 118). Laurent aponta que a tentativa de evitar os equívocos da língua está articulada à necessidade de imutabilidade, tão importante para os autistas; “[...] o caráter autista dessa estrutura reside no fato de que o sujeito passa a querer interpretar a língua de maneira totalmente redutível a um sistema de regras.” (LAURENT, 2014, p. 50).

Para Maleval, há duas maneiras distintas com as quais os autistas tratam a linguagem: uma delas é constituída por signos, ou a língua do intelecto, na qual há ausência dos afetos, no entanto é possível a comunicação e o partilhamento com os outros. A língua privada, por sua vez, comporta sentimentos, porém não há partilhamento com os outros. “Nos dois casos, o sujeito recusa abrir mão do gozo vocal: quando comunica utilizando signos do Outro, eles estão separados da enunciação; quando expressa seus sentimentos, recorre a signos neológicos que ele inventa.” (MALEVAL, 2017, p. 118). Desse modo, a posição do sujeito frente ao Outro marca o lugar do autista, que trabalha para minimizar o excesso da presença do Outro, uma vez que o objeto voz lhe causa horror e significativos sofrimentos. Assim, para o autor, a estrutura

autista se mostra complexa, uma vez que apresenta diferentes formas de relação com a linguagem. Ele cita Lacan, ao elaborar a particularidade de uma estrutura subjetiva: “[...] a forma mais elementar da subjetividade, a saber, um alguém que é acessível ao signo.” (LACAN *apud* MALEVAL, 2017, p. 120). Os autistas recorrem aos signos como forma de tratamento da linguagem, e por esse motivo sofrem “os seus recortes – testemunha disso é o objeto autístico” (MALEVAL, 2017, p. 120).

No artigo “Psicose e autismo na infância problemas diagnósticos” (1999), Kupfer trabalha sobre o diagnóstico diferencial e suas consequências na direção do tratamento, enfatizando a importância da escuta dos pais, uma vez que eles sofrem os efeitos do significante *autismo*, e os riscos de uma *objetalização* do filho pelo discurso médico. Considera que, nos autismos, houve uma “‘falha’ no estabelecimento da relação com o Outro, quer porque o Outro materno não esteve disponível, quer porque falhou no bebê a permeabilidade biológica ao significante” (KUPFER, 1999, p. 99). Kupfer esclarece que Alfredo Jerusalinsky entende o autismo como uma quarta estrutura, e recupera uma entrevista que ele concedeu na Associação Psicanalítica de Porto Alegre, na qual pontua que, nas psicoses, teríamos uma forclusão e nos autismos uma exclusão.

[...] no caso da forclusão, se produz uma inscrição do sujeito numa posição tal, que esta inscrição não pode ter consequências na função significante. No caso da exclusão, não há inscrição do sujeito; no lugar em que a inscrição deveria se encontrar, se encontra o Real, ou seja, a ausência de inscrição. Essa diferença radical de estrutura conduz a efeitos clínicos observáveis. (JERUSALINSKY *apud* KUPFER, 1999, p. 102).

Maria C. Kupfer apresenta sua posição teórica baseada em suas leituras sobre as direções propostas pelo ensino de Lacan: “[...] o autista está fora do campo da linguagem, enquanto o psicótico está na linguagem, mas fora do discurso.” (KUPFER, 1999, p. 106). A autora propõe que “[...] a operação clínica consiste, nesses casos, em ir buscar esses restos de marcas que não se ‘significantizaram’ para, a partir delas, buscar reintroduzir a operação significante.” (KUPFER, 1999, p. 106), e esclarece que essa operação consiste em supor um sujeito além das estereotípias, e o tratamento busca refazer simbolizações a partir da posição fantasmática da mãe. Vejamos o que Kupfer conclui sobre a escuta dos pais no tratamento: “Aposta-se que, para eles, fará diferença que um psicanalista oponha resistência à objetalização da criança e a ‘desresponsabilização’ do Outro materno, pois isto permitirá que se localize com maior precisão a posição das mães, quem sabe a tempo de a reverter.” (KUPFER, 1999, p. 107).

Para o psicanalista Alfredo Jerusalinsky, o autismo consiste em uma falha que ocorre muito precocemente na relação da criança e seu cuidador, uma espécie de descontinuidade, de desencontro nas relações primordiais durante a primeira infância, instalando-se, assim, a *posição autística*. Ele considera o autismo uma quarta estrutura, diferenciando-a da psicose:

[...] nas psicoses a relação com o outro é temida, confusa, invasiva [...] seus símbolos são absolutos e os únicos válidos, no entanto, o autista não possui representação do outro, e por isso rechaça sua relação com ele, sendo que, quando essa relação acontece ela é episódica [...] de nenhuma ou escassa extensão imaginária e de nula extensão simbólica. (JERUSALINSKY, 2015, p. 30).

Aponta que, nas estruturas psicóticas, haveria dificuldades de simbolização, enquanto nos autismos haveria falhas nas identificações primordiais entre o bebê o Outro materno; com isso, essa relação sofreria um abalo, um rompimento. Define as estruturas psíquicas como a articulação de “séries complementares” – apoiado no ensino freudiano – ou seja, “[...] as condições constitucionais, as experiências infantis e a situação atual para cada sujeito.” (JERUSALINSKY, 2015, p. 39).

Tendo em vista essa posição, Jerusalinsky indica que, no tratamento psicanalítico dos autismos, a questão fundamental é a relação com o outro. “Para tal tentativa é necessário que o outro venha a suportar o retorno à relação e ao momento dessa relação na qual a criança se afastou ou viu-se afastada.” (JERUSALINSKY, 2015, p. 31).

### **3.4 A constituição do corpo e a estrutura autista**

A relação com o corpo e sua constituição passa pelo Outro e percorre os registros real, simbólico e imaginário. Para a psicanálise, diferentemente do que ocorre na medicina, o corpo não é tomado somente em sua vertente biológica e orgânica; ele será marcado pela palavra. Como afirma Miller, “[...] existem corpos estranhos habitados pela linguagem: os corpos da espécie humana.” (MILLER, 1999, p. 64). O corpo biológico, desnaturalizado pela linguagem, é a marca deixada pelo Outro.

O efeito de recorte que a linguagem promove sobre o corpo vivo do bebê, por exemplo, organiza o funcionamento dos órgãos vitais a partir do laço social. A linguagem, mediada pelo discurso da mãe, transforma o corpo do *infans* de pedaço de carne em corpo erógeno, organizado e barrado pelo Outro. (KEHL, 2009, p. 26).

O Outro materno, ao receber e apaziguar as demandas advindas do corpo da criança, investe no corpo do bebê uma carga libidinal, sendo que esse investimento é realizado por meio dos cuidados no corpo da criança, permeados pela linguagem. “Assim, a mãe opera uma perda de gozo instintual, por meio da inserção da linguagem.” (VORCARO, 2003, p. 218) e, com isso, há a desnaturalização do organismo. A voz e o olhar materno estarão carregados de investimento libidinal, é por meio desse investimento feito no corpo da criança que o bebê poderá integrar sua vivência de um corpo fragmentado à um corpo próprio, “[...] para que se estabeleça o desenho da superfície que se transformará em corpo, é necessário que as zonas erógenas sejam delimitadas.” (PIMENTA, 2012, p. 65).

Como trabalhamos anteriormente, o *Estádio do Espelho* marca uma operação lógica importante para que o bebê reconheça sua imagem no espelho, e essa operação ocorre por meio dos significantes advindos do Outro. “Uma distinção entre organismo e corpo se esclarece: para que se tenha um corpo, é preciso que este seja atravessado pelo Outro.” (CALZAVARA; VORCARO, 2018, p. 34). Pelo investimento pulsional dos pais, se funda o corpo de uma criança. “Há portanto, a necessidade de um encontro do corpo com a imagem, pela intervenção da linguagem, para que variadas significações possam ser realizadas.” (p. 35).

Para Bayón, a linguagem produz efeitos na constituição do corpo e, ao não se constituir “[...] uma borda topológica entre o simbólico e o real, isso implica consequências na borda entre o imaginário e o real: deste modo, não é possível para o autista a construção do estádio do espelho, que produz a constituição do eu e do corpo.” (BAYÓN, 2020, p. 163)<sup>21</sup>.

Para a criança autista, a imagem no espelho, que se desdobra na antecipação de um corpo próprio, encontra-se prejudicada, e ao não ocorrer essa operação, conseqüentemente se apresentam sintomas como agitação psicomotora, mutilações e desordens no funcionamento das funções do corpo, como comer ou evacuar, que normalmente estarão presentes e causando dificuldades, uma vez que a criança autista segue a vivência de fragmentação, ou mesmo um corpo invadido por excessos.

Frequentemente, na clínica, presenciamos pais que relatam dificuldades com seus filhos em relação à alimentação. Certa vez, durante o tratamento de uma criança de três anos, extremamente seletiva para se alimentar, ocorreram sérias impossibilidades para a menina aceitar alimentos sólidos, desdobrando-se em uma internação hospitalar. Os pais necessitavam

---

<sup>21</sup> No original, “[...] el borde topológico entre lo simbólico y lo real, y esto implica consecuencias en el borde entre lo imaginario y lo real: de este modo, no es posible para el autista la construcción del estadio del espejo, que produce la constitución del yo y del cuerpo.”

oferecer as refeições sempre nos mesmos recipientes, de maneira idêntica. A menina só aceitava o leite em uma determinada marca de mamadeira, de cor azul, o que levou a mãe a comprar várias mamadeiras da mesma cor, por receio que a filha deixasse de aceitar o leite. Em outro caso, a criança, ao evacuar, sofria de intensa angústia, o que a fazia se esconder dentro dos armários de seu quarto, ficando extremamente imóvel durante várias horas. Para Calzavara e Vorcaro, sintomas de disfunções corporais denotam a prevalência de um gozo Outro no corpo, deixando o sujeito sem bússola para localizar-se. “Esse gozo Outro, não ordenado no corpo, responde à inoperância da norma fálica, alijando o sujeito de seu funcionamento corporal.” (CALZAVARA; VORCARO, 2018, p. 32).

Diante desses elementos, recorreremos novamente às elaborações de Pimenta. “É preciso estruturar uma borda que institua o contorno de um corpo, ainda que artificial e frágil.” (PIMENTA, 2018, p. 123). Para a autora, os objetos autísticos, o apoio aos duplos e os interesses específicos são recursos importantes para estruturar uma borda corporal; como no caso Joey, na qual seu corpo só possuía existência ao conectar-se às energias imaginárias. Assim, “[...] a relação totalmente particular que os autistas têm com certos objetos é uma das principais pistas que orientam nossa abordagem psicanalítica do autismo.” (LAURENT, 2014, p. 51).

Para Maleval (2015), para o autista, como também para o psicótico, o objeto *a* permanece acoplado ao corpo. Nos autismos, há uma retenção do objeto ao corpo, o que o ajudaria a constituir uma borda corporal, ajudando-o a temperar a angústia, como na “máquina do abraço” de Grandin. A máquina do abraço foi criada por Temple Grandin após observar como os animais eram conduzidos para serem vacinados, eles ficavam em um corredor que continha barras de ferro para segurá-los, evitando, que se machucassem. Temple criou uma máquina para si, na qual ao permanecer dentro dessa máquina conseguia controlar a pressão sobre seu corpo, dessa maneira se acalmava e apaziguava suas angústias, o que podemos assinalar que era seu “auto-tratamento” frente ao Outro. Nas psicoses, há um trabalho destinado ao objeto, que vindo do exterior, se impõe ao sujeito, como por exemplo, os fenômenos elementares, as alucinações, os delírios, e as vozes, que com frequência desqualificam o sujeito, e conseqüentemente provocam angústias e efeitos devastadores.

O psicótico tenta compor com um gozo rejeitado que lhe retorna do exterior (perseguidores, alucinações), enquanto o autista se esforça na retenção de um gozo dominado sobre uma borda. O tratamento deve levar em conta essas estratégias defensivas diferentes. (MALEVAL, 2015, p. 34).

Para Laurent (2014), os autistas possuem uma relação muito particular com a fala, diferenciando-se das psicoses, que podemos constatar a partir dos testemunhos autobiográficos. Citamos algumas considerações sobre o autismo como estrutura diferenciada das psicoses feitas por Maleval:

Por essas razões – vontade de imutabilidade, ausência ou pobreza do delírio e de alucinações, especificidade dos escritos autísticos, ausência de desencadeamento e, sobretudo, evolução do autismo para o autismo – a hipótese de que o autismo seja outra coisa que não uma psicose, a saber, uma autêntica estrutura subjetiva, parece concebível. (2015, p. 15).

E, para finalizar, consideramos importante enfatizar que há pontos em comum nas psicoses e nos autismos que parecem se entrelaçar. “Não devemos considerar que são campos completamente distintos, como na perspectiva da psicopatologia, mas há uma especificidade que deve ser considerada.” (LAURENT, 2012, p. 32).

Neste trabalho, compartilhamos da posição na qual a estrutura autista possui particularidades importantes, ou seja, uma estrutura distinta das psicoses, tendo em vista as especificidades quanto ao objeto autístico, a imutabilidade, os interesses específicos e, particularmente, os escritos autobiográficos que descrevem as angústias e dificuldades especialmente na apropriação da voz e a relação com o Outro.

#### 4 DANIEL TAMMET, LALÍNGUA E O OUTRO

Neste capítulo, trabalharemos o testemunho autobiográfico de Daniel Tammet, particularmente no livro *Nascido em um dia azul*. Por dentro da mente de um autista extraordinário (2007), para uma aproximação sobre as maneiras particulares de funcionamento mental, formas criativas de aprendizado e suas dificuldades de relacionamento. Quando nos deparamos com a riqueza e o valor desses relatos, eles nos orientam no tratamento de pacientes que sofrem com o autismo, e acreditamos que podem contribuir para o trabalho de educadores, familiares e outros autistas. Já no primeiro capítulo de sua autobiografia, que tem como título “*Noves azuis e palavras vermelhas*”, Daniel introduz sua forma singular de funcionamento mental e sua relação com os números. Os números possuem um lugar privilegiado em sua vida, pois é por meio deles que Daniel expressa seus sentimentos e emoções, é sua forma de comunicação e linguagem, além de lhe proporcionarem calma e tranquilidade.

Nasci em 31 de janeiro de 1979 – uma quarta-feira. Sei que foi uma quarta-feira porque a data é azul na minha mente e as quartas-feiras são sempre azuis, como o número nove ou o som de vozes altas discutindo. Gosto de minha data de nascimento, pela maneira como consigo visualizar a maioria dos números nela como formas regulares e redondas, semelhantes a seixos numa praia. Isto porque são números primos: 31, 19, 197, 79 e 1979 são todos divisíveis somente por si próprios e por 1. Consigo reconhecer todos os primos até 9.973 graças ao fato de serem ‘semelhantes a seixos’. É assim que meu cérebro funciona. (TAMMET, 2007, p. 13; grifos meus).

Iniciaremos um percurso na história de Daniel, sua infância, adolescência e as dificuldades que encontrou para se relacionar, para, posteriormente, na vida adulta, conquistar seu lugar no mundo. Daniel passou a infância sem que fosse diagnosticado com autismo, porém, aos 25 anos, recebeu o diagnóstico de Síndrome de Asperger e é considerado *savant*. Durante muito tempo a questão diagnóstica ficou aberta, pois os profissionais não conseguiam chegar a uma definição e, por esse motivo, o diagnóstico de autismo se deu quando Daniel já era adulto.

Daniel é o filho mais velho de Jennifer e Kevin, possui oito irmãos, Lee, Steven, Paul, Claire, Maria, Natasha, Anne-Marie e Shelley; dedica seu livro aos irmãos e especialmente à Lee, que também é autista. Em sua autobiografia, nos conta que quando era bebê chorava constantemente, fazendo com que os pais recorressem ao pediatra inúmeras vezes, tendo como hipótese que ele sofria de cólicas infantis. Relata, ainda, que os pais, diante do choro excessivo que percorreu todo o primeiro ano de vida, tentavam aliviá-lo de diferentes formas, especialmente com a sensação de movimento, balançando-o constantemente, sendo essa a

maneira como conseguiam tranquilizá-lo. No primeiro ano de vida, Daniel já falava e andava, porém, era constante o sofrimento com infecções de ouvido e, segundo o autor, as dores provocadas pelas infecções o tornaram uma criança irritada e chorosa até quase o terceiro ano de vida. Os balanços se seguiam, os pais o carregavam nos braços ou o balançavam por meio de um lençol amarrado nas pontas, o movimento precisava ser constante, caso contrário, emergiam os choros. Por volta do segundo ano, começou a bater a cabeça com força na parede repetidas vezes, chegando a se machucar. O pai tentava impedi-lo, porém, ele sempre continuava, possuía ataques de raiva, gritava e batia com as mãos em sua cabeça. Essa narrativa de Tammet, nos remeteu ao relato de pais de crianças autistas, que desde muito pequenas apresentam balanceios com o corpo e se machucam com frequência, levando os pais a recorrer a inúmeras estratégias para acalmar seus filhos, especialmente para dormir. Muitos pais também relataram a ausência de balbúcio ou o choro excessivo. Esses testemunhos são valiosos para a clínica, uma vez que as manifestações corporais da criança, nos apresentam indícios e nos dão notícias de seu sofrimento desde muito pequenas.

Segundo Bayón, desde os primeiros estudos sobre os autismos já se observava a ausência de balbúcio. Ele cita o psicanalista Jean-Claude-Maleval, que destaca: “Durante os primeiros meses, algumas crianças autistas não vocalizam, permaneciam chorando ou gritando enquanto estavam acordadas.” (MALEVAL *apud* BAYÓN, 2020, p. 14)<sup>22</sup>. Bayón esclarece que, desse modo, a *lalíngua* não se direciona ao outro, no entanto, afeta o corpo do bebê, deixando marcas na superfície corporal. “As crianças autistas não se articulam à função da palavra, no entanto, não são insensíveis à instância da letra, já que sujeitos autistas que apresentam um atraso na aquisição da linguagem falada têm capacidade para escrever,” (BAYÓN, 2020, p. 14)<sup>23</sup>. O autor refere que o termo *lalíngua* foi estabelecido por Lacan para diferenciar que *lalíngua* é, inicialmente, o que marca o corpo e se articula ao gozo, posteriormente, a linguagem será a elocubração de saber inconsciente sobre *lalíngua*.

O termo *lalíngua* ou *alíngua* foi apresentado por Jacques Lacan em *O Seminário 20 – Mais*, ainda (1985) e o psicanalista esclarece que o inconsciente se constitui de *alíngua*, e que esta não está a serviço da comunicação. Cito o autor:

---

<sup>22</sup> No original, “Durante los primeros meses, algunos niños autistas no vocalizan, sino que lloran o aúllan cuando están despiertos.”

<sup>23</sup> No original, “Si bien los niños autistas no se articulan a la función de la palabra, no son sin embargo insensibles a la instancia de la letra, ya que sujetos autistas que presentan un retraso en la adquisición del lenguaje hablado tienen capacidad para la escritura.”

*Alingua* serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de *alíngua*, essa *alíngua* que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, *alíngua* dita materna, e não por nada dita assim [...]. Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da *alíngua*. (LACAN, 1985, p. 188-189; grifos nossos).

*Alingua* ou *lalíngua* estaria mais próxima dos jogos de homofonia, dos sons separados dos sentidos, deixando-os livres, como, por exemplo, na composição e nos deslizamentos de uma poesia. Podemos aproximar *lalíngua* aos primeiros sons emitidos pelos bebês, os balbucios e as primeiras vocalizações. Os primeiros sons estariam entrelaçados aos cuidados maternos destinados à criança, experiências sensoriais, sons, modulações da voz materna e tudo aquilo que potencialmente poderia apaziguar os sofrimentos e desconfortos da criança. Nos primeiros contatos com o Outro materno, a homofonia e os sons possuem um lugar privilegiado no início da vida de um bebê. “Lalíngua é aquilo da língua materna que o sujeito recebe como aluvião, chuva, tormenta de significantes próprios àquela língua idiomática que se depositam para ele como material sonoro, ambíguo, equívoco, repleto de mal-entendidos, com diversos sentidos e, ao mesmo tempo, sem sentido.” (QUINET, 2009, p. 171). Como dissemos, *lalíngua* não possui intenção de comunicação, porém, afeta o corpo da criança. Segundo Colette Soler, Lacan aproximou o conceito de *lalíngua* ao do balbucio infantil, uma vez que está, de certa maneira fora do sentido, porém, não sem contentamento.

Lacan diz tê-la escrito numa só palavra em razão da homofonia com lalação. Lalação vem do latim ‘lallare’, que designa o fato de cantar ‘lá, lá...’ para adormecer as crianças, dizem os dicionários. Designa o balbucio da criança que ainda não fala, mas que produz sons. A lalação é o som separado do sentido, mas como se sabe, entretanto, não separado de contentamento. (SOLER, 2010, p. 19).

Os balbucios dos bebês nos indicam os efeitos que *lalíngua* produz, uma vez que as crianças demonstram contentamento em suas experiências e incursões pelos sons. A ausência de balbucios e, por vezes, o choro excessivo marcam de maneira significativa a clínica com crianças autistas. Assim, “A linguagem é o resultado de um trabalho sobre *alíngua* [...]. A homofonia é o motor d’*alíngua* [...]. Dizer ‘*alíngua*’ em uma única palavra é, justamente, designar *alíngua* pelo som, *alíngua* suposta, aquela anterior ao significante mestre.” (MILLER, 1996, p. 69; grifos meus). A linguagem, resultado do trabalho sobre *alíngua*, nos remete aos mal-entendidos, uma vez que “[...] os sentidos, se cruzam e se multiplicam sobre os sons.” ( p.

70). As crianças autistas, ao taparem os ouvidos, se protegem desses mal-entendidos, seus gritos e choros podem ser recursos para calar esse insuportável da linguagem. Para Maleval, é no balbucio que ocorre a primeira alienação significativa, proporcionando a entrada na linguagem. “Os estudos linguísticos atestam que o balbucio já testemunha uma tomada do sujeito em relação ao Outro da linguagem.” (MALEVAL, 2007, p. 83). Segundo o psicanalista, para as crianças autistas, não fica claro que os primeiros sons advindos das pessoas que se ocupam delas estão entrelaçados com as vivências e experiências emocionais, é por esse motivo que há dificuldades de compreensão da linguagem, ou seja, da ligação entre os afetos e as palavras.

Encrevé, em seu trabalho *A criança gramática* (2020), recupera interessantes pesquisas feitas por linguistas, na qual destacam que o recém-nascido, desde o quinto dia de vida, consegue discriminar e manifestar sua preferência pela voz e pela língua materna. Relata que o bebê discrimina as formas sonoras, entonação, acentuação e a prosódia da língua. “Tal é o saber linguístico prático do recém-nascido: é capaz de analisar a curva melódica de diferentes línguas [...] coisa que a maioria dos adultos é incapaz de fazer.” (ENCREVÉ, 2020, p. 91)<sup>24</sup>. Destaca, ainda, que o bebê, por volta do oitavo mês, possui uma sensibilidade para a fonética que lhe possibilita discriminar e distinguir diferentemente dos adultos as particularidades dos sons nas diferentes línguas. Para Encrevé, a extrema plasticidade da criança deixa claro que, em matéria de linguagem, ela é mais competente que o adulto, especialmente em se tratando da aprendizagem de uma língua estrangeira, pois a criança sabe ouvir a forma sonora da linguagem, especialmente as distinções fonéticas de qualquer língua. Entendemos que a criança está interessada nos escanções da voz, pois é a voz que faz a ligação com o Outro materno.

Há testemunhos de autistas nos quais relatam uma impossibilidade de ligação entre as palavras e afetos. Diante dessas dificuldades, recorrem à literalidade e à ausência de entonação na fala, sendo que muitos revelaram que não compreendiam que as palavras serviam para se expressar. É comum, inclusive, que muitos autistas aprendam a ler muito antes de falar. “Em função da carência do balbucio e da lalíngua, a entrada na linguagem se faz por assimilação a signos. Estes primeiramente constituem objetos aos quais os autistas se agarram, entre outros, para ordenar seu mundo.” (MALEVAL, 2017, p. 111). Ao recorrer aos signos, a fala dos autistas se afasta da articulação simbólica dos significantes, permeada, portanto, por regras fixas, com sentidos absolutos, em que cada signo poderá representar uma única coisa. Nesse sentido, se afastam da ligação pulsional entre afetos e linguagem, na qual o circuito pulsional

---

<sup>24</sup> No original, “Tal es el saber lingüístico práctico del recién nacido: es capaz de analizar la curva melódica de diferentes lenguas que se le proponen, cosa que la mayoría de los adultos son incapaces de hacer.”

poderia se presentificar. Tammet revela, em sua autobiografia, as dificuldades para compreender diálogos, recorrendo a frases prontas, o que nos faz pensar no modo particular de tratamento da linguagem. Maleval apresenta depoimentos como o de D. Williams, que dizia não conseguir exprimir ao mesmo tempo palavras e emoções, e que, segundo o psicanalista, ao constituir a defesa separando emoções e intelecto, o sujeito se distancia de sua vida emocional. “Para Sellin, o autista é a *‘ruptura do homem’* com as primeiras experiências simples, como experiências essenciais e importantes, por exemplo chorar.” (WILLIAMS *apud* MALEVAL, 2007, p. 86; grifos meus).

Daniel relata que sofria de cólicas infantis e, para a psicanalista Marie Christine Laznik, os bebês que sofrem com dores gastroesofágicas com frequência poderão ficar mais expostos à uma excitação intolerável, desdobrando-se em recusas ao contato afetivo com a mãe ou com aquele que cuida da criança, assim, conseqüentemente, os avanços para inscrições fálicas e narcísicas podem ficar comprometidos. Em sua longa experiência com bebês, Laznik relata que, ao escutar inúmeras histórias de crianças autistas, os pais descrevem alterações gastroesofágicas significativas. “Eu encontro quase sempre esse quadro em bebês pequenos que apresentam recusa relacional.” (LAZNIK, 2016, p. 48). Na narrativa de Daniel, vemos que ele sofreu com intensas dores intestinais e frequentes infecções de ouvido e, posteriormente, vai relatar que permanecia durante muito tempo sozinho, em seu quarto, o que nos remete a levantar hipóteses quanto às dificuldades do contato afetivo. Marina Bialer ressalta que os transtornos sensoriais podem inviabilizar os investimentos no contato afetivo com os outros. Em seus estudos sobre autobiografias, recorre aos relatos de Donna Williams, nos quais descreve o “[...] impacto de perturbações sensoriais que geram excessos de hipersensibilidades e que ocasionam excitações violentadoras, precipitando movimentos de desligamento, em contraponto à ligação com os outros.” (BIALER, 2018, p. 38). Para Laznik, esses sofrimentos no início da vida poderiam provocar falhas no primeiro cruzamento entre os registros Real e Simbólico. A autora recorre ao ensino freudiano, especialmente a *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Além do princípio do prazer* (1920). “No início da vida do filhote humano, é necessária a presença de uma pessoa experiente que venha a diminuir as excitações provenientes não somente do exterior, mas também do interior do organismo do bebê.” (LAZNIK, 2016, p. 47).

Para Benilton Bezerra Jr. (2013) o *Projeto para uma psicologia científica* apresenta uma ideia fundamental quanto à experiência de satisfação, uma vez que essa experiência se mostra essencial para a compreensão das estruturas do aparelho psíquico e da subjetividade humana. “É a partir dela que podemos compreender a origem dos afetos. É nela que reconhecemos o papel crucial da alteridade na constituição do sujeito. É dela que inferimos como o indivíduo é

introduzido na ordem simbólica.” (BEZERRA JR., 2013, p. 134). O bebê e sua dependência caracterizam o desamparo original da espécie humana. Como apontam Carbonel e Ruiz (2018), todo ser humano, diferentemente dos outros mamíferos, chega ao mundo com uma marcada imaturidade, os humanos necessitam de muito tempo para a aquisição do domínio motor de seu corpo e de sua autonomia, assim, podemos falar da prematuridade de todo ser humano. O desconforto como a fome, dores, frio ou sede, provocam, na criança, um aumento de tensão e, nesse sentido, choros e gritos são as formas que o bebê possui para expressar seu sofrimento. “Para a obtenção do alívio, torna-se necessária uma ‘ação específica’ que elimine a fonte da tensão [...]. Aqui se evidencia o papel fundamental da *alteridade* no acionamento dos processos constituintes do psiquismo.” (BEZERRA JR., 2013, p. 135). A mãe, ao nomear para a criança seus desconfortos, possibilita o caminho da passagem do puro organismo para o corpo simbólico, aliado à *tradução* do choro como uma mensagem endereçada. A pura descarga motora “[...] ganha sentido e é introduzida como uma mensagem no universo simbólico instanciado pela presença de outros humanos ao seu redor.” (p. 136). Segundo o autor, a pura descarga inicial se articula a um segundo movimento, ou seja, a comunicação de um apelo a um outro. “A experiência de adquirir um corpo tem seus requisitos. Os primeiros cuidados são cruciais para a necessária subjetivação do corpo.” (CARBONELL; RUIZ, 2018, p. 20)<sup>25</sup>. Segundo os autores, é necessário um primeiro vínculo no qual o bebê se enlace ao simbólico de seu semelhante, uma vez que alimentar-se não se restringe a uma função biológica. “A saber, a boca não é somente a entrada para o alimento, senão também um órgão cujo pedido de satisfação deixa o sujeito ligado a quem lhe dirige uma demanda, como também a um mundo feito de linguagem [...] chegar a ter uma boca significará subjetivar esse orifício.” (CARBONEL; RUIZ, 2018, p. 20)<sup>26</sup>.

O encontro com o campo da linguagem é traumático para o sujeito humano, uma vez que é permeado pelos mal-entendidos e, nesse sentido, cada um será afetado pela linguagem de maneira muito particular. Gostaríamos de articular o encontro com o Outro a um trabalho intitulado *A alteridade no autismo: do próximo ao Outro de Síntese* (2020), escrito por Di Pietro e Bastos. As autoras partem do texto de Freud *Projeto para uma psicologia científica* ([1895] 2006) e sublinham que o bebê, ao necessitar de uma ajuda externa para apaziguar seus

---

<sup>25</sup> No original, “La experiencia de adquirir un cuerpo tiene sus requisitos. Los primeros cuidados, entonces, son cruciales para la necesaria subjetivación del cuerpo.”

<sup>26</sup> No original, “A saber, la boca no solo es la entrada del alimento sino también un órgano cuyo pedido de satisfacción deja el sujeto ligado a quien le dirige la demanda pero también a un mundo hecho de lenguaje [...] llegar a tener una boca significará subjetivar ese orificio.”

sofrimentos, recebe significantes, advindos do outro, convidando-o ao mundo simbólico. “Surge a figura do *Nebenmensch*, humano próximo, como primeiro objeto de satisfação, primeiro objeto hostil e também a única força auxiliar do sujeito.” (DI PIETRO; BASTOS, 2020, p. 2). O *Nebenmensch*, segundo Freud, é quem ampara o bebê, porém, é tomado como objeto hostil. Gostaríamos de destacar a aproximação elaborada pelas autoras quanto ao estatuto do humano próximo, *Nebenmensch* e o Outro em Lacan. “Lacan retomará essa figura e irá diferenciá-la do Outro, alteridade simbólica: o *Nebenmensch* é iminência intolerável de gozo, enquanto o Outro é o resultado de uma varredura de gozo operada pela incidência do significante, que pode não ocorrer.” (DI PIETRO; BASTOS, 2020, p. 2). Destacamos essa citação das autoras, pois nos pareceu importante assinalar que a alteridade simbólica pode não ocorrer, e arriscamos uma aproximação na qual Lacan refere-se à “*insondável decisão do ser*” (LACAN, [1946] 1998, p. 179; grifos nossos), “[...] uma proposição que nos concerne especialmente por que nos permite pensar o autismo como marco ético da subjetividade humana.” (CARBONEL; RUIZ, 2018, p. 19).

“O ‘mistério do corpo falante’ é o mistério do corpo marcado, afetado pelo saber da alíngua do sujeito e, de forma sempre singular, jamais completamente apreensível.” (SOLER, 2010, p. 29). Soler assinala que o significante se aloja nas entrelinhas, no intervalo do que se diz, dessa forma, é nesse hiato que se depositam o desejo e a fantasia.

É por isso, aliás, que à maneira de falar do Outro, é preciso acrescentar – o que faz Lacan – a maneira de escutar da criança. *Entre aquilo que é emitido e aquilo que é recebido, há uma contingência do que é ouvido*, que limita e muito a responsabilidade dos pais para com seus filhos, além do fato de que *eles mesmos sofrem os efeitos daquilo que mais lhes escapa*. (SOLER, 2010, p. 25; grifos meus).

Nessa citação de Soler, destacamos que existe um limite na responsabilização dos pais, uma vez que há uma contingência entre aquilo que se diz, e aquilo que a criança pôde escutar, permeado ainda pelo que escapa aos pais. O campo da linguagem está dado para todos, preexiste ao nascimento, é algo que não se negocia, a linguagem já está presente, independentemente de a criança falar ou não, no entanto, cada criança, a partir de sua singularidade, irá nela se incluir. Como a linguagem é permeada pelos equívocos, é por essa razão que há uma distância entre o que foi dito e aquilo que foi escutado. Paradoxalmente, a linguagem comporta as possibilidades de laços sociais e ao mesmo tempo seus desencontros.

Assim, “*Nebenmensch* é precursor do Outro, mas ambos não coincidem” (DI PIETRO; BASTOS, p. 2). Recuperemos a citação de Lacan: “Será que esse próximo é o que chamarei de

*Outro*, que me serve para fazer funcionar a presença da articulação significativa do inconsciente? *Certamente não*. O próximo é a iminência intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplenagem higienizada.” (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 219; grifos nossos). O estatuto do Outro nos autismos não comporta a inscrição simbólica, com isso, podemos nos aproximar de uma retenção à alienação aos significantes advindos do Outro, não sendo possível uma marca identificatória. “Tal ausência de significante do Outro, com efeito, exclui a identificação.” (LEFORT, 2017, p. 27).

Nos estudos de Jean-Claude Maleval (2017), o psicanalista aponta que os autistas constituem um *Outro de Síntese* como recurso para contornar a ausência da inscrição simbólica. O *Outro de Síntese* se articula aos *interesses específicos*, ao *objeto autístico* e ao *duplo* como forma compensatória à ausência do Outro e, com isso, maneiras singulares de constituir laços.

#### **4.1 Daniel e a amizade com os números**

Com dois anos e meio, Tammet foi para a escola maternal, e lembra de seu “[...] *fascínio por ampulhetas*. Ficava um tempão observando o fluxo granuloso de areia escorrendo, esquecendo as crianças que brincavam à minha volta.” (TAMMET, 2007, p. 27; grifos meus). Na escola, permanecia solitário, quieto demais, não fazia demandas, gostava de observar os objetos girando, mas não conseguia brincar com as outras crianças. Relata dificuldades motoras, necessitando de muita ajuda para conseguir aprender a amarrar os sapatos, sendo que seus pais rotulavam os sapatos para ajudá-lo a identificar o direito e o esquerdo. Ao escovar os dentes seu desconforto era muito intenso devido a sua hipersensibilidade auditiva. O barulho provocado no contato com as cerdas o fez recorrer a métodos em que ele pudesse tolerar o ruído, como, por exemplo, colocar algodão nos ouvidos. Enfrentou dificuldades com o aparelho de barbear, necessitando da ajuda de seu companheiro na vida adulta. Outra lembrança da época maternal era seu prazer provocado pelas diferentes texturas do chão da escola, no qual adorava caminhar descalço para experimentar a sensação de seus pés grudando no plástico, essas experiências visuais e táteis eram o que mais o interessava. Daniel, ao caminhar para sentir a textura do piso da escola, indica que essas experiências sensoriais eram muito importantes, e nos remete a pensar sobre sua forma de tentar dar contorno a seu corpo.

Aos três anos, narra que já havia memorizado o trajeto que fazia para ir à escola. Certo dia, seu pai decidiu mudar o caminho, o que provocou uma crise intensa em Daniel, que começou a gritar ao identificar a mudança no trajeto. A obsessão pelo mesmo e pela repetição, assim como destacado por Kanner e Asperger, fica clara nesse relato. Sobre a necessidade de

repetição, temos no testemunho do autor: “Uma de minhas distrações favoritas era pegar uma moeda e girá-la no chão, observando-a enquanto rodopiava. Eu fazia isto várias e várias vezes, sem nunca me cansar.” (TAMMET, 2007, p. 30). Daniel possuía um interesse muito grande pelos livros de Mr. Men, sendo que sua obsessão pelos personagens de Mr. Men fez com que seu pai comprasse toda a coleção. “Eu não saía de casa sem um. Passava horas à tarde no chão do quarto com os livros nas minhas mãos, olhando as cores e formas nas ilustrações.” (TAMMET, 2007, p. 30). Sintomas como interesses específicos, hipersensibilidade sensorial, isolamento autístico e a necessidade de repetição são destacados em sua autobiografia.

Durante sua infância e adolescência, enfrentou momentos de solidão e ansiedade, não conseguia compreender a razão por sentir-se diferente das outras crianças, não sabia como interagir e as pessoas pareciam não fazer sentido. Ele era um bom aluno, aprendia rápido e passava muito tempo na companhia de seus livros. Ao permanecer muito tempo sozinho, Daniel diz que preferia a *companhia dos números*, que eram seus amigos, sendo que cada um possuía uma textura, uma cor, uma forma e uma personalidade. Tomemos a narração de Daniel sobre a personalidade dos números: “o quatro é tímido como eu”, “o trinta e sete é mal-humorado” (TAMMET, 2011). A linguagem dos números lhe proporciona tranquilidade, sendo que recorria a eles para organizar seus sentimentos e seu mundo interior. Essa relação mostra o impacto que os números exerciam em seu corpo e Daniel descreve com clareza as emoções e os efeitos sinestésicos provocados; nesse sentido, destacamos que os números são interesses específicos muito caros a Daniel. Para BAYÓN (2020), a língua dos números está desconectada do outro, porém, para Daniel é carregada de emoções e permeia seus sentimentos.

Durante a infância, Daniel era uma criança que permanecia a maior parte de seu tempo no quarto, permeado pelo silêncio, uma vez que este o acalmava. “Um ruído súbito, como uma batida na porta, era doloroso para mim, como um rompimento daquela experiência.” (TAMMET, 2007, p. 31). Segundo Jean-Claude Maleval, a solidão, nos autismos, normalmente é permeada por objetos e interesses super investidos, o que denota a separação com o Outro, sendo um trabalho para manter a imutabilidade com regras e padrões fixos. “A solidão testemunha de maneira manifesta uma recusa em convocar o Outro, relacionada a uma dificuldade fundamental do autista em se situar na posição de enunciação. Quanto à imutabilidade, ela revela um sujeito trabalhando para colocar ordem num mundo caótico.” (MALEVAL, 2017, p. 112).

Um ponto extremamente importante que destacamos na autobiografia se encontra no recurso que Daniel encontrou para dar contorno ao seu corpo por intermédio dos livros e dos números, sendo estes interesses específicos. Os interesses específicos são fundamentais para a

constituição das relações com os outros. Ele relata que os livros eram companheiros importantes, os carregava para o seu quarto, tarefa essa que lhe exigiu muito esforço, pois chegou a construir uma pilha de livros, que iam do chão até cercarem todo o seu corpo. Caso os pais tentassem retirar os livros, Daniel seguia com ataques de raiva e gritos.

Todas as páginas de meus livros possuíam *números*, e eu me sentia feliz por estar cercado por eles, como que envolto num *cobertor numérico*. Muito antes de conseguir ler as frases nas páginas, eu sabia contar os números. *E quando contava, os números apareciam como movimentos ou formas coloridas na minha mente.* (TAMMET, 2007, p. 32; grifos meus).

Outra referência sobre os recursos que Daniel utilizava para um contorno corporal eram as roupas. Ele diz:

Mesmo com tempo quente, eu não tirava o casaco ao voltar da escola, usando-o durante todo o tempo em que assistia aos diferentes programas, às vezes até mais tarde. Para mim, tratava-se de uma *camada protetora extra contra o mundo externo, como um cavaleiro com sua armadura.* (TAMMET, 2007, p. 54; grifos meus).

Chegou a construir pilhas de moedas para contornar seu corpo: “Às vezes construía várias pilhas da mesma altura ao meu redor em forma de círculo e me sentava no meio, cercado por todos os lados, sentindo calma e segurança interiores.” (TAMMET, 2007, p. 60).

Kristine Barnett, mãe de um garoto autista, escreveu o livro *Brilhante*. A inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista (2013), no qual narra uma história belíssima, de extrema sensibilidade, revelando que, quando existe um olhar atento aos interesses específicos das crianças, abrem-se inúmeras possibilidades. Kristine escutava de profissionais e educadores que os interesses de seu filho, Jake, não possuíam qualquer significado, pois ele se dedicava a jogar caixas de cereais pelo chão e construía teias de fios coloridos amarrados pela casa. A mãe diz:

Para os outros, podia parecer que ele estava simplesmente ausente, mas eu não via seu foco como vazio. Sua atenção não soava aleatória ou impensada. Ele parecia alguém perdido em algum trabalho muito importante, muito sério. Infelizmente, não podia nos dizer qual era. (BARNETT, 2013, p. 49).

O filho de Kristine Barnett havia sido diagnosticado com autismo e os prognósticos diziam que seria muito difícil ele aprender a ler e escrever, porém, anos mais tarde, foi aceito como pesquisador em uma importante universidade. Kristine narra que seu filho, ao jogar

cereais pelo chão, estava calculando o volume das caixas, e os fios amarrados pela casa eram elaborações complexas de equações matemáticas. “Usando metros e metros de fio, ele havia criado não um emaranhado terrível, confuso, mas um padrão de complexidade, beleza e sofisticação.” (BARNETT, 2013, p. 55). A mãe, ao não retirar os objetos autísticos de Jake, e respeitando seus interesses específicos, possibilitou uma abertura importante, pois foi a partir do interesse de Jake pela matemática e pela astronomia que ele começou a se comunicar e construiu uma carreira como pesquisador, estudos sobre ondas luminosas e como elas viajam. “Ele acredita que sua pesquisa levará a uma transmissão eletrônica da luz muito mais eficiente. Por isso é que eu pergunto aos pais com quem trabalho sobre os primeiros e mais persistentes interesses de seus filhos.” (BARNETT, 2013, p. 104).

#### **4.2 A prevalência do pensamento por imagens**

Aos quatro anos, Daniel começou a sentir uma espécie de “desligamento total”, como se os objetos se afastassem dele, ficava paralisado, ensimesmado, além de fazer movimentos corporais e balanceios. Foi diagnosticado nessa época com epilepsia, levando-o a ser tratado com medicação, uma vez que apresentava convulsões. Após três anos, a medicação foi retirada, resultando numa significativa melhora em seu desempenho escolar. A epilepsia, para Daniel, desempenhou um papel significativo, pois o ajudou a tornar-se quem ele é.

Parece que minhas convulsões da infância podem ter desempenhado um papel importante em fazer de mim a pessoa que sou hoje. Muitos outros autores tiveram a mesma impressão a respeito da experiência com a epilepsia, entre eles Fiódor Dostoiévski. (TAMMET, 2007, p. 45).

Aos oito anos de idade, começou a escrever compulsivamente, tinha preferência por escrever extensas descrições e detalhes, sem que houvesse diálogos em seus escritos. A compulsão para escrever fez com que Daniel nutrisse um fascínio pelas palavras. Em outros momentos de sua infância, narra que ao assistir séries na TV, conseguia compreender melhor as histórias quando elas eram *narradas por imagens*, uma vez que tinha dificuldades em compreender os diálogos. A prevalência pelas imagens fica muito clara na narrativa de Daniel, principalmente quanto à visualização das cores e texturas dos números para elaborar cálculos. Sua maneira particular de pensar, somada às experiências sinestésicas, além de suas dificuldades para compreender a linguagem e estabelecer um diálogo, marcaram sua infância.

Desde muito pequeno, Daniel já expressava sua obsessão pelos números. Na escola, época em que iniciou o primário, já elaborava enigmas matemáticos de forma bastante singular, diferente dos métodos tradicionais, ele se utilizava de *formas geométricas para pensar*, e encontrar padrões para descobrir a solução dos problemas, além de permanecer muitas horas do dia absorvido por sua paixão pela matemática. Kanner, de certa forma, havia identificado a prevalência do *pensamento por imagens*, quando em seus estudos cita o caso de Donald T., o garoto que passava horas em torno dos números e cujos interesses se concentravam exclusivamente nos cálculos de quantidades. Há uma citação de Kanner que vale a pena retomar, pois é bastante ilustrativa sobre o pensamento por imagens: “Quando pedimos que subtraísse quatro de dez, ele responde: ‘Eu desenharei um *hexágono*’.” (KANNER, 2012, p. 120; grifos meus).

Esses testemunhos abrem inúmeras possibilidades a educadores e profissionais que se dedicam aos cuidados de crianças autistas, pois, em sua grande maioria, essas crianças não encontram espaços para expressar suas formas singulares de pensar e aprender conteúdos complexos. Daniel, ao pensar em imagens geométricas, nos ensina que há formas particulares de aprender, especialmente matemática, conteúdo com o qual muitas crianças possuem dificuldades na escola. Nesse sentido, as elaborações singulares de pensamento são valiosas para ampliar o universo da educação. Temple Grandin escreveu um livro com o título *Pensar con imágenes – Mi vida con el autismo* (1995), no qual destaca seu pensamento alicerçado em imagens.

*Penso con imágenes. As palavras são para mim como uma segunda língua. Traduzo tanto as palavras faladas como as escritas em películas com cores, e com sons, tudo se passa em minha cabeça como um vídeo. Quando alguém fala, suas palavras se traduzem imediatamente em imagens [...]. O pensamento visual me permite criar sistemas inteiros na imaginação [...]. Valorizo minha capacidade de pensar visualmente e não gostaria de perdê-la nunca. (GRANDIN, 1995, p. 15; grifos meus)<sup>27</sup>.*

Oliver Sacks faz o prefácio do livro escrito por ela e enfatiza que foi a sensibilidade de um professor de ciências, que apesar dos comportamentos estranhos de T. Grandin, apostou que

---

<sup>27</sup> No original, “Pienso con imágenes. Las palabras son para mí como una segunda lengua. Traduzco tanto las palabras habladas como las escritas en películas en color, con sonido y todo, que pasan por mi cabeza como una cinta de vídeo. Cuando alguien me habla, sus palabras se traducen de inmediato em imágenes [...]. O pensamiento visual me ha permitido crear sistemas enteros en la imaginación [...]. Valoro mi capacidad de pensar visualmente, y no quería perderla nunca.”

havia ali um potencial singular e, respeitando suas obsessões, pôde abrir as portas para uma vida científica.

J. Barnett conta que seu filho estava brincando com bolinhas e caixas de cereais, colocava as bolinhas nas caixas e as retirava. Quando sua tia perguntou o que ele estava fazendo, o menino respondeu: “*dezenove esferas fazem um paralelepípedo*” (BARNETT, 2013, p. 72; grifos meus). Destacamos a forma particular de pensamento, porém, com grande sofisticação, uma vez que o paralelepípedo é uma figura tridimensional, e o pensamento matemático alicerçado em imagens demonstrou que ele estava calculando quantas bolinhas precisava para encher a caixa de cereais.

Elisa Alvarenga refere que Lacan, em *O Seminário 9 – A Identificação*, afirma que o signo estaria na origem e que o significante seria uma elaboração posterior. A autora cita que, nos trabalhos de Jean-Claude-Maleval, há um destaque sobre as dificuldades que os autistas possuem com relação à alienação significante. “O sujeito autista, agarrado ao signo sem a interpretação que viria do Outro, teria sua orientação para o real. Isso permite entender o funcionamento de alguns autistas que pensam através de imagens, com um recurso precaríssimo ao registro simbólico.” (ALVARENGA, 2018, p. 1).

Aos nove anos de idade, Daniel começou a se interessar por línguas, após um trabalho escolar no qual pesquisava sobre os diferentes países que participaram dos Jogos Olímpicos de Seul. Ao pesquisar na biblioteca sobre as diferentes línguas que existem ao redor do mundo, ficou encantado com suas descobertas, especialmente com as ilustrações do alfabeto fenício antigo. Novamente, o recurso à imagem provoca o interesse de Daniel: “Eu me fascinava com as línguas e *curvas próprias* das diferentes letras, e comecei a encher um bloco de notas após o outro com longas sentenças e histórias exclusivamente na escrita fenícia.” (TAMMET, 2007, p. 61; grifos nossos). Na época, ele cobriu uma parede de sua casa com suas letras favoritas do alfabeto fenício. Quando tinha 10 anos, conseguiu aprender sozinho algumas palavras em finlandês, se utilizando de livros infantis que continham o desenho e a grafia das palavras.

Daniel possui grandes habilidades matemáticas, porém, o que ficou muito marcado na sua infância foram os problemas de solidão e ansiedade; não conseguia interessar-se por brincadeiras coletivas e, em sua casa, passava grande parte do dia sozinho. Na escola, ficava nervoso ao se deparar com atividades que não estavam programadas, uma vez que a rotina e a previsibilidade eram essenciais para se manter calmo. Quando havia algum evento escolar que envolvesse muitas pessoas, provocando intenso barulho, Daniel não participava, os pais permitiam que ele permanecesse em casa, evitando, assim, uma crise. Cito Daniel ao descrever seu sofrimento: “Se eu me sentisse esmagado por uma situação, meu rosto ficava bem vermelho

e eu batia na lateral da cabeça com força até doer bastante. A sensação de tensão dentro de mim era tamanha que eu precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, para liberá-la.” (TAMMET, 2007, p. 65; grifos meus).

Esses relatos são extremamente importantes para pensar sobre a forma singular de pensamento, o recurso às imagens, como também sobre a constituição do corpo e a construção de bordas corporais. Lacan (1985), ao desenvolver as operações constituintes, como trabalhamos anteriormente, especialmente sobre a alienação e separação, diz que a alienação aos significantes no campo do Outro marca o sujeito, submetido ao universo da linguagem. Nos autismos, as dificuldades de inserção no discurso estão articuladas com a constituição do próprio corpo.

### 4.3 O corpo e a construção de uma borda

Freud, nos seus trabalhos *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Introdução ao narcisismo* (1914), ressalta que o corpo possui aspectos biológicos somados a uma representação imaginária e simbólica. Nos estudos sobre a histeria, Freud destaca as conversões histéricas, nas quais os sintomas carregados de significações subjetivas revelam uma dimensão no corpo. Cito Freud para uma aproximação sobre a constituição do corpo.

No tocante à primeira questão, posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (1996, p. 93).

O corpo próprio poderá se constituir a partir do narcisismo, no entanto, deverá ser “provocado” por um Outro. As primeiras satisfações vividas com o Outro materno, amparadas pela linguagem, marcam o corpo da criança, e somente a partir dessas inscrições o corpo passa do estatuto orgânico ao pulsional, constituindo-se as zonas erógenas, ou seja, é por meio das zonas erógenas que o corpo pode adquirir seus contornos.

O nascimento do ser humano não começa nem termina com seu nascimento biológico. Ele é resultado das marcas deixadas pela linguagem do Outro sobre o organismo. É a razão pela qual, em psicanálise, dizemos *corpolingagem*, em uma só palavra, em lugar de dizer corpo ou organismo. (CATÃO, 2015, p. 1).

O corpo e a relação com os objetos estão entrelaçados à constituição subjetiva de todos os sujeitos, porém, identifica-se, nos autismos, uma relação muito particular, da ordem de um intenso investimento, ou uma sideração sensorial, pois, ao aderir-se a um objeto, este se torna parte do corpo do autista, e a sensação produzida pela ligação com os objetos proporciona uma barreira ao mundo exterior, desdobrando-se em sentimentos de proteção.

O impacto que os números provocam no corpo de Daniel, assim como seu investimento nos livros e moedas, lhe proporciona segurança. Esse dado clínico nos remete a destacar os trabalhos de Laurent (2014), nos quais esclarece que, ao compreendermos que há uma topologia específica do espaço para os autistas, também fica clara a importância dos objetos na constituição corporal. Tammet nos fala sobre sua fascinação por amuletos e sua solidão nos primeiros anos escolares, depois, sobre seu investimento na arquitetura de torres com os livros, sendo um local para se acalmar, pois os números lhe forneciam uma “cobertura numérica”. Há um encapsulamento e uma retirada do convívio com as outras crianças, seguido de um investimento nos objetos. Na ausência de delimitação das zonas erógenas, haveria, nos autismos, por intermédio dos objetos acoplados ao corpo, uma espécie de *neo-borda*, recurso este para entrar em contato com os outros. O corpo, ao se constituir por furos, institui bordas corporais e, conseqüentemente, os trajetos pulsionais. Nos autismos, segundo Laurent, haveria um corpo “sem furos”. “Não poder dispor de um corpo articulado a furos exige costuras particulares do espaço, bem como adesões a duplos realizados, que fazem suplência à ausência de imagem do corpo.” (LAURENT, 2014, p. 22). Segundo o psicanalista, os objetos e o recurso ao duplo fazem função de borda para o corpo do autista sendo que “[...] a inexistência da borda do furo é apenas o redobramento da inexistência do corpo próprio, pois um corpo só existe se um objeto pode se separar dele.” (2014, p. 100). O objeto possui uma particularidade, está do lado de fora do corpo, porém, possui uma incidência muito importante, que, segundo Laurent, funciona como um órgão colado ao seu corpo. Há uma criação singular para constituir bordas corporais, sendo que, para Daniel, essas bordas se constituem por meio das moedas, dos números e dos livros.

Entendemos que o corpo é atravessado pela pulsão e “recortado” em zonas erógenas, e a partir dessa operação se constituem também as bordas corporais. As bordas só podem ser inscritas por meio dos significantes. É preciso a operação da palavra sobre o corpo do bebê, para a incisão dos “orifícios”. A “forclusão do furo”, nomeada por Éric Laurent (2014), nos aproxima da impossibilidade do circuito pulsional nos autismos, fazendo com que se busque caminhos para a proteção dos excessos em um “corpo suturado”.

#### 4.4 Adolescência, sofrimento e exclusão

Daniel, ao sentir-se diferente das outras crianças, não conseguia entender seus sentimentos, porém, à medida que começou a perceber sua solidão, também começou a sentir falta de um amigo. “Pessoas com síndrome de Asperger querem fazer amizades, mas têm dificuldade. A forte sensação de isolamento que eu sentia profundamente era muito dolorosa para mim.” (TAMMET, 2007, p. 73). Na escola, nos intervalos das aulas, ficava sozinho, observando as brincadeiras; durante os recreios ficava absorto em seus pensamentos, caminhava e tinha a sensação de poder desaparecer entre as árvores, tinha vontade de sumir, sentia que não conseguiria adaptar-se aos lugares. O sentimento de distância e separação nunca o deixaram, relata que nunca se sentiu totalmente à vontade e seguro. As crianças, ao verem Daniel caminhar entre as árvores, zombavam e diziam que ele era estranho, que conversava com as árvores. Em outros momentos, quando era ridicularizado, ele se sentava, tapava os ouvidos e começava a contar as potências de 2, então, os números começavam a formar *padrões visuais* em sua mente; *utilizava esse recurso de pensamento e criação para se tranquilizar*. Destacamos, mais uma vez, o recurso ao pensamento por imagens e o interesse específico por números como uma defesa, revelando-se muito importante frente à solidão. Daniel procurava estratégias para se acalmar e o local que mais lhe proporcionava sensação de segurança era a biblioteca, local em que permanecia sozinho.

As intimidações às vezes constituíam um problema para mim, porque eu era diferente e solitário. Algumas crianças me xingavam ou riam de mim porque eu não tinha nenhum amigo. Felizmente, acabavam se cansando e indo embora, pois eu não reagia. Tais experiências reforçavam a percepção de que eu era um estranho no ninho. (TAMMET, 2007, p. 68).

Daniel não conseguia conversar, não sabia o que fazer ou falar ao se endereçar a alguém, constantemente ficava com a cabeça abaixada ou se concentrava em observar a boca do interlocutor; em algumas situações, quando lhe pediam para olhar nos olhos, lembra que isso lhe causava uma sensação estranha e incômoda. Não compreendia que um diálogo se seguia entre as pessoas, tinha dificuldades para escutar e compreender o que estava sendo dito; assim, ele começava a dizer sobre coisas que lhe interessavam, com inúmeros detalhes, até esvaziar todo o conteúdo de seu interesse por um determinado assunto. Na relação com os colegas, não sabia como iniciar uma conversa e não tinha ideia do que era um diálogo. Tendo se deparado com essa dificuldade para se comunicar, Daniel começou a pesquisar livros na biblioteca, principalmente romances que continham diálogos, pois acreditava que seria capaz de ler a

mente das pessoas, para, assim, entender o que elas falavam. Ia para a escola com os diálogos memorizados, na tentativa de reproduzi-los, usar as palavras de alguma forma, porém, não obtinha sucesso. Muitas vezes, voltava à biblioteca para encontrar um outro escritor que melhor o ajudasse com os diálogos.

Cito o autor sobre essas dificuldades:

A sequência de meus pensamentos nem sempre é lógica, mas costuma se compor por uma forma de *associação visual*. Na escola, esses desvios associativos às vezes faziam com que eu deixasse de ouvir o que me diziam, e os professores muitas vezes me repreendiam por não escutar ou não me concentrar o suficiente.

Às vezes consigo ouvir cada palavra e reconhecer cada detalhe do que está sendo dito, e mesmo assim não responder apropriadamente... Acho quase impossível ler nas entrelinhas... Igualmente difícil para mim é saber quando responder a afirmações que não são expressas explicitamente como perguntas. (TAMMET, 2007, p. 71).

J.C. Maleval (2017) destaca a particularidade com que os autistas se relacionam com as palavras, e indica que a relação dos autistas com a linguagem é marcada pela retenção do objeto voz, expressa muitas vezes com mutismos, ecolalias, monólogos e repetição de palavras. Ao recusar tomar uma posição de enunciador, o autista elabora tentativas de reduzir a linguagem com a ausência de equívocos, como recurso para suportar a angústia diante dos mal-entendidos inerentes a qualquer língua. As dificuldades em estabelecer diálogos é marcante na história de Daniel, uma vez que ele precisou de muita prática para conseguir estabelecer uma conversa social. Se esforçava para manter contato visual, e diz que precisou de muito esforço para ter “conquistado essa nova habilidade”. Podemos articular a solidão como um recurso utilizado pelos autistas diante das dificuldades que encontram para se comunicar ou, ainda, uma forma de evitar colocar-se na posição de enunciação, como destacado por Maleval.

#### **4.5 A beleza dos números primos**

Na adolescência, Daniel percebeu que sua relação com os números era bem diferente da de outras pessoas. Para preencher seu tempo, criava códigos nos quais substituía as letras por números, dedicava várias horas do dia em atividades como soma e multiplicação e esses cálculos eram permeados por formas, cores e texturas. No quarto, em casa, parte de seu tempo era dedicado a um jogo de paciência, em que cada carta possuía um valor, além de regras criadas pelo próprio Daniel, como, por exemplo, “Se, após uma primeira carta, o valor total das cartas da pilha é, em qualquer ponto, um *número primo*, aquelas cartas são perdidas.” (TAMMET,

2007, p. 74; grifos meus). O jogo o atraía, pois, ao mesmo tempo, envolvia matemática e memória. Ao criar regras e uma lógica própria, Daniel cria uma forma de linguagem particular alicerçada em seu processo de visualização para elaborar cálculos e pensamentos. Para ele, os números primos possuem um lugar de extrema importância, uma vez que só podem ser divididos por um ou por eles mesmos e, de certa forma, possuem um lugar único, circunstância na qual Daniel vai destacar a *solidão* do número primo.

Vejo cada número primo como uma forma de textura uniforme [...]. Sempre que identifico um número como primo, uma sensação irrompe na minha cabeça (na parte central dianteira) difícil de explicar em palavras. É um sentimento especial, como a sensação súbita de alfinetes e agulhas [...] consigo ver na imaginação quão bonitos e especiais são os primos [...]. Exatamente por essa razão olho sem parar para eles; cada um tão diferente do anterior e do posterior. Sua solidão entre os demais números é o que os torna tão visíveis e interessantes para mim, (TAMMET, 2007, p. 19).

Maleval enfatiza o interesse que muitos autistas possuem pelos números primos, uma vez que eles não possuem outra referência além deles mesmos, e comportam o que se poderia dizer: *um começo absoluto*.

O que o caracteriza, segundo os matemáticos, reside no seu papel análogo aos dos elementos na química. Ele constitui um elemento não decomponível que parece ser fundador. Para um sujeito que quer aprender tudo pelo intelecto, pode parecer uma baliza fascinante. Ele responde, sem dúvida, à procura de '*referências fixas*' num mundo ordenado, permitindo lutar contra o caos com o qual a criança autista é confrontada. (MALEVAL, 2017, p. 206; grifos meus).

Para Tammet, os números primos possuem a capacidade de oferecer uma segurança diante de um mundo permeado pelo caos, uma vez que possuem uma referência fixa, ou seja, uma forma de ordenação.

Existem momentos, como quando estou adormecendo à noite, em que minha mente se enche subitamente de uma luz brilhante, e tudo que consigo ver são números – centenas, milhares deles – flutuando rapidamente acima dos meus olhos. A experiência é bonita e tranquilizadora. Algumas noites, quando tenho dificuldades em adormecer, imagino-me percorrendo minhas *paisagens numéricas*. Aí me sinto seguro e feliz. Nunca me senti perdido, porque as formas dos *números primos funcionam como postes indicadores*. (TAMMET, 2007, p. 19; grifos meus).

No entendimento de Daniel, os números primos, assim como os calendários, possuem uma ordenação por padrões, estão intimamente ligados a sua forma de pensamento por imagens

visuais e experiências sinestésicas. Segundo Maleval, os números primos possuem um atrativo para os autistas, uma vez que sugerem possuir uma “[...] existência de signo primeiro, capaz de ordenar por si só a ordem simbólica sem ter que se apoiar no gozo do sujeito... ele parece surgir como uma baliza que basta a si mesma.” (2017, p. 208). O psicanalista sugere que o número primo realiza um ideal, ou seja, uma linguagem permeada por signos, na qual cada coisa comportaria um signo único. “Sem dúvida, nada seria mais agradável para o autista do que dispor de signos primos, permitindo uma ordenação do mundo, sem ter que se arranjar com a perda inerente à linguagem.” (p. 208). Tendlarz refere que, para Lacan, o número possui uma particularidade, é uma exceção ao registro simbólico, pertence ao registro real, o que explicaria a particularidade da relação que os autistas possuem com os números, uma vez que suas experiências se aproximam da dimensão do real. A autora cita Laurent, ao destacar que “[...] para os autistas toda língua é uma língua de cálculo [...] de reduzir a língua a uma cifra, ao que existe de matemático no significante.” (2016, p. 771). A procura em alicerçar o mundo interior a cifras e ordenações é um recurso frente à ausência da dimensão simbólica. “Os autistas buscam princípios absolutos; tudo o que pode evocar uma sutura do simbólico é tranquilizador para eles e suscita interesse. Ao contrário, as demonstrações da existência de hiências no saber criam-lhes dificuldades.” (MALEVAL, 2017, p.208).

Desde a infância, Daniel relata que possui um forte impulso em se fixar na análise de detalhes, bem como uma necessidade de identificar padrões de ordenação e regras, o que o leva a fazer suas atividades de maneira extremamente igual, repetindo obsessivamente sua rotina diária. Também possui uma maneira singular de se relacionar com os números, uma vez que é por meio de *pensar em números* que ele se acalma: “Não importa aonde eu vá ou o que esteja fazendo, os números nunca se afastam de meu pensamento.” (TAMMET, 2007, p. 14). Daniel consegue visualizar os números como formas semelhantes a fragmentos de uma praia, seu funcionamento mental é singular e permeado por experiências sensoriais. Essas capacidades são chamadas de *sinestesia*, uma forma de experiência na qual os números e as letras são vistos com cores e nuances; no entanto, a sinestesia de Daniel é considerada incomum e complexa, pois ele consegue visualizar os números de maneira muito particular. As experiências sinestésicas proporcionaram a ele uma capacidade para elaborar cálculos matemáticos de alta complexidade, “[...] cresci com a capacidade de manusear e calcular números imensos na minha cabeça sem nenhum esforço consciente.” (TAMMET, 2007, p. 15). Ele recorre principalmente aos números primos para conseguir se aproximar das pessoas e se tranquilizar em situações de ansiedade. “*Os números são minha primeira língua, na qual com frequência penso e sinto. Pode ser difícil para mim entender as emoções ou saber como reagir a elas, de modo que muitas vezes*

*os números me ajudam.*” (TAMMET, 2007, p. 18; grifos meus). Os números o ajudam a compreender os sentimentos. Daniel nos oferece exemplos muito interessantes, como, ao imaginar um amigo triste ou deprimido, pensa no vazio que existe no número seis e, dessa forma, consegue compreender o que é esse sentimento. Outro exemplo é sobre quando uma pessoa fala de um lugar bonito e ele associa essas experiências às paisagens de números e padrões como existem nos calendários, o que lhe proporciona uma felicidade interior. Recorrer a calendários e seus padrões é comum às pessoas consideradas *savants*, e o próprio autor estabelece essa aproximação: “[...] a capacidade de dizer em que dia da semana caiu ou cairá uma data específica – são comuns a muitos *savants*. Acho que isto provavelmente se deve ao fato de que os números nos calendários *são previsíveis e formam padrões* entre os diferentes dias e meses.” (TAMMET, 2007, p. 188; grifos meus). A ordenação é tranquilizadora e comporta uma previsibilidade, tão cara aos autistas.

#### **4.6 O sentimento de exclusão e o desejo de sair do isolamento**

Na escola secundária, Daniel nutria um interesse pelas sequências numéricas de Fibonacci e problemas de probabilidade. Nesse período, outra disciplina de que ele gostava muito era história, adorava fazer listas que continham dados e informações, como, por exemplo, nomes e datas de monarcas e posses de primeiros-ministros. Nessa época, conheceu Rehan, garoto de origem asiática, que, como ele, sofria discriminação por parte dos outros alunos. Tornaram-se amigos e nutriam interesses comuns: Rehan recitava e escrevia poesias, ao passo que Daniel falava sobre as coisas que lhe interessavam, ambos tinham interesse pelas palavras e pela linguagem. Essa amizade foi muito importante; os dois sofriam de solidão, no entanto, conseguiram criar uma relação de amizade. Birger Sellin, em sua autobiografia, também fala sobre o desejo de se relacionar com as pessoas e sua vontade em se comunicar. “O amor dos outros e a interação com pessoas gentis, calmas e respeitadas de sua humanidade são descritos como a possibilidade de respirar para fora de seu isolamento e da prisão autísticos e germinar amor dentro de seu coração.” (BIALER, 2014, p. 10). Birger Sellin, assim como Daniel Tammet, falam de sentimentos de solidão e do desejo de interação com as pessoas, porém, o recurso ao isolamento se impõe, permeado por regras e estereótipos. Como esclarece Faria:

E teremos, assim, chegado à impactante descoberta de que a solução que traz segurança é a mesma que fixa o autista em um muro de palavras e gestos esvaziados de sentido, transformando o recurso de proteção em fonte cruel e paradoxal de isolamento. É o que o biógrafo de Birger descreve como a eterna

batalha entre a segurança do isolamento autista e o interesse pelo laço. Tal é o desafio que cada autista, cada família e cada terapeuta tem diante de si. (2017b, p. 18).

Aos 13 anos, Tammet aprendeu a jogar xadrez, destacando-se já nas primeiras jogadas com seu pai. O xadrez logo chamou sua atenção, uma vez que envolvia inúmeros problemas matemáticos. Começou a frequentar um clube e vencida quase todas as partidas, tornando-se membro regular da equipe de competição. “Quando não estava jogando xadrez no clube, lia sobre o jogo em casa em livros emprestados pela biblioteca local. Logo, minha conversa girava em torno do xadrez.” (TAMMET, 2007, p. 94). Em casa, jogava sozinho, e diz que o jogo o *tranquilizava por possuir regras fixas e com padrões frequentes*. Reiteramos que as regras fixas e a repetição são indícios clínicos importantes. Para Bialer (2015), o jogo de xadrez estimulou o interesse de Daniel por possuir regras fixas, porém, ele passava a maior parte do tempo jogando sozinho, dedicando-se a analisar as regras, em detrimento da compreensão do outro humano. Cito o autor para destacar a importância dos padrões: “Quando conto os números, eles formam figuras e padrões em minha mente que são regulares e me tranquilizam. Aí consigo relaxar e interagir com qualquer situação em que me encontre.” (TAMMET, 2007, p. 18). Aos 18 anos, criou um jogo com 18 movimentos e o enviou à revista de xadrez; sua criação foi publicada como item principal de uma edição, e seus pais emolduraram a página da publicação, pois ficaram muito orgulhosos de Daniel.

Tammet, ao recorrer às regras fixas do xadrez e às pilhas de livros como um cobertor numérico, faz um investimento na direção de seu mundo interior, recorre à imutabilidade, para manter “seu mundo em ordem”. Seguindo o estudo de Maleval (2007), as crianças autistas apreciam os signos e seus ícones, uma vez que representam parcialmente a codificação do mundo, apreciam quando há uma conexão rígida do signo com a imagem. Os cálculos matemáticos de Tammet divergem dos modelos tradicionais de elaboração, e ele cria métodos específicos para aprender idiomas, uma vez que busca padrões. Para Maleval, a entrada na linguagem para os autistas se alicerça normalmente pelo recurso aos signos e aos objetos, como forma de ordenação do mundo. O psicanalista cita o relato de D. Williams: “[...] foi no mundo dos objetos que eu emergi [...]. Me agarrei, então, a uma paixão pelas palavras e livros e me obstinava em compensar meu caos interior com uma ordenação maníaca do mundo ao meu redor.” (WILLIAMS *apud* MALEVAL, 2007, p. 88).

#### 4.7 Daniel na Lituânia, os laços sociais e seu destino

Aos 20 anos, Tammet decide entrar para um programa de trabalho voluntário no exterior (Voluntary Services Overseas), decisão que estava ligada ao seu sofrimento e sua dificuldade para conseguir relacionar-se com as outras pessoas. “Acreditava que a experiência me deixaria mais confiante e aberto às outras pessoas. Eu esperava que, *viajando ao exterior, descobrisse muito mais sobre mim*, sobre o tipo de pessoa que eu era.” (TAMMET, 2007, p. 102; grifos meus). Destacamos a importância da relação com os outros, e a busca de Tammet em estar “aberto às outras pessoas”, buscando superar suas defesas autísticas e seus medos. Ele desconstrói, assim, crenças de que os autistas desejam permanecer em seu isolamento. Junto às angústias e à ansiedade com a proximidade da viagem, havia o entusiasmo e a sensação de estar assumindo sua própria vida e seu destino. Daniel foi designado para dar aulas de inglês na Lituânia e, com essa experiência, obteve conquistas significativas, na medida em que estabeleceu novos relacionamentos e uma autonomia na sua vida profissional.

Na Lituânia, fez uma amizade muito importante com Bituré Ziliene, que ele considera uma de suas melhores amigas. Ela o ajudou na adaptação a sua nova vida, almoçavam juntos frequentemente após as aulas de inglês e ela é descrita como uma pessoa paciente e compreensiva, sempre disposta a encorajá-lo naquela nova empreitada. “Não sei como teria sobrevivido na Lituânia sem ela.” (TAMMET, 2007, p. 111). A experiência de viver sozinho lhe proporcionou uma sensação de controle e liberdade, pois não precisava lidar com a imprevisibilidade das pessoas, uma vez que a imprevisibilidade lhe causava angústia em demasia. Daniel, com a ajuda e organização de Bituré, se propôs a dar aulas de conversação gratuitamente em sua casa, o que lhe proporcionou novas amizades; nesses momentos, as pessoas levavam bolinhos e preparavam chás, sentavam-se juntas e conversavam. Os amigos o ajudaram a constituir laços sociais importantes. O ambiente acolhedor e receptivo foi realmente decisivo para seu futuro pessoal e profissional. Ao ensinar inglês, diz que foram os alunos que o fizeram perceber que poderia conversar em inglês, *que foram eles que o ensinaram seu próprio idioma*. Os laços com pessoas acolhedoras e receptivas proporcionaram que Daniel ampliasse suas relações sociais, o que podemos articular ao testemunho de Birger Sellin, que “[...] ressalta sua busca pelo apoio de alguém afetivo, familiar, com um saber e uma capacidade de compreender as nuances de seus comportamentos e de seu funcionamento.” (BIALER, 2014, p. 10). Segundo Bialer, o apoio do outro semelhante, os laços de amizade e de amor abrem caminhos para a construção de um lugar no mundo, favorecem ao autista uma localização do gozo, sendo uma condição importante para se apropriarem do próprio corpo, como também a

possibilidade de se expressarem pela escrita. Tammet, na sua escrita, se aproxima de Birger Sellin. “Ele se dirige ao leitor como alguém que pode escutá-lo e que pode ajudá-lo a encontrar forças dentro de si para enfrentar as defesas autísticas e conseguir se abrir para o laço social.” (BIALER, 2015a, p. 31). A escrita se destaca em várias autobiografias, é valiosa como “um mecanismo de sobrevivência”, um recurso para aliviar o desamparo e o sofrimento, compartilhando experiências e rompendo o isolamento social – face cruel e muitas vezes desconhecida da vida dessas famílias.” (FARIA, 2017b, p. 15). Entendemos que a escrita pode ser uma ferramenta de transformação para alguns autistas, pois é uma forma de expressão e contato, e uma localização de seu lugar no mundo.

Ao término de seu trabalho como professor voluntário, Daniel nos apresenta as conquistas de suas experiências: “Uma parte de mim estava triste por partir, mas, por dentro, eu sabia que havia alcançado tudo – pessoalmente quanto profissionalmente – que poderia, e que estava na hora de seguir em frente.” (TAMMET, 2007, p. 121).

#### **4.8 O encontro amoroso**

A relação amorosa apareceu na adolescência e Daniel já havia percebido que, desde os 11 anos de idade, se sentia atraído por outros meninos, no entanto, ele tinha muitas dificuldades para compreender as relações e as emoções. Queria estar próximo das pessoas, porém, não sabia como fazê-lo, para isso caminhava até bem perto de alguém até tocar no corpo da outra pessoa, porém, não conseguia compreender o motivo pelo qual as pessoas ficavam incomodadas com tal proximidade. “Por toda adolescência, minha autoconfiança foi sempre bem reduzida, devido às zombarias de que era vítima e à minha incapacidade de conversar e interagir relaxadamente com meus colegas.” (TAMMET, 2007, p. 97).

Para as pessoas que sofrem de autismo, o diálogo e a interação com as outras pessoas ocorrem permeados de angústia e um certo afastamento. Daniel nos diz que a comunicação pela Internet é um recurso facilitador para o contato e é também tranquilizador.

Ao contrário de outras situações sociais, não requer que você saiba como puxar uma conversa ou quando sorrir ou as numerosas complexidades da linguagem corporal. Não há contato visual e você consegue entender cada palavra da outra pessoa, porque está tudo escrito. O uso de ‘*emoticons*’ nas conversas em salas de bate papo, também ajuda a saber como a outra pessoa está se sentindo, porque ela informa por um método visual simples. (TAMMET, 2007, p. 124).

Daniel conheceu Neil, seu companheiro, pela Internet e, desde o primeiro encontro, seguiram em um relacionamento muito importante para ambos. Após seis meses, resolveram morar juntos, na casa de Neil. Daniel morava em Londres e Neil em Kent, uma cidade a mais ou menos uma hora de Londres. Para os pais de Daniel, a princípio, essa decisão era preocupante, mas, posteriormente, ficaram contentes por ver o filho seguir seu próprio caminho. Em sua autobiografia, ele dá seu testemunho sobre a decisão: “O que importava na época era aquilo que eu sabia ser absolutamente verdadeiro: que Neil era uma pessoa muito especial, que eu nunca sentiria por alguém o que sentia por ele, que nos amávamos muito e queríamos estar juntos.” (TAMMET, 2007, p. 126).

Marlon Cortés, em seu trabalho *Os autistas amam?*, explicita muito claramente o preconceito que atinge o autista, ou seja, o de alguém em déficit diante do neurótico. “O neurótico tem corpo, e o autista não; o neurótico tem imaginário e simbólico e o autista não; o neurótico deseja a o autista não.” (CORTÉS, 2021, p. 1). O autor enfatiza que esse é um preconceito que coloca o autista como um incapaz, enquanto o neurótico não, perspectiva muito distante dos pressupostos do ensino laciano, na qual não há uma estrutura melhor que a outra. Assim, recolhemos, no testemunho de Daniel Tammet, a sensibilidade e seu amor, especialmente seu desejo em ter amigos, sua experiência amorosa, seu amor pelos números, especialmente o número pi, e suas conquistas como professor e escritor.

Cito ainda uma poesia de Sellin sobre a importância do amor:

alguém que é-está surdo e cego  
 alguém que é-está insensível  
 alguém que é-está privado de chances de sobrevivência  
 alguém do reino dos mortos  
 do deserto  
 mas como alguém viveria  
 como ele seria salvo  
 sem alegria sem milagre eu não me curarei  
 sem amor eu vou morrer. (SELLIN, 1998, p. 225 *apud* BIALER, 2015a, p. 31).

#### **4.9 A criação do Optimnem**

Daniel narra que os primeiros meses de sua vida com Neil foram um período difícil, como em todo relacionamento. Ele, à época, não trabalhava e tinha grande preocupação com os gastos. Tammet enfrentou dificuldades para arrumar um emprego, principalmente quando participava de entrevistas, pois estas, ao se servirem da interação social, exigiam habilidades para o diálogo e interpretação, sendo que essas situações lhe trouxeram inúmeras frustrações.

Trago a experiência do autor: “Várias das perguntas que me fizeram na entrevista envolviam situações hipotéticas, que achei muito difícil de imaginar, conseguindo dar apenas uma resposta sucinta.” (TAMMET, 2007, p. 127). Ele sugere que as entrevistas sigam um padrão, como, por exemplo, testes práticos, para que as possibilidades de emprego se tornem mais justas, e que as perguntas sejam feitas sobre a experiência do entrevistado, sobre situações reais para que o candidato possa dizer daquilo que ele já sabe, ou já experienciou.

Diante das dificuldades para encontrar um emprego, Neil e Daniel tiveram a ideia de criar um site que ofereceria cursos de idiomas *on-line*. O nome do site é *Optimnem*, e Daniel escolheu nomeá-lo dessa forma baseando-se em *Mnemosyne*, que, na mitologia grega, é a inventora das palavras e da língua. Ele criou uma forma muito particular para ensinar, que consistia em enviar lições, áudios gravados e exercícios que ajudavam os alunos a praticar e a revisar a língua que estavam aprendendo. A experiência de ter dado aulas de inglês na Lituânia foi um incentivo e proporcionou segurança para Tammet, uma vez que ele possuía o desejo de criar cursos, e permitiu que apresentasse suas próprias experiências como um aluno autista. O site obteve uma ótima recepção e Daniel começou a ganhar dinheiro com seu trabalho, proporcionando-lhe orgulho e a segurança de poder trabalhar em casa. O fato de trabalhar em casa trouxe a Daniel um conforto suplementar, uma vez que sentia muita ansiedade em ambientes que não conseguia controlar. Algumas situações, como, por exemplo, a visita espontânea de um amigo, lhe causavam grande ansiedade e agitação, provocando-lhe transtornos, uma vez que alteravam sua rotina diária já fixada.

O site ([www.Optimnem.co.uk](http://www.Optimnem.co.uk)) foi lançado em setembro de 2002 e se mostrou um sucesso, com milhares de alunos de todas as idades do mundo inteiro e milhões de acessos. Optimnem está agora no seu quarto ano e é um membro aprovado da rede National Grid for Learning do Reino Unido, um portal financiado pelo governo que proporciona um acesso a conteúdo educacionalmente valioso na Internet. (TAMMET, 2002, p. 130).

Segundo Bialer, na sintomatologia de Daniel há a necessidade pela repetição e por uma mesma ordem estabelecida, caracterizando seu esforço para experienciar um mundo sob controle. No entanto, esses sintomas não significam estar completamente fechado em uma solidão, “[...] sendo que seus relatos demonstram a importância de seus interesses para sua abertura para o laço com o mundo, com os outros, e a possibilidade do desenvolvimento de estratégias de adaptação e compensação.” (BIALER, 2015a, p. 173). O controle das situações é essencial para Daniel, uma vez que lhe restabelecem uma organização mental, evitando descontroles e agitações. Nesse sentido, é importante o que nos apresenta a psicanalista Michele

R. Faria: “[...] poderemos refletir sobre a função dos rituais, das ecolalias, dos gestos repetitivos, da fixação a objetos que podem ser uma forma de buscar estabilidade, um recurso para adquirir um certo controle do próprio corpo, do mundo e dos objetos que há nele.” (FARIA, 2017b, p. 18). Tendo esse importante dado clínico, nos diz a psicanalista, podemos abandonar a ideia de que as fixações e os comportamentos incompreensíveis dos autistas seriam puramente expressão de caprichos, uma vez que possuem uma lógica, ou seja, a busca para encontrar um mundo organizado e seguro, que compensaria a vivência de instabilidade e risco constantes. Faria também aponta uma importante direção de tratamento. “Uma aposta baseada na constatação de que *há uma lógica no autismo*, e que é dessa lógica que resultam tanto o grave isolamento que o caracteriza como um transtorno psiquiátrico, mas também surpreendentes formas de laço e aprendizado.” (FARIA, 2017b, p. 19; grifos meus).

#### **4.10 A criação do Mânti**

As línguas desde muito cedo causaram um fascínio em Daniel, somado a sua facilidade para aprender idiomas. Após ter aprendido lituano, começou a se dedicar sozinho a aprender espanhol, assim como a língua romena e o galês. Ele tem uma ótima memória visual e consegue assimilar palavras e expressões quando são escritas. “O relacionamento que tenho com uma língua é totalmente *estético*, certas palavras e combinações de palavras sendo particularmente bonitas e estimulantes para mim.” (TAMMET, 2002, p. 138; grifos meus).

Tammet possui uma capacidade extraordinária para aprender idiomas, fala várias línguas e conseguiu aprender islandês em uma semana. Criou um método muito particular para aprender novos idiomas, faz associações de cores e emoções a cada palavra nova que aprende. As palavras que se iniciam com a letra A são para ele sempre vermelhas, ao passo que as palavras que se iniciam com W são sempre azul-escuro, já aquelas que se iniciam com a consoante T são sempre laranjas. A sinestesia o afeta, na medida em que ele apreende as palavras permeadas com sensações visuais. As palavras abstratas, como *complexidade* e *trunfo*, por exemplo, são para Daniel mais difíceis de entender, por isso, ele se utiliza de recursos como *imagens visuais* para compreendê-las, assim como certas estruturas e composições de frases. Ele nos esclarece sobre suas dificuldades: “[...] como ‘Ele não é inexperiente nestas coisas’, onde os dois negativos (não e in-) se cancelam mutuamente. Seria bem mais fácil se as pessoas simplesmente dissessem: ‘Ele é experiente nessas coisas’.” (TAMMET, 2007, p. 141). Há, em seus relatos, passagens de dificuldades em estabelecer diálogos com Neil: “Com frequência, ouço fragmentos de cada frase, que meu cérebro automaticamente reúne, tentando dar sentido

àquilo. Mas ao perder palavras-chaves, muitas vezes não capto o verdadeiro conteúdo do que está sendo dito.” (TAMMET, 2002, p. 134). Outro exemplo que ele nos dá refere-se a quando alguém faz uma pergunta como “Você não quer sorvete?”. “Aí fico confuso, e minha cabeça começa a doer, porque o autor da pergunta não está sendo claro no que quer dizer... e não gosto quando a mesma palavra pode significar duas coisas totalmente diferentes.” (TAMMET, 2007, p. 140). Como destacamos anteriormente, há, para os autistas, uma dificuldade e um sofrimento na articulação simbólica aos significantes e, por essa razão, há muito conforto na utilização de signos e regras fixas.

Daniel também se interessou pelo esperanto, uma língua que tem como objetivo principal ser uma língua universal, sendo que as expressões idiomáticas são desestimuladas. Nos seus relatos, conta que desde a infância sonhava em *criar uma língua própria*, para explorar o prazer que sentia com as palavras, tinha a tendência de criar palavras novas para expressar as fortes emoções que sentia em determinadas situações. Narra também que muitas vezes não compreendia a língua de seus colegas, achando as frases confusas e desagradáveis. Era ridicularizado por se expressar com frases longas, com excessivos detalhes e características formais, ou quando tentava empregar no diálogo alguma palavra criada por ele para expressar seus sentimentos. “Eu continuava sonhando que um dia falaria uma língua criada por mim, sem que as pessoas me criticassem ou zombassem de mim, e que expressaria parte da sensação de como me sentia em meu interior.” (TAMMET, 2007, p. 145).

Após terminar o período escolar, Daniel começou a se dedicar à criação de sua língua particular, o *Mänti*, que tem origem na língua finlandesa, na qual *Mänty* *significa* pinheiro. O motivo para sua escolha se deve ao simbolismo, uma vez que os pinheiros crescem juntos e em grande quantidade, essa característica lhe remete à amizade e à comunidade. O *Mänti* possui uma gramática própria e um vocabulário com mais de mil palavras. “O *mänti* tem várias maneiras de lidar com as palavras abstratas. Uma delas é criar uma palavra composta para descrevê-las: ‘atraso’ é traduzido como *kellokült* (literalmente ‘relógio-dívida’).” (TAMMET, 2007, p. 146).

A criação de palavras novas, ou neologismos na língua particular de Tammet se dá, segundo Bialer (2015a), por meio de seus estudos de diversas línguas e pela preferência por alguns sons e formas estéticas; os neologismos surgem espontaneamente, articulados às emoções ou à beleza originadas de determinadas situações. A autora destaca a criação de um repertório pessoal que exprime seus sentimentos e possibilita a invenção de palavras e ideias, que surgem a partir de suas habilidades linguísticas.

Segundo BAYÓN (2020), a criação de uma linguagem própria nos remete a compreender a exigência e a necessidade que os autistas possuem para apartar a linguagem dos equívocos. Para Maleval, os autistas constroem maneiras para tratar a linguagem e uma delas é a língua do intelecto, na qual prevalecem os signos, porém, desligados dos afetos; no entanto, é uma linguagem compartilhada com os outros. A outra maneira é a língua privada, que é carregada de afeto, porém, não compartilhada com os outros.

Nos dois casos, o sujeito recusa abrir mão do gozo vocal: quando comunica utilizando signos do Outro, eles estão separados da enunciação; quando expressa seus sentimentos, recorre a signos neológicos que inventa. Ao não situar a sua voz no campo do Outro, ao não aliená-la na língua compartilhada pelos seus semelhantes, ele persiste no seu trabalho de mantê-la sob controle. (MALEVAL, 2017, p. 118).

O autor coloca que o autista se esforça para se distanciar do universo simbólico, porém, não “[...] passa totalmente ileso pela captura do significante, mas ela é insuportável para ele.” (MALEVAL, 2017, p. 119). Ao criar o *Mänti*, Daniel elabora uma língua particular, na qual pode expressar seus sentimentos e dar um destino ao que lhe era insuportável, elaborando tentativas de silenciar os equívocos produzidos pela língua, alicerçados em regras absolutas. Retornamos à indicação que Laurent faz sobre Sean Barron, o garoto que possuía uma fixação pelas letras que designavam as estações de rádio. Durante muitos anos, Sean fazia listas com os nomes das estações e não se separava delas. Anos mais tarde, Sean contou que a sonoridade das letras lhe proporcionava sentimentos de não se sentir inferior às outras crianças, uma vez que só ele possuía o saber de nomear as estações. Sean se dedicou a construir um dispositivo com regras rígidas e fixas da língua, ou seja: “[...] uma maneira de apresentar as regras da linguagem apartadas de qualquer relação com o corpo, sem nenhuma opacidade.” (LAURENT, 2012, p. 22). A formulação corrobora o que aponta Cazenave: “[...] para silenciar os equívocos da língua, os autistas realizam um cálculo da língua que toma diversas formas: constroem sistemas de letras, cifras, pensamentos, com as quais conseguem uma objetivação da linguagem.” (CAZENAVE, n.p., 2013).

“O *mänti* existe como uma expressão tangível e comunicável de meu mundo interior. Cada palavra, brilhando com cor e textura, para mim é como uma obra de arte. Quando penso ou falo em *mänti*, sinto como se estivesse pintando as palavras.” (TAMMET, 2007, p. 146). Tammet, a partir das diferentes línguas que aprendeu, busca um padrão: vejamos o exemplo que ele dá em uma entrevista citada por Temple Grandin para descrever seu funcionamento mental. “Ao aprender alemão por conta própria, por exemplo, percebeu que ‘coisas pequenas e

redondas muitas vezes começam com ‘K’ – Knoblauch (alho), Knopf (botão) e Knospe (broto). Coisas longas e finas muitas vezes começavam com ‘Str’, como Strand (praia), Strasse (rua) e Strahlen (raios). *Ele disse que estava em busca de padrões.*” (GRANDIN; PANEK, 2019, p. 155; grifos meus).

Através da sua apreensão linguística, ele analisa a gramática de cada língua singular, mas também depreende padrões que se repetem, o que lhe possibilita estabelecer inter-relações entre diferentes línguas, cujas regras de funcionamento e organização podem respaldar em regras estruturantes da linguagem. (BIALER, 2015a, p. 175).

Segundo Bialer, há similaridade quando Daniel estuda a gramática das línguas e sua gramática dos números, sendo que ele constitui um sistema com organização e estrutura. “O conhecimento sobre o próprio psiquismo aliado à possibilidade de se apropriar da maneira de pensar gramaticalmente, estruturalmente, permite-lhe aprender com fluência diversas línguas e as lógicas de sistemas numéricos.” (BIALER, 2015a, p. 175). Daniel recorre a estratégias particulares ao criar regras absolutas para a linguagem, e cria sua língua particular. Para Bayón, o *mānti*, uma língua própria, busca uma forma precisa de expressão. O autor, ao citar Tammet, destaca que Daniel sentia fortes emoções quando se formavam em sua mente palavras novas para expressar o que estava sentido, no entanto, não compreendia de que maneira as novas palavras surgiam em sua mente. “De fato, a linguagem privada é o testemunho por excelência da construção de uma borda específica entre o sujeito e o Outro [...]. Estes fenômenos originais testemunham sobre o encontro com o banho de *lalíngua* em que o sujeito está imerso, em todas suas variedades” (BAYÓN, 2020, p. 19)<sup>28</sup>. Ao criar uma língua própria para exprimir seus sentimentos, sua língua não passa pelo Outro, uma vez que fica restrita a seu próprio universo, no entanto, é uma tentativa de estabelecer laços sociais e, nesse sentido, a criação do Outro de Síntese, como formulado por Maleval.

#### 4.11 O amor pelo número pi ( $\pi$ )

*“Se eu pudesse aprender o suficiente desse poema, é um poema escrito em números.”*  
(TAMMET, 2019; grifos meus).

---

<sup>28</sup> No original, “De hecho, el lenguaje privado es un testimonio por excelencia de la construcción de una borde específico entre el sujeto y el Otro [...]. Estos fenómenos originales testimonian sobre el encuentro con el baño de *lalengua* en el que el sujeto está inmerso, em todas sus variedades.”

Daniel teve conhecimento do número pi na escola, sentiu um fascínio imediato pelo número, se debruçou sobre as casas decimais, dedicando-se ao máximo sobre o que conseguiria descobrir por meio de centenas de livros nas bibliotecas. “*A minha primeira língua foram os números.*” (TAMMET, 2019; grifos meus). Ele nos explica que o número pi é o número mais famoso do mundo, sua origem e seu nome vem do idioma grego, sendo a 16ª letra do alfabeto grego, e que o símbolo do número pi ( $\pi$ ) foi adotado pelo matemático Euler em 1737. Esse número aparece nos lugares mais inesperados na matemática, como círculos e esferas. Pode aparecer “[...] como razão numérica entre o comprimento real e a distância entre a nascente e a embocadura de um rio serpenteante.” (TAMMET, 2007, p. 148). Por meio de pi pudemos perceber a paixão de Daniel, pois é a partir dele que conquista seu lugar mais significativo para estar com as pessoas.

Pi é um número irracional, o que significa que não pode ser escrito como uma fração simples de dois números inteiros. É também infinito: os dígitos à direita da vírgula se estendem sem parar num fluxo numérico sem fim, de modo que não é possível alguém escrever o número pi exatamente, mesmo que tivesse uma folha de papel do tamanho do universo para anotá-lo. (TAMMET, 2007, p. 148).

O número pi é uma letra grega, que na matemática representa a proporção numérica que é definida pela relação entre o perímetro e diâmetro de uma circunferência. O pi é uma invenção humana, é a medida de uma circunferência. Podemos considerar que a matemática possui leis como uma linguagem, e pode ser uma forma de representar o mundo. A matemática é a forma e a linguagem na qual Daniel pode se expressar, transmitir seus sentimentos e emoções, ou seja, sua forma de encontro com o Outro.

No final de 2003, em uma conversa com seu pai, Daniel se deu conta que haviam percorrido 20 anos desde as suas primeiras convulsões na infância, e o pai aponta que ele deveria se orgulhar de suas conquistas. A partir dessa conversa, Daniel decide que gostaria de fazer algo para mostrar que a sua experiência de ter passado por uma epilepsia na infância não o impediu, e não o prejudicou em suas realizações e conquistas. “Meu plano era aprender o máximo de dígitos do número pi que conseguisse, na sequência correta, para uma recitação pública três meses depois, em 14 de março – Dia Internacional do Pi... que é também o aniversário de Einstein.” (TAMMET, 2007, p. 146). A intenção era arrecadar fundos para uma instituição que trata de pessoas que sofrem com a epilepsia. Tendo essa meta, Daniel, durante três meses, se dedicou a estudar o pi, para bater o recorde de recitação, que era um recorde europeu, sendo então fixado o objetivo de 22.500 dígitos. Durante os três meses de que dispunha

para estudar, percorreu inúmeras fontes para encontrar dígitos de pi. Sua fonte foi encontrada por meio do *site* de um supercomputador em Tóquio que continha milhões de dígitos de pi. Cito o autor, sobre sua maneira particular de pensamento e a forma absolutamente original de memorização dos números.

Quando olho para a sequência de números, minha cabeça começa a se encher de cores, formas e texturas que se entrelaçam espontaneamente para formar uma paisagem visual. Estas são sempre bonitas. *Quando criança, costumava passar horas seguidas explorando paisagens numéricas na minha mente.* Para lembrar cada dígito, eu simplesmente reconstituo as diferentes formas e texturas na minha cabeça e leio os números nelas.

Para números muito longos, como o pi, eu decompou os dígitos em segmentos menores. O tamanho de cada segmento varia, dependendo de quais são os dígitos. Por exemplo, se um número é muito brilhante na minha cabeça e o próximo é muito escuro, eu os visualizaria separadamente, enquanto um número suave seguido de outro número suave seriam lembrados juntos. À medida que a sequência de dígitos cresce, as *minhas paisagens numéricas* se tornam mais complexas, com várias camadas, até – como o pi – se tornarem todo um país composto por números que *só existe em minha mente... No final de cada segmento de números, a paisagem muda e novas formas, cores e texturas aparecem.* (TAMMET, 2007, p. 151; grifos meus).

No dia marcado para recitar os dígitos de pi, Daniel estava muito nervoso, porém, ficou concentrado em seu fluxo visual de pensamentos, construindo suas paisagens numéricas, por fim, essa forma de elaboração lhe proporcionou um estado de calma e tranquilidade, deixando-o absorto no fluxo dos números, permitindo que ele prosseguisse em sua meta. Durante o período de cinco horas e nove minutos, o tempo que Daniel precisou para recitar os 22.514 dígitos de pi, houve um momento em que estava se sentindo muito cansado, chegou a pensar que não conseguiria chegar ao final. Após recitar 16.600 dígitos, ele experimentou uma sensação em que as cores e texturas desapareceram, era como se ele “estivesse olhando um buraco negro”, porém, após alguns minutos recomeçou a recitar, as cores e formas voltaram à sua mente. “Eles formaram a *poesia inteira e eu senti estar completamente submerso pela experiência, era como se eu estivesse aprendendo pi, mas quase como se pi estivesse aprendendo sobre mim também.*” (TAMMET, 2009; grifos meus). Em outro momento, Daniel descreve a sensação quando os números regressaram à sua mente. “Os números haviam regressado, *igual a tudo o que havia vivido, meus momentos de felicidade, alegria e tristeza, de solidão, de desesperança e fé... Pi foi meu poema de amor a uma vida, a minha, que havia sido tão estranha e ao mesmo tempo tão conhecida.*” (TAMMET, 2011; grifos meus).

Nas horas em que recitou o pi, percebeu que havia conquistado uma ponte para estar com as pessoas, entendeu que cada um tem uma forma de perceber e estar no mundo, e

transmitir seu amor: “O pi é o universo ou toda grande poesia... *minha poesia que tenta encontrar palavras.*” (TAMMET, 2019; grifos meus). Esse evento foi de extrema importância na vida de Daniel, houve muita repercussão, a ponto de dar entrevistas em rádios, jornais, na BBC World, para a imprensa de países como Canadá e Austrália. Vejamos a importância dessa recitação para Tammet.

Durante mais de cinco horas recitei este número de memória... não cometi um só erro, *era como falar meu primeiro idioma.* Conforme recitava os dígitos, *sentia que falava sobre mim mesmo, tudo de mim, a totalidade da minha vida,* cada momento. Foi um ato de *autorrevelação* completa. (TAMMET, 2011; grifos meus).

Gostaríamos de destacar a importância do número pi, pois é um dos interesses específicos aos quais Daniel se dedica e que são pontes essenciais para a saída do isolamento autístico.

Uma das perguntas mais comuns naquelas entrevistas foi: qual a razão que leva alguém a decorar tantas casas decimais de um número como o pi? A resposta que dei, e que dou agora, é que o pi é para mim algo extremamente bonito e totalmente *singular.* Como a *Mona Lisa* ou uma sinfonia de *Mozart,* pi é seu próprio motivo para ser adorado. (TAMMET, 2007, p. 157).

## 5 NAOKI HIGASHIDA E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA

Naoki Higashida foi diagnosticado na infância como autista severo, no entanto, contrariou o prognóstico que lhe foi dado, uma vez que, aos 13 anos de idade, escreveu um livro em que narra suas percepções e dificuldades sensoriais, especialmente no que se refere à capacidade para falar, publicou vários textos literários, possui um *blog* e suas produções podem ser visualizadas em um canal oficial (Naoki Higashida Oficial Ch) na plataforma YouTube.

Naoki Higashida, apesar de possuir dificuldades para se expressar verbalmente, aprendeu a se comunicar com a ajuda de letras em uma prancha de alfabeto – impressa em papel plastificado – semelhante a um teclado de computador.

David Mitchell, pai de um garoto autista, escreveu a introdução do livro de Naoki Higashida, intitulado *Palavras de um menino que rompe o silêncio do autismo*. O que me faz pular (2014). Mitchell revela o quanto o livro foi essencial para ele seguir cuidando de seu filho, aumentando sua disposição para enfrentar períodos difíceis. Refere que o relato de Naoki “[...] desautoriza um dos mais tenebrosos mitos sobre o autismo: que as pessoas com essa condição são solitárias e desprovidas de empatia” (p. 14). Mitchell nos conta que Naoki, por meio de sua prancha de alfabeto, ainda na escola primária começou a escrever poesias e ficção, porém, o que mais o ajudou nos cuidados com seu filho foram os esclarecimentos de Naoki sobre o funcionamento das crianças autistas. “Através das palavras de Naoki, pela primeira vez senti como se o meu garoto estivesse falando conosco sobre o que acontece dentro de sua cabeça.” (MITCHELL, 2014, p. 7).

Por meio dos relatos de Naoki Higashida, é possível desconstruir crenças que consideram os autistas pessoas que desconhecem sentimentos, uma vez que, no final de sua autobiografia, ele escreveu um conto em que narra personagens repletos de emoções e sentimentos. Em sua obra ficcional, apresenta situações com extrema delicadeza, cria um conto em que narra a experiência de um garoto e sua família diante da dor ao enfrentarem a morte de um filho. Com sua história, pretende tocar o coração das pessoas e, nesse sentido, Naoki apresenta com clareza a dor mais profunda das relações humanas.

Faremos brevemente um paralelo com a autobiografia de Birger Sellin, que, por volta dos 17 anos, “[...] começou a escrever seus textos *literário-autobiográficos e literário-poéticos*, os quais constam de seus dois livros publicados e pôde compartilhar toda a sua intensa vida psíquica através da escrita.” (BIALER, 2015c, p. 223; grifos meus). A expressão poética e literária nos apresenta toda uma riqueza de sentimentos e emoções, porém, com dificuldades significativas para transmiti-las verbalmente aos outros. Apresentamos, então, um trecho da

autobiografia de Sellin, recuperada por Marina Bialer, que destaca a liberalização proporcionada pela escrita para a saída de um encapsulamento autístico.

‘A vida seria um inferno sem a escrita’ (p. 65), permite a Birger se libertar parcialmente do ‘mundo-sem-eu’ (p. 71), no qual está dolorosamente preso, para ‘ser livre’ (1998, p. 71). Além disto, escrever lhe permite deixar fluir ‘o fluxo de pensamentos’, ao ‘encontrar as palavras’ (p. 92) que lhe permitem se expressar. Ao contrário, o encapsulamento autístico é o lugar de um ‘caos íntimo de um horror inigualável’ (p. 60), mas romper este encapsulamento envolve um ‘combate contra si mesmo’ (p. 60) para sair ‘da eterna solidão’ (p. 60) e da sua prisão interior. Uma vez que a fala lhe é inacessível, Birger precisa enfrentar permanentemente ‘forças defensivas e de recusa’ (p. 63) para poder sair deste ‘país-de-ninguém’ (p. 97) por meio de sua escrita. (BIALER, 2015c, p. 224).

David Mitchell diz que, por meio da escrita, “[...] o presente de Naoki Higashida é restaurar a fé com sua demonstração de acuidade intelectual e curiosidade espiritual, com a análise da sua condição e do meio que o cerca e com seu senso de humor moleque e desejo de ficção.” (2014, p. 7). Na autobiografia de Naoki, é importante notar que ele constrói um estilo próprio de escrita, com humor e leveza, transmitindo a seus leitores particularidades de sua vida mental e de suas experiências. Por meio de sua narrativa, fica claro que uma das consequências do autismo está ligada às dificuldades no estabelecimento de laços sociais e da expressão das emoções, muito diferente da inexistência delas. As dificuldades ligadas à capacidade de expressar sentimentos, especialmente pela fala, deixam os autistas a um passo de se tornarem prisioneiros de uma condição extrema de solidão e sofrimento. “Outras vezes, se ficamos surpresos, tensos ou embaraçados, simplesmente congelamos e não conseguimos demonstrar nenhuma emoção.” (HIGASHIDA, 2014, p. 31). Recuperamos outro trecho da escrita de Naoki, que pode nos auxiliar nesse sentido.

A verdade é que amamos ter companhia. Mas, como as coisas nunca dão certo, acabamos nos acostumando com a solidão sem sequer perceber como isso aconteceu. Toda vez que escuto alguém comentar o quanto eu prefiro estar sozinho, isso me faz sentir solitário demais. (HIGASHIDA, 2014, p. 28).

Mitchell, no final da introdução que faz do livro de Naoki Higashida, deixa claro que ele já é um escritor e destaca a importância de sua autobiografia para auxiliar outros autistas. Naoki escreve sobre seus sentimentos, porém, não sem enfrentar dificuldades. O livro, que tem como subtítulo “O que me faz pular”, é mais que uma contribuição, se destina a questionar dogmas, crenças e ideias preconcebidas que foram construídas durante muitos anos sobre a vida emocional dos autistas.

Ele diz que quer ser escritor, mas para mim é óbvio que ele já é um escritor sincero, modesto e reflexivo, que transpôs enormes obstáculos e trouxe o próprio conhecimento sobre a mente autista para o mundo; um processo tão desgastante para ele como seria para você, digamos, atravessar uma rua movimentada carregando água com as mãos em cuia, sem derramar. Os três caracteres japoneses usados na palavra ‘autismo’ significam ‘eu’, ‘fechado’ e ‘doença’. Minha imaginação vê nesses símbolos um prisioneiro trancado e esquecido numa cela de confinamento solitário à espera de que alguém, qualquer um, o note. *O que me faz pular* arranca um tijolo da parede (MITCHELL, 2014, p. 9; grifos meus).

Naoki escreveu *Palavras de um menino que rompem o silêncio do autismo*. O que me faz pular em 2007, quando era adolescente, e, assim como Daniel Tammet, seu livro tem por objetivo explicar o que acontece com as pessoas autistas; ele pretende ajudar as pessoas e contribuir para ampliar os relacionamentos dos sujeitos que sofrem com o autismo. Dessa forma, com sua escrita, ele contribuiu efetivamente para ampliar o conhecimento sobre o espectro autista, construindo um lugar social como escritor e distanciando-se do isolamento autístico. No início de sua alfabetização, com o auxílio de uma professora e de sua mãe, começou a escrever na prancha de alfabeto e, assim, teve acesso à comunicação. Posteriormente, pode fazer uso de um computador, que lhe possibilitou expressar seus sentimentos. Ele esclarece a importância da escrita para transmitir o que deseja e foi por meio da prancha de alfabeto que ele começou a comunicar e transmitir a seus leitores o que considerava ser importante as pessoas entenderem sobre o funcionamento psíquico dos autistas. “Para mim, a prancha de alfabeto não é só uma ferramenta para organizar frases: é como eu comunico aos outros o que quero e preciso que eles entendam.” (HIGASHIDA, 2014, p. 14). Nesse trecho, ele deixa clara a importância do que deseja transmitir por meio de sua escrita. Em outro momento, nos adverte que não devemos infantilizar as pessoas que sofrem de autismo, pois elas também amadurecem, diz que quando alguém o trata de forma infantilizada sente-se subestimado, acarretando-lhe uma sensação de que não terá chances para um futuro feliz.

Quero crescer aprendendo um milhão de coisas! Devem existir muitas pessoas na minha situação que têm o mesmo desejo, a mesma atitude. Mas, na nossa condição, não conseguimos estudar sem ajuda. Para podermos aprender, precisamos de mais tempo e de diferentes estratégias e abordagens. E aqueles que nos acompanham nesse processo necessitam, na verdade, de mais paciência ainda do que nós. Eles têm que entender nossa ansia de aprender, mesmo que aos seus olhos não pareçamos ser alunos dedicados. Mas somos. Também queremos crescer. (HIGASHIDA, 2014, p. 67).

Naoki narra suas dificuldades para falar com as pessoas e diz que não consegue estabelecer um diálogo, no entanto, esclarece: “Não tenho problemas em ler livros em voz alta e cantar, mas, assim que tento falar com alguém, minha voz simplesmente desaparece [...] às vezes consigo articular umas poucas palavras, mas elas podem acabar dizendo o completo oposto do que eu pretendia! (HIGASHIDA, 2014, p. 11). Nesse trecho, denota-se que as palavras não estão *disponíveis* quando ele deseja se expressar, algo doloroso e que provoca muita angústia. Por essa razão, muitas vezes os autistas se afastam, pois, diante da demanda do Outro em vê-los falar, ou insistir para que falem, acabam provocando neles sensações próximas de estarem sendo invadidos. Naoki Higashida esclarece seu leitor sobre inúmeras situações que o entristecem, como em momentos nos quais pretende falar, porém, não consegue. Apesar de conseguir se expressar por meio de um computador, ele alerta que muitas crianças não possuem as mesmas condições e, com isso,

É comum que mesmo seus pais não façam ideia do que elas possam estar pensando. Então, minha grande esperança é poder ajudar um pouco explicando do meu jeito o que acontece na mente das pessoas nessa condição. Também espero que, através da leitura deste livro, você possa se tornar um amigo melhor para alguém com autismo. (HIGASHIDA, 2014, p. 11).

O apelo de Naoki nos aponta para seu esforço em auxiliar os pais de crianças autistas – que, muitas vezes, estão tomados pelo impacto de crenças limitadoras, principalmente quando ficam aprisionados ao diagnóstico –, esclarece que quando compreendemos o que acontece com o outro há mais chances de nos tornar mais próximos. Ele solicita “[...] por favor, pare um pouco e ouça o que eu tenho a dizer.” (HIGASHIDA, 2007, p. 20; grifos meus).

O livro é composto por várias questões, nas quais Naoki vai respondendo a um suposto interlocutor e, ao longo de sua narrativa, descreve situações, medos, defesas e maneiras particulares de conceber o mundo. Inicia esclarecendo como escreve frases; diz que ele se utiliza de uma comunicação não verbal e, assim, consegue se expressar de uma maneira que jamais imaginou, e acha isso incrível!

Não conseguir falar significa não compartilhar o que a gente sente e pensa. É como ser um boneco que passa a vida toda em isolamento, sem sonhos ou esperanças. É claro que levou um bom tempo até eu começar a me comunicar através do texto por conta própria. Porém, desde o primeiro dia em que minha mãe me ajudou guiando minha mão para escrever, eu comecei a descobrir uma nova forma de interagir com as outras pessoas. (HIGASHIDA, 2014, p. 22).

O duplo para os autistas é uma forma de estabelecer ligações com os outros, que os ajuda na construção de pontes para laços sociais. No início, a mãe (como um duplo) o auxiliava na escrita, guiando sua mão, porém, com o tempo, ele foi descobrindo novas formas de interagir, não sem enfrentar dificuldades. A mãe de Naoki ao *emprestar-lhe* a mão, possibilitou um asseguramento para que ele continuasse a escrever e encontrasse sua maneira singular de transmitir suas vivências.

A proposição de Maleval, ancorada nos casos clínicos e nos relatos autobiográficos de autistas e de pais de autistas, é de que o investimento libidinal do autista, em decorrência de um funcionamento psíquico diverso, precisa muitas vezes da intermediação do duplo. Nesse contexto, se por um lado o autista manifesta um erro e perturbação em relação ao ponto de inserção da libido, pela identificação mimética muitos autistas podem se balizar no ponto de inserção da libido de seu duplo para se apropriar do corpo próprio. (BIALER, 2022, p. 114).

Segundo Laurent, a presença do outro possibilita uma estabilização e localização que lhe permite organizar uma borda. “O desafio, portanto, está em inventar um procedimento singular, adaptado a cada caso, de tal maneira que a presença do outro seja suportável para o sujeito, de modo que o dispositivo permita outorgar-lhe um corpo pelo efeito de duplo que ele implica.” (2014, p. 129).

Acho que, quando algumas crianças autistas tentam alcançar algo ‘*pedindo emprestada*’ a mão de outra pessoa, é por não terem noção do quanto precisam esticar os próprios braços para pegar esse objeto. Além disso, não estão muito certas de como pegar o que querem, já que *temos problemas para perceber e medir distâncias*. No entanto, com a prática constante podemos superar essa dificuldade. (HIGASHIDA, 2014, p. 48; grifos meus).

O duplo oferece uma borda corporal na ausência de sua constituição. O recurso da escrita é fundamental para Naoki, é sua criação de uma borda, pois a partir dessas criações singulares existem possibilidades de uma aproximação com o outro e um auxílio para a percepção das dimensões corporais. “O que me fez insistir nisso foi o pensamento de que para viver como um ser humano *nada seria mais importante do que a capacidade de me expressar*.” (HIGASHIDA, 2014, p. 22; grifos meus).

Marina Bialer (2015), ao analisar vários autores autistas, que descreveram em suas autobiografias particularidades de seu funcionamento mental, destaca os efeitos terapêuticos conquistados por meio da escrita, pois ela viabiliza uma mudança de lugar no laço social, proporciona a organização do pensamento, especialmente para apaziguar sensações caóticas.

Diante da turbulência mental vivida por muitos autistas quando desejam se expressar pela fala, o que na autobiografia de Naoki fica evidente, percebemos que a escrita se destaca como um importante recurso, pois favorece uma organização do pensamento e sua expressão. A escrita pode proteger o autista dessa turbulência mental, uma vez que ele não necessita colocar o corpo na relação com o Outro de forma tão direta, como acontece com a fala. Desse modo, poderíamos compreender a escrita de Naoki, como uma *suplência frente à ausência da voz e da fala*. Denota-se, portanto, por meio da escrita, seu recurso frente ao transtorno autístico que o invade.

Bialer enfatiza que, nas autobiografias escritas por Birger Sellin, fica claro seu “[...] intenso trabalho psíquico para pensar a si mesmo, particularmente o ser-autista, concretizando uma descrição e explicação das suas singularidades, dos seus modos de defesa e das suas principais angústias.” (BIALER, 2015c, p. 225), e na sua escrita se evidencia uma lógica do funcionamento da estrutura autista. Vejamos a singularidade, as defesas tranquilizadoras, e a lógica do funcionamento de Naoki.

E quando estamos solitários ou felizes, da mesma forma como vocês poderiam cantarolar uma música para si mesmos, nós convocamos nossas letras. Enquanto eu as escrevo, posso me esquecer de todo o resto. Não estou sozinho quando estou com as letras. Elas são muito mais fáceis de controlar do que as palavras faladas, e podemos estar com elas sempre que quisermos. (HIGASHIDA, 2014, p. 45).

Tendo como recurso a escrita, ou um computador para facilitar a comunicação, “[...] vários autistas pelo mundo vão se mostrando capazes de produções que confirmam a riqueza dos seus mundos interiores e os seus esforços em se comunicar.” (MALEVAL, 2017, p. 73). Sublinhamos, aqui, a riqueza das produções autobiográficas narradas por Naoki. “Mas, tendo começado a me comunicar por texto, agora sou capaz de me expressar através da prancha de alfabeto e de um computador, e, por poder compartilhar o que sinto, percebo que eu também existo neste mundo como um ser humano.” (HIGASHIDA, 2014, p. 24).

A particularidade do estudo psicanalítico sobre a escrita autobiográfica dos autistas consiste em considerar a escrita uma criação, um saber sobre si, essencial para considerá-la uma forma de *saber fazer* diante da angústia provocada por um Outro absoluto. “O incurável da estrutura não significa que o sujeito não tenha uma saída subjetiva a partir de uma invenção pessoal.” (TENDLARZ; BAYÓN, 2020, n.p.). A saída subjetiva encontrada por Naoki Higashida, por Daniel Tammet e por outros autistas escritores amplia o campo de possibilidades e abre caminhos para a desconstrução de que os autistas estariam fadados a um congelamento psíquico. Destacamos, portanto, que a escrita é importante para a estabilização dos autistas.

“Enquanto escrevo, eu me lembro do que vi, não em forma de cenas, mas como letras e símbolos. Letras, símbolos e sinais são meus melhores aliados, pois nunca mudam.” (HIGASHIDA, 2014, p. 45).

O interlocutor pergunta por que Naoki memoriza tabelas de horários de ônibus e calendários. Ele responde que isso é divertido, pois os autistas ficam empolgados com números. “Eles são coisas fixas e imutáveis. O 1, por exemplo, é sempre e apenas o número 1. Essa clareza e essa simplicidade são muito reconfortantes para nós.” (Naoki, 2014, p. 66). Sobre as tabelas que indicam os horários dos ônibus e os calendários, são reconfortantes por serem sempre iguais, e possuir as mesmas regras. “E, no quesito de coisas favoritas, somos capazes de memorizá-los com facilidade, como se estivessem sempre na ponta da língua. No entanto, autistas têm muita dificuldade de entender coisas invisíveis, como relacionamentos e expressões ambíguas.” (HIGASHIDA, 2014, p. 45).

### **5.1 A dimensão espacial do corpo**

Nos escritos de Naoki, há referências importantes para a pesquisa psicanalítica sobre o corpo, uma vez que ele descreve que suas percepções sensoriais são tão intensas que chegam a invadir todo o seu corpo; em sua descrição podemos perceber as dificuldades para o controle e apropriação de seu corpo.

Sua orientação espacial e sua sensibilidade proprioceptiva também estão comprometidas, então o chão balança como uma barca no mar agitado, e você não tem mais noção de onde os braços e pés estão em relação ao resto do corpo. Você pode sentir os ossos do crânio, os músculos faciais e o maxilar: sua cabeça está enfiada num capacete de motociclista apertado demais, o que pode ou não explicar por que o ar-condicionado soa tão ensurdecido quanto uma furadeira elétrica, mas seu pai, que está logo ali na sua frente, parece falar com você por um telefone celular, de dentro de um metrô lotado, em cantonês fluente. (HIGASHIDA, 2014, p. 3).

Os intensos estímulos sensoriais são desestabilizadores e fazem com que muitos autistas sigam em constantes agitações psicomotoras; esses mecanismos podem ser compreendidos como uma tentativa de localização das partes de seu corpo diante de uma vivência de caos sensorial. “Sua cabeça, então, é um cômodo onde vinte rádios, todos sintonizados em estações diferentes, berram vozes e músicas,” (HIGASHIDA, 2014, p. 3). Naoki detalha suas dificuldades e angústias por não possuir o controle de seu corpo e, assim como as palavras, os movimentos escapam à sua vontade. Cito o autor: “[...] as palavras que queremos dizer e aquelas

que *conseguimos* dizer nem sempre coincidem.” (HIGASHIDA, 2014, p. 21). O sentimento é de muita dor para controlar situações que escapam à sua vontade. “Quando minha voz estranha é acionada, é quase impossível de segurar, e se eu tento é doloroso, quase como se eu estrangulasse minha própria garganta.” (HIGASHIDA, 2014, p. 15). Em outro momento, ele aponta as dificuldades ligadas à dimensão de seu corpo:

Na aula de educação física, o professor diz coisas como ‘Estique os braços!’ ou ‘Flexione os joelhos!’. Mas eu nem sempre sei o que meus braços e pernas estão fazendo. Não tenho uma sensação clara do lugar exato onde eles se prendem ao meu corpo ou de como obrigá-los a realizar as tarefas que eu quero. É como se meus membros fossem um rabo de sereia escorregadio. (HIGASHIDA, 2014, p. 48).

A ausência do controle e autonomia do corpo lhe provocam inúmeros sofrimentos e, aliado a isso, sua voz escapa a sua vontade, ou seja, Naoki é capaz de falar, porém, não consegue transmitir oralmente o que deseja. “As pessoas sempre dizem que, quando falo comigo mesmo, minha voz é bem alta, ainda que eu não consiga dizer o que preciso, e que em outros momentos ela soa muito baixa. É uma daquelas coisas que não consigo controlar.” (HIGASHIDA, 2014, p. 15). Naoki consegue ficar tranquilo quando diz frases ou palavras que lhe são familiares, no entanto, diz: “[...] a voz que não consigo controlar é diferente. Ela escapa de mim sem querer: é como se fosse um reflexo.” (HIGASHIDA, 2014, p. 15).

Outras características fundamentais destacadas pelo autor são sobre situações em que a pessoa pode estar ao lado dele e, mesmo assim, ele não consegue perceber que ela deseja falar algo; diz que somente pelo som da voz é muito difícil saber se alguém próximo a ele está estabelecendo um diálogo. Há também as dificuldades relativas à passagem do tempo, pois, mesmo vendo os ponteiros do relógio passar, sente que há um estranhamento, pois não percebe a dimensão temporal. “O tempo é algo constante sem limites claros, o que o torna bastante confuso para as pessoas com autismo.” (HIGASHIDA, 2014, p. 54). Naoki descreve suas dificuldades com o tempo, pois não consegue compreender sua dimensão. “Para nós, um segundo pode ser muito longo e 24 horas podem passar num piscar de olhos. O tempo só se fixa em nossa memória na forma de cenas visuais. Por isso não existe muita diferença entre um minuto e um dia.” (p. 54). Podemos dizer que Naoki vive uma sensação de horror e medo por não sentir a passagem do tempo. “Até sua noção de tempo se foi, o que o deixa incapaz de distinguir um minuto de uma hora, como se estivesse eternamente sepultado num poema de Emily Dickinson ou ficasse preso em um filme de ficção científica sobre viagens no tempo.” (HIGASHIDA, 2014, p. 4). O tempo e o espaço provocam sentimentos de deslocalização, uma

vez que não há uma hiância entre o presente e o que já aconteceu no passado, e algo se perde nesse trajeto. Cito o autor:

Pois é, demoramos uma eternidade para responder algo que acabaram de nos perguntar. A razão pela qual precisamos de tanto tempo não é necessariamente por não entendermos, mas porque, em geral, quando chega a nossa vez de falar, a resposta que queríamos dar já desapareceu da nossa cabeça. Não sei bem se isso faz muito sentido para vocês. Uma vez que aquele pensamento some, nunca conseguimos recuperá-lo. O que foi mesmo que ele disse? Como eu ia responder aquilo?... Sei lá! (HIGASHIDA, 2014, p. 22).

Insistimos nesse ponto, pois é muito valioso outro recorte da autobiografia de Naoki.

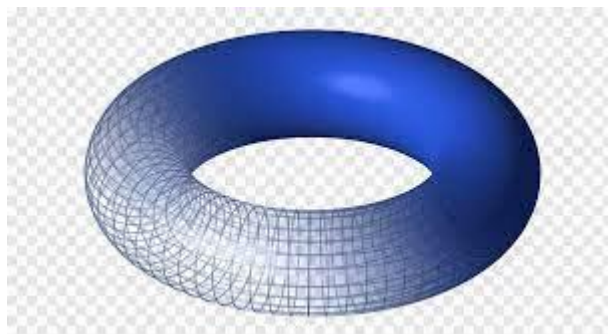
Lembramos o que fizemos, quando, onde, com quem e coisas assim, mas essas memórias estão todas dispersas, nunca conectadas na ordem correta. O problema dessas recordações desordenadas é que, de vez em quando, elas se repetem na minha cabeça como se tivessem acabado de acontecer. Quando isso ocorre, as emoções que eu senti da primeira vez voltam com a mesma intensidade, como numa tempestade repentina. Isso é uma memória em *flashback*. (HIGASHIDA, 2014, p. 36).

A partir dessas indicações, aliadas às percepções sensoriais que denotam suas dificuldades em estabelecer um contorno de seu corpo, podemos pensar nos trabalhos de Laurent (2014), em que destaca que, nos autismos, haveria um tempo e um espaço sem métrica, que poderíamos pensar em uma topologia do espaço pulsional, na qual o dentro e o fora não se constituem, a articulação e a separação dos objetos com o corpo ocorre de uma maneira radical. Assim, iremos nos apoiar nessa topologia, denominada topologia do toro, para nos auxiliar nessa compreensão, como iremos destacar a seguir.

Outra questão colocada a Naoki é *porque ele pula?* Ele esclarece a pergunta de tal forma, que se pode compreender a dimensão de seu corpo e a ausência de uma dimensão espacial.

Mas, quando pulo, é como se meus sentimentos rumassem em direção ao céu. Na verdade, minha necessidade de ser engolido pela imensidão lá em cima é suficiente para estremecer meu coração. Quando estou pulando, posso sentir melhor as partes do meu corpo – as pernas saltando, as mãos batendo –, e isso me faz muito, muito bem. (2014, p. 44).

No ensino de Lacan, temos a figura topológica do *Toro*, e Laurent (2014), em seus trabalhos, esclarece que o toro possui um furo central que conecta o dentro e o fora. O toro é como uma câmara de ar, um pneumático. Vejamos sua imagem:

**Figura 1 – O Toro**

Fonte: imagens Google

No toro, duas espécies de furo – um que representa um interior absoluto, outro abre para o que chamamos de exterior. Isso coloca em questão aquilo de que se trata no tocante ao espaço... O toro se apresenta como tendo dois furos, em torno do que algo consiste, isso é uma simples evidência. (LACAN *apud* LAURENT, 2014, p. 90).

A formulação indica que, para pensarmos a dimensão espacial nos autismos, necessitamos recorrer a uma topologia de espaço pulsional, pois é uma topologia que não comporta distâncias. A partir dessa elaboração, Laurent nos apresenta um fato clínico: uma criança que possui aviões incluídos em seu universo, ao observar um avião no céu, quando esse objeto entra em seu campo escópico, a criança tapa os ouvidos. Não é possível escutar um avião a 10 mil metros de altura, porém, aqui se trata de uma topologia que anula as distâncias: “[...] quando o avião entra no campo escópico é como se estivesse bem perto. O sujeito tem seus objetos ao seu lado, seja qual for a distância que o separa deles.” (2014, p. 91). O interlocutor questiona Naoki, porque as pessoas com autismo tapam os ouvidos, vejamos o que ele nos esclarece.

Nesses momentos, sentimos como se o chão estivesse tremendo, como se tudo ao redor de nós estivesse vindo em nossa direção, e isso é muito apavorante. Então, para nós, cobrir os ouvidos é uma forma de nos protegermos e recuperarmos a consciência do lugar onde estamos [...]. O que importa mesmo é que precisamos nos sentir seguros quando somos atacados por esses sons (HIGASHIDA, 2014, p. 47).

Segundo J. A. Miller, em seu Seminário “O Ser e o Um” (2011), no toro há primeiro um furo interno (presente dentro do cilindro) e outro furo no centro. Lacan utilizou essa imagem como um recurso metafórico para estabelecer a relação entre demanda e desejo. Miller diz que Lacan propõe imaginar círculos em espiral no interior do cilindro, de modo a pensar a repetição

da demanda, ao passo que o furo central, representaria, também metaforicamente, o objeto do desejo, ou seja, o objeto que a demanda não consegue alcançar.

O psicanalista Fabián Schejtman aponta que Lacan se refere várias vezes à figura topológica do toro, na qual assinala um lugar de destaque, uma vez que se propõe a elaborar o estatuto do corpo e do ser falante. Lacan, em *O Seminário 24 – L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* [1976-1977], recuperado por Schejtman, esclarece: “[...] nosso corpo não participa de uma topologia de esfera, como geralmente se acredita, mas é tórico.” (SCHEJTMAN, 2014, p. 75)<sup>29</sup>. Na clínica com autistas, é essencial pensar a dimensão espacial e temporal, aliada ao recurso dos objetos autísticos, uma vez que eles são essenciais para a construção de *neo-bordas*. Schejtman destaca que normalmente temos a ilusão de possuir um corpo esférico, especialmente quando nos olhamos no espelho, porém, informa que Lacan, em *O Seminário 22 – RSI*, ao abordar os três registros, simbólico, imaginário e real, “[...] enodados de modo borromeano, assinala que cada uma das rodela é um toro.” (2014, p. 76)<sup>30</sup>. A partir dessas referências, o corpo do sujeito autista parece constituir-se de maneira a revelar a ausência de uma consistência, ou seja, há ausência de limites que se apresentam na dimensão, entre o exterior e o interior. O circuito da demanda e do desejo que denotam um circuito pulsional, por meio da repetição, não se completaria nos autismos, uma vez que há ausência de inscrição dos orifícios do corpo, o que, como já referido nesta pesquisa, Laurent (2014) nomeou *foraclusão do furo*.

Eric Laurent, em *A Batalha do Autismo* (2014), apresenta sua tese sobre a *foraclusão do furo* e diz que, nos autismos, há um “*real puro*”, sem a dimensão simbólica da falta. O recurso à fixação aos objetos, palavras, itinerários, mapas etc. é compreendido como *neo-bordas*. São recursos frente às dificuldades de generalizações e às faltas inerentes à instância simbólica. Frente a um *real puro*, com a ausência da intermediação da inscrição simbólica, os autistas trabalham no sentido de construir e inventar um acesso para tratar seus sofrimentos diante desse *real puro*. Laurent assinala que o autista estaria imerso no real, no qual *lalingua* possuiria uma dimensão totalizante, uma vez que o recurso simbólico para tratar a falta estaria ausente. Por essa razão, a criação de *neo-bordas* pode ser uma maneira para tratar a *foraclusão do furo*.

Fabián Schejtman, em seu texto “O que é um furo?” (2014), diz que a noção de *foraclusão do furo* nos auxilia para pensar sobre os autismos; ele entende que os três registros, real, simbólico e imaginário, comportam um furo, “[...] cada registro possui uma consistência,

<sup>29</sup> No original, “[...] nuestro cuerpo no participa de la topología de la esfera, como suele creerse, sino que es tórico.”

<sup>30</sup> No original, “[...] anudados de modo borromeo, señala que cada uno de los redondeles es un toro.”

ex-sistência e furo.” (2014, p. 77)<sup>31</sup> e, a partir dessa constatação, questiona-se sobre qual estatuto do furo se trata nos autismos. Schejtman retoma o “umbigo do sonho” freudiano, considerando-o o ponto no qual a cadeia simbólica se interrompe e toca o real. “O umbigo do sonho já é um estigma, cicatriz – disse Lacan [...] –, e isso está bem assinalado no matema S(A barrado), que não indica somente que o Outro está furado irremediavelmente, senão que essa falha tem marca no inconsciente: significante da falta do Outro” (SCHEJTMAN, 2014, p. 82)<sup>32</sup>.

Ele deduz que o umbigo do sonho se trata do reprimido primário e, nesse sentido, traz o que Lacan indicou sobre a relação do sujeito com sua própria origem, ou seja, um não reconhecimento, “[...] um *parlêtre* se encontra excluído de sua própria origem [...] e se tem aí um nível do indizível [...] há uma marca no inconsciente, há um estigma, uma cicatriz... o sonho, conserva a marca em algum ponto onde não há nada a fazer.” (SCHEJTMAN, 2014, p. 83)<sup>33</sup>. Desse indizível Schejtman extrai o umbigo do sonho: “O umbigo do sonho é esse ponto onde o sonho, cito Freud, é insondável, o ponto onde, em poucas palavras, se interrompe o sentido, ou toda a possibilidade de sentido.” (p. 78)<sup>34</sup>. E ainda afirma que o estigma, a cicatriz, é o que Lacan denominou como o significante da falta no Outro. “O significante da falta do Outro é um significante sozinho, solto, não encadeado.” (p. 83)<sup>35</sup>. O autor aponta que o umbigo do sonho possui a função de enodamento, é um orifício enodado, é a marca da cicatriz do furo e, assim, o diferencia da forclusão do furo nos autismos como proposto por E. Laurent, “O umbigo do sonho é índice do furo: marca, traço, estigma, cicatriz do furo. E ele é bem distinto, da noção de forclusão do furo no autismo, porque o que coloca Laurent é que há no nível da forclusão própria do autismo – não se trata de cicatrizar o furo, o que seria dar-lhe uma borda, trata-se de apagá-lo de modo absoluto. A forclusão é algo muito mais drástico que enodar o furo, que é o que faz o umbigo do sonho.” (p. 84)<sup>36</sup>. O autor assinala que, nos autismos, há a forclusão entre

---

<sup>31</sup> No original, “cada uno de esos registros, comporta consistencia, ex-sistencia y agujero.”

<sup>32</sup> No original, “El ombligo del sueño ya es estigma, cicatriz- dice Lacan [...] – y eso está bien señalado en este matema S (A) que no indica solamente que el Otro está agujerado irremediabilmente sino que de esa falla hay marca en el inconsciente: significante de la falta del Otro.”

<sup>33</sup> No original, “Um *parlêtre* se encuentra excluido de su propio origen [...] y se tiene así un nivel de lo indecible [...] hay marca de eso em el inconsciente, hay un estigma, una cicatriz...”el sueño, conserva la marca em algún punto donde no hay nada hacer.”

<sup>34</sup> No original, “El ombligo es ese punto donde el sueño, cito Freud, es insondable, es decir el punto donde, en pocas palabras, se detiene el sentido o toda posibilidad de sentido.”

<sup>35</sup> No original, “El significante de la falta del Otro es un significante solo, suelto, no encadenado.”

<sup>36</sup> No original, “El ombligo es índice del agujero: marca, traza, estigma, cicatriz del agujero. Y ello es bien distinto, de la noción de forclusión del agujero en el autismo, porque lo que plantea Laurent es que allí – en el nivel de esa forclusión propia del autismo- no se trata de cicatrizar el agujero, lo que sería darle un borde, sino, más bien de clausurarlo de modo absoluto. La forclusión es algo mucho más drástico que anudar el agujero, que es lo que hace el ombligo del sueño.”

os registros simbólico e real, ou seja, a foraclusão do recalque primário, sede do inconsciente, e a foraclusão entre os registros imaginário e real, equivalente à instância pulsional.

A partir da foraclusão do furo e da ausência de bordas, marcamos a ausência do circuito pulsional, “[...] pode-se pensar o corpo-carapaça como um corpo com todos os orifícios tapados.” (LAURENT, 2014, p. 79). Consequentemente, o encapsulamento autístico e a criação de neo-bordas são saídas frente a um real sem delimitações, sem margens. O laço do sujeito com o Outro não se constitui a partir dos significantes da falta, porém, “[...] não se pode dizer que não haja relação com o Outro no autismo, mesmo que esse Outro se reduza à Alteridade radical que constitui o que Lacan denominou lalingua. Já que o autista da testemunho – destaca Laurent em seu livro – de ser invadido pelo efeito intrusivo do ruído de lalingua; o vemos tapar os ouvidos ou, em outro extremo, absolutamente entregues ao ruído de lalingua [...] que não podem silenciar.” (SCHEJTMAN, 2014, p. 91)<sup>37</sup>.

A abrangência da dimensão real em que vivem os autistas, assim como a foraclusão do furo, provocam crises, o que “[...] torna o mundo invivível e leva o sujeito a operar um furo por forçagem, via automutilação, para encontrar uma saída para e *excesso* de gozo que invade seu corpo.” (LAURENT, 2014, p. 80), pois o corpo tomado em uma dimensão sem limites entre o dentro e o fora, muitas vezes é vivenciado com horror. Em seus estudos sobre a foraclusão do furo, Laurent diz que os autistas nos ensinam sobre como é habitar um corpo, ou como falar com o corpo, especialmente quando não se faz uso da palavra. O autor cita um exemplo em que o autista retirava saliva de sua boca e a deslizava sobre os lábios como uma tentativa de construir uma superfície na ausência de uma borda, ou seja, há um *auto tratamento* para se instaurar o furo e produzir uma borda. “Estas são maneiras de ‘falar com o corpo’, sem o apoio de um discurso estabelecido, sem outro apoio além desses movimentos, dessa pulsação do corpo.” (2020, n.p.)<sup>38</sup>.

Assim, o corpo do autista, marcado pela ausência do circuito da demanda e do desejo, é vivenciado com angústia, pois a ausência de controle o coloca em uma dimensão que Naoki denomina como “apavorante”. “De modo geral, para um autista o fato de ser tocado significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo seu dono é capaz de

---

<sup>37</sup> No original, “[...] no se puede plantearse que no haya relación con el Otro en el autismo, aun cuando ese Otro que se reduzca aquí a es Otridad radical que constituye lo que Lacan denominó *lalengua*. Puesto que el autista da testimonio – lo destaca Laurent en su libro – de ser invadido por el efecto intrusivo del ruido de lalengua: allí vemos, tapándose las orejas o, en el otro extremo, absolutamente entregados al ruido de *lalengua* [...] que no pueden silenciar.”

<sup>38</sup> No original, “Estas son maneras de ‘hablar con el cuerpo’, por supuesto sin el sostén de un discurso establecido, sin el sostén de ningún otro apoyo que estos movimientos, que esta pulsación del cuerpo.”

controlar direito. É como se perdêssemos o que somos. Pense nisso, é apavorante!” (HIGASHIDA, 2014, p. 32).

Quando perguntado sobre os movimentos estereotipados, Naoki diz que, ao pular, saltar e repetir os movimentos se sente mais leve, o impacto o ajuda a sentir melhor as partes de seu corpo. Ao pular é como se ele estivesse se libertando de cordas que o aprisionam, ao saltar ele se assegura de que sua alma não está deixando seu corpo. Os movimentos estereotipados também podem ser compreendidos como uma *iteração* (a repetição do mesmo), para a proteção e asseguramento de seu corpo. Há uma lógica nos rituais e nos movimentos estereotipados que os auxiliam frente às mudanças constantes. A iteração é um recurso frente ao inconstante, ajuda o autista a estabilizar seu corpo e proteger-se, localizar-se na ausência de um dentro e um fora, e pode ser considerada um recurso encontrado para lidar com a presença maciça do Outro. Na medida em que, nos autismos, não se instaurou a dimensão simbólica da falta, há uma repetição, e essa repetição trata-se de uma *iteração*, por estar mais próxima do real. Como observa Laurent, sobre o retorno do gozo nas estruturas clínicas, em entrevista concedida a Silvia Elena Tendlarz, no livro *?Qué es el autismo? Infancia y Psicoanálisis*:

O gozo na paranoia está no Outro, na má intenção do Outro. Na esquizofrenia o retorno é a localização do Outro dentro do corpo do sujeito que tem seus órgãos contaminados pelo Outro e precisa inventar uma função para seus órgãos [...]. Propus então diferenciar o autismo como um retorno do gozo no corpo, que não existia da mesma maneira como no corpo fragmentado da esquizofrenia. (LAURENT, 2020, n.p.)<sup>39</sup>.

Esse retorno do gozo sobre o corpo vem a ocupar lugar quando não se constituem os limites corporais. Articulando seus estudos ao ensino de Lacan, Laurent aponta para a diferença entre a repetição do significante e a iteração do Um. A iteração de um S1, que não se articula a outros significantes. A iteração do Um é uma particularidade nos autismos, um traço que se destaca na clínica, ou seja, a repetição de maneira radical, e que se diferencia das repetições nas psicoses e nas neuroses.

Os autistas possuem a necessidade de repetição extremamente fixa, seja de palavras, sons, gestos, e movimentos, há então a *iteração do Um*. No caso de Daniel Tammet, destacamos a lista de primeiros-ministros à qual ele se dedicava e a necessidade de percorrer o mesmo

---

<sup>39</sup> No original, “El goce entonces en la paranoia está en el Otro, en la intención mala del Otro hacia mí. En la esquizofrenia el retorno es la localización del Otro dentro del cuerpo del sujeto que tiene sus órganos contaminados por el Otro y tiene que inventar una función una a sus órganos [...]. Propuse entonces diferenciar el autismo como un retorno del goce en el cuerpo, que no existía de la misma manera que el cuerpo fragmentado de la esquizofrenia.”

trajeto ao se dirigir à escola (já memorizado desde muito pequeno); outros autistas, por sua vez, possuem listas infinitas às quais se dedicam por uma vida inteira.

Lacan, em *O Seminário I – Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*, ao analisar o caso do “Menino Lobo”, conduzido por Rosine Lefort, no qual a criança repetia somente a expressão “O Lobo!”, assinala que a criança só vive no real, e a palavra está reduzida ao seu caroço. “O eu é aqui completamente caótico, a palavra interrompida. Mas é a partir de ‘O Lobo’ que ela poderá encontrar o seu lugar e se construir.” (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 125). A manifestação do menino, ao se reduzir somente à palavra lobo, denota a iteração da letra inequívoca, e a iteração incessante aponta para a dificuldade de articulá-la a outros significantes. Bayón traz uma indicação para o tratamento, que consiste “[...] no esvaziamento da iteração como condição para que o sujeito autista possa constituir uma relação com a linguagem.” (2020, p. 117)<sup>40</sup>. Ao pensar sobre a dimensão corporal, articulando-a às elaborações de Bayón, vimos que, nos autismos, a não articulação entre os registros imaginário e real tem como consequência a não localização dos orifícios do corpo, o que impede a constituição de um circuito pulsional.

Há situações em que não tenho como fazer nada, por mais que eu queira. É quando meu corpo fica além do meu controle. Não quer dizer que eu esteja doente ou algo assim. É como se todo o meu corpo, exceto minha alma, pertencesse a outra pessoa e eu não tivesse nenhum domínio sobre ele. Acho que vocês nunca seriam capazes de imaginar quanta agonia essa sensação causa. (HIGASHIDA, 2014, p. 39).

Em outro momento, ao ser questionado porque agita as mãos diante dos olhos, ele responde que a incidência da luz atinge de forma concreta seus olhos e causa desconforto, é por esse motivo que agitar as mãos ajuda para que a luz entre de forma mais suave em seus olhos, mas destacamos a forma poética como Naoki descreve a luz.

Apesar disso, não podemos ficar sem a luz. Ela seca nossas lágrimas e, quando estamos banhados por ela, nos sentimos felizes. Talvez amemos o modo como suas partículas se derramam sobre nós. As partículas de luz nos confortam. E admito que isso é uma coisa que não consigo explicar usando a lógica. (HIGASHIDA, 2014, p. 59).

---

<sup>40</sup> No original, “el vaciamiento de la iteración como condición para que un sujeto autista logre constituir una relación al lenguaje.”

## 5.2 Naoki e a voz

A marca singular de cada sujeito passa por diversos aspectos e nuances, mas, aqui, destacamos a voz, esse objeto do desejo, nomeado por Lacan como objeto da pulsão invocante, e a mais próxima da experiência do inconsciente. Para Lacan, a voz possui a importância de ressoar num vazio, porém, não se trata de um vazio qualquer; ela “[...] ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal, o *ex nihilo* propriamente dito.” (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 300).

A partir do estudo das psicoses, Lacan acrescentou os objetos olhar e voz aos objetos freudianos (oral, anal e fálico). Sabemos que os objetos da pulsão estão enlaçados ao desejo e se relacionam com o que há de mais enigmático nas relações humanas. A voz como objeto pulsional comporta uma carga libidinal e contém um resto que passa por aquilo que não pôde ser articulado. “A voz é aquilo que do significante não pode ser dito, é o equivalente ao real do significante: a voz vem a ocupar o lugar do que não é articulável.” (QUINET, 2011, p. 70). A voz é objeto da pulsão invocante, porém, voz e fala possuem dimensões diferentes. Quando falamos atribuímos sentido a nossa fala, por sua vez, a voz comporta fragmentos do dito, ou seja, a voz é um resto, é aquilo que se transmite além dos sentidos. Lacan, em *O Seminário 16 – De um Outro ao outro*, diz: “Porém há alguma coisa na voz que se especifica mais topologicamente, uma vez que em parte alguma o sujeito fica mais interessado no Outro do que através desse objeto *a*.” (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 249). Lacan assinala que o objeto *a* designa o *objeto do desejo*, mas “[...] nem por isso ele se coapta ao desejo. Entra em jogo num complexo que chamamos de fantasia. É nesse objeto que o sujeito encontra seu suporte no momento em que se esvanece ante a carência do significante que responda por seu lugar de sujeito no nível do Outro.” (LACAN, [1968-1969] 2008, p. 404).

A partir dos primeiros meses de vida, o corpo de um bebê é afetado pelo encontro com o sonoro e, desse modo, a voz materna possui um lugar privilegiado. A voz, como objeto pulsional, é o que ampara as palavras e os significantes, e entendemos que o bebê é marcado por esse objeto desde seu nascimento. M. C. Laznik assinala o que em todas as línguas poderíamos chamar de *manhês*, que é a forma carinhosa das mães falarem com seus bebês, em que a voz é particularmente permeada por escansões e afetos. Segundo Nogueira (2018), a voz não é somente um suporte sonoro para as palavras, é um elemento carregado pela singularidade e, como marca humana, está presente nas mais profundas manifestações dos afetos humanos em que o corpo ganha relevo, como, por exemplo, nas expressões de prazer e dor. A voz articula o corpo ao discurso e o autor diz que podemos entendê-la como um terceiro elemento, presente

entre o discurso e o corpo. “As características materiais de cada voz [...] são absolutamente singulares... compõem uma marca de identidade tão inequívoca quanto a impressão digital.” (NOGUEIRA, 2018, p.33). Podemos identificar as pessoas pela sua voz e pelo seu timbre absolutamente único, “isto é, por meio dessa ‘*coisa*’ que lhe é absolutamente inerente e da qual não se pode deslocar.” (p. 33; grifos meus). Assim, a voz seria uma presença sonora, marca singular de cada sujeito.

“O ser humano depende da linguagem para sobreviver e para organizar o seu funcionamento de ser falante. A articulação entre linguagem e organismo, ou melhor, entre simbólico e real, é, segundo Freud e Lacan, mediada pela pulsão invocante.” (CATÃO, 2009, p. 112). Lacan define a pulsão invocante como um chamado a alguém e explicita o que chamará de voz. “Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais, o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei de voz.” (LACAN, 2007, p. 18-19).

Para Vivès, “[...] a voz do Outro invoca o sujeito, sua fala o convoca. É a partir de um certo despojamento do seu grito que a criança simultaneamente perde e encontra sua voz. A partir daí, a voz é este real do corpo que o sujeito consente perder para falar.” (2009, p. 8). A criança, ao se separar do gozo vocal, poderá vir a falar. Quando uma criança nasce, seu grito inicial se transforma e passa a anunciar um chamado e endereçamento a um outro, o grito puro passa a ser o grito para.

Mladen Dolar aponta a contribuição de Jacques Lacan para a análise da transformação do *grito* em *chamado* e cita o trocadilho usado por esse teórico: o *cri pur* (grito puro), o primeiro grito da criança, movido pela necessidade, dirige-se ao outro e torna-se *cri pour* (grito para), exigindo uma escuta, uma interpretação e uma resposta. (NOGUEIRA, 2018, p. 44).

O autor esclarece que há uma relação inicial que transforma o grito em enunciação, mesmo que o bebê ainda não saiba falar, a voz cumpriria a função de endereçar-se a um outro, recorre ao termo *vox*, que no latim significa o “chamado a alguém” (NOGUEIRA, 2018, p. 44). A criança, quando se aliena à voz do Outro, passaria por uma operação de conceder ao objeto voz, o que lhe permitiria ocupar o lugar de sujeito da enunciação, ou seja, ao conceder se separar do objeto pulsional voz, passaria do lugar de ser falado pelo Outro à posição de falar com sua própria voz. Para Catão, o bebê, para passar à condição de sujeito, e apropriar-se da sua voz, necessita renunciar ao reino do som e ir em direção ao reino dos sentidos, das palavras, que é a dimensão simbólica da voz. A voz “[...] é o objeto vazio da pulsão em torno do qual se organiza o primeiro laço com o Outro, sob a forma de um circuito pulsional em três tempos: ‘chamar’ (o

grito), ‘ser chamado’ (pela mãe) e ‘se fazer chamar’ (se implicar no laço).” (CATÃO, 2019, p. 15).

Como formula Nogueira, por meio da interação, se dá a experiência da alteridade, uma vez que a voz revela as nuances mais interiorizadas de cada um, ou seja, a voz possui um caráter essencialmente relacional. “A escuta da voz inaugura a relação com o outro; a voz, que nos faz reconhecer os outros (como a letra sobre o envelope), dá-nos a conhecer sua maneira de ser, sua alegria ou sua tristeza, seu estado; transmite uma imagem do corpo do outro.” (BARTHES *apud* NOGUEIRA, 2018, p. 44). Queremos dizer que a voz e o corpo estão essencialmente ligados; quando falamos da voz trêmula, da voz embargada ou da voz neutra, estamos falando de um objeto que não possui materialidade, um objeto que não é palpável e, no entanto, é ele que faz incidências no corpo e reverbera no momento do encontro com o outro.

Assim, a voz tomada como objeto *a* só poderá vir a se constituir a partir de uma separação, uma vez que os objetos da pulsão só se constituem em torno do vazio. O objeto *a*, como consistência lógica, é um objeto que se desprende do corpo, a fim de que seja possível a instauração de um espaço vazio e, conseqüentemente, a insaturação do circuito pulsional. Ao se constituir um espaço vazio, por exemplo, quando a criança se desprende do seio da mãe, há a instauração de uma falta, que indica que a criança concedeu se separar do objeto. Segundo Lacan, o objeto *a* é um objeto que se separa do corpo da criança e não do corpo da mãe.

A voz, como objeto pulsional nos autismos, não é colocada como uma parte perdida e, por essa razão, encontramos em várias autobiografias a descrição de dificuldades para tomar a palavra e o lugar de enunciação. “A grande constante no funcionamento autista é se proteger de toda emergência angustiante do objeto voz pela verborragia ou mutismo; da voz do Outro pela evitação da interlocução.” (MALEVAL, 2007, p. 69). Toda voz carrega sua singularidade, marca inequívoca de um sujeito, que em seu corpo se revela, articulando corpo e palavra. “A palavra pode dizer tudo e o contrário de tudo. A voz, qualquer coisa que diga, comunica antes de tudo, e sempre, uma só coisa: *a unicidade de quem a emite.*” (CAVARERO *apud* NOGUEIRA, 2007, p. 36; grifos meus). Poderíamos apontar que, para Naoki, as dificuldades de enunciação estariam articuladas aos transtornos ligados à ausência da dimensão de seu corpo, que o impedem de renunciar ao gozo vocal. Para esclarecer as dificuldades dos autistas ligadas à apropriação da linguagem, articulando-se às angústias provocadas pela não extração do objeto voz, destacamos uma citação de Laurent.

Por isso é que J. C. Maleval organiza, de maneira decisiva, a clínica do autismo a partir do lugar do objeto voz. Dá ao objeto voz o valor de portador

da marca da singularidade que o sujeito autista não suporta, o que ele demonstra pela recusa da interlocução, quer nos endereçamos a ele, quer ele tenha que se endereçar ao Outro. A marca de gozo não é extraída da fala, a ponto de o sujeito viver a emissão da fala como uma verdadeira mutilação. Falar, então, é ‘esvaziar-se’, ou ‘esvaziar seu cérebro’. Por isso é que J. C. Maleval conclui: ‘A dissociação entre a voz e a linguagem está no princípio do autismo’. (2014, p. 53).

Na escrita de Naoki, em muitas passagens ele relata suas dificuldades em falar, aproximando-se de uma vivência de angústia e descentramento, na qual poderia se esvaziar. Segundo Maleval (2017), os autistas possuem dificuldades de interação, especialmente pela angústia provocada pelo encontro com o Outro, pois haveria o aparecimento do desejo do Outro. Quando não há a alienação aos significantes, a consequência é um distanciamento entre a vida emocional e a vida intelectual.

O autista resiste ao advento do sujeito dividido pelo significante, que implicaria uma perda de controle da linguagem, abrindo a possibilidade de uma enunciação surpreendente, não controlada – tal como ela se produz, no entanto, quando as frases irruptivas suscitadas por uma situação angustiante. (MALEVAL, 2017, p. 120).

Cito Higashida, quando apresenta situações em que não consegue controlar sua “voz estranha”.

Quando minha voz estranha é acionada, é quase impossível de segurar... Eu ficaria bem com essa voz se estivesse sozinho, mas tenho consciência de que ela incomoda outras pessoas. Quantas vezes os sons estranhos que saem da minha boca não me deixaram morrendo de vergonha? Honestamente, também queria ser bom, calmo e quieto! Mas, mesmo que nos mandem fechar a boca e ficar quietos, nós simplesmente não sabemos como. Sinto que nossas vozes são como nossa respiração: apenas saem de nossas bocas de forma inconsciente. (HIGASHIDA, 2014, p. 15).

Ao ser questionado por que repete as palavras e faz as mesmas perguntas inúmeras vezes, Naoki esclarece sobre a importância da repetição aliada às sensações com ritmos e sons, e sugere que, apesar de não conseguir falar como gostaria, consegue brincar com os sons. Poderíamos pensar sobre o gozo vocal, do qual não consegue se separar.

A grande exceção, porém, são aquelas palavras e frases que nos são familiares. Repeti-las é muito divertido. É como um jogo de bola. Ao contrário das palavras que nos mandam dizer, repetir perguntas que já conhecemos se torna um prazer – é como brincar com sons e ritmo. (HIGASHIDA, 2014, p. 16).

Normalmente os autistas repetem as perguntas que lhe são feitas e essa repetição não se trata de falta de compreensão, mas uma busca na memória para localizar eventos ou fatos que se relacionam ao que está sendo questionado, repetir a pergunta “[...] é uma forma de peneirar nossas lembranças em busca de pistas sobre aquilo que a pessoa quer saber. Compreendemos bem o que ouvimos, apenas não conseguimos responder até localizar a lembrança e a imagem certas em nossa cabeça.” (HIGASHIDA, 2014, p. 17). Ao esclarecer seu funcionamento mental, Naoki amplia a forma como terapeutas, educadores e pais podem compreender o mecanismo de repetição, ou seja, como um esforço para localizar imagens e fatos e, com isso, estabelecer uma comunicação.

Quando encontro uma comparação adequada, o passo seguinte é tentar lembrar o que eu disse na época. Se tiver sorte, consigo logo uma experiência utilizável e tudo termina bem. Se não, sou tomado pela mesma sensação opressiva que tive originalmente e não consigo responder ao que me perguntaram. Não importa o quanto eu tente evitar, aquela voz estranha escapa de mim e me faz sentir confuso e desencorajado, o que torna cada vez mais difícil falar qualquer coisa. (HIGASHIDA, 2014, p. 17).

Ao expressar seu descontrole quando a “voz estranha” o invade e torna a tarefa de se expressar por meio da fala muito difícil, ele nos remete a um excesso provocado em seu corpo por meio das palavras. Naoki se esforça para se comunicar, ele revela que conversar é um trabalho muito duro, e “[...] para ser compreendido, é como se eu tivesse que falar numa língua estrangeira desconhecida a cada minuto de cada dia.” (HIGASHIDA, 2014, p. 17). “A cisão entre voz e linguagem é sentida como enigmática e dolorosa, mas ela se impõe à vontade.” (MALEVAL, 2017, p. 103). O autista, ao não se desprender do objeto de gozo vocal, fica impossibilitado de se inserir no discurso no campo do Outro. É por essa razão que podemos inferir que o recurso à escrita é tão importante para os autistas, uma vez que possuem imensas dificuldades em separar-se do objeto voz.

No trabalho de Inês Catão, intitulado “A linguagem como mistério não revelado: voz e identificação nos autismos” (2015), a autora desenvolve a importância entre a identificação primordial, a voz e o funcionamento psíquico da criança autista, na qual é fundamental pensar o enlace da criança com o Outro Primordial. “Pensar pela via da psicanálise, o que pode estar em jogo no funcionamento autístico é interrogar o tempo inaugural da identificação.” (CATÃO, 2015b, p. 70). A autora retoma Freud e diz que a primeira identificação é a matriz para a série de identificações, e que esta ocorre por incorporação. Catão assinala que o corpo do bebê é marcado pelo impacto das palavras, sendo que a mãe endereça à criança aquilo que no “[...]”

campo da linguagem não é o sentido do que é dito, mas a dimensão incorpórea da sua voz. Neste tempo primordial, e como condição para a organização da estrutura psíquica, o que é incorporado é a voz.” (CATÃO, 2015b, p. 70). A autora sublinha que a voz está mais próxima a um dizer, se distanciando do sentido, pois a voz é pura sonoridade. Articula esse estatuto do objeto voz à identificação primordial e esclarece: “No tempo da identificação primordial o que se incorpora é o vazio, por efeito desta mesma incorporação, institui um lugar vazio.” (CATÃO, 2015b, p. 71). Para a constituição subjetiva, o vazio é estruturante, uma vez que a instauração da falta se desdobra no enigma do desejo do Outro.

“A incorporação de um lugar vazio não ocorre. A marca deixada pelo encontro com o significante não se ordena. A cicatriz da marca constituinte não tem simbolização. *O autista não sabe o que fazer com ela.* O sujeito não entra no discurso. Nos autismos falta a marca da incorporação da falta.” (CATÃO, 2015b, p. 71; grifos meus). Para Catão, a definição da estrutura autística estaria localizada em um comprometimento da identificação primária e da não constituição da voz como primeiro objeto da pulsão. A autora, assim como outros, citando Maleval e Vivès, trabalha com a hipótese de uma recusa em ceder ao gozo vocal, tendo como consequência a exclusão do registro simbólico e a não inscrição do recalque originário. “A recusa do objeto voz adquire a importância de dano estrutural, no alicerce ou nas ferramentas da estruturação psíquica, uma vez que a voz é o primeiro objeto que “serve de modelo para o vazio” (CATÃO, 2015b, p. 72).

## 6 AS AUTOBIOGRAFIAS E O TRATAMENTO PSICANALÍTICO

Seguindo a indicação de Maleval, que nos adverte sobre a importância de escutar o que os autistas têm a nos dizer, tomamos as autobiografias analisadas no presente trabalho como referência para recolher contribuições para a clínica. Maleval (2009), em muitos momentos de sua teorização, assinala que são os autistas que podem esclarecer sobre as formas mais adequadas para a condução de um tratamento.

Destacamos o que diz Naoki: “O mundo do autismo deve parecer um lugar extremamente misterioso. Portanto, por favor, pare um pouco e ouça o que eu tenho a dizer.” (HIGASHIDA, 2014, p. 22). Assim, o que os psicanalistas podem aprender com as autobiografias? O que elas nos ensinam sobre a direção do tratamento? Partindo da transferência e do lugar do psicanalista na clínica com autistas, nosso objetivo visa explicitar a importância das intervenções particulares e como elas se articulam às produções teóricas desenvolvidas até aqui.

A partir dos relatos dos próprios autistas, recolhemos que há maneiras originais para tratar a abertura e o encontro com o Outro, o que lhes exige um trabalho psíquico intenso. Naoki Higashida revela seu trabalho psíquico para se fazer compreender, descreveu, por meio da escrita, suas dificuldades com a aquisição da linguagem falada e seus sofrimentos de desorganização corporal. Há, nos testemunhos, esclarecimentos sobre as dificuldades de ligação entre as palavras e os afetos, no entanto, isso não significa que não compreendam o que lhes está sendo dito, produzindo, assim, inúmeros mal-entendidos. Essas autobiografias, portanto, retiram os autistas do campo das deficiências. Higashida e Tammet são escritores que nos disseram o quanto os laços com os outros são importantes, desconstruindo um dos maiores equívocos atribuídos aos autistas. Foi por meio da escrita autobiográfica e literária que ambos *inventaram* um Outro mais apaziguador. Bialer (2015) sublinha a escrita desses autores como um “auto-tratamento” no sentido de construir uma ponte para se aproximar das pessoas, sendo a escrita “um caminho curativo”. Partilhamos do lugar da escrita na vida dos autistas, assim como Bialer destacou, no entanto, é importante sublinhar que, assim como a escrita, há diferentes maneiras de “compensações” para sair do isolamento autístico, calcados nos interesses específicos.

Tammet, em sua narrativa, deixa muito clara a necessidade de um Outro compassivo e tranquilizador, contribuindo para que terapeutas, psicanalistas e educadores que se ocupam de tratamentos fiquem atentos às conduções e intervenções na clínica. Foi a partir de um Outro compensatório e tranquilizador, apoiado em seu interesse por línguas e literatura, que ocorreu

a conquista de importantes capacidades psíquicas, que lhe permitiram “[...] se apropriar da linguagem, apreendendo o mundo e os outros por meio dessas inscrições linguísticas.” (BIALER, 2015a, p. 175). Seus escritos literários são repletos de criatividade e sua capacidade de expressar-se pela linguagem é muito consistente. É, portanto, pela escrita que ele encontrou formas de compensação e estabilização. Tammet faz críticas às limitações atribuídas aos autistas, como se eles não fossem capazes de possuir empatia, ou desenvolver um pensamento lógico; critica também “verdades” pré-estabelecidas sobre os autistas, abalando teorias e abordagens de tratamento.

Na obra de Daniel Tammet, fica clara a importância da escrita e dos números, pois foi por meio do número pi que ele conseguiu transmitir que os números são sua linguagem e com eles faz poesia, nos ensinou uma maneira singular para contornar os equívocos da língua e seus mal-entendidos, apresentando sua forma original sobre o encontro com o Outro e com a linguagem. Tammet, por meio de seu amor pelos números, revela sua potência para sair do isolamento autístico e, poderíamos dizer, constituiu uma *neo-borda* para o tratamento do Outro em sua dimensão totalizante. Localiza-se, portanto, um dado clínico no qual colocaremos destaque. Sua *língua materna* são os números e sua forma de ler o mundo é permeada por beleza e sofisticação, na qual números, palavras e cores criam formas de pensar e aprender. Ele é portavoza do sofrimento de outros autistas e, ao mesmo tempo, transmite uma mensagem de esperança: “Escrever sobre minha vida me deu a oportunidade de obter um panorama de quão longe cheguei [...] espero poder ajudar outros jovens [...] a se sentirem menos isolados e terem confiança no conhecimento de que é possível [...] levar uma vida feliz e produtiva.” (TAMMET, 2007, p. 22).

## 6.1 A posição do psicanalista

Na clínica com autistas não é rara a inexistência de demandas dirigidas ao analista, uma vez que eles normalmente se retiram do contato físico, recusam o olhar e a interlocução, é comum que permaneçam de costas durante os encontros e, nos momentos em que o outro se aproxima, presenciamos retraimentos, gritos e movimentos de fechar-se em si mesmo. Assim, podemos questionar a especificidade da transferência. A transferência, portanto, tomará um caminho diferente do que é conhecido na clínica das neuroses, em que há uma demanda de amor dirigida ao analista. Para Lacan, a transferência é uma suposição de saber endereçada ao analista, porém, nos autismos, podemos dizer que há uma *recusa* a esse endereçamento. O lugar do sujeito suposto saber ocupado pelo analista na clínica das neuroses não se verifica na clínica

dos autismos. Caminhamos pelo ensino de Lacan sobre as estruturas clínicas, e nesse trabalho tomamos os autismos em uma alienação retida, com a ausência da inscrição simbólica e do apelo ao outro. Seguimos a indicação de Laurent sobre a forclusão do furo e a impossibilidade da instauração do circuito pulsional. Apoiados nos estudos de Maleval, destacamos que, nos autismos, as dificuldades em ocupar o lugar da enunciação estão presentes em quase todos os casos, nos remetendo à ausência da articulação significante. Como poderíamos pensar a prática clínica, uma vez que os autistas parecem recusar a presença do outro e, conseqüentemente, do analista? A transferência nos remete ao amor em suas diferentes dimensões e às formas de estabelecer laços. Como, então, poderíamos pensar o amor nos autismos?

Para Maleval (2009), o psicanalista, advertido das defesas e proteções utilizadas pelos autistas, necessita se guiar por uma prática da delicadeza, a prática daquele que se coloca distante de endereçar demandas e atento às brechas que se apresentam a cada encontro. Essa prática exige do analista um certo distanciamento, uma presença sutil, vazia de expectativas, um lugar de uma presença receptiva, em que o vazio possa ser suportado e permeado por espaços de criação. Partindo desse princípio, o psicanalista deve esvaziar-se de uma posição de dirigir demandas, uma vez que a direção do tratamento caminha no sentido de valorizar pequenas brechas e aberturas que o autista vier a conceder. Localizamos, nesse ponto, uma inversão na transferência, pois o analista não ocupará o lugar de sujeito suposto saber sobre os sintomas do autista, assim como será deslocado da demanda de amor.

Na *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1998), Lacan nos ofereceu uma indicação clínica importante, quando foi questionado sobre a clínica com autistas. Um participante na referida conferência afirma que eles não escutam o que temos a lhe dizer, sendo que Lacan diz: “Não chegam a escutar o que você tem a lhes dizer enquanto você se ocupa deles [...]. Que você tenha dificuldade para escutá-lo, para dar seu alcance ao que dizem, não impede que se trate, finalmente, de personagens bastante verbosos.” (LACAN, 1998). Quando o analista vem a ocupar um lugar de se fazer entender, no qual o autista deve escutar os sentidos atribuídos ao seu modo de funcionamento, teremos certamente mais dificuldades para conduzir o tratamento. O analista, ao ocupar o lugar daquele que sabe sobre o autista, toma a posição de um Outro invasivo, justamente o que os autistas mais temem e, conseqüentemente, ao que mais resistem. “Pois um saber que toma o outro como objeto de sua intervenção, e não como sujeito de um saber que lhe é próprio, só tem como resultado a patologização.” (FURTADO, 2013, p. 204). O analista, ao se distanciar do lugar de saber sobre o autista, toma como eixo central o vazio, ou seja, o vazio como espaço potencial de criação.

Laurent (2012) sublinha que, em diversos testemunhos, encontramos diferentes maneiras e soluções para o tratamento da angústia; há autistas que se apegam a certos objetos, mapas, catálogos, letras, números, entre tantas outras soluções, que ele denomina como o “particular dos registros da letra”. “Nesse sentido, creio que as condições que possibilitam um laço com o autista são as que implicam uma aceitação, uma relação com os dispositivos de tratamento da instância da letra os mais amplos possíveis.” (LAURENT, 2012, p. 35). Ao ampliar os registros da letra, o tratamento caminha para a possibilidade de uma aproximação e entrada na dimensão simbólica. “Permitir um manejo da instância da letra *in status nascendi*, [...] antes de toda diferenciação possível, ou seja, a maneira como o sujeito respondeu, pela primeira vez, com seu corpo, ao terror da presença do Outro. Se soubermos fazer isso, aí sim teremos transferência.” (LAURENT, 2012, p. 37). O autor esclarece que, nos autismos, há uma especificidade de retorno do gozo sobre o corpo, e esses fenômenos são particulares nos autismos. Ele considera que o tratamento poderia incluir “espaços de jogo”, nos quais haveria a construção de neo-bordas. Os “espaços de jogo” compreendem acompanhar os autistas nas formas particulares do registro da letra, da invenção e do trabalho diário ao qual se dedicam para tratar suas angústias. O tratamento pode direcionar-se à criação de neo-bordas para constituir-se “espaços de jogo”, de intercâmbio, na qual o analista deve se incluir. Essa operação deve ser realizada com prudência e delicadeza, no entanto, é essencial que o analista possa se alojar em um lugar em que se torne “um parceiro”, apostando na abertura para o encontro com o autista.

Barros (2012) afirma que os autistas não dirigem questões ao analista, no entanto, os profissionais que se ocupam dos tratamentos colocam muitas questões, dentre elas, como conduzir o tratamento de maneira a não provocar desestabilizações, perturbações e angústias. “Mas ao mesmo tempo, constata-se que acompanhar seu movimento e apreender sua lógica abre caminho para lhes falar, para intervir sem invadir. Sem essa parceria, o que elas produzem em silêncio termina fechado sobre elas mesmas.” (BARROS, 2012, p. 91).

Considerando que nos autismos a fala muitas vezes pode estar reduzida a um ruído, o que denota a impossibilidade de simbolização, temos a não produção de um espaço vazio, que ordenaria a cadeia de significantes e podemos entender, como esclarece a autora, que a marca da experiência de gozo insiste, sem que haja a instauração do circuito pulsional no qual a demanda dirigida ao Outro permanece desarticulada. “Sem a possibilidade de incluir o real do gozo traumático no simbólico, que é uma forma de anulá-lo para constituir um espaço vazio, as crianças autistas encontram outros recursos, os quais é preciso saber ler.” (BARROS, 2012, p. 92). Ou seja, na ausência da simbolização, o significante sozinho se reitera, como uma defesa,

assim como o encapsulamento autístico. A autora se questiona como é possível introduzir uma falta que torne possível para o autista suportar a presença do outro e dos objetos, na ausência do recurso simbólico, como conduzir um tratamento que torne possível suportar o gozo invasor? Uma vez que o simbólico e o real se encontram compactados, e a inscrição de um sintoma não se coloca como nas neuroses e nas psicoses, nos deparamos com uma questão delicada.

Barros abre um caminho possível quando diz que as crianças autistas produzem maneiras particulares de contornar a língua, nas quais simbólico e real estão colados, assim, é essencial acolher as invenções de cada um, sem tentar enquadrá-los no referencial fálico, pois isso produziria maior encapsulamento e aumento das defesas autísticas. Desse modo, na ausência do recurso à simbolização, é necessário um tratamento que amenize o gozo insuportável e invasor no qual o autista vive.

A autora propõe a “*reallização* do simbólico” (BARROS, 2012) e toma como referência o caso Robert<sup>41</sup>, conduzido por Rosine Lefort. Esse relato de caso traz recursos para pensar a clínica com autistas, pois passa pela impossibilidade de simbolização, marca a reiteração do Um e ausência da falta fálica. Robert repetia incessantemente “O lobo! O lobo!” e com o tratamento conduzido por Rosine Lefort a palavra *Lobo* pôde se articular a outras; o efeito da análise fez com que houvesse a possibilidade de construções significantes.

Como coloca Furtado (2021), para os autistas,

Os objetos do mundo humano são reais e as palavras que lhes nomeiam também são tomadas na sua ‘realidade’, na sua materialidade sonora, na sua textura, na sua cor, na sua forma concreta, como coisa. Assim, tanto os objetos valem apenas pelo gozo corporal que eles promovem (som, brilho, textura), como as próprias palavras são tomadas como objetos do mesmo valor. O desafio clínico é facilitar, forjar, fabricar, promover, precipitar esse salto dos objetos a uma simbolização incorporada pelo sujeito, mas que inclua seu modo próprio de relação com o mundo. (FURTADO, 2021, p. 61).

Na autobiografia de Daniel Tammet, o pensamento por imagens, a materialidade das palavras, permeadas por cores e texturas, marcam significativamente sua vida e suas relações. Tendlarz (2021) recupera o pensamento por imagens, a repetição de palavras e a importância dos números para pensar a particularidade dos registros simbólico, imaginário e real nos autismos, ou seja, possuem uma topologia própria, é por essa razão que é tão importante

---

<sup>41</sup> Na época do caso Robert, denominado “o menino lobo”, ele foi considerado psicótico, porém, alguns autores, ao estudar as especificidades das estruturas, consideram a possibilidade de autismo. O caso está descrito em *O Seminário I – Os escritos técnicos de Freud*, de Jacques Lacan.

respeitar as invenções e os interesses de cada um, pois desse modo há possibilidades de aproximação e encontro, abrindo espaços para soluções singulares e evitando-se a segregação.

Para Soler (2007), na clínica dos autismos, o que se destaca são os objetos voz e olhar, nos quais o analista deve se manter com certa *reserva*, “[...] esconder-se um pouco, falar de lado, para agir como se fossem um barulho, em vez de uma voz.” (SOLER, 2007, p. 70), pois, uma vez que a criança se depara com a voz e com o olhar, que são de natureza imprevisíveis, isso faz com que ela se desorganize. A presença e a voz do analista também podem ser sentidas como invasivas e é por essa razão que insistimos que, com os autistas, devemos conduzir um tratamento permeado pela delicadeza, no qual retirar-se do lugar de sujeito suposto saber é um dos pontos mais significativos. “Além disso, os fenômenos de perturbação que constatamos no nível da presença e da ausência são significativos para nós, uma vez que indicam a falta do lugar vazio em que o sujeito poderia alojar-se. Essas crianças realmente parecem ficar aquém do limiar de qualquer simbolização.” (SOLER, 2007, p. 70). A autora destaca, ainda, as dificuldades que os autistas possuem para conceder à alienação significativa, com uma “recusa” ou um “deter-se na borda”, que nos indica a posição que ocupam frente ao Outro.

Angela Vorcaro observa que, no tratamento dos autistas, é importante marcar as diferenças entre o Outro (campo da linguagem) e o outro (semelhante), uma vez que, nesses casos, o sujeito do desejo não se constituiu e, portanto, o autista permanece submetido à estrutura do Outro. “Obviamente, nessa situação, o laço da criança com o outro não comportaria essa produção de um sujeito de desejo.” (VORCARO, 2016, p. 16). O autista não se localiza na falta do Outro, não consentindo se alienar aos significantes. O Outro, então, comparece como invasivo, compacto, deixando o autista à mercê de um excesso, gerando muita angústia. “A emergência de um outro, semelhante, anunciaria o perigo representado pelo Outro.” (p. 16). Segundo Vorcaro, nos autismos, poderíamos considerar a hipótese de que a transmissão da ordem simbólica não tenha se efetuado. A singularidade do desejo só se articula na instauração do circuito pulsional, amparado pelo Outro, porém, a linguagem não opera sem o consentimento do sujeito. “A máquina da linguagem despulsionalizada poderia, talvez, ser o modo de nomear o grande Outro do autista.” (p. 17).

As estereotípias, os objetos autísticos, o duplo e os interesses específicos, para Orrado e Vives, são testemunhas da posição subjetiva do autista, localizam-se entre seu mundo interno e o mundo externo, e “[...] se tornam, então, um lugar de invenção inédito.” (ORRADO; VIVES, 2021, p. 51). Esclarecem que Laurent sugere que, no tratamento, é importante incluir o que se encontra no limite entre o autista e o Outro, ou seja, “o resto”, que são os objetos, os movimentos repetitivos e suas paixões específicas, pois são os mediadores na ausência da fala,

tão importantes nos tratamentos e, surpreendentemente, com muita frequência, são combatidos por um grande número de profissionais. Na direção do tratamento, o objeto escolhido pelo autista será privilegiado, uma vez que indica um saber situado do lado do autista, no qual exercem uma função de suporte e apaziguamento frente ao Outro. Temos o testemunho do autista Schovanec, que deixa clara essa questão. “É necessário entender que, para a criança e o adulto com autismo, o interesse específico é tão útil, tão necessário para a formação de sua personalidade e seu equilíbrio psicológico como para os demais é escutar música ou ir com os amigos ao cinema ou na piscina.” (SCHOVANEC, 2015, n.p.)<sup>42</sup>.

Para Bayón (2020), nos autismos, devemos considerar que *lalíngua* possui uma presença significativa, uma vez que se mostra por meio de sonoridades e não pela articulação simbólica. Ele cita como exemplo as ecolalias, a repetição de ruídos, ritmos verbais muitas vezes com ausência de significação. São indicações clínicas que encontramos nos casos complexos, porém, possibilitam pensar a direção do tratamento. Enfatiza a importância da materialidade sonora e os efeitos produzidos por determinadas palavras, melodias, ruídos e ritmos. O autor se questiona se o psicanalista tem como fazer intervenções na clínica de *lalíngua*, e esclarece que o tratamento pode centrar-se na presença do S1 sozinho e aí operar analiticamente.

A partir disso, a direção do tratamento não poderá orientar-se por um querer reparar essa relação primeira do sujeito autista com o significante, pois ele a recusa. Assim, não podemos sustentar que a finalidade do tratamento seria uma entrada na psicose ou na ‘psicotização’. Trata-se, sobretudo, de contemporizar essas ‘reações de afetos’ que são consequências dessa recusa e de sustentar o tratamento original que o sujeito autista se esforça por proceder para repor ordem ao caos do mundo, pela interposição de um duplo, sem o recurso à leveza do significante, até a construção de um Outro de Síntese (um Outro codificado e não cifrado), e até de um S1 de síntese. (PERRIN *apud* PRADO, 2012, p. 157).

A partir dessas elaborações, partilhamos as indicações de Prado (2012) quanto à direção do tratamento, que consiste em destacar a “insondável decisão do ser”, entendendo que os autistas não necessitam de uma maternagem como uma reparação do que não teria se efetuado, tampouco de medidas socioeducativas ou intervenções buscando uma aproximação do funcionamento psíquico do neurótico, “[...] mas apostando na via do sintoma, ou seja, atentando para a construção de um saber-fazer com o real do gozo, pelo próprio sujeito.”

---

<sup>42</sup> No original, “Es necesario entender que, para el niño o el adulto con autismo, el interés específico es tan útil, tan necesario para la formación de su personalidad y su equilibrio psicológico, como para los demás es escuchar música, o ir con los amigos al cine o la piscina.”

(PRADO, 2012, p. 157), sem tentar instituir uma alienação que não se efetuou. A via do *sinthoma*, esclarece, seria atribuir um lugar privilegiado à criação do sujeito, a partir da eleição de seus objetos e interesses, acompanhando-o na criação de uma nova borda, como tentativa para colocar ordem no mundo e, assim, amenizar o insuportável do gozo que o invade.

Concluimos que, ao receber o autista para tratamento, o analista está advertido de que o Outro possui uma dimensão totalizante. Durante os encontros, normalmente o autista apresenta sua solução singular, na qual o significante S1 se destaca, é o que não cessa de não se escrever, ou seja, a iteração do gozo. A direção do tratamento caminha para o esvaziamento da iteração, possibilitando a entrada de novos objetos, em um movimento para que o autista conceda ao novo. A extração de algo deve ser feita, porém, de maneira extremamente sutil e delicada, para que o autista não a tome como uma invasão. O analista, ao se retirar de um saber sobre o autista, se coloca como objeto, no intuito de promover um circuito pulsional para que seja possível a instauração de trocas, o esvaziamento do gozo e a extração de objetos, acompanhando o autista em seu trabalho diário. “Quando essa extração pode ocorrer, o sujeito consegue ceder um pouco da carga de gozo que afeta seu corpo, sem que essa cessão de gozo lhe seja insuportável demais.” (LAURENT, 2014, p. 84). Quando um objeto pode se afastar um pouco do corpo do autista e compor trocas, ele se aproxima de laços sociais. A referência que podemos localizar refere-se à “máquina” de Joey, pois ela exercia uma função importante para o menino, na medida em que lhe proporcionou a sensação de estar vivo e ter energia para desenvolver suas tarefas cotidianas, organizava suas funções corporais e, com isso, pôde trabalhar para um esvaziamento do gozo que o invadia. Mais tarde, ele desenvolveu atividades profissionais apoiadas nessa invenção particular e podemos, portanto, inferir que se constituiu uma forma de ceder ao gozo que lhe era insuportável.

## **6.2 O tratamento do Outro**

Consideramos que é essencial, nos tratamentos, que a dimensão do Outro totalizante seja barrada, oferecendo um campo no qual o autista possa ser acolhido com suas invenções particulares, compartilhando com os outros sua singularidade, numa perspectiva inclusiva. Furtado (2013) lembra a importância de algumas instituições, no Brasil e em outros lugares do mundo, que trabalham com a perspectiva de barrar a dimensão invasiva do Outro, oferecendo um tratamento que possibilite as condições para uma estabilização subjetiva, e que são os autistas que nos ensinam que o trabalho possível deve passar por esse tratamento da dimensão invasiva do Outro. Há algumas instituições que podemos citar – Hacer Lugar e Fundação

Avenir, ambas na Argentina; La Antenne 110 e Le Courtill, na Bélgica, e Nonette, na França – , que trabalham com o que denominam “a prática entre vários”. La Antenne 110 foi fundada por Antonio Di Ciaccia, em 1974, com a proposta de, a partir da vida cotidiana, buscar intervenções que possibilitem interações com as crianças, e propõe que a instituição esteja articulada a um lugar vazio, ou seja, “[...] que não se apoie em um saber constituído, que poderia bloquear o trabalho de elaboração coletiva.” (TENDLARZ, 2016, p. 160)<sup>43</sup>. Em Nonette, o caráter das intervenções permite construir um modo particular de inventar um corpo habitado por sua língua singular, respeitando a lógica das estereotípias e dos comportamentos dos autistas. Nesses dispositivos, a equipe técnica se retira de saberes e teorias pré-estabelecidas sobre os autistas, pois privilegia os encontros com cada criança, desdobrando-se em acompanhar as crianças em suas criações e produções de um saber localizado do lado do autista. No Brasil, destacamos a instituição Lugar de Vida, que surgiu em 1990, devido às dificuldades de escolarização das crianças autistas e psicóticas, sendo referência no trabalho clínico e educação terapêutica, na qual desenvolvem um trabalho multidisciplinar visando à inclusão. Esses trabalhos institucionais são referência para diversos profissionais que se dedicam à clínica e à educação, pois possuem, como norte, a importância de minimizar o lugar absoluto do Outro.

“A prática entre vários”, modelo por meio do qual algumas instituições trabalham, se destaca pela intervenção de uma “transferência diluída”. “Diante da absoluta dificuldade do sujeito com o Outro, a transferência diluída entre vários poderia apaziguar o sujeito dos efeitos aterradores do Outro invasivo.” (FERREIRA; VORCARO, 2017, p. 101). As autoras assinalam que, nas instituições ou mesmo em consultórios, ao psicanalista cabe o lugar de exceção, ou seja, aquele que não encarna o Outro absoluto, oferecendo-se como uma presença sutil e delicada. “O analista precisa estar tão delicadamente assentado, que sua voz, seu olhar, qualquer insígnia de sua presença devem ser calculados clinicamente.” (p. 101).

São estas crianças que nos ensinam que seus objetos e suas ‘manias’ são simbólicas, estabilizadoras e que é justamente com a utilização destes objetos que sua inclusão pode ser possível. Não é, simplesmente, que elas resistam à presença de outras pessoas, a rigor, elas resistem é à invasão do desejo do Outro, sempre veiculado pela voz e pelo olhar, recheados de palavras. Elas se protegem é do verbo e dos elementos implicados nessa dimensão. (FURTADO, 2013, p. 205).

Portanto, o tratamento psicanalítico direciona-se no caso a caso e o autista, ao ser recebido para tratamento, em um dispositivo particular ou em uma instituição, deveria receber

---

<sup>43</sup> No original, “[...] que no se plante un saber constituído que bloquee el trabajo de elaboración colectivo.”

intervenções nas quais o analista se torne um “*partenaire*”, como formulou Laurent, possibilitando que o autista conceda aos poucos renunciar a suas defesas, entre elas as de encapsulamento, adesão e fixação extremas aos objetos. A aposta em um espaço de encontro deve considerar e respeitar os objetos autísticos, os duplos e os interesses específicos, que são recursos utilizados pelos autistas para amenizar o excesso de gozo em seu corpo. A voz do analista, por sua vez, será essencial para tocar o corpo do autista e deve ser permeada por suavidade e acolhimento. Certa vez, escutei a expressão “palavras sementes” e penso que, durante o tratamento, o depósito com delicadeza, de certas palavras, permeadas pela voz do analista, pode tocar com cuidado os espaços abertos, próprios à criação. São frestas, pequenos espaços que nos interessam, para depositar as *palavras sementes*. O analista, com sua escuta, sensibilidade e atenção às defesas de cada autista, poderá sustentar intervenções no tratamento psicanalítico.

## CONCLUSÃO

Ao chegar às considerações finais, nos demos conta de que ainda há muito a estudar e pesquisar sobre os autismos. Nosso campo de estudo continua aberto, com muitas dúvidas e questões a serem esclarecidas e trabalhadas. Algumas delas nos interpelam a continuar os estudos, especialmente a teoria dos nós borromeanos articulada ao vazio e à poesia chinesa. Abriu-se, então, uma nova vertente para futuras investigações, entre elas, a transferência na clínica, articulada ao amor real, ao vazio e à poesia chinesa, aos quais Lacan se dedicou especialmente em *O Seminário 24* [1976-1977]. São, portanto, futuras pesquisas às quais pretendo me dedicar, articulando essas teorizações à clínica com os autistas.

Após nossas elaborações históricas e teóricas, articuladas às autobiografias e, posteriormente, ao tratamento psicanalítico, destacamos que o saber próprio dos autistas nos forneceu os alicerces para nossos estudos. Todos os casos escolhidos para essa pesquisa, que foram marcados historicamente, passando por Donald T., Dick e Joey, entre outros, deixaram clara a importância de serem respeitadas as suas capacidades e formas singulares de se relacionar com as pessoas e com os objetos.

Percorremos as operações lógicas sobre a constituição do sujeito e sublinhamos que todos os sujeitos são atravessados pela linguagem, porém, para os autistas, há especificidades quanto à alienação significativa. A partir dessa especificidade, seguimos a indicação de Maleval (2017), em que a operação de alienação permaneceu “retida”, uma vez que, quando a articulação entre os significantes não se opera, há impossibilidades para a construção de uma cadeia simbólica discursiva e, com isso, a não extração de gozo e do objeto *a*.

Ao trabalhar as especificidades dos autismos e das psicoses, consideramos os autismos uma estrutura clínica distinta das psicoses. No campo psicanalítico, esse tema é fonte de inúmeras divergências, no entanto, nos coloca frente a questões caras à teoria psicanalítica. Apesar de possuírem aproximações e distanciamentos, gostaríamos de destacar que os autismos não se localizam no campo das deficiências. Com isso, destacamos a importância da escuta do caso a caso, nos distanciando da universalização, de protocolos de tratamento e métodos adaptativos com conceitos de normalização. Pontuamos a importância do tratamento caminhar na direção de amenizar o lugar totalizante do Outro. Araújo Leite apresenta traços da criança autista e de sua relação com o Outro, que sublinhamos nesta pesquisa. São crianças perseguidas especialmente pelo objeto voz e pelo olhar do Outro; muitas vezes, podem ser confundidas com crianças surdas e, com frequência, apresentam distúrbios do olhar, como, por exemplo, estrabismo. A ausência de demanda se articula à recusa de ser chamada pelo Outro. A autora

aponta que “[...] a única aposta possível é aquela que a psicanálise faz, é supor aí um sujeito e insistir no chamado.” (2007, p. 296). No entanto, é preciso que o analista se ofereça como um Outro incompleto, legitimando as produções de um sujeito suposto.

Entendemos, portanto, que o tratamento psicanalítico se direciona especialmente ao apaziguamento do Outro, e o analista, por sua vez, ocupa uma posição na qual sua presença, permeada de delicadeza, possa abrir espaços de troca, com operações muito calculadas, especialmente no timbre de sua voz e na dimensão de seu olhar, de modo a possibilitar e ampliar os trajetos com as pessoas e com os objetos. O analista, como um parceiro, deve acompanhar o trabalho do autista, escutar o que eles têm a dizer, com seu corpo, suas estereotípias, suas ecolalias, seus interesses e suas recusas. As operações analíticas pretendem uma localização e estabilização, visando uma extração dos objetos, por mínima que seja, para a instauração de *neo-bordas* corporais.

No percurso desta pesquisa, assinalamos que, nos autismos, os registros real, simbólico e imaginário não estão amarrados ou enlaçados como um nó borromeano. Há soluções e compensações para o desenlace, entre elas, a primazia do signo ou a criação de uma língua particular. A escrita autobiográfica evidenciou-se como um trabalho psíquico importante para a sobreposição dos registros, com aproximações às dimensões simbólicas e imaginárias, além de ser um tratamento para contornar a dimensão totalizante do Outro. Compreendemos, assim, que as saídas originais como a escrita e a poesia, além de outras soluções, como, por exemplo, a música, podem ser uma *suplência* frente ao autismo, ou seja, uma forma particular de construir compensações na ausência de uma amarração borromeana. Para Tammet, a matemática, que é sua “língua materna”, pode ser compreendida como um “litoral”, um espaço de relação com os outros e, conseqüentemente, um tratamento diante do Outro.

Daniel Tammet relata que a *escrita da sua história* e de suas experiências possui o intuito de ajudar outras pessoas que sofrem de autismo, para que elas percebam *que é possível ultrapassar os momentos de solidão, de incerteza e construir uma vida feliz*. Ele diz: “Escrever sobre minha vida me deu a oportunidade de obter um panorama de quão longe cheguei e traçar a curva de minha jornada até o presente.” (TAMMET, 2007, p. 22), construindo, assim, seu caminho até tornar-se um escritor. “Acho que a maioria das pessoas concorda que os escritores são pessoas incomuns.” (TAMMET, 2017). Podemos, portanto, compreender a escrita de Daniel Tammet e de Naoki Higashida como uma espécie de *suplência*, um *savoir-faire* frente aos transtornos autísticos, ou seja, uma invenção compensatória frente às dificuldades, muitas vezes agravadas pelo preconceito e pela segregação. “Além da literatura de autistas ser uma janela para a compreensão da lógica do funcionamento psíquico autístico, depende destes

textos literários a *importância terapêutica da escrita*, assim como a riqueza de se utilizar esses escritos para aprofundarmos o nosso estudo do autismo.” (BIALER, 2015a, p. 21; grifos meus), ou seja, as autobiografias constituem um significativo auxílio para “romper a solidão e o suicídio mental.” (WILLIAMS, *apud* BIALER, 2015a, p. 21).

Atualmente, Daniel vive em Paris, tem uma vida plena, é escritor, tem amigos e uma relação amorosa, se dedica à escrita e é convidado a ministrar palestras sobre sua vida e sua relação com a matemática. Naoki Higashida está com 30 anos e, ao longo desses anos, produziu mais de 20 obras, a última escrita em inglês, intitulada *Fall Down Seven Times, Get Up Eight* (2017), e tornou-se um autor reconhecido no Japão.

Eles querem poder fazer reconhecer que são seres inteligentes, que o prognóstico do autismo não é sem esperança, que não há ninguém melhor que eles para falar de seu funcionamento e que não são todos os tratamentos aos quais são submetidos que têm valor. Trata-se de uma das maiores razões que os forçam a escrever. (MALEVAL, 2017, p. 18).

Recuperamos uma citação de Maleval sobre Birger Sellin, que, em 1992, escreveu em seu computador sua intenção de servir como “porta-voz” para outros autistas que não possuem a mesma capacidade para se expressar, sendo que, em 1994, algumas pessoas duvidaram de que ele havia escrito esse texto.

[...] os autistas estão se metendo a escrever, simples assim  
dentro de algum tempo seremos certamente pessoas  
que valem a pena essa será uma evidência para todos  
os pretensos conhecedores  
pois é graças a nós que conhecimentos dão  
as caras. (SELLIN *apud* MALEVAL, 2017, p. 19).

Para concluir, reiteramos que nossos escritores, Naoki Higashida e Daniel Tammet, revelaram, a partir de suas autobiografias, o quanto são importantes para compreendermos o funcionamento psíquico dos autistas. Entendemos que a escrita desses autores se revelou uma saída, um *savoir faire*, uma invenção para contornar o Real, o indizível, sendo uma maneira absolutamente original de relação com o Outro. Diante do isolamento, dos transtornos com o corpo, da angústia diante da voz e do olhar do Outro, os autistas cavam suas próprias saídas.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, E. A demissão do Outro na esquizofrenia. *In*: TEIXEIRA, A.; ROSA, M. (org.). **Psicopatologia Lacaniana**. v. 2. Nosologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ARAÚJO LEITE, N. V. Autismos: uma contribuição para se pensar o sujeito em psicanálise. **Revista Inter Ação**, v. 30, n. 2, p. 289-296, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v30i2.1314>. Acesso em: 8 dez. 2022.

ANSERMET, F.; GIACOMINO A. **A cada um o seu genoma**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2013. (Coleção Psicanálise e Ciência).

BARNETT, K. **Brilhante**: a inspiradora história de uma mãe e seu filho gênio e autista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BARROS, M. do R. C.do R. A Questão do autismo. *In*: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (org.). **Autismo(s) e Atualidade**: Uma leitura lacaniana. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

BARROSO, S. F. A experiência da Clínica no atendimento ao autismo e a orientação da Psicanálise. *In*: ALVARENGA E., LAIA S. (org.). **O que é autismo, hoje?** Escola Brasileira de Psicanálise: Belo Horizonte, 2018.

BARROSO, S. F. O autismo como estrutura clínica. *In*: TEIXEIRA, A.; ROSA, M. (org.). **Psicopatologia Lacaniana**. v. 2. Nosologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

BAYÓN, P. Á. **El autismo, entre lalengua y la letra**. Argentina: Grama, 2020.

BERLINCK, M. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta. 2008.

BETTELHEIM, B. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BEZZERA, Jr. B. **Projeto para uma psicologia científica**. Freud e as neurociências. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2013.

BIALER, M. Literatura de Autistas. **Estilos da Clínica**, São Paulo. v. 19, n. 3, p. 451-464, set/dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/89736>. Acesso em: 8 dez. 2022.

BIALER, M. **Literatura de Autistas, uma leitura psicanalítica**. Curitiba: CRV, 2015a.

BIALER, M. A inclusão escolar nas autobiografias de autistas. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, 2015b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/6Dmf6KVpfP5K6HtWhvkLzNk/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2022.

BIALER, M. A. A escrita terapêutica no autismo. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 221-233, jun. 2015c. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n2p221.3>. Acesso em: 8 dez. 2022.

BIALER, M. **Autobiografias no Autismo**. São Paulo: Toro, 2017.

BIALER, M. A A lógica do autismo: uma análise a partir da autobiografia de Lucy Blackman. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 106-118, mar. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2022v25n1p106.6>. Acesso em: 8 dez. 2022.

BIALER, M.; COELHO Jr., N. E. Apresentação Perceptiva no autismo: estudo da autobiografia de Donna Williams. **Psicologia em estudo**, Maringá, n. 23, p. 35-45, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/37841>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CALZAVARA, M. G. P.; VORCARO, A. M. R. Efeitos da incidência da linguagem no corpo do sujeito autista. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 31-50, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-48382018000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382018000200003). Acesso em: 8 dez. 2022.

CAPANEMA, A. C.; VORCARO, A. M. R. A condição do ser falante no nó borromeano. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 22, n. 2, maio/ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282017000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000200011). Acesso em: 8 dez. 2022.

CARBONEL, N.; RUIZ, I. **No todo del autismo**. Gredos: Barcelona, 2018.

CASTRO, R. B. Do imenso campo de não saber à clínica da delicadeza. *In*: OLIVEIRA, A., CASTRO, B. (org.). **Não sem eles**. A fundamental importância dos pais e dos cuidadores dos autistas para a Educação e para a Psicanálise. Vitória, ES: Cândida, 2021.

CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca**: voz, autismo e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CATÃO, I. O corpo como resposta à invocação da mãe. **Revista Psicologia**, Salvador, v. 4, n. 1, 2015a. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/665>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CATÃO, I. A linguagem como mistério não revelado: voz e identificação nos autismos. *In*: JERUSALINSKY, A. (org.). **Dossiê Autismo**. São Paulo: Instituto Langage, 2015b.

CATÃO, I. Just your voice. A voz como mediador privilegiado na clínica com bebês em risco para autismo e na clínica com crianças autistas. **Psicanálise & Barroco em revista**, v. 17, n. 1, julho de 2019. Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9208>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CAZENAVE L. **El autismo como modelo de civilización**. Trabalho apresentado no VI ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE DA ORIENTAÇÃO LACANIANA; XVIII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO, realizado em 22 e 23 de novembro de 2013, em Buenos Aires.

CEVASCO, R. **Passo a Passo (1)**: rumo a uma clínica borromeana. São Paulo: Aller. 2021.

DIAS, S. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 2, jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/9WR3H6wHtdktmJpPkyLcJYs/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2022.

DI PIETRO, A.; BASTOS, A. A alteridade no autismo: do próximo ao Outro de Síntese. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/24839#:~:text=O%20presente%20artigo%20investiga%20uma,formas%20de%20alteridade%20nesses%20casos>. Acesso em: 8 dez. 2022.

DOVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra Sintonia**. A história do autismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DRUMMOND, C. Em defesa do tratamento psicanalítico do autismo. *In*: MURTA, A.; CALMON A.; ROSA, M. (org.). **Autismos(s) e Atualidade**: uma leitura Lacaniana. Belo Horizonte: EBP; Scriptum, 2012.

DRUMMOND, C. O autista, seu corpo e sua voz. *In*: ALVARENGA, E.; LAIA, S. (org.). **O que é o autismo, hoje?** Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018.

DUNKER, C. I. L. **Por que Lacan?** São Paulo: Zagodoni, 2016.

EIDELSZTEIN, A. **Modelos, Esquemas e Garfos no Ensino de Lacan**. São Paulo: Toro, 2018.

ENCREVÉ, P. A criança gramática. *In*: MILLER, J. M. *et al.* **De la infância a la adolescência**. Buenos Aires: Paidós, Instituto Clínico, 2020.

FARIA, M. R. O eu e o imaginário nos primeiros ensinamentos de Lacan. **Revista Estilos da Clínica**, v. 16, n. 1, p. 135-137, jun 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282011000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100008). Acesso em: 8 dez. 2022.

FARIA, M. R. **Introdução à Psicanálise de Crianças**. O Lugar dos Pais. São Paulo: Toro, 2016.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**. O Complexo de Édipo, de Freud a Lacan. São Paulo: Cabral, 2017a.

FARIA, M. R. Prefácio. *In*: BIALER, Marina. **Autobiografias no Autismo**. São Paulo: Toro, 2017b.

FARIA, M. R. **Real, Simbólico e Imaginário no ensino de Jacques Lacan**. São Paulo: Toro, 2019.

FREUD S. Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1915]. Os instintos e seus destinos. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FREUD, S. [1925]. A Negação. *In*: FREUD, S. **Obras Incompletas de Sigmund Freud – Neurose, Psicose, Perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, S. História de uma neurose infantil [“O Homem dos Lobos”]. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**. v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

FURTADO, L. A. R. **Sua majestade o autista**: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. Curitiba: CRV, 2013.

FURTADO, L. A. R. **O sujeito na entrada da estação**: Estudos sobre o caso Dick, a clínica psicanalítica e o autismo. São Paulo: Larvatus Prodeco Editora, 2021.

GRANDIN, T. **Pensar con imágenes**. Mi vida con el autismo. Barcelona: Alba, 1995.

HIGASHIDA, N. [2007]. **O que me faz pular**. Trad. Rogério Durst. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HYPOLITE, J. Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro (coord.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud – Neurose, Psicose, Perversão**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. *In*: ROCHA, P. S. (org.). **Autismo (s)**. São Paulo: Escuta, 2012.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KLEIN, M. [1930]. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do Ego. *In*: KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, M. C. Psicose e autismo na infância: problemas diagnósticos. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 4, n. 7, 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71281999000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281999000200010). Acesso em: 8 dez. 2022.

LACAN, J. [1953]. **O Seminário 1 – Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. [1955]. **O Seminário 3 – As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. [1957-1958]. **O Seminário 5 – As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. [1962-1963]. **O Seminário 10 – A Angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- LACAN, J. [1964]. **O Seminário 11** – Os conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. [1968-1969]. **O Seminário 16** – De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. [1972-1973]. **O Seminário 20** – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. [1975-1976]. **O Seminário 23** – O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- LACAN, J. [1946]. Formulações sobre a causalidade psíquica. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. [1946]. Psicanálise e estrutura da personalidade. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. Conferência em Genebra sobre o sintoma. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n. 23, p. 6-16, 1998. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=2259141&pid=S0102-7395201300010000600005&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2259141&pid=S0102-7395201300010000600005&lng=pt). Acesso em: 8 dez. 2022.
- LACAN, J. [1967]. **Alocução sobre as psicoses da criança**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAIA, S. Autismo e autoerotismo: resultados parciais, em três observações, de uma pesquisa em curso. *In*: ALVARENGA E.; LAIA S. (org.). **O que é autismo, hoje?** Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018.
- LAURENT, E. Alienação e separação I. *In*: FELDSTEIN, R.; JAANUS, M. (org.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LAURENT, E. O que nos ensinam os autistas. *In*: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (org.). **Autismo(s) e Atualidade: uma leitura lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 17-44.
- LAURENT, E. **A Batalha do Autismo**. Da clínica à política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- LAURENT, E. Prefácio [entrevista]. *In*: TENDLARZ, S. E.; BAYÓN, P. A. **¿Qué es autismo?** Infancia y psicoanálisis. Olivos: Grama Ediciones, 2020.
- LAZNIK, M. C.; TOUATI, B.; BURSZTEJN, C. **Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância**. São Paulo: Instituto Langage, 2016.
- LEFORT, R.; LEFORT, R. **A distinção do autismo**. Belo Horizonte: Relicário, 2017.
- LUCERO, A.; VORCARO, A. M. R. Lacan leitor de Melanie Klein: o caso Dick em questão. **Psicologia Clínica e Cultura**, Brasília, v. 33, n. 16, p. 1-8, out 2017. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/67k5qJthhVfLjyngZvVqhVn/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2022.

MALEVAL, J-C. “Sobretudo verbosos”, os autistas. *In: Objetos soletrados no corpo*. Latusa n. 12. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2007.

MALEVAL, J-C. **L'autiste, son double et ses objets**. Paris: Pu Rennes, 2009. (Collection Clinique psychanalytique et psychopathologie).

MALEVAL, J-C. Por que a hipótese de uma estrutura autista? **Opção Lacaniana online**, ano 6, n. 18, novembro 2015. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero18/texto7.html>. Acesso em: 8 dez. 2022.

MALEVAL, J-C. **O autista e sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017.

MAHLER, M. **As psicoses infantis e outros estudos**. São Paulo: Artes Médicas, 1979a.

MAHLER, M. **O processo de separação e individuação**. São Paulo: Artes Médicas, 1979b.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**. Estudos de história da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MILLER, J. A. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MILLER, J. A. **Elementos de Biologia Lacaniana**. Belo Horizonte: Scriptum; Escola brasileira de Psicanálise, 1999.

MÜLLER, R. **Voando com asas rasgadas**. Um autista com muito a dizer. Curitiba: Editora Esperança, 2015.

NEVES, B. R. C. **Os autismos na clínica nodal**. 2018. 199f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AXXKEY>. Acesso em: 8 dez. 2022.

NOGUEIRA, S. E. **Os sentidos da voz vocalidade em Guimarães Rosa**. São Paulo: Edusp, 2018.

ORRADO, I.; VIVES J. M. **Autismo e mediação**. Bricolar uma solução para cada um. São Paulo: Aller, 2021.

PIMENTA, P. R. **O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo**. 2012. 217f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9V5PRZ#:~:text=Os%20objetos%20aut%C3%ADsticos%20simples%20servem,no%20autismo%2C%20ela%20n%C3%A3o%20ocorreu>. Acesso em: 9 dez. 2022.

PIMENTA, P. **Especificidades diagnósticas do transtorno do espectro autista (TEA)**. São Paulo: EBP, 2018.

PRADO, T. N. M. Um certo saber-fazer com o léxico. *In: MURTA, A.; CALMON, A.; ROSA, M. (org.). Autismo(s) e Atualidade: Uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

QUINET, A. **A estranheza da psicanálise**. A escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

QUINET, A. **Édipo ao pé da letra**. Fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHEJTMAN, F. ¿Qué es un agujero? *In*: ALLAIN-MILLER, J. **Estudios sobre el autismo**. Buenos Aires: Colección Diva, 2014.

SACKS, O. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHOVANEC, J. e GLORION C. **Yo pienso diferente**. El extraordinario testimonio de un genio autista. Madrid: Ediciones Palabra, 2015.

SINCLAIR, J. Don't mourn for us. **Autonomy**, v. 1, n. 3, October 1993. Disponível em: <https://philosophy.ucsc.edu/SinclairDontMournForUs.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2022.

SOLER, C. O sujeito e o Outro. *In*: FELDSTEIN, R.; JAANUS, M. (org.). **Para ler o Seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto na psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

SOLER, C. **O corpo falante**. Caderno de Stylus. Internacional dos Fóruns do campo Lacaniano. Rio de Janeiro: Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2010.

SOLER, C. **As lições das psicoses**. São Paulo: Aller, 2017.

SOLER, C. Lacan, **Leitor de Joyce**. São Paulo: Aller Editora, 2018.

SUSKIND, R. **Vida Animada**. Uma história sobre autismo, heróis e amizade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

TAMMET, D. **Nascido em um dia azul**. Por dentro da mente de um autista extraordinário. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

TAMMET, D. **Am I capable of being love?** Youtube, La Cuidade de las Ideas, 2011. Disponível: <https://youtu.be/GzpZb10P1WQ>. Acesso em: 9 dez. 2022.

TAMMET, D. **Tammet por Tammet**. Youtube, Centre de Cultura Contemporània de Barcelona, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QBqBTCIoLIY>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TAMMET, D. **Limitless**: Lições de uma mente extraordinária. Youtube, Ideas Abu Dhabi, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAJzQfALBXI>. Acesso em: 9 dez. 2022.

TENDLARZ, S. E. El autista y los números. El testimonio de Daniel Tammet. *In*: VIII CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EM PSICOLOGÍA; XXIII JORNADAS DE INVESTIGACIÓN; XII ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EM PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 2016, Buenos Aires, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires.

TENDLARZ, S. E. Daniel Tammet: el autista y los números. **Revista de Psicología**, v. 20, n. 1, p. 70-75, 2021. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/revpsi/article/view/12220>. Acesso em: 28 dez. 2022.

TENDLARZ, S. E.; BAYÓN, P. A. **¿Qué es autismo?** Infancia y psicoanálisis. Olivos: Grama Ediciones. 2020.

TUSTIN, F. **Estados autísticos em crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

VIVÈS, J. M. **A voz na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

VORCARO, A. M. R. Os dragões do tempo primordial: a repetição como primeira identificação. *In*: LEITE N. V. A. (org.). **Corporelinguagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado das Letras; FAEP/ Unicamp, 2003. p. 215-229.

VORCARO, A. M. R. O tratamento do autismo: notas introdutórias. **Analytica**, São João del-Rei, v. 5. n. 9, p. 4-30, julho/dezembro, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n9/02.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2022.